

Raquel Littério de Bastos

CORPO E SAÚDE NA ANTROPOSOFIA:

BILDUNG COMO CURA

Tese apresentada a Universidade Federal de
São Paulo – Escola Paulista de Medicina –
para a obtenção do título de Doutor em Saúde
Coletiva.

São Paulo

2016

Raquel Littério de Bastos

CORPO E SAÚDE NA ANTROPOSOFIA:

***BILDUNG* COMO CURA**

Tese apresentada a Universidade Federal de
São Paulo – Escola Paulista de Medicina –
para a obtenção do título de Doutor em Saúde
Coletiva.

Orientador: Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira

São Paulo

2016

Bastos, Raquel Littério de

Corpo e Saúde na Antroposofia: *Bildung* como cura. Raquel Littério de Bastos – São Paulo, 2016.
viii 306f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva

Body and health in anthroposophy: Bildung as healing.

1. Antroposofia. 2. *Bildung*. 3. Medicina Romântica. 4. Estética. 5. Cura. 6. Etnografia.



Serviço Público Federal
Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina
Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa



ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO JULGADORA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano dois mil e dezessais, reuniu-se no Auditório Regina Celes de Rosa Stela às 9:00 horas, a Comissão Julgadora para a DEFESA DE TESE DE DOUTORADO, solicitada por RAQUEL LITTERIO DE BASTOS, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em SAÚDE COLETIVA, que apresentou tese sob o Título: CORPO E SAÚDE NA ANTROPOLOGIA: A BILDUNG COMO CURA.

A referida Comissão esteve constituída pelos Professores Doutores:

Profa. Dra. FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA FERREIRA - Professora - Departamento de Psicologia e Educação - Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto;

Prof. Dr. NELSON FILICE DE BARROS - Professor - Departamento de Medicina Preventiva e Social - Universidade Estadual de Campinas;

Prof. Dr. PEDRO PAULO GOMES PEREIRA - Professor e Livre Docente - Departamento Medicina Preventiva - Universidade Federal de São Paulo;

Profa. Dra. REGINA YOSHIE MATSUE - Professora - Departamento de Enfermagem - Universidade de Tsukuba;

Prof. Dr. RODRIGO FERREIRA TONIOL - Pesquisador Associado - Laboratório de Antropologia da Religião - Universidade Estadual de Campinas;

O(a) Presidente Prof. Dr. PEDRO PAULO GOMES PEREIRA, inicia a sessão dando a palavra ao(a) candidato(a) que dispõe de um período de tempo entre trinta e cinquenta minutos, para expor sua tese. À seguir dá a palavra aos Professores para a arguição. Cada examinador(a) dispõe de trinta minutos, no máximo, para arguição, bem como o(a) candidato(a) para as respostas. Tendo o(a) candidato(a) respondido todas as arguições em tempo hábil os membros da Banca Examinadora, emitem seus Pareceres:

Prof. Drs.:

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA FERREIRA, APROVADA

NELSON FILICE DE BARROS, APROVADA

PEDRO PAULO GOMES PEREIRA, APROVADA

REGINA YOSHIE MATSUE, APROVADA

RODRIGO FERREIRA TONIOL, APROVADA

Em face dos referidos pareceres, a Comissão Julgadora considera o(a) Sr(a) RAQUEL LITTERIO DE BASTOS, habilitado(a) a receber o título de DOUTOR EM CIÊNCIAS pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. E por estarem de acordo, assinam a presente ata. São Paulo, segunda-feira, 29 de agosto de 2016.

Prof. Dr. NELSON FILICE DE BARROS

Prof. Dr. PEDRO PAULO GOMES PEREIRA

Prof. Dr. RODRIGO FERREIRA TONIOL

Profa. Dra. FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA FERREIRA

Profa. Dra. REGINA YOSHIE MATSUE

Sugestões e Observações

A Banca indica a necessidade de revisão metodológica de tese - necessário para publicação.

Folha de identificação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Chefe de Departamento:

Coordenador do curso de pós-graduação:

Termo de Aprovação

RAQUEL LITTÉRIO DE BASTOS

CORPO E SAÚDE NA ANTROPOSOFIA:

Bildung como cura

Presidente da banca

Prof. Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira

Banca examinadora

Prof. Dra. Francirosy Campos Barbosa - Usp

Prof. Dr. Nelson Filice de Barros - Unicamp

Prof. Dra. Regina Yoshie Matsue - Unifesp

Prof. Dr. Rodrigo Ferreira Toniol - Unicamp

Dedicatória

Ao meu amor e meu amigo,

Ricardo Meirelles

“Toi mon amour, mon ami

Quand je rêve c'est de toi

Mon amour, mon ami

Quand je chante c'est pour toi

Mon amour, mon ami

Je ne peux vivre sans toi

Mon amour, mon ami

Et je ne sais pas pourquoi”

Agradecimentos

Estou consciente de que esta tese só se realizou porque no caminho encontrei muitas pessoas que colaboraram com a sua construção, transformando o percurso da pesquisa em uma rica experiência profissional e pessoal. Cada um a seu modo, foi importante em momentos distintos, no percurso da pesquisa, entrelaçando nossas vidas nos encontros e reencontros proporcionados por esta etnografia.

Primeiro gostaria de agradecer ao meu orientador Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira, e sinto-me feliz em poder fazer esse agradecimento de forma franca e não em virtude do formalismo acadêmico. Obrigada Pedro Paulo por aceitar me orientar nos caminhos da etnografia e da vida acadêmica, por acreditar na minha capacidade profissional, pela forma tranquila e sincera com que conduziu a orientação, resgatando a minha fé nas relações acadêmicas.

Agradeço aos médicos e terapeutas antropósofos que generosamente aceitaram colaborar com este trabalho. Em especial, deixo o meu obrigada aos médicos e terapeutas da Clínica Tobias, Adriana Venuto, Maria Elizabete Canelada e Ronaldo Perlatto, por cuidarem da minha asma enquanto eu realizava a pesquisa. Vocês me ensinaram muito mais do que eu era capaz de aprender. Aos amigos e companheiros de terapia, obrigado por terem compartilhado a intimidade de suas vidas de forma tão corajosa.

Quero agradecer aos interlocutores e amigos da Demétria. Obrigada Eunice Cunha e família (Thaís e Pedro) por me acolherem em sua casa, do jeito que só os baianos sabem acolher. Agradeço também a querida Deborah Castro (Ropopó) por nossa longa amizade, por ter proporcionado o meu primeiro contato com a Antroposofia, pelas aulas de francês e por todo apoio logístico e pessoal que você proporcionou durante a minha estada na Demétria. Grata também pela ajuda recebida das famílias Proutie, Bertalot, Cortesi e D'Bonna do *Ramo Jatobá*, e da família Proutie (filha), Bracher e Ebener do *Branch Christian Rose Croix*, na Suíça.

Em especial vou agradecer aos meus amigos e médicos antropósofos, Leandro David Wenceslau, Ricardo Távora e Ricardo Ghelman, por sua imensa colaboração

para o entendimento da cura na Antroposofia e por todo apoio profissional e emocional nos momentos difíceis da pesquisa.

No universo acadêmico, agradeço a minha banca de qualificação, Dra. Francirosy Campos Barbosa (Usp de Ribeirão Preto), Dr. Rodolfo Puttini (Unesp de Botucatu). Suas vozes ecoaram nas decisões que assumi na construção desta tese. Agradeço também à Dra. Therezinha Madel Luz, ao Dr. Nelson Filice de Barros e ao Dr. Wesley Aragão pelas sugestões na condução da etnografia.

Agradeço aos professores Dr. Pierre Yves Brandt e Dra. Irene Becci Terrier por terem me recebido na UNIL (Universidade de Lausanne, Suíça), e pelas contribuições do Instituto de Ciências Sociais das Religiões Contemporâneas.

Desejo agradecer ao apoio incondicional da minha família: meu pai Ion Ramos Bastos (*in memoriam*), minha mãe Enid, minha sogra Neusa, sobrinhx Vítor, Eduarda, José, Matheus e Guilherme, irmãxs Regina e Roberto, cunhadxs Dirce e José Almeida Ferrari (*in memoriam*), que compartilharam das minhas dificuldades, alegrias e tristezas de ser um pesquisador no Brasil. Sem o carinho e ajuda de vocês eu não teria conseguido concluir este trabalho.

Por último, agradeço a Capes, por financiar os dois últimos anos desta pesquisa, proporcionando condições para o aprofundamento deste estudo na Suíça.

Sou grata a todas as contribuições do mundo espiritual para a realização desta tese.

Lista de figuras

Figura 1. “Tobias e o anjo: a cura da cegueira de Tobias”	[48]
Figura 2. Fachada da Clínica Tobias.	[49]
Figura 3. Biblioteca da Clínica Tobias.	[51]
Figura 4. Sala de espera e palco na Clínica Tobias.	[52]
Figura 5. Parte externa da Clínica Tobias.	[53]
Figura 6. Salas onde são realizadas as terapias na Clínica Tobias.	[54]
Figura 7. Salas onde são realizadas as terapias na Clínica Tobias.	[54]
Figura 8. Chifres dos preparados biodinâmicos, Demétria.	[57]
Figura 9. Cabeça de vaca dos preparados biodinâmicos, Demétria.	[57]
Figura 10. Capela da Comunidade de Cristão, Demétria.	[58]
Figura 11. Escola Waldorf Aitiara, Demétria.	[59]
Figura 12. Feiras de alimentos orgânicos e biodinâmicos, Demétria.	[60]
Figura 13. Bioloja, Demétria.	[61]
Figura 14. Casa e pousada Arco-íris, Demétria.	[62]
Figura 15. Unidades Fundiárias do bairro da Demétria, 2007.	[64]
Figura 16. Pintura ‘O caminhante sobre o mar’.	[79]
Figura 17. Retábulo de Issenheim ‘ <i>fechado</i> ’.	[105]
Figura 18. Retábulo de Issenheim ‘ <i>aberto</i> ’.	[106]
Figura 19. Pintura ‘Mosteiro em uma Floresta de Carvalhos’.	[147]
Figura 20. Arcanjo Micael	[160]
Figura 21. <i>Hipnos e Tânato</i>	[182]

Figura 22. Pintura ‘Navegando’.

[209]

Figura 23. Trimembração do corpo humano.

[234]

Lista de siglas

M.A.	Medicina Antroposófica
ABMA	Associação Brasileira de Medicina Antroposófica
AMA	Associação Médica Antroposófica
ASSIMP	Associação Internacional do Método Padovan
AQMP	<i>Association Québécoise pour la Méthode Padovan</i>
CECAMP	Centro Carioca do Método Padovan
CEBAMP	Centro Baiano do Método Padovan
CENOMP	Centro Nordestino do Método Padovan

Resumo

A Antroposofia é uma ciência espiritual neorromântica do início do século XX, elaborada pelo austríaco, filósofo e esotérico Rudolf Steiner, na Suíça. A Antroposofia contribui em várias áreas do conhecimento com a sua empiria espiritual imputada da fenomenologia de Goethe, cientista e poeta ícone do Romantismo Alemão. Entre as áreas que atua estão a arquitetura orgânica, a agricultura biodinâmica, a pedagogia Waldorf e a medicina antroposófica, considerada uma racionalidade médica no SUS e ampliadora da biomedicina. No Brasil, a Antroposofia se instalou na década de 1930, mas sua expansão ocorreu na década de 1960, quando inaugurou a primeira clínica médica – a Clínica Tobias, no bairro de Santo Amaro – Capital – e a primeira fazenda biodinâmica no Estado de São Paulo – atual bairro Demétria, na cidade de Botucatu – ambas pioneiras na América Latina e fora do continente europeu. O objetivo da pesquisa era o de compreender a concepção de cura na Antroposofia e sua relação com a palavra-conceito *Bildung* como mote terapêutico. Para isso a pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, realizada por meio de uma etnografia, realizando procedimentos de observação participante, entrevistas em profundidade e acompanhamento da vida cotidiana dos interlocutores, descrita de forma densa. A pesquisa se iniciou em 2012, primeiro nos cursos da Sociedade Antroposófica e depois na participação das terapias do corpo, da alma e do espírito na Clínica Tobias (no *Ramo Tobias*); em 2013 a etnografia foi realizada no bairro rural da Demétria, acompanhando o cotidiano de seus moradores (no *Ramo Jatobá*); e em 2014 a pesquisa foi realizada na Suíça, em *Lausanne* (no *Branch Christian Rose Croix*). Os resultados da pesquisa apresentam uma estreita relação entre a concepção de cura e os elementos que compõem a medicina romântica alemã: a ciência, a moral e a estética. A cura na Antroposofia está na busca de uma *Bildung*, assim como a *Bildung* europeia funciona como mote legitimador para a cura, principalmente na classe média alta paulistana intelectualizada. O caminho a ser percorrido necessariamente precisa apresentar uma estética épica no enfrentamento da adversidade. Para isso, os antropósofos enaltecem uma gramática emocional, onde a coragem, inspirada no arcanjo Micael, e a força de vontade mitológica são a grande inspiração. No entanto, os valores estéticos da *Bildung* germânica se adaptaram a cultura brasileira, transformando a cura.

Palavras-chave: Antroposofia, *Bildung*, Medicina Romântica, Estética e Cura

Body and health in anthroposophy: *Bildung* as healing

Abstract

Anthroposophy is a neo romantic spiritual science of the early twentieth century, developed by Austrian philosopher and esoteric Rudolf Steiner, Switzerland. Anthroposophy contributes in various areas of knowledge with their spiritual empiricism imputed Goethe's phenomenology, scientist and poet of German Romanticism. Between the areas that acts are organic architecture, biodynamic agriculture, Waldorf pedagogy and anthroposophic medicine, considered a medical rationality in the SUS and amplifying biomedicine. In Brazil, Anthroposophy was installed in the 1930s, but its expansion occurred in the 1960s, when he inaugurated the first medical clinic – Clinic Tobias, in Santo Amaro – Capital – and the first farm biodynamic in São Paulo – the current Demetria district in the city of Botucatu – both pioneers in Latin America and outside Europe. The objective of the research was to comprise the concept of healing in anthroposophy and its relation to the word-concept *Bildung* as a therapeutic motto. To do this research adopted a qualitative methodology, conducted through an ethnography, conducting participant observation procedures, interviews and accompaniment the daily life of interlocutors described densely. The research began in 2012, first in the Anthroposophical Society courses and then the participation of body, soul and spirit therapies in Clinical Tobias (in Tobias Branch); in 2013 ethnography was performed in the rural district of Demetria, following the daily life of its residents (in Jatoba Branch); and in 2014 the survey was conducted in Switzerland, in Lausanne (in *Branch Christian Rose Croix*). The search results show a close relationship between the concept of healing and the elements that make the German romantic medicine: science, morality and aesthetics. Healing in anthroposophy is in search for a *Bildung*, as well as the European *Bildung* works as legitimizing motto for healing, especially in middle-class intellectualized in São Paulo. The way to go necessarily need to present an epic aesthetics in face of adversity. For this, the Anthroposophists extol an emotional grammar, where courage, inspired by the archangel Michael and the mythological willpower are the great inspiration. However, the aesthetic values of the German *Bildung* have adapted to Brazilian culture, transforming healing.

Key words: Anthroposophy, *Bildung*, Romantic Medicine, Aesthetics, Healing

Corps et sante en anthroposophie: *Bildung* comme guérison

Resumé

Anthroposophie est une science spirituelle néo romantique du début du siècle XXe, développé par le philosophe et ésotérique autrichien Rudolf Steiner, en Suisse. Anthroposophie contribue dans divers domaines des connaissances avec leur empirisme spirituel imputé par la phénoménologie scientifique de Goethe, poète et l'icône du romantisme allemand. Entre ses domaines sont l'architecture organique, l'agriculture biodynamique, la pédagogie Waldorf et la médecine anthroposophique, considéré comme une 'rationalité médicale' dans le système unique de santé (SUS) et amplificateur de la biomédecine. Au Brésil, l'Anthroposophie a été installé dans les années 1930, mais son expansion a eu lieu dans les années 1960, quand il a inauguré la première clinique médicale – Clinique Tobias, quartier Santo Amaro – Capital – et la première biodynamique ferme à São Paulo – l'actuel quartier Demetria dans la ville de Botucatu – les deux pionniers en Amérique Latine et en dehors de l'Europe. L'objectif de la recherche était de comprendre le concept de guérison dans l'Anthroposophie et sa relation avec le mot-concept *Bildung* comme mote thérapeutique. Pour ce faire, la recherche a adopté une méthodologie qualitative, menée à travers une ethnographie, exécutant des procédures d'observation des participants,, interviews et l'accompagnement de la vie quotidienne des interlocuteurs décrits densément. La recherche a commencé en 2012, d'abord dans les cours de la Société anthroposophique et avec la participation dans les thérapies du corps, âme et esprit dans la clinique Tobias (Branch Tobias); en 2013, l'ethnographie a été réalisée dans le district rural de Demetria, en suivant à la vie quotidienne de ses habitants (Branch Jatoba); et en 2014, l'recherche a été menée en Suisse, à Lausanne (Branch Christian Rose Croix). Les résultats de la recherche indiquent une relation étroite entre le concept de guérison et les éléments qui constituent la médecine romantique allemande: la science, la morale et l'esthétique. Guérison en anthroposophie est chercher d'une Bildung, ainsi que la Bildung européenne fonctionne comme mot de légitimation pour la guérison, en particulier dans la classe moyenne intellectualisé dans la ville de São Paulo. Le chemin à parcourir nécessairement a besoin de présenter une esthétique épique face à l'adversité. Pour cela, les anthroposophes exaltent une grammaire émotionnelle, où le courage, inspiré par l'archange Michel, et la volonté

mythologique sont la grande inspiration. Cependant, les valeurs esthétiques de la Bildung allemande sont adaptés à la culture brésilienne, transformant la guérison.

Mots-clés: Anthroposophie, Bildung, Médecine Romantique, Esthétique, Guérison

Sumário

Dedicatória	[vi]
Agradecimentos	[vii]
Lista de imagens	[viii]
Lista de siglas	[x]
Resumo	[xi]
Abstract	[xiii]
Resumé	[xv]
INTRODUÇÃO	[21]
CAPÍTULO 1. AS ORIGENS FILOSÓFICA DA ANTROPOSOFIA	[30]
1.1. As influências do Romantismo Alemão	[33]
1.1.1. A palavra-conceito <i>Bildung</i>	[34]
1.1.2. A medicina romântica	[38]
1.1.3. A religião estética do Romantismo	[41]
1.2. O esoterismo antroposófico	[40]
CAPÍTULO 2. A CENA ETNOGRÁFICA	[45]
2.1. <i>Ramo Tobias</i>	[47]
2.2. <i>Ramo Jatobá</i>	[56]
CAPÍTULO 3. SOFRIMENTO, RITUAL E CURA	[66]
3.1. Noção de trabalho terapêutico	[67]
3.2. Noção de sofrimento físico-moral	[68]
3.3. Ritmo e rituais contemporâneos	[70]
3.4. Ritual e cura	[73]

PARTE I. AS TERAPIAS	[78]
CAPÍTULO 4. TERAPIA E CURA NA CLÍNICA TOBIAS	[80]
4.1. A cura do espírito na terapia Biográfica	[81]
4.1.3. A experiência do espírito	[82]
4.1.2. <i>Bildung</i> e a narrativa do Eu	[96]
4.1.3. Os setênios e a arquetipicidade cíclica da vida humana	[97]
4.1.4. Terapia e ascese?	[100]
4.2. A cura da alma na terapia Artística	[103]
4.2.1. A experiência da alma	[106]
4.2.2. <i>Bildung</i> e estética	[118]
4.2.3. A <i>Doutrina das Cores</i> e o arque fenômeno de Goethe	[120]
4.2.4. Merleau-Ponty e a percepção como atitude corpórea	[123]
4.3. A cura do corpo na Eurytmia Curativa	[125]
4.3.1. A experiência do corpo	[126]
4.3.2. <i>Bildung</i> e a corporeidade	[136]
4.3.3. O corpo trimembrado e quadrimembrado da Antroposofia	[136]
4.3.4. A Eurytmia Curativa: uma metamorfose da Eurytmia Artística	[140]
4.3.5. Terapia e disciplina?	[144]
PARTE II. A SAGA	[146]
CAPÍTULO 5. A VIDA E A MORTE COMO CURA NA DEMÉTRIA	[148]
5.1. O feminino na comunidade da Demétria	[154]
5.1.1. A experiência da vida	[157]
5.1.2. A dor do parto	[166]
5.1.3. Do corpo à emoção	[170]
5.1.4. <i>Bildungsroman</i> feminino	[172]
5.2. A morte e o morrer como cura	[173]

5.2.1. A experiência da morte	[175]
5.2.2. A estetização da morte	[183]
5.2.3. O funeral como última obra de arte	[186]
5.3. A cura entre anjos, arcanjos e demônios	[190]
5.3.1. A experiência angelical e demoníaca	[191]
5.3.2. A estética da cura	[198]
5.3.3. O mal que cura	[202]
PARTE III – O ESTRANGEIRO	[208]
CAPÍTULO 6. A ANTROPOSOFIA NA EUROPA	[210]
6.1. A <i>Bildung</i> como viagem	[210]
6.2. O <i>Branch Christian Rose Croix</i>	[212]
6.2.1. A cura que alimenta	[219]
6.2.2. A cura como consumo	[224]
6.3. A transnacionalidade terapêutica do Método Padovan	[229]
6.3.1. A terapia brasileira na Europa	[231]
6.3.2. A terapia da periferia para o centro	[235]
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	[240]
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	[255]
Anexos	[271]

Dor elegante

Um homem com uma dor
é muito mais elegante
caminha assim de lado
como se chegando atrasado
andasse mais adiante

carrega o peso da dor
como se portasse medalhas
uma coroa um milhão de dólares
ou coisas que os valha

ópios édens analgésicos
não me toquem nessa dor
ela é tudo que me sobra
sofrer, vai ser minha última obra

Paulo Leminski

A saúde e a cura possuem, historicamente, uma relação peculiar com a religião. No Brasil podemos compreendê-las em meio a uma cultura nacional que vai dos terreiros de umbanda e as benzedadeiras, até os centros espíritas e as terapias holísticas da Nova Era. A biomedicina, por sua parte, foi forçada a se posicionar, nas últimas décadas, em relação a outros sistemas terapêuticos¹, como o da Medicina Antroposófica, prática oriunda medicina romântica alemã, construindo uma relação, que ora absorve esses conhecimentos, ora resiste a essas outras formas de cura.

Nas discussões sobre a relação entre religião e ciência, espiritualidade e saúde, frequentemente é possível ser levado a pensar nesses pares em termos de oposições ou conciliações. Essa tese não tem a intenção de advogar nem a união, nem a separação entre a religião e a medicina, e não objetiva verificar a eficácia da cura na Antroposofia, mas compreender como os seus princípios, de origem europeia, se desenvolvem entre os terapeutas antropósofos e os pacientes brasileiros.

Optei por desenvolver seis capítulos, separados em três atos, onde cada ato representa os três andamentos da etnografia, sendo a primeira parte sobre as terapias na Clínica Tobias; a segunda parte sobre a comunidade da Demétria; e a terceira parte sobre as origens europeias da Antroposofia na Suíça. Nesses três atos, é possível verificar na escrita do texto, o movimento de construção e desconstrução das principais hipóteses que moveram essa pesquisa, além das incertezas e escolhas de como conduzir o método etnográfico. Assim também ocorreu com a escrita etnográfica da tese que, ao se desenrolar nos três atos, se adensa e ganha força ao se apoiar mais nas teorias produzidas pelos interlocutores.

Antecedem a esses três primeiros atos, três capítulos destinados a historicizar as origens filosóficas da Antroposofia, descrever as cenas etnográficas em que os interlocutores atuaram, e apresentar as chaves de leitura que colaboraram com a análise dos resultados. Ao historicizar as bases filosóficas da Antroposofia, busquei as influências do Romantismo Alemão, levantei os principais preceitos da medicina

¹ Kleinman (1978, p. 86) utiliza a expressão sistemas médicos para definir as práticas de cura e analisá-las enquanto sistemas culturais. No entanto, esta expressão apresenta limites por sua visão determinista da cultura que faz com que modelos aparentemente “estáticos” de sistemas médicos possam ser definidos. Assim como para Aureliano (2011), utilizo a palavra “sistema” não como uma organização sociocultural fechada, mas como um conjunto de práticas e discursos capazes de oferecer aos sujeitos elementos que os ajudem a elaborar a compreensão acerca dos processos de saúde e doença.

romântica e da estética religiosa, indo dos primórdios do século XVIII até o período considerado neorromântico no final do século XIX. Para isso, alcei as práticas ascéticas e as questões políticas e culturais da palavra-conceito *Bildung* nas mais remotas origens religiosas do Pietismo do século VII e no pensamento helenista.

A cena etnográfica no *Ramo Tobias*, em São Paulo, e no *Ramo Jatobá*, em Botucatu, na Demétria, foram descritas no capítulo dois. Sobre o *Ramo Tobias*, trouxe informações que considere pertinentes sobre o desenvolvimento da Antroposofia na cidade de São Paulo, a partir da ocupação dos primeiros imigrantes alemães no bairro de Santo Amaro e depois dos primeiros antropósofos na década de trinta. Na década de cinquenta, há a inauguração da fábrica Giroflex construída por antropósofos, em São Paulo, gerando a necessidade do desenvolvimento de outros serviços, como a construção da primeira escola Waldorf, dos laboratórios e farmácias da Weleda e da sede da Sociedade Antroposófica, implantando os primeiros atendimentos terapêuticos na América Latina, com a inauguração da Clínica Tobias, no bairro de Santo Amaro, no final da década de sessenta.

Ainda sobre o *Ramo Tobias*, descrevi a arquitetura orgânica presente nas construções destinadas às necessidades da comunidade antroposófica, a constituição do grupo de profissionais que atuam na Clínica Tobias e os serviços de saúde oferecidas, bem como a distribuição de símbolos nos espaços destinados aos trabalhos terapêuticos e a sua localização geográfica no contexto paulistano.

Na segunda parte da cena etnográfica, abordo o *Ramo Jatobá*, descrevendo a fazenda biodinâmica fundada na década de setenta, na área rural da cidade de Botucatu, com as atuais divisões fundiárias dos condomínios que formam o bairro Demétria em que a fazenda se transformou. Nesta parte há também um delineamento da composição populacional do bairro e das atividades antroposóficas desenvolvidas. Entre as atividades, destaco a escola Waldorf com o seu sistema de educação antroposófico, a feira de produtos orgânicos e os aspectos da alimentação na comunidade, a Bioloja e seus produtos, as técnicas de cultivo biodinâmico, como os rituais de fertilização da terra, e o espaço terapêutico Perséfone. Sobre a comunidade, abordo as questões do ritmo diário das atividades, as restrições à equipamentos, como o micro-ondas, a televisão e o *wi-fi*, e o avanço do comércio no bairro, com o

estabelecimento de bares e restaurantes, alterando a rotina e a paisagem da comunidade.

No capítulo três apresento as principais chaves de leitura que ajudaram a compreender a concepção de cura na Antroposofia, como a noção de “trabalho terapêutico” que se mostrou fundamental para aguçar o olhar no percurso etnográfico das terapias na Clínica Tobias; a noção de “sofrimento físico-moral” como uma opção mais pertinente para entendimento dos relatos dos interlocutores sobre a doença; o conceito de ritual, utilizado tanto para entender o trabalho terapêutico antroposófico na Clínica Tobias, como também para os ritmos e ritos da comunidade na Demétria; e por último, as teorias da corporeidade que relacionam a cura aos rituais, por meio da “retórica de predisposição, do empoderamento e da transformação”.

Após os três capítulos introdutórios, inicio o primeiro ato da tese, intitulado ‘As terapias’, onde descrevo os trabalhos terapêuticos destinados ao espírito, à alma e ao corpo, realizados na Clínica Tobias, no ano de 2012. Respeitando o percurso etnográfico em que os trabalhos terapêuticos ocorreram, apresento cada uma das terapias, primeiro, com a descrição das origens dos terapeutas interlocutores, o itinerário religioso percorrido pelos interlocutores antes do contato com a Antroposofia e o caminho de formação trilhado para ser um terapeuta nesta ciência espiritual (com o objetivo de verificar um possível perfil dos terapeutas da Clínica Tobias e o nível de intimidade com a palavra-conceito *Bildung* em suas vidas profissionais).

Depois de situar os terapeutas, relato os procedimentos ritualísticos dos trabalhos terapêuticos, mais por uma necessidade de compreendê-los melhor e para registrar as experiências vivenciadas nas terapias, do que descrevê-los detalhadamente. O primeiro trabalho terapêutico a ser descrito foi o da cura do espírito por meio da terapia Biográfica. Nesta parte narro a percepção da terapia que é realizada em forma de confinamento, por vários dias consecutivos, em outro espaço fora da Clínica Tobias. Nesse registro há a descrição da composição do grupo, as tarefas e as outras terapias realizadas de forma complementar ao ‘Biográfico’. Destaco as práticas ascéticas sugeridas durante o desenrolar do trabalho terapêutico, levando a construção de uma primeira hipótese sobre a terapia, e como essa poderia sugerir aos participantes um tipo de ascese, por meio das narrativas confessionais do “Eu”, ou um “cuidado de si” como prática ascética helenista.

O segundo trabalho terapêutico descrito foi a cura da alma pela terapia Artística, realizada semanalmente por cinco meses consecutivos. Com uma condução terapêutica mais alicerçada no Romantismo Alemão, apresento, nesta terapia, os aspectos científicos da *Doutrina das Cores* de Goethe para explicar os fundamentos teóricos da Antroposofia e os aspectos morais e estéticos que a terapia assume no decorrer do processo terapêutico, e ressalto o esforço do terapeuta em adaptar as recomendações estéticas da Antroposofia europeia para a realidade climática e cultural brasileira. Na narrativa deste trabalho terapêutico abordo a possibilidade de compreender a cura nesta terapia como uma ampliação da percepção como uma atitude corpórea estimulada por uma formação estética e moral, por meio do belo.

Para encerrar o capítulo, detalho a experiência da cura do corpo por meio do trabalho terapêutico nomeado de Eurytmia Curativa. Nesta parte apresento a concepção de corpo trimembrado e quadrimembrado elaborado na Antroposofia e procuro relacionar a *Bildung* nesta terapia como experiência estética e corpórea, reelaborando a primeira hipótese levantada sobre a terapia ser um tipo de ascese para outra, onde a terapia poderia ser considerada um disciplinamento do corpo e da moral.

No primeiro ato da tese, a percepção da cura ainda é descrita de forma fragmentada entre o espírito, a alma e o corpo. A descrição das terapias, apesar terem emergido os principais elementos da medicina romântica [ciência, moral e estética], ainda ocultava a funcionalidade da articulação desses elementos na cura. Então, no segundo ato da tese, intitulada de 'A Saga', a pesquisa muda de patamar ao buscar a concepção de cura em uma das comunidades antroposóficas.

Para isso iniciei a descrição apresentando a comunidade antroposófica que reside no bairro Demétria, na parte rural da cidade de Botucatu, interior do Estado de São Paulo, etnografada no ano de 2013. Escolhi utilizar o termo 'Saga' por se tratar de um termo germânico, que indica um conjunto de histórias épicas e mitológicas com elementos como anjos, arcanjos, demônios e dragões, em uma tentativa de nomear a experiência de reencantamento neste episódio da etnografia.

Esta segunda parte objetivava levantar mais dados para compor a concepção de cura na Antroposofia, indo além das experiências terapêuticas e das explicações institucionalizadas da Clínica Tobias sobre as doenças e a cura, buscando na

comunidade outros traços relevantes para o estudo. Este movimento de deslocar o olhar etnográfico para a cena do ritmo diário da vida dos antropósofos na comunidade, possibilitou destacar na descrição, a ausência completa da palavra-conceito *Bildung* nas conversas coloquiais e o surgimento de novas expressões como *formação* e *experiências da vida*.

No percurso realizado na Demétria, primeiro descrevo minha inserção na comunidade, apresentando os principais eventos diários, tais como a feira de orgânicos, os encontros noturnos dos membros do *Ramo* para o estudo das obras de Rudolf Steiner e os encontros diurnos na pousada Arco-íris das senhoras da comunidade de cristãos, também com o objetivo do estudo das obras. Ainda na introdução do capítulo cinco, demonstro as formas particulares de adesão à Antroposofia, as dificuldades de adaptação aos hábitos alimentares, ao ambiente rural e ao ritmo das atividades diárias. A introdução é finalizada atentando para o volume considerável de mulheres desempenhando a função de chefe de família no bairro, conduzindo a etnografia para esse espaço privilegiado do universo feminino para detalhar os rituais de nascimento e morte na Antroposofia.

Detalho, então, a estética do nascer, do morrer e do adoecer na Demétria, e avanço na pesquisa ao perceber a presença de uma gramática emocional comum ao grupo onde é considerado adequado acolher a morte ou a dor no lugar de sofrê-la. Retrato, então, na primeira parte do capítulo cinco, os rituais antroposóficos destinados a concepção e parto, estendendo a descrição da condição feminina das interlocutoras até as exigentes configurações de uma ‘mãe Waldorf’, expondo as disputas que ocorrem entre as mães da comunidade e os desafios e as ideologias que perpassam o desfecho da gravidez. Por meio dos relatos das interlocutoras procuro uma aproximação com as narrativas dos *bildungsroman* femininos e as explicações feministas sobre a possibilidade de um ascetismo ecológico nesta estética do belo parto.

Sobre o morrer na Demétria, começo demonstrando os desafios enfrentados pelos interlocutores que acompanharam seus familiares no processo do morrer, internados em instituições hospitalares de cunho biomédico, relatando as estratégias pessoais e burocráticas, desenvolvidas por eles para a utilização de medicamentos antroposóficos e a recusa da analgesia. Ressalto ainda o entendimento dos

interlocutores sobre a morte como cura e as orientações e restrições antroposóficas para os casos de doação de órgãos e a influência deste ato no karma de quem irá receber a doação.

Abordo na sequência os rituais funerários e saliento as estratégias de ‘esperteza’ para driblar as regras locais com o objetivo de estender o ritual para a indicação de três dias. Finalizo esta segunda parte do capítulo cinco revelando uma cultura da estetização da morte entre os antropósofos, no sentido de torná-la bela e nobre desde que haja um enfrentamento virtuoso do ‘trabalho de morrer’ como dignidade e coragem como uma última obra de arte, que irá acompanhá-lo para o além da morte. Por fim abordo o exercício prático de continuar mantendo relações com o morto após este Croixar o limiar.

Na terceira e última parte do capítulo cinco narro e comparo as consultas médicas realizadas na Clínica Tobias e na Demétria que ocorreram durante a etnografia dos dois lugares, evidenciando as diferentes abordagens médicas em relação aos aspectos espirituais. Destaco nesta parte a função que o tratamento medicamentoso assume nesta medicina e friso a importante relação entre o esforço pessoal e o processo de cura na Antroposofia.

Nessa terceira e última parte do capítulo cinco, relato também o entendimento dos interlocutores sobre a doença física e a doença moral como oportunidade e impulsionador da evolução espiritual, onde o homem se eleva a anjo e depois a arcanjo e querubim, passando por toda a hierarquia angelical, construindo o seu destino para cumprir o seu karma. Por último, exponho a caracterização e a função do mal no processo de adoecimento e evolução entre os antropósofos, por meio das narrativas dos interlocutores da Demétria sobre os aspectos positivos das forças consideradas demoníacas.

No terceiro ato da tese, intitulado ‘O estrangeiro’, a etnografia alcança sua maior abrangência, reunindo e reconfigurando todos os aspectos observados sobre a cura na Antroposofia. Nesta parte do texto, procurei realçar as diferenças culturais entre o Brasil e a Suíça na percepção da *Bildung* como processo de formação do gosto estético. A ideia de esforço e da acrasia na vida dos antropósofos suíços surge de forma inexorável na última parte do percurso etnográfico, definindo os resultados da

pesquisa, apontando para uma cura não somente pessoal, mas uma cura entre culturas.

Para concatenar essas percepções, construí uma descrição no capítulo seis, partindo do duplo fluxo existente de jovens que transitam do Brasil para a Suíça e da Suíça para o Brasil por meio da Antroposofia, orientados a realizar uma *Bildung* de viagem, destinados a trabalhar nos *Campills* de *handicap* espalhados por toda a Europa e nos trabalhos voluntários desenvolvidos na favela Monte Azul, na periferia do bairro Santo Amaro, em São Paulo, ou na agricultura biodinâmica na Demétria, no interior do Estado, para tentar demonstrar a influência mútua entre as duas culturas.

A partir desta introdução, caracterizo o *Ramo Christian Rose Croix*, situado na cidade de Lausanne, na Suíça, dando destaque as relações multiculturais construídas entre os próprios suíços, e as diferentes inclusões desenvolvidas para os estrangeiros europeus e os latinoamericanos dentro da Antroposofia e as comparo com as formas de inserção de estrangeiros na Demétria, no Brasil. Exponho também a importância da estética corporal entre os antropósofos suíços como um índice de comprometimento e esforço com as questões morais da Antroposofia.

O título 'A cura que alimenta' tem a função de apresentar de forma mais sólida as experiências vivenciadas na busca de alcançar reconhecimento do esforço para permanecer entre os antropósofos e os obstáculos enfrentados na adaptação das técnicas corporais e nos rituais alimentares, descrevendo os principais hábitos, os tabus e as consequências morais de uma alimentação não orgânica neste grupo cultural. Na segunda parte, abordo 'a cura como consumo' entre os antropósofos suíços, retratando a adesão destes interlocutores a Antroposofia como um estilo de vida comprometido com o aprimoramento do gosto estético e da moral expresso no consumo de serviços e produtos adequados a evolução humana em equilíbrio com a natureza. Finalizo relatando o entendimento dos interlocutores suíços sobre o imaginário de haver uma responsabilidade em disciplinar os hábitos e o esforço do estrangeiro como uma forma de intervenção pedagógica no karma do Outro, defendendo a cura da acrasia em outras culturas.

A última parte da tese traz a transnacionalidade terapêutica antroposófica, da periferia para o centro do mundo, do Brasil para a Suíça, descrevendo a atuação da

terapia brasileira, nomeada de Método Padovan de reorganização neurossensorial, amplamente difundida e utilizada na Europa, respaldada pela Antroposofia internacional. Esta parte final da tese objetiva atentar para o movimento que a Antroposofia brasileira vem apresentando em relação ao controle da Antroposofia europeia. Para isso narro os diferentes níveis de conhecimento antroposófico dos interlocutores europeus, antroposóficos ou não, sobre as origens desta terapia e percorro a história da inserção da terapia na Europa, tecendo considerações sobre os motivos que podem ter favorecido sua aceitação no bojo das terapias antroposóficas.

Após a explicação da sua estrutura, considero importante esclarecer que a tese é um entrelaçamento de três conjuntos de teorias que corroboram na compreensão da concepção de cura na Antroposofia. A primeira, e a mais relevante para a etnografia, são as teorias e concepções elaborados pelos interlocutores. A segunda teoria é oriunda da literatura produzida no âmbito da Antroposofia europeia e brasileira, pois considerei impossível ignorar o volume de informações produzidas nesta “ciência espiritual” e os elementos que ela agregava ao estudo. E a terceira, são as teorias antropológicas, funcionando como chaves de leitura para os fatos observados. Devido à complexidade da trama, optei por distinguir a fala dos interlocutores das demais teorias: antroposóficas e antropológicas. Para isso destaquei as expressões dos interlocutores, colocando-as em *itálico*, exceto as falas já ressaltadas pelo destaque do espaçamento, e, para as teorias de ambas as ciências, utilizei o recurso das aspas.

CAPITULO 1. AS ORIGENS FILOSÓFICAS DA ANTROPOSOFIA

O objetivo destas páginas iniciais não é traçar uma biografia de Rudolf Steiner², fundador da Antroposofia, mas sim historicizar as origens do pensamento antroposófico para uma melhor compreensão das principais influências que nortearam as concepções dessa “ciência espiritual”. Rudolf Steiner nasceu em 1861, em Kraljevec, cidade que então pertencia ao antigo Império Austro-Húngaro e atualmente é parte da Croácia. O elaborador da Antroposofia teve uma experiência de infância simples nas pequenas cidades centro-europeias, mas, ao mesmo tempo, marcada pela ebulição social, cultural, política, filosófica e científica que atravessava toda Europa, com suas particularidades regionais. Foi batizado e teve formação religiosa católica. Com dezoito anos, começou a cursar a Academia Politécnica de Viena, onde pôde, fugindo de uma formação apenas em ciências exatas, assistir, por exemplo, às aulas de Franz Brentano e também de Karl Julius-Schröer, o qual primeiramente lhe apresentou a obra literária de Goethe (WILSON, 1988).

O cenário cultural centro-europeu da segunda metade do século XIX – em que Steiner é educado e, em meio ao qual, também elabora as bases filosóficas da Antroposofia – é profundamente marcado pelos desdobramentos e conflitos do idealismo alemão, dos positivismos francês e inglês, e, de certa forma, um respeito e valorização dos autores do Romantismo Alemão. Estes conflitos tinham uma motivação especial, pois nasciam novos campos de pesquisa gerando disputas entre idealistas e empiristas, entre o debate filosófico e os cada vez mais eficazes testes de laboratório: a psicologia. O espaço cada vez maior ocupado pela pesquisa empírica havia Croixado uma fronteira até então não alcançada, até porque, mesmo filosoficamente, este terreno só havia sido delimitado há pouco mais de um século, com o Iluminismo. Estamos falando da emergência do sujeito individual moderno. A ciência empírica poderia finalmente começar a dar repostas seguras, talvez definitivas, a perguntas até então restritas à reflexão filosófica (WILSON, 1988).

² Para conhecer mais sobre a biografia de Rudolf Steiner indico a leitura do livro: Steiner, R. *Minha vida – Rudolf Steiner: a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 2006.

A França e a Inglaterra viveram, entre os séculos XVIII e XIX, intensas, muitas vezes sangrentas, mudanças políticas e econômicas, mas a Alemanha percorreu um longo, não menos sacrificante, período de transição entre a formalização do fim do Sacro Império Romano Germânico, em 1806, e a unificação alemã no Segundo Reich, em 1871, fato que atrasou seu desenvolvimento industrial. O elaborador da Antroposofia vivenciou inicialmente um período de estabilidade política entre e nos dois impérios (alemão e austro-húngaro), o que possibilitou o progresso econômico em ambos os estados. A dimensão tecnológica deste progresso se mostrava diretamente dependente do avanço da ciência empírica, constituindo uma das imagens importantes do horizonte histórico do jovem filósofo (BLACKBOURN, 2003).

Sobre a questão da presença do cientificismo empírico, especialmente quando nos aproximamos dos apontamentos de Steiner sobre um tema como a Medicina³, é notória a defesa do autor de uma postura científica. Ele a entende inclusive como a confirmação prática de suas afirmações, pelo próprio método científico tradicional materialista, compreendendo a capacidade que a ciência materialista teria de oferecer a experiência de segurança, certeza, eficácia e aplicação universal de seus resultados e consequências práticas. Assim a Antroposofia é apresentada como *ciência espiritual*, adequada e aproximada do mundo subjetivo, espiritual, oferecendo esta mesma experiência, livre da sensação de que se está lidando com algo incompreensível, ou imprevisível, ou incomensurável. Para Steiner, a Antroposofia precisava apenas do método apropriado na busca de explicações causais, dedutivas e analógicas, uma *empíria espiritual*, percepção facultada pela fenomenologia de Goethe.

Segundo Washington (2000), Steiner conseguiu superar o desafio do materialismo recorrendo à Goethe, resolvendo para ele as questões do evolucionismo darwinista. Não o Goethe poeta e dramaturgo, mas o cientista e filósofo. Isso porque a noção de metamorfose das plantas considerava formas inferiores evoluindo para formas superiores por meio do funcionamento de algumas forças espirituais ou supersensíveis. Havia na Antroposofia o desejo de unir os mundos fenomênicos e numênicos separados da filosofia kantiana, unindo por afinidade a ideia de

³ Por exemplo, em *Fisiologia e Terapia* (STEINER, 2009).

metamorfose com a teoria evolucionista de Lamarck. Para Steiner, a metamorfose era a parte aceitável no neodarwinismo, apesar das explicações materialistas.

O contato com a obra científica de Goethe, um dos maiores poetas da história alemã, foi um marco na trajetória de Steiner. Por indicação de seu professor Schröer, que inspirou e acompanhou o entusiasmo inicial de Steiner com o autor do *Fausto*, foi convidado em 1883 a assumir a tarefa de editar os textos científicos de Goethe, para a Literatura Nacional Alemã, acrescentando notas e ensaios introdutórios. Dedicou-se a esta atividade até 1897, incluindo o período de 1890 a 1897, quando atuou como colaborador do Arquivo Goethe-Schiller em Weimar. Deste trabalho resultaram três obras filosóficas do próprio Steiner sobre Goethe⁴. Neste sentido, a presença do Romantismo no pensamento de Steiner se deve principalmente a quão romântico foi o pensamento de Goethe, com atenção especial para sua obra científica.

Por último, gostaria de abordar a base do pensamento de Steiner sobre a tríplice ordem social ou comunidades, sobre o qual publicou um livro em 1919⁵. Ele assentava as bases da organização política e social na divisão tripartite do organismo humano em faculdades de pensar, sentir e querer, que correspondem às esferas: cultural, política e econômica. Assim como pensamento, vontade e sentimento estão inevitavelmente unidos no ser humano, assim o cultural, o político e o econômico estão ligados ao Estado. O Estado ideal de Steiner envolve liberdade espiritual e cultural, igualdade política e fraternidade econômica. De modo geral, há uma redução do papel do Estado, aumentando nitidamente o esforço individual e das associações voluntárias, o que demonstra uma postura conservadora do final do século XX (WASHINGTON, 2000).

O pensamento filosófico inicial de Steiner foi influenciado por tradições filosóficas, em tensão no seu lugar histórico e geográfico: o idealismo alemão e o cientificismo empírico (herdeiros do Iluminismo), o Romantismo Alemão (doutrina filosófica reativa ao Iluminismo), o neodarwinismo (com ressalvas a parte materialista) com traços do liberalismo francês. Essas tradições, tensões e conflitos fundamentarão

⁴ Livros de Steiner sobre Goethe: *O método cognitivo de Goethe*, em 1886 (2004) e *A Cosmovisão de Goethe*, em 1897 (1985), e o compilado de suas introduções e notas publicado postumamente como *A Obra Científica de Goethe*, em 1926 (1984).

⁵ Sobre a Tríplice Ordem Social, ver R. Steiner. *The Renewal of the Social Organism*.

não somente as bases da Antroposofia, mas também irá colaborar com a compreensão de como a cura é construída nesta *ciência espiritual*.

1.1. Influências do Romantismo Alemão

Para Luís Fernando Duarte (2004), o Romantismo se caracteriza como um movimento artístico, filosófico e científico surgido no final do século XVIII de forma reativa ao Iluminismo. Situou-se, ao longo do século XIX, como contraponto aos ideais iluministas, mas, como tal, acaba sendo sempre englobado pelo individualismo e pelo universalismo, que o ultrapassam e determinam. O Romantismo Alemão se constitui em seis dimensões: totalidade, diferença, fluxo, ênfase na pulsão (*Trieb*), ênfase na experiência e compreensão. O Romantismo, ao valorizar a “experiência”, deseja reintegrar o sujeito ao mundo, não como o cientificismo que tende a uma padronização, igualando ao máximo possível as experiências sensíveis, mas como recusa de uma objetividade externa universalizável, reconhecendo o enlace inevitável entre subjetividade e o mundo externo, dá ênfase na “experiência e na compreensão”, como algo que não pode ser extirpado do processo de conhecimento.

A “totalidade” é a resposta do Romantismo ao individualismo iluminista. No lugar de enfatizar a presença de partes, de componentes fragmentados da realidade, encontra-se o reconhecimento de uma totalidade (homem-natureza; homens entre si em um povo), que foi quebrada com o advento da civilização. Esta pode ser recuperada de várias formas, como no resgate de particularidades que identificam um povo, uma cultura (totalidades coletivas humanas) ou no próprio amor romântico. Esta dimensão de “totalidade” é atribuída não só às culturas, mas também aos organismos vivos e às obras de arte, por exemplo. Por ser uma “totalidade em si”, cada fenômeno apresenta particularidades, diferenças que o tornam único e singular. Ao invés de colocar em um mesmo patamar entes, indivíduos e povos, o Romantismo se preocupará mais em estabelecer quais são essas diferenças, hierarquizando-as ao atribuir diferentes valores a cada uma delas (DUARTE, 2004; MAYOS, 2004).

1.1.1. A palavra-conceito *Bildung*

A palavra-conceito *Bildung* foi cunhada no Romantismo Alemão, pode assumir em sua tradução, vários significados em virtude de seu riquíssimo campo semântico, como o de *Kultur* (cultura), e *Bild* (imagem), *Urbild* (arquétipo), *Einbildungskraft* (imaginação), e *Ausbildung* (desenvolvimento). Mas é na utilização do conceito de *Bildung*, para falar no grau de formação de um indivíduo, um povo, uma língua (BERMAN, 1984), na formação de uma nação (SUAREZ, 2006) e na noção de pessoa da cosmologia germânica (DUARTE, 2003), alicerçada nas dimensões românticas da totalidade, diferença, fluxo, ênfase na pulsão, ênfase na experiência e compreensão (DUARTE, 2004), que esta palavra-conceito assume o mais alto pensamento do século XVIII (GADAMER, 2005).

Segundo Louis Dumont (1991), a noção de *Bildung* tem uma origem religiosa e mística. No início, ela era o equivalente alemão da noção de *imitação* ou *imitatio*, tal como aparece no título da obra: *Imitatio Christi* ou a Imitação de Jesus Cristo, do monge holandês Thomas Kempis. Neste cenário espiritual, em que existe sua primeira inscrição, a *Bildung* está no centro da teoria da imagem de Deus, desenvolvida pela mística alemã, e designa o movimento pelo qual o cristão dá uma forma à sua alma, esforçando-se para nela imprimir a imagem de Deus. Não obstante, essa ideia irá se modificar.

Para essa filosofia da humanidade (*Humanitätsphilosophie*), que se exprime segundo uma concepção organicista, que deve muito às ciências da vida e em particular à botânica, o desenvolvimento humano é concebido como uma semente que cresce e floresce segundo suas próprias forças e disposições (*Ausbildung*), adaptando-se às restrições do seu meio ambiente (*Anbildung*). Com o enfraquecimento dessa referência cosmológica e organicista, a *Bildung* atravessa uma segunda fase de secularização, tornando-se o que ela é ainda hoje para a cultura alemã: uma prática da formação de si, o cuidado com o desenvolvimento interior, que considera qualquer situação, qualquer acontecimento como ocasião de uma experiência de si e de um retorno reflexivo sobre si mesmo, na perspectiva do aperfeiçoamento e de uma completude do ser pessoal. (DELORY-MOMBERGER, 2011).

Para Christine Delory-Momberger (2011), será no final do século XVIII que o conceito se desenvolverá e se transformará pela ação de pensadores do Iluminismo alemão (Lessing, Herder, Humboldt, Schiller, Goethe). A palavra-conceito perde a referência a uma divindade pessoal, mas não o alcance de uma realização de cunho universal, o conceito de *Bildung* se inscreve então em um pensamento da totalidade: a *Bildung* é o movimento da formação de si pelo qual o ser, próprio e único (*Eigentümlich*), que constitui todo homem, manifesta suas disposições e participa assim da realização do humano como valor universal.

Norbert Elias justifica a busca da compreensão do conceito de *Bildung* também partindo do uso da literatura quando nos diz que “se usados de modo crítico, os romances podem ajudar a reconstruir para nós uma sociedade passada e sua estrutura de poder” (ELIAS, 1997, p. 55). Quando se fala de poder trata-se da constituição dos Estados alemães, mas sem se preocupar estritamente com as estruturas de poder, é possível perceber também os valores filosóficos sobre a questão da formação a partir dos conceitos usados pelos autores românticos, com os quais podemos relacionar as estruturas não somente políticas, mas sociais e culturais características de seu tempo, neste caso, a Alemanha do século XVIII.

Essa concepção de formação baseada em regras e o cumprimento das mesmas perpassavam as confrarias estudantis duelistas, incumbidas da formação de seus jovens, preparando-os para a vida pública, em complemento da educação especializada e orientada para uma área científica que se recebe nas universidades, com a função de cunhar um “código comum de conduta e sentimento para as classes altas alemãs” (ELIAS, 1997, p. 58).

Havia na época uma tentativa de formação cultural e, mesmo, pessoal, em que as pessoas deste grupo formassem uma identidade de pertencimento. Contudo, esse conhecimento mútuo se dava principalmente pela reputação, ou seja, a necessidade e o reconhecimento do cumprimento das regras e costumes aceitos formalmente por uma elite aristocrática preocupada, principalmente, em preparar seus sucessores. Tal preparação estava inserida em um ambiente de formação de valores morais e políticos pautados em uma ideia de cultura e comportamento (SILVA, 2013).

Neste contexto o humanismo alemão passa a ser responsável por pensar a cultura (*Kultur*) e a formação (*Bildung*) de uma identidade nacional em detrimento das limitações impostas pelos costumes que eram valorizados pela maior parte de nobreza e da aristocracia. A princípio, esses grupos de burgueses não estavam preocupados com os problemas de estrutura política, mas sim com os valores éticos, morais e culturais de sua formação. Para Elias (1994), o movimento literário alemão, cujos expoentes incluem Klopstock, Herder, Lessing, os poetas do *Sturm und Drang*, os poetas de ‘sensibilidade’ e o círculo conhecido como *Göttinger Hain*, Schiller e Goethe, certamente não se pode chamar de um movimento político, embora tivesse um caráter de transformação da sociedade.

Assim pode-se dizer que o significado do termo *kultur* carrega uma predisposição não-política, ou mesmo antipolítica, em decorrência do sintoma do sentimento entre as elites da classe média alemã “de que a política e os assuntos do Estado representavam a esfera de sua humilhação e da falta de liberdade, ao passo que a cultura representava a esfera da sua liberdade e de seu orgulho”. (ELIAS, 1997, p. 122).

Essa burguesia foi responsável pela tentativa de criar uma classe intelectual relevante no que se refere à formação da cultura alemã, pautada na experiência da arte voltada para uma educação cultural e estética. Contudo, não se tratava apenas de emancipar a cultura alemã em relação aos padrões clássicos da França, mas também, “a partir de novas bases, contribuir significativamente para a formação do ideal moral e psicológico do homem” (FIGUEIREDO, 2006, p. 41).

A cultura, neste contexto, é então sugerida como força criativa, singular e interior ao homem, que o leva à sua própria formação, sem dissociação da natureza, pois é onde sua história se realiza. Assim, o próprio sujeito toma posse dessa potência criadora, usando de sua inteligência e linguagem para criação da *Kultur* a partir da sua formação pessoal, ou seja, a *Bildung*. A formação se realiza na natureza, na cultura, pois a história da cultura está ligada à história da natureza e, nesse ínterim, o homem é um ser defeituoso, porém criador de cultura, pois a natureza do homem é composta por uma força criativa; força essa chamada de *estímulo de humanidade*. Essa formação cultural se dá como que por uma experimentação do mundo, da

natureza e da cultura, quando as sensações e os afetos gerados por essa experiência compõem a realização de uma auto formação (SAFRANSKI, 2010, p. 26-27).

Segundo Suarez (2006), *Bildung* expressa, sobretudo, “o processo da cultura, da formação, motivo pelo qual utilizo a expressão ‘formação cultural’ (SUAREZ, 2006, p. 132). Esta autora fundamentou-se no trabalho de Antoine Berman - *Bildung et Bildungsroman* - para afirmar que o conceito pode ser entendido e trabalhado sobre três perspectivas, à saber: *Bildung* como trabalhado, compreendido a partir de uma ideia de formação ligada à prática; *Bildung* como viagem, relacionado à experiência de alteridade, ou seja, experimentar algo diferente do que o constitui como ser; *Bildung* como tradução, isto é, como um “lançar-se além-de-si” (SUAREZ, 2006).

Bildung é um conceito alemão que sugere reflexões nos sentidos mais profundos do ser humano, levando a considerar de forma integral, emocional, afetiva, intelectual e espiritual e com necessidade de uma formação integral, tal qual Goethe sugere. Dessa maneira, o conceito se apresenta, como um “processo complementar ou interação entre o *eu* e o mundo, o indivíduo particular e a sociedade” (MAZZARI, 1999, p. 74).

Na Teoria Crítica, o conceito de *Bildung* como autoconstrução, em um primeiro momento, é a visão que enfatiza o *self* como uma totalidade, capaz de desenvolver sua própria subjetividade, sem dependência ou salvação por qualquer coisa externa a si mesma. Ela se emancipa na criação de verdades, necessidades, representações e motivos, assim como do mundo externo e do Outro, ou, pelo menos, inclina-se a reforçar a si mesmo na alteridade do Outro e no mundo que se torna um objeto de manipulação. “Faz do mundo uma projeção, uma *Bild* do *self* ou dos instintos e, apenas assim, pode sua autoconstrução ser verdadeira a si mesmo”, mas também, em um segundo momento, é “como algo a ser percebido por transcendência a Deus na tradição mística. A elevação do sujeito na direção dessa totalidade é um *telos*, ou uma potência para elevar a nós mesmos” (GUR-ZE'EV, 2006, p. 8).

Para a Antroposofia, essa potência ou força está presente na transformação holística do indivíduo, que faz da experiência terapêutica uma forma de imanência, pois compreende a *Bildung* como um processo iniciático que pode criar um senso interno de coerência unido a uma resistência psicológica aos desafios. A *Bildung*

também pode ser interpretada como a individuação, como para Jung, ou mesmo a elaboração do mito pessoal que sensibiliza o indivíduo diante de uma ordem cósmica na qual encontra força e sentido verdadeiro para a sua existência (MORAES, 2007, p. 182). No entanto, é importante compreender que não se trata de aderir a uma verdade, afinal se está falando de uma *Bildung* contemporânea que, segundo a Teoria Crítica, se emancipa na criação de necessidades para ter a sua própria experiência de verdade (HERVIEU-LEGER, 1999), como nos casos da nebulosa mística esotérica de Françoise Champion.

No entanto, apesar de almejar o mais alto nível de excelência no que tange um ideal de humanidade, a *Bildung* fundou-se em uma “estrutura altamente ambivalente de uma racionalidade que, por um lado, conduz a emancipação e esclarecimento do homem e de sua sociedade, mas, por outro, a coerções sociais e formas de repressão autoritária” (DALBOSCO e EIDAM, 2009, p. 57-8 apud MOLLMANN, 2010).

1.1.2. A medicina romântica

A medicina romântica é uma subdivisão da *Naturophilosophie*, seguindo um modelo que contestava o puro racionalismo. O ser humano era pensado como um campo unitário, global, o qual não poderia ser abandonado como um agregado de partículas (GUSDORF, 1984). A doença era definida como um desequilíbrio não-natural, causado pela interação de fatores biológicos, morais, psicológicos e espirituais. Os médicos raramente prescreviam tratamentos específicos a uma doença. O modelo romântico enfatizava as idiossincrasias dos pacientes ao fazer seus planos de tratamento (ROSENKRANTZ, 1985 apud RAMOS, 2006).

O tratamento, mesmo quando o sofrimento se localizava em um órgão específico, observava-se o organismo e suas reações como um todo. Os românticos acreditavam que toda doença corporal poderia exprimir-se por perturbações no nível da consciência. Assim, o doente era considerado na sua relação consigo, com os outros e com o mundo, “interagindo ciência, moral e estética” (RAMOS, 2006, p. 30). O conceito de Schelling sobre o arquétipo é que este seria uma representação do organismo dentro de uma unidade racional e funcional, que revelaria a patologia em

sua totalidade. Assim, a terapêutica romântica deveria interpretar os sintomas como símbolos de uma situação em que se deveria utilizar um remédio para o todo (GUSDORF, 1984). Para isso eram prescritos regimes que incluíam medicamentos, dietas, modificações de comportamento e mudanças de moradia (RAMOS, 2006).

Para os adeptos da *Naturophilosophie* que, como já foi dito, não consistiam apenas em filósofos e artistas, mas também em representantes das diversas ciências. Nessa via, não somente os animais e as plantas, mas os minerais, os rios, o mar, os astros, enfim, tudo o que está em devir é dotado de animação. Assim, herdeiros do pensamento que tudo no cosmos participa da vida, os *Naturophilosophie*, inclusive o próprio Schelling, farão do estudo da natureza um estudo da vida em geral (SOUZA, 2010).

A *Naturophilosophie* substituiu a imagem mecanicista de mundo estático por uma imagem romântica de movimento. As teses de investigação médica, nesse contexto, evitavam a mera explicação clínica e se baseavam na fisiologia, onde o organismo é ao mesmo tempo produto e produção, e os fenômenos biológicos são eminentemente dinâmicos. Assim, a natureza é compreendida como sujeito e não como objeto, um organismo que se auto produz mediante a ação das forças vivas e opostas, e que constrói sua própria história. A dimensão temporal é entendida como um processo (SÁNCHEZ-GARNICA, 2005).

É possível distinguir, segundo Duarte (2004), duas tendências dentro deste movimento filosófico. A primeira, denominada de *Romantismo da Luz*, se configura em uma perspectiva mais afirmativa, de um reconhecimento da importância da ciência, enquanto “um saber leigo sistemático”. Defendia uma integração racional possível entre homem e natureza e a importância das universidades e de laboratórios de pesquisa. É desta tendência que surgiu a “ciência romântica”, a *Naturphilosophie* alemã. A segunda tendência, o *Romantismo da Sombra*, propõe uma substituição total da racionalidade pela intuição, a *Anschauung*. Questionava qualquer aproximação de diálogo com o Iluminismo e ficou mais latente nas expressões artísticas e políticas do Romantismo.

Rudolf Steiner é considerado um neorromântico, situado mais próximo do Romantismo da Luz (DUARTE, 2004), pois ele não se afasta dos ideais iluministas,

especialmente da necessidade do homem encontrar seu caminho de liberdade individual e de progresso social, fundamentado em um uso da razão com validade empiricamente comprovada. Assim, Goethe irá influenciar o pensamento de antroposófico de Rudolf Steiner, com a pesquisa científica voltada para o reconhecimento dos *fenômenos primordiais* – presentes na Natureza, mas visíveis apenas aos “olhos do espírito” – essa foi a grande inspiração e alicerce para que Steiner pudesse começar a elaborar o seu próprio método filosófico e científico. O fundador da Antroposofia considerou necessário dar um passo além de Goethe e aplicar esta pesquisa dos fenômenos constituintes da realidade ao estudo do próprio universo do pensamento humano⁶.

1.1.3. A religião estética do Romantismo

A religião cristã mostrava-se em decadência no período do Romantismo Alemão, e coube a arte a tarefa de guardar a “semente religiosa”. Entre os românticos havia uma “ironia romântica” ao se falar de religião, principalmente a cristã, e a expectativa era de estabelecer uma religião da fantasia, própria para o espírito lúdico dos românticos. Rüdiger Safranski (2010) comenta que a sátira à religião, elaborada por Schelling e apoiada por Novalis, foi deixada de lado após os conselhos de Goethe: “Quando se trata do tema religião, a brincadeira deveria terminar” (SAFRANSKI, 2010, p. 126)

Novalis, Schlegel e Schleiermacher desenvolveram então um projeto de “transformação da religião em estética” (SAFRANSKI, 2010). Em lugar do deus cristão revelado, haveria o próprio indivíduo na mais alta potência, em um panteísmo que dissolvia deus na natureza e nas potencialidades humanas. A mediação entre a humanidade e deus iria ocorrer por meio da arte, incumbida por meio do artista, de trazer ao mundo o belo.

Nesta religião o homem iria florescer a partir da sua liberdade criativa até a autodivinação, tornando-se um mediador na descoberta de um deus em si,

⁶ O livro de Rudolf Steiner *A Filosofia da Liberdade* (2000) é considerado a obra prima do autor, no qual conseguiria dar esse passo à frente na metodologia de Goethe.

reconhecido por palavras ou ações. A natureza é considerada divina e misteriosa. O pintor romântico Caspar David Friedrich⁷, buscou captar em suas pinturas, os aspectos sublimes da natureza, registrando em suas obras simbolismo e significados ocultos, elementos que teriam a função de mediar as janelas para o infinito, afim de que sua arte refletisse sua fé religiosa. Fascinado pela força da natureza, o pintor via o mundo como uma prova do divino (GRANDES PINTORES, 2006).

A religião proposta pelo Romantismo era uma religião estética, pois se tratava de um sentimento estético e da contemplação da natureza, que não pudesse ser abafada pela moralidade. O sentimento para o infinito universo, de caráter religioso, é também um sentimento para a beleza, porque a alma do homem religioso ansiaria por sugar a beleza do mundo. O homem religioso, de forma imaginativa, faria da sua vida uma obra de arte, desde que houvesse um “gosto pelo infinito”. A arte estaria “predestinada a salvar a religião, porque a religião no seu âmago nada mais é do que arte” que não serviria a um fim, mas seria o fim (SAFRANSKI, 2010, p. 127).

Edmond Vermeil (1944, p. 112-115), em seu livro *L'Allemagne: essai d'explication*, coloca Goethe como um grande colaborador da modernização do cristianismo. Para o autor, houve um aperfeiçoamento por meio da racionalidade e do Pietismo, onde Goethe teria sido responsável por uma nova religiosidade que acabou por expressar a religiosidade alemã. Rudolf Steiner, por sua vez, ao editar as obras de Goethe, em Viena, entrou em contato com o que Vermeil chama de “instinto místico alemão”, impregnando a Antroposofia desse espírito religioso.

1.2. O esoterismo antroposófico

Um dos efeitos das Luzes do século XVII e XVIII foi sem dúvida uma lenta e paulatina retirada das questões metafísicas do foco principal da filosofia e da ciência. No entanto, apesar da reverberação da racionalidade moderna, em nenhum momento deixaram de existir na Europa correntes de movimentos ditos esotéricos, em que conhecimentos místicos – isto é, de acesso a uma realidade espiritual, sobrenatural, postulada como entremeando e conduzindo, ao mesmo tempo, a realidade material –

⁷ Utilizei na estrutura da tese as imagens das principais pinturas do pintor Caspar David Friedrich para indicar as três cenas etnográficas e ilustrar a relação entre arte e a religião estética do Romantismo.

eram preservados e repassados por um grupo seleto de pessoas que atravessavam um processo dito de *iniciação*. Este processo era árduo, exigente, permitindo a poucos indivíduos ascender a este tipo de conhecimento. Como exemplo de grupos importantes com estas características, há a maçonaria e a fraternidade rosa-cruz.

Existe um amplo leque de definições do esoterismo com muitas controvérsias em relação ao termo. Para situar com mais clareza esta discussão, utilizo o verbete de Guerriero (2015), que descreve algumas definições de esoterismo. A primeira como uma forma de pensar em que a realidade é concebida de uma forma específica (FAIVRE 1994, apud GUERRIERO, 2015). Uma segunda definição, incluindo os próprios pensadores do movimento esotérico do século XIX, como Madame Blavatsky, indica um conhecimento interior, uma espécie de doutrina secreta acessível apenas aos iniciados. Segundo o autor, esta aura de ocultismo serviu mais como uma forma de “auto-estima” do que como uma restrição eficaz ao acesso. Para Faivre (1994, apud GUERRIERO, 2015), muitos dos conhecimentos sobre o esotérico, como a alquimia, eram amplamente disponíveis através da literatura abundante. Assim, o termo esotérico é usado para descrever um conhecimento essencial que apenas pode ser conseguido através de técnicas apropriadas. Este é um grau mais elevado de conhecimento que estaria acima das diferentes escolas ou tradições, uma espécie de unidade transcendental. Quando usado neste sentido, o discurso esotérico é sempre cheio de grande subjetividade.

No século XIX, esse esoterismo obteve também grande repercussão na Europa, principalmente na França, espalhando-se depois para outros países com grande popularidade, inclusive no Brasil, como, por exemplo, no fenômeno das *mesas girantes*, em que pessoas de todas as classes sociais se reuniam para assistir ao movimento, sem causas físicas aparentes, de mesas e grandes objetos em movimento, procurando demonstrar a imortalidade da alma através da presença entre nós de espíritos, e da comunicabilidade com eles, possível através de invocação, além de outras manifestações de *mediunidade*, como a psicografia, redação de comunicados de pessoas mortas às vivas, movimentado variados círculos sociais ao seu redor.

No acompanhamento destas manifestações do mundo espiritual, nos anos de 1850, o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que assumiu mais tarde o pseudônimo de Allan Kardec, se deparou com sua própria atividade mediúnica e, dado

sua forte formação filosófica, decidiu sistematizar um conjunto de saberes que integrasse filosofia, ciência e religião, o *espiritismo*. Outras doutrinas esotéricas estavam presentes, ligadas inclusive à saúde, entre as quais o *mesmerismo*, (LUZ e COL, 2014).

Para Washington (2000, p. 19), este foi o tipo de solo social condicionante do “aparecimento de seitas religiosas independentes em escala nunca vista desde o século XVII”. Para isso o autor destaca dois principais motivos para este fenômeno, próprio das inquietações do final do século XIX. O primeiro seria uma tentativa de salvar o *espiritual* do declínio das igrejas cristãs, o que implicava a busca de novas autoridades espirituais, com carisma suficiente para mobilizar a fé órfã de discípulos à espera de novas lideranças e de novas experiências religiosas. O segundo motivo se refere à busca derradeira de “uma única chave que resolvesse os mistérios do universo”, um “desejo de encontrar a unidade na diversidade” típicos do século XIX, que permeou além das manifestações religiosas, também a ciência e a filosofia.

Helena Blavatsky (1831-1891), fundadora da Teosofia, na qual Rudolf Steiner permaneceu entre 1902 a 1912, é um ícone deste movimento de espiritualização esotérica do fim do século XIX. De nacionalidade russa, Blavatsky apontava para o Oriente, especialmente para a Índia, o Himalaia e o Tibete, como locais de iniciação e sede dos grandes conhecimentos espirituais. Blavatsky começou sua atividade pública inicialmente aproximando-se do espiritismo, mas rapidamente passou a propor grupos de estudos sobre outras fontes esotéricas, como o hermetismo, cabala e o rosacruzianismo. Muitos destes líderes seguiram a tendência de afirmar sua visão espiritual como ciência. É o caso de Mary Baker Eddy, que funda a Ciência Cristã, do espírita inglês Daniel Dunglas Home, e do fundador da doutrina dos complementos naturais, Thomas Lake Harris (WASHINGTON, 2000).

Ainda segundo Washington (2000), a Teosofia e a Antroposofia aproveitaram a fome espiritual despertada pelo fim da primeira guerra mundial, e da vaga sensação que as velhas instituições religiosas e políticas tinham finalmente caído em descrédito. As duas sociedades se expandiram rapidamente durante os anos de 1920, desenvolvendo enquanto isso movimentos jovens populares. A atmosfera metropolitana e ligeiramente descontraída da Teosofia deu lugar, na Antroposofia, ao culto da natureza e à vida simples. Muitos teosofistas eram vegetarianos, reformistas

em matéria de vestuários, mas no que equivaleria a uma paródia da meticulosidade germânica. Assim, o steinerismo providenciou um completo estilo de vida que incluía todas as coisas em um padrão considerado por eles do coerente, dando orientação sobre todos os aspectos da vida à medida que estendia sua influência nas vidas espirituais de seus seguidores.

A Antroposofia procurou se distinguir da Teosofia, mas tomou da Teosofia a noção de ciência espiritual. Steiner entende a palavra “ciência” nos dois sentidos comuns: como um conjunto de conhecimentos e como uma metodologia. Na verdade, está era uma das maneiras com que distinguem o ocultismo oriental de esoterismo ocidental – o primeiro buscava transcender o mundo material em um domínio puramente espiritual, o segundo aceitava que a vida humana é em parte uma vida material e deve ser tratada em termos materiais. O reino supersensível tem a realidade objetiva, mas o mundo fenomênico também tem. A Antroposofia é o estudo do lugar do homem no relacionamento entre os dois (WASHINGTON, 2000).

Pioneiro da terapia holística, Steiner elaborou sua própria farmacopeia. Também estabeleceu uma escola de medicina antroposófica. Um dos primeiros alunos foi Ita Wegman, a mulher que esteve mais perto dele nos últimos meses de vida. Da mesma forma que Mesmer e Baker Eddy, Steiner insistia que a raiz da doença grave não é orgânica, mas espiritual, e tem duas causas principais, sendo a primeira o *karma* e pode assumir a forma de doença mental e/ou física. A segunda causa possível da doença grave é o início de um novo estágio de evolução espiritual. Steiner via a morte como a simples questão de dar o próximo passo e “cruzar o limiar” como dizem os antropósofos e enfatiza o papel do “Cristo Curandeiro” na modificação da cadeia de encarnações (WASHINGTON, 2000).

A partir destes múltiplos e complexos alicerces da Antroposofia, descreverei no capítulo dois a cena etnográfica em que se desenvolveu esta tese.

CAPÍTULO 2. A CENA ETNOGRÁFICA

Os *Ramos* antroposóficos etnografados são os pioneiros fora da Europa, os primeiros na América Latina, e estão localizados no Estado de São Paulo: o *Ramo* Tobias, na zona sul da cidade de São Paulo, no bairro de Santo Amaro; e o *Ramo* Jatobá no interior do Estado, na zona rural da cidade de Botucatu. Descreverei os *Ramos* em ordem cronológica de fundação e de acordo com o percurso etnográfico: primeiro a Sociedade Antroposófica e a Clínica Tobias” no *Ramo* Tobias e depois a “Estância Demétria”, no *Ramo* Jatobá.

A princípio, gostaria de explicar o que são os *Ramos* da sociedade antroposófica. Um *Ramo* (do alemão *Zweig*) da sociedade antroposófica é a representação oficial do local da Sociedade Antroposófica, onde os membros reúnem-se semanalmente para estudar a obra de Rudolf Steiner, promovendo eventualmente atividades especiais, como palestras com membros internacionais e nacionais da Antroposofia, cursos e grupos de estudo. Para participar, você precisa ser convidado por outro membro que já esteja realizando os estudos esotéricos, não existem restrições explícitas à participação, mas o ato de convidar condiciona ao possível participante uma espécie de crivo, uma aceitação pelo grupo. Entorno desses *Ramos*, formam-se as comunidades antroposóficas que compartilham um certo espaço geográfico e a mesma filosofia de vida, oferecendo serviços essenciais.

As escolhas dos locais para o estabelecimento dos dois *Ramos* podem ter ocorrido, primeiro, pelo fato do bairro de Santo Amaro ter sido, no seu passado, povoado por alemães que receberam terras doadas em um sorteio realizado em 1829, incumbidos de desenvolver a agricultura nesta região (SIMÕES, 2007), e em segundo lugar, em Botucatu, pela oportunidade de negócio com os baixos preços dos sítios e fazendas considerados improdutivos na região. Existe, no entanto, uma especulação sobre a escolha dos antropósofos pela região de Botucatu: segundo fontes imprecisas sobre os motivos da escolha antroposófica pela região, está a ideia improvável de que os alemães saberiam, antes das descobertas científicas latino-americanas, da extrema importância da posição geográfica do local, por estar situado sobre o segundo maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo, o Sistema Aquífero Guarani, que abrange partes dos territórios do Uruguai, Argentina, Paraguai e,

principalmente o Brasil, com o objetivo de proteger a região contendo, com a agricultura orgânica a agricultura convencional com agrotóxicos, e assim proteger essa reserva de água potável para a posteridade.

Outros *Ramos* da sociedade antroposófica já existiam no Brasil em 1939: no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Imigrantes europeus trouxeram o estudo e o cultivo da Antroposofia para o Brasil quando Rudolf Steiner ainda estava vivo⁸, mas só passaram a se organizar a partir de 1939. O maior desenvolvimento destes grupos deu-se em São Paulo, que continua tendo a maioria dos antropósofos e a maioria das iniciativas no Brasil. Todas as atividades naquela época eram feitas ainda na língua alemã. Durante a guerra, com o receio de falar alemão com as proibições brasileiras, os grupos se dividiram em pequenos círculos de estudo.

Um desses grupos reunia os casais Rudolf e Mariane Lanz, Hans e Johanna Wolff e Hans e Melanie Schmidt que, juntos, fundaram a fábrica Giroflex⁹ atraindo famílias antroposóficas para São Paulo e o Brasil. Com a vinda de outras famílias para trabalhar na fábrica, surgiu a necessidade de expandir os serviços de educação e saúde, dentro da filosofia para atender as necessidades dos membros que passaram a morar na cidade. A partir deste momento e nas quatro décadas que se seguiram, as práticas terapêuticas antroposóficas se organizaram e se desenvolveram em São Paulo, atingindo seu ápice na década de setenta.

Para facilitar as práticas de saúde, educação, alimentação e estudo das obras de Rudolf Steiner, esses primeiros antropósofos paulistas construíram, a partir de várias iniciativas, as escolas Waldorf, os espaços de estudo para a Sociedade Antroposófica, a Igreja da Comunidade de Cristãos, a livraria antroposófica e as farmácias da Weleda, todos com certa proximidade para facilitar o acesso. No sentido de poder oferecer serviços médicos e terapêuticos, em 1969, Gudrun Schmidt, que desde 1956 atuava como a primeira médica antroposófica no Brasil, então casada com Pedro Schmidt, fundador da Demétria no *Ramo* Jatobá, fundou nesta parceria como o *Ramo* Tobias, a Clínica Tobias¹⁰, a primeira clínica antroposófica nas

⁸ Rudolf Steiner morreu em 1925, em Dornach na Suíça.

⁹ Giroflex era uma fábrica de cadeiras ergonômicas, fundada em 1939, por antropósofos. A fábrica de cadeiras foi comprada da Associação Beneficente Tobias, em 2011. Os atuais proprietários pediram falência em julho de 2015.

¹⁰ Segundo o *Dicionário de nomes* (2016), o nome Tobias vem do hebraico *Tobhiyyah*, que quer dizer literalmente “agradável a Deus”, deriva dos elementos *tobh* que significa “bom” e tem relação com o

Américas. Sua inauguração deu-se em 31 de maio de 1969 e nessa data é fundada a sua mantenedora, a Associação Beneficente Tobias, no *Ramo Tobias*.

2.1. *Ramo Tobias*

O *Ramo Tobias* possuiu a Associação Tobias que atua na área de saúde como mantenedora da Clínica Tobias. Esta Associação impulsionou também, em um passado recente, a Agricultura Biodinâmica no Brasil, no Ramo Jatobá, e administrou e manteve a Estância Demétria até 1993. Hoje, a Associação Tobias é uma entidade filantrópica de utilidade pública federal e atua em várias áreas da saúde, com a medicina e terapias elaboradas e ampliadas pela Antroposofia realizadas na Clínica Tobias, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo.

árabe *tába* “agradável aos sentidos”, e *El, Yah*, que significa “Deus”. Na bíblia o livro de Tobias é considerado não inspirado na Bíblia hebraica original. Na página do Facebook da Clínica Tobias, o nome é explicado por meio de uma pintura intitulada “Tobias eo anjo cura da cegueira de Tobias” do pintor Simon Hendricksz. van Amersfoort, holandês ou flamengo -1630. O assunto desta pintura vem do livro apócrifo de Tobit, que conta a história de Tobias, um israelita vivendo em assíria Nínive. Tobit sofria de cegueira e pobreza. Ele enviou seu filho, Tobias, para recolher dinheiro que ele havia depositado anos antes com parentes e contratou um companheiro para acompanhar seu filho. O companheiro era realmente o Raphael arcanjo disfarçado. Sua viagem foi bem-sucedida: não só o dinheiro foi recuperado, como também a medicina feita a partir de um peixe encontrou curada da cegueira de Tobit. Nesta pintura Rafael e Tobias retornam de sua viagem, e Raphael se revela como um anjo, resplandecente e branco. Raphael prepara para aplicar o medicamento realizado por Tobias; a bolsa de dinheiro recuperado se encontra no canto inferior direito da pintura.

Figura1. “Tobias e o anjo: cura da cegueira de Tobias”: pintor Simon Hendricksz van Amersfoort -1630.



Fonte: Facebook da Clínica Tobias. Disponível em:
<https://www.facebook.com/tobiasclinica/?fref=ts>

A Clínica Tobias foi construída a partir do conceito de arquitetura antroposófica com o objetivo de expressar na alma do ser humano os fundamentos desta ciência espiritual. A relação entre a qualidade do espaço e as atividades nele exercidas foi pensada para causar uma influência nas pessoas que o frequentassem, ativando sua percepção estética. Um exemplo disso está nas cores e formatos da natureza expressas nas portas e janelas da clínica e na estrutura em forma de trapézio muito

usada entre os antropósofos por colaborar com os processos de auto formação dos indivíduos (SAB, 2012).

Para os antropósofos, o formato de trapézio da clínica estabelece o limiar para o “pensar vivo”, para a consciência do ente individual, a “consciência do eu”. Aplicado como planta-baixa para uma forma de espaço, o trapézio pode ser considerado um marco na consagração do autoconhecimento, respeitando a liberdade da individualidade em questão. Esta é a função genuína da Arquitetura Antroposófica: proporcionar e incrementar a alma humana, que para os membros desta ciência espiritual se encontra no auge da fase materialista, um novo despertar no mundo espiritual. A seguir temos a imagem da fachada da clínica, com suas amplas e coloridas janelas.

Figura 2. Fachada da Clínica Tobias, em Santo Amaro, São Paulo.



Fonte: *site* da Clínica Tobias.

Disponível em: [<http://www.clinicatobias.com.br/>]

A Clínica Tobias era composta, em 2012, por vinte e cinco médicos e terapeutas formados nas mais diversas e inusitadas profissões além das convencionais áreas consideradas paramédicas, como jornalista e linguista, convidados a trabalhar e a

participar dos atendimentos terapêuticos de forma integrada. A Clínica já foi uma clínica no estilo *Therapeuticum*, com oito leitos para internação hospitalar, onde eram realizados, entre outras práticas de saúde, partos e tratamento do câncer, além de cursos, como o de medicina antroposófica, todos fundamentados nas orientações de Rudolf Steiner.

A gestão da clínica foi, a princípio, realizada por antropósofos alemães e suíços, mantendo-se economicamente com doações de europeus filantropos simpatizantes da Antroposofia. No momento da pesquisa, essa realidade estava se alterando, os financiamentos estavam reduzidos e estavam renovando e nacionalizando o quadro dos atuais gestores da clínica. Um exemplo desses novos tempos estava presente na cobrança dos espaços terapêuticos. Os médicos e terapeutas passaram a pagar um aluguel pelas salas que utilizavam e houve um aumento na autonomia da sede em Dornach, na Suíça para suas práticas de saúde.

Mas, apesar das dificuldades financeiras da Clínica, continuar trabalhando naquele espaço tinha vários significados. Continuar podia significar uma estratégia de sobrevivência, uma vez que os médicos indicavam os terapeutas instalados no mesmo local, ou, um sinal de status entre os membros, afinal a Clínica Tobias representa a primeira iniciativa antroposófica na área da saúde fora da Europa, na América Latina, a única no Estado de São Paulo.

Segundo os terapeutas e médicos interlocutores, há um clima amigável entre as terapeutas mais jovens e certas disputas entre os mais antigos, os interlocutores mencionaram “um tipo de ressentimento por situações de disputa ocorridas no passado”. E, apesar da proposta de integração entre as terapias e a medicina, os terapeutas reclamam que as terapias, e por consequência eles, são considerados inferiores dentro da Clínica. Na sequência, apresenta-se a imagem da biblioteca da clínica, onde são realizadas algumas das reuniões além de servir como sala de estudos esotéricos. Em todos os espaços antroposóficos percorridos, a presença de uma biblioteca, quase sempre mobiliada com pianos, além dos livros na língua alemã, funcionava como uma espécie de propaganda do grau de erudição dos membros da Antroposofia.

Figura 3. Biblioteca da Clínica Tobias em Santo Amaro, São Paulo.



Fonte: *site* da Clínica Tobias. Disponível em:
[<http://www.clinicatobias.com.br/>]

O espaço para a recepção dos pacientes na Clínica Tobias é amplo e dividido em pequenos ambientes, com um balcão para atendimento das secretarias e uma pequena loja com livros, brinquedos de tecido, madeira e lã, na maioria objetos relacionados a pedagogia Waldorf. A mobília também segue os mesmos padrões orgânicos, em que os móveis de madeira são moldados segundo as curvas da natureza. No centro da sala principal há um palco de teatro, influência do Romantismo Alemão, onde Goethe irá considerar a arte dramática de valor inestimável para construção da *Bildung*. Uma garrafa térmica com chá quentinho e inúmeros panfletos espalhados pela sala oferecendo cursos e terapias, além de palestras e eventos antroposóficos, que coexistem com as práticas terapêuticas como forma de complemento do sustento dos terapeutas e médicos. Na imagem que segue, é

possível observar o palco com as cortinas cerradas, os móveis e a lareira da sala de espera da clínica.

Figura 4. Sala de espera e palco na Clínica Tobias em Santo Amaro, São Paulo.



Fonte: *site* da Clínica Tobias. Disponível em:
[<http://www.clinicatobias.com.br/>]

O pagamento das consultas e terapias é sempre pago para as secretárias, nunca diretamente ao terapeuta ou médico. As amplas janelas de vidro da Clínica Tobias, inclusive nos consultórios, permitem uma interação com o ambiente externo, projetando luz nos jardins internos durante os eventos noturnos e recebendo luz no ambiente terapêutico, combinando as formas orgânicas das estruturas ao círculo de cores de Goethe, desenvolvido em seus estudos sobre a luz e as trevas. Na próxima imagem é possível ver, além da parte externa da clínica, o caminho entre a sala de espera e a sala de eventos, onde há um piano e esculturas dos selos planetários da cosmologia antroposófica.

Figura 5. Parte externa da Clínica Tobias em Santo Amaro, São Paulo.



Fonte: *site* da Clínica Tobias. Disponível em:
[<http://www.clinicatobias.com.br/>]

Por vezes foi possível escutar as terapias musicais, os sons e as vozes cantando que invadiam a sala de espera. Eu não conheci todas as salas, mas as que frequentei eram simples, contendo alguns cristais e algumas aquarelas antroposóficas com temas sutis de espiritualidade, colocadas ali provavelmente com algum propósito desconhecido. As imagens que se seguem conseguem retratar a simplicidade das salas e seus equipamentos, sem qualquer menção religiosa, apesar de possuir um ambiente espiritualizado. Essas imagens foram retiradas do *site* da Clínica, no entanto, a sala na qual acontecia o trabalho terapêutico artístico do qual participei era totalmente desprovido de cores e pinturas, muito menos aconchegante do que as imagens publicadas para divulgação.

Imagens 6 e 7. Salas onde são realizadas as terapias, a direita uma das salas de terapia artística e a esquerda a sala de terapia musical na Clínica Tobias, em Santo Amaro, São Paulo.



Fonte: *site* da Clínica Tobias.
Disponível em: [<http://www.clinicatobias.com.br/>]

O meu primeiro contato com a Clínica Tobias aconteceu em janeiro de 2012. Decidi iniciar a pesquisa realizando uma consulta com o médico ginecologista e terapeuta biográfico Ronaldo Perlatto, para só depois iniciar as terapias. No primeiro encontro, eu, a princípio, esperava que o médico indicasse alguma terapia a partir de um perfil antroposófico traçado sobre mim e minhas doenças, mas isso não aconteceu como havia imaginado. Voltarei a tratar essa questão posteriormente quando for descrever, no capítulo cinco, as consultas realizadas na medicina antroposófica. Isso porque, quando mais jovem, eu já havia feito outra consulta com um médico antroposófico, no caso o médico Ricardo Távora de Botucatu, mas nunca em São Paulo e nesta clínica. No decorrer da pesquisa, ambos os médicos se tornaram interlocutores deste estudo.

Os clientes da clínica revelavam uma variedade de combinações possíveis entre práticas alternativas de saúde e a sociedade paulistana. Pela clínica passavam brasileiros e estrangeiros, adultos e crianças, mas os interlocutores relataram que a maioria dos clientes era formada pelos pais de filhos estudando em escolas Waldorf,

os “pais Waldorf” como são chamados. É comum entre esses *pais Waldorf*, que matriculam seus filhos em escolas que consideram alternativas ao modelo vigente de sociedade capitalista, associarem a essa escolha outras práticas relacionadas à saúde e a alimentação, como o resultado de uma atitude arrojada. Na sala de recepção era possível perceber também uma parcela de estrangeiros denunciados por um estilo alternativo de vestimenta, quase sempre trajando roupas simples de algodão. E por último, haviam os pacientes da classe média alta, na maioria mulheres. Essas mulheres estavam sempre acompanhadas de babás e motoristas uniformizados, na maioria negros, que cuidavam dos filhos antes e depois das consultas.

Interessada em uma aproximação com todos esses grupos de pacientes e suas histórias, eu acenava para as pessoas com as quais encontrava com frequência na clínica, e, apesar do espaço da sala de recepção proporcionar a oportunidade de um diálogo, fracassei na maior parte das tentativas, sendo ignorada principalmente pelas mães de classe média alta. Na época, uma consulta médica custava um salário mínimo, com a possibilidade de dividir em duas parcelas, caso fosse solicitado ao médico. Esses preços comparados com outras práticas alternativas de saúde, não são considerados elevados, aos menos em São Paulo. A Antroposofia diz reconhecer as condições socioeconômicas no Brasil, e, enquanto na clínica o atendimento é mais elitizado, os antropósofos disponibilizavam também um atendimento médico a preços e condições acessíveis, inclusive para a aquisição de medicamentos, realizado no Ambulatório da Favela Monte Azul, na periferia de Santo Amaro, onde desenvolvem um projeto social.

A localização da clínica dificulta o acesso as pessoas que não possuam uma condução própria. Distante da avenida principal que corta Santo Amaro, a clínica está posicionada entre casas de alto padrão em São Paulo. É necessária alguma disposição para chegar caminhando até lá. Os funcionários da clínica fazem diariamente um percurso de um quilômetro para ir e vir do ponto de ônibus mais próximo. E apesar das dificuldades do mundo externo, dentro da clínica reina uma sensação de estabilidade emocional entre funcionários e terapeutas, sem grandes alterações de voz, luz e movimento. As flores cheias de cores dispostas nas mesas

da sala de espera e as enormes janelas de vidro transformam até um dia chuvoso na Capital, em um espetáculo da natureza.

Além da Clínica Tobias havia também a sede da Sociedade Antroposófica, situada no mesmo bairro, entre uma farmácia da Weleda e a livraria Antroposófica, todos nas proximidades da clínica. As três construções, do mesmo modo da clínica, seguiam as orientações de uma arquitetura orgânica, expressando as curvas observadas na natureza, nos batentes das janelas e portas.

2.2. *Ramo Jatobá*

A Estância Demétria, no *Ramo Jatobá*, foi uma fazenda biodinâmica fundada em 1973 pela Associação Tobias em conjunto com uma dupla de jovens alemães, Joachim e Peter Schmidt, agricultores com experiência no método biodinâmico, que também seguiram as formas da arquitetura antroposófica para a construção das casas e da capela da comunidade cristã. Entretanto, na última década, nem todos os moradores do bairro compartilham da filosofia antroposófica e constroem suas casas fora do padrão orgânico da arquitetura antroposófica e dos princípios ecológicos de proteção ambiental.

Apesar de estar situado no espaço rural, nem todos os moradores da Demétria são agricultores, mas os que são seguem os métodos da agricultura orgânica e fornecem alimentos para o bairro com um sistema de cestas de produtos que valoriza a produção de legumes, frutas e verduras da época. Alguns desses produtores seguem também algumas práticas do método de cultivo biodinâmico, aliando a produção sem agrotóxicos aos calendários planetários e técnicas de equilíbrio da terra por meio de compostos alquímicos com rituais de cultivo inspirado na alquimia, na fenomenologia de Goethe e nas práticas ancestrais germânicas, enterrando, em datas específicas, chifres e cabeças de vaca cheias de cristais e preparados biodinâmicos nas cabeceiras das principais nascentes dos rios.

Imagens 8 e 9. Chifres, à esquerda, e cabeças de vaca, à direita, utilizados nos preparados biodinâmicos na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 10 de out de 2014].

O *Ramo* Jatobá conta hoje com aproximadamente sessenta e cinco membros da sociedade antroposófica no Brasil, além de uma população fixa de simpatizantes, com cerca de seiscentos membros (IBGE, 2006), além da população flutuante de estrangeiros simpatizantes das ideias e propostas de Rudolf Steiner. A Demétria é considerada por alguns interlocutores um lugar de passagem, a população do bairro muda o tempo todo, sempre há alguém vindo morar e alguém partindo desse lugar.

Neste *Ramo* convivem dois grupos distintos, o primeiro, com os membros da comunidade cristã, que realizam cultos bilíngues, com uma dinâmica diferente, mas muito próxima a uma missa católica, realizados por um pastor com formação em medicina. O outro grupo, também com membros do movimento, é formado pelos adeptos a fenomenologia goethiana, mas não frequentam os eventos do cristianismo esotérico. Na sequência é possível observar a imagem da capela da comunidade de cristãos na Demétria, onde são realizados os cultos, entre outros rituais.

Figura 10. Capela da Comunidade Cristã, na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 12 dez 2014].

Os moradores da cidade de Botucatu, que antes viam os antropósofos com estranhamento - chamavam-lhes de “pés de barro”, uma expressão comum entre os botucatuenses para nomear os que moram na zona rural e sujam os pés nas estradas de terra - hoje frequentam as feiras de produtos orgânicos e as festividades do calendário cristão promovidas principalmente pela escola Waldorf localizada dentro do bairro da Demétria. A escola Waldorf é uma das maiores pontes de comunicação com os botucatuenses e uma das principais portas de entrada para a Antroposofia. Vários pais de alunos fazem o seu primeiro contato com a Antroposofia e até se mudam para a Demétria quando decidem lá matricular seus filhos. Essas escolas são reconhecidas pelo Ministério da Educação, mesmo assim não seguem os padrões das escolas convencionais como notas e reprovações.

Figura 11. Escola Waldorf Aitiara na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 10 de jul de 2014].

Há também uma pequena feira com produtos orgânicos produzidos na Demétria ou resultado do escambo dos produtos cultivados entre os agricultores orgânicos da região. A feira é um ponto de encontro semanal importante. É nesta feira que as pessoas, ao se encontrarem, se dão longos abraços, contam sobre suas vidas, seus problemas, mostram como seus filhos cresceram e combinam seus futuros compromissos da semana. O público é na maioria composto de mulheres, apesar dos homens também frequentarem.

O primeiro contato com a aparência dos alimentos causa estranhamento, pois os produtos, legumes, verduras e as frutas, não apresentam a mesma aparência perfeita dos oferecidos no supermercado. O produto invadido por um bicho é considerado mais saudável, pois significa que não há agrotóxico. A imagem que segue apresenta a barraca de jovens empreendedores na agricultura orgânica e parte biodinâmica, que abandonaram suas formações acadêmicas originais para cultivar a terra de acordo com a agricultura biodinâmica.

Figura 12. Feira de produtos orgânicos e biodinâmicos na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 5 de nov de 2014]

Nos últimos três anos, o *Ramo* Jatobá vem ampliando as atividades comerciais e dividindo as opiniões dos moradores e membros desta ciência espiritual. A implantação de novos restaurantes, lojas, pizzarias, pousadas e espaços terapêuticos são considerados impactantes para o meio. Segundo alguns interlocutores, estas atividades produzem muita poluição ambiental e poluição sonora. Há também uma discussão sobre asfaltar a principal via de acesso ou não. Alguns consideram esse “progresso” antinatural e que isso prejudicaria uma das principais características do bairro: a tranquilidade. Outros afirmam que o asfalto é petróleo e o petróleo também é natureza e que o progresso é bem-vindo.

O espaço saúde Perséfone, localizado na Demétria, é um dos espaços destinados às terapias, e possui um significativo repertório de terapias antroposóficas, como: Eurytmia Curativa, Terapia Artística, musicoterapia e aconselhamento bibliográfico, além de outras práticas terapêuticas ampliadas pela Antroposofia, com retiros de silêncio, meditação, yoga, alimentação viva, terapia de floral e leitura astrológica. Mesmo com essa variedade de produtos, passa por dificuldades financeiras. As práticas são realizadas de forma esporádicas e com baixa frequência

além de concorrerem com outros espaços disponibilizados nas casas. As terapeutas responsáveis procuram se manter com outras atividades profissionais paralelas.

Na Demétria, existe ainda a polêmica Bioloja que funciona como uma pequena mercearia, oferecendo pães e biscoitos caseiros que são famosos na região por sua confecção orgânica, além de geleias, sorvetes, laticínios em geral, produtos de beleza da Weleda, produtos de limpeza biodegradáveis, presentes e lembranças com características antroposóficas voltadas para todos e também para os turistas. Os moradores locais vão apenas eventualmente até a Bioloja, mas não tem o hábito de realizar suas principais compras neste local por que consideram os preços abusivos. Na próxima imagem é possível verificar o agradável e valorizado local onde a loja está instalada.

Figura 13. Bioloja na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 30 de set de 2014].

Assim como em todos os ambientes que frequentei, é possível encontrar vários espaços destinados a cursos e a grupos de estudos espalhados por toda a Demétria. São muitos e variados os grupos de estudos, abarcando todos os segmentos, com horários e faixa etária diversificadas. Entre eles está a pousada Arco-íris, próxima a capela e a escola, que recebe pessoas interessadas em se hospedar temporariamente para realizar algumas das formações oferecidas, além oferecer

refeições aos finais de semana. Durante o período letivo, são oferecidas refeições em um restaurante nas dependências da escola. A casa tem também a função de reunir os membros da comunidade de cristãos, antes e depois do culto e em festividades cristãs. Existe ainda a Casa Somé que abriga o instituto de economia associativa ou simplesmente Instituto Elo, mas funciona também como pousada e restaurante nos dias de cursos. Na sequência é possível ver a imagem destas pousadas.

Figura 14. Casa e Pousada Arco-íris na Demétria, Botucatu.



Fonte: registrada pela autora [em 10 de ago de 2014].

Os habitantes da Demétria respeitam uma hierarquia entre as famílias. Os cabelos brancos e a origem europeia carregam a legitimidade de estarem a mais tempo vivendo de forma antroposófica. Deixar os cabelos embranquecerem de forma natural é considerado uma atitude positiva de pertencimento ao local. E, quanto mais antiga e estrangeira, suíça ou alemã, for a família, considerando o tempo de fundação na Demétria, mais respeitada e considerada esta será, podendo influenciar as decisões em vários espaços dentro do bairro.

Dentro das casas dos membros da Antroposofia são evitados, por motivos diferentes, aparelhos de televisão, micro-ondas e *wifi*, considerados nefastos tanto para o plano físico quanto para o espiritual. No entanto, é unanime a utilização de

celulares e computadores. Os que possuem esses equipamentos domésticos procuram usar com moderação, justificando assim sua prática. Sua forma de vida assim como suas roupas procuram expressar certa simplicidade e lembram muito as roupas europeias, com lenços estreitos e enrolados várias vezes no pescoço, com saias e meias coloridas para as mulheres. Nos principais eventos sempre há a organização de um brechó, que proporciona uma mistura das roupas doadas pelos europeus com as roupas habitualmente usadas na Demétria. Assim como os alemães, não há uma preocupação em combinar cores e formatos, dando ao lugar um aspecto despojado e significativamente colorido. Como hábito recorrente, os sapatos são sempre deixados do lado de fora das casas, e dentro das casas são utilizados os *crocs*, calçado de origem alemã.

A comunidade Demétria, apesar de rural, apresenta aspectos de cosmopolitismo, abarcando vários grupos com ocupações profissionais distintas, de professores e pais da escola Waldorf, a famílias paulistanas fugindo da agitação da capital e procurando um lugar para educar seus filhos, de estrangeiros estagiando na agricultura biodinâmica, principalmente suíços e alemães fugindo do serviço militar imposto em seus países, a pesquisadores nacionais e internacionais das mais variadas áreas como: relações internacionais, agronomia, engenharia florestal, biologia, botânica, sociologia e medicina.

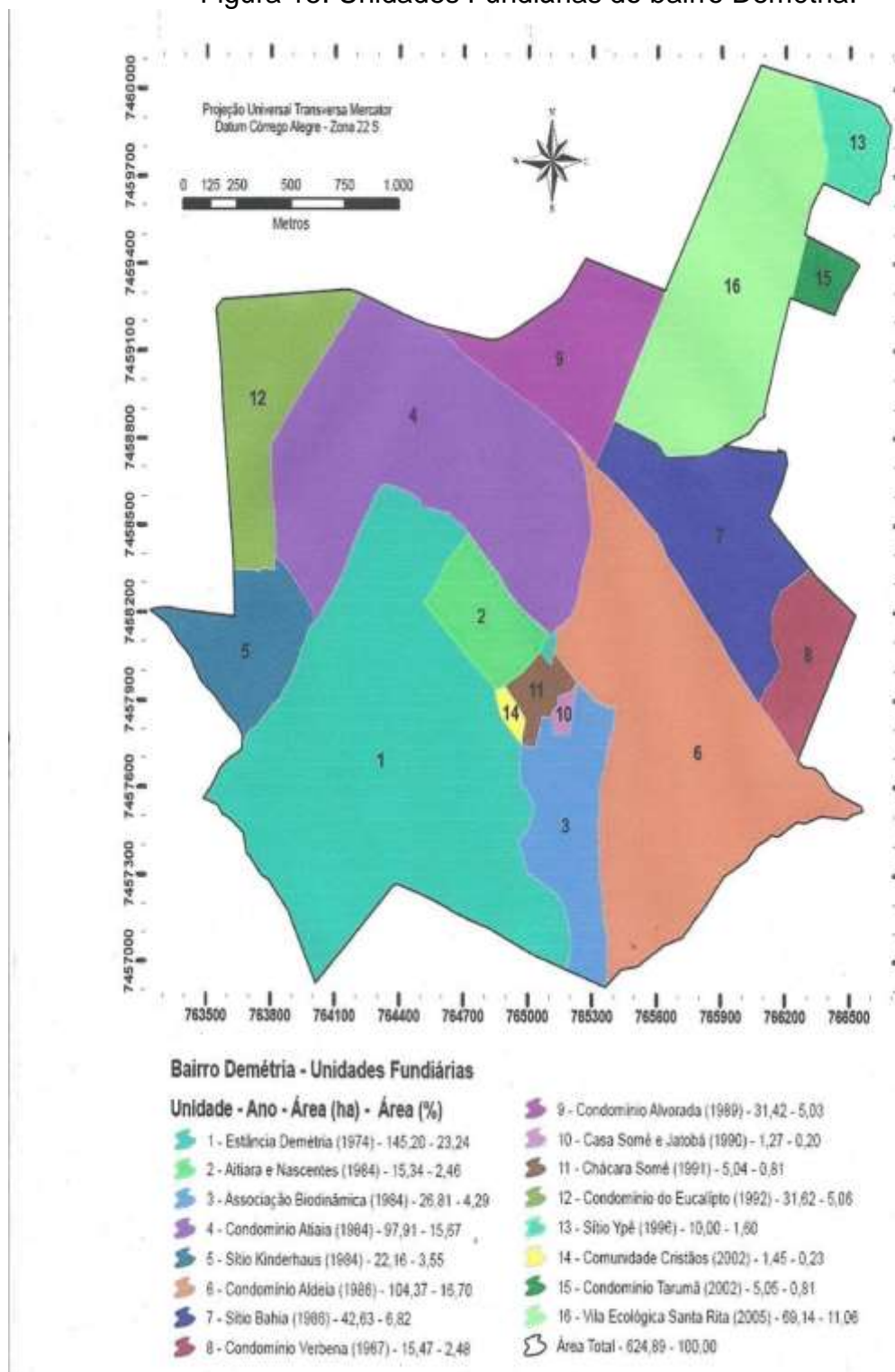
Na rotina da comunidade, após conviver com os seus moradores durante seis meses no período final do inverno e início do verão, logo nota-se a presença massiva de mulheres no bairro. Mulheres de todas as idades, mas, principalmente mulheres gestando ou cuidando de seus filhos. Há uma frase que expressa em tom jocoso, o que se espera deste lugar: *quem bebe a água da Demétria engravida com certeza*, alimentando o imaginário da fertilidade da deusa Deméter na população local. Em um momento mais apropriado, especificamente no capítulo cinco, retomarei a questão do feminino, tanto na Antroposofia quanto na Demétria.

Para concluir a descrição do espaço etnográfico da Demétria, segue o mapa do bairro rural onde está instalada a comunidade antroposófica, apresentando as fronteiras entre os condomínios com suas diferentes normas de habitação¹¹, que os

¹¹ Como exemplo das normas de habitação, temos as regras do Condomínio Verbena e sua missão de preservar a mata nativa do serrado e a fauna local, proibindo a presença de animais domésticos como

distinguem uns dos outros. Apesar do mapa ser de 2007, não houve nenhuma modificação nas unidades fundiárias até 2016.

Figura 15. Unidades Fundiárias do bairro Demétria.



Fonte: Bertalot (2008).

cães e gatos. Em decorrência dessa regra é possível encontrar uma maior diversidade de aves, como a exótica Siriema.

A partir desta cena etnográfica da Antroposofia no Estado de São Paulo, descreverei no capítulo três, as chaves de leitura que contribuíram no entendimento da questão da cura na Antroposofia.

CAPÍTULO 3. SOFRIMENTO, RITUAL E CURA

A busca por formas de tratamento alternativo e complementar à medicina alopática constitui um dado crescente nas estatísticas brasileiras. As diferentes leituras do fenômeno enfatizam uma dinâmica complexa, visto que está relacionada ao universo da religiosidade terapêutica e das novas apropriações/construções acerca do corpo, da produção e do consumo de produtos e de novos estilos de vida.

As interpretações sobre as formas de tratamento alternativo e complementar à medicina alopática são múltiplas e polêmicas enquanto fenômeno esotérico, pois há quem considere a difusão dessas práticas, e o consumo a eles ligado, de interesse basicamente mercadológico, relevância calcada no grande montante de dinheiro associado a alguns dos ramos de atuação, como a literatura de autoajuda e o turismo terapêutico, entre outros.

A dinamicidade e a multiplicidade de direções têm sido a principal marca deste fenômeno esotérico, o que significa que para situá-lo implica considerar as múltiplas possibilidades em que as ações e as representações correlatas emergem como manifestações presentes, principalmente nos comportamentos. A Antroposofia e sua medicina romântica, aparentemente segue as mesmas tendências, recomendando aos adeptos novos estilos de vida, além de uma gama de novos produtos voltados para a educação, alimentação e, por fim, à saúde com um leque de medicamentos e tratamentos terapêuticos.

Especificamente, as terapias antroposóficas estão distribuídas entre as do espírito, as da alma e as do corpo, e as mais comuns são: massagem rítmica, terapias artísticas, terapias pedagógicas, nutrição, Eurytmia Curativa, quirofonética, cantoterapia, exercícios retrospectivos, aconselhamento biográfico, práticas de meditação, medicamentos, fitoterapia. (ABMA, 2012).

Os critérios utilizados para a escolha das terapias etnografadas neste estudo foram: (1) a originalidade da terapia em relação aos fundamentos antroposóficos, ou seja, a terapia não podia apenas ter sido ampliada pela Antroposofia; (2) as terapias realizadas em grupo que possibilitassem a observação dos pacientes; (3) e o grau de

importância mensurada pelas vezes em que a terapia foi sugerida pelos membros desta “ciência espiritual”.

A princípio havia a intenção de percorrer todas as terapias oferecidas na Clínica Tobias, mas neste período da investigação ainda não havia financiamento para o trabalho de campo. Desta forma, todas as terapias e consultas médicas foram pagas do próprio bolso, apesar dos vários arranjos terapêuticos, o valor das mesmas impossibilitou a ampliação da etnografia para as demais terapias realizadas na Clínica. Escolhi então o Biográfico (terapia do espírito), a Terapia Artística (terapia da alma) e a Eúritmia Curativa (terapia do corpo).

3.1. Noção de trabalho terapêutico

Para descrever e sintetizar o conjunto das atividades rituais e/ou terapêuticas realizadas, utilizo a noção de trabalho. Essa noção é largamente utilizada no circuito das novas espiritualidades e terapias alternativas e descreve os diversos momentos da situação terapêutica e da experiência espiritual, incorporando diferentes sentidos.

Segundo Maluf (2005), a “noção de trabalho” refere-se a dois momentos da experiência e a dois campos de significação, diferentes e complementares. No primeiro sentido, trabalho é a noção que descreve a situação terapêutica em si e os seus procedimentos: rituais, consultas, oficinas, meditações individuais ou coletivas; o tratamento com florais, fitoterápicos, chás e homeopatia, práticas corporais e realização de tarefas ou atividades visando a determinados resultados; no segundo campo de significados, *trabalho* sintetiza o estilo e o projeto de vida da pessoa em terapia, ligado a uma definição da condição ou do estado terapêutico vivido pela pessoa. Ele não é exclusivo em relação ao precedente, ao contrário, ele o completa e o engloba. Trabalho, neste caso, representa a condição vivida pelo indivíduo em terapia, um “estilo” e um projeto de vida.

Este “estado terapêutico” da existência possui ainda duas conotações complementares: de um lado, a noção reveste-se de um sentido de sacrifício e

sofrimento, pois é através dessas experiências que o indivíduo pode "aprender e se transformar". O sofrimento é percebido como um instrumento e uma possibilidade de aprendizado e de transformação pessoal. De outro lado, "trabalho" significa produção e criação de si: o investimento, ora de energia, ora de dinheiro, e de afeto na produção de si, o Eu sendo o resultado de uma construção consciente e uma obra da vontade (MALUF, 2005).

De modo geral, "trabalho" descreve todo o esforço terapêutico e espiritual, individual ou coletivo, para superar o mal-estar e as suas causas: as dificuldades, os medos, os "padrões de comportamento". O resultado desse esforço seria um processo de transformação, de mudança, de sentimentos e afetos vividos em "símbolos e significados" (OBEYESEKERE, 1985, p. 147, apud MALUF, 2005). Todas estas metamorfoses são o resultado de um "trabalho". O sentido descritivo da experiência ritual ou da terapêutica com a noção de trabalho tem, assim, "a força de um operador simbólico em um plano cosmológico mais abrangente — articulando valores e modos de ser comuns" (MALUF, 2005, p. 501).

3.2. Noção de sofrimento físico-moral

Ao vivenciar as experiências dos trabalhos terapêuticos realizados na Clínica Tobias, achei necessário refletir sobre o conceito de doença mediante os relatos presenciados durante os procedimentos na Clínica e também nos depoimentos que se seguiram na Demétria. No momento de elaboração desta pesquisa, eu acreditava que o fato do entrevistado possuir uma doença física, traria resultados mais concretos sobre a cura na Antroposofia. No entanto, presenciei no percurso etnográfico, um leque de perturbações de cunho "físico-moral".

Surgiu então a necessidade de rememorar a locução físico-moral aplicada as perturbações, amplamente discutido nas obras do antropólogo Luís Fernando Duarte que define a noção de "perturbação", como uma experiência físico-moral que escapa às racionalidades biomédica e psicológica, e é um conceito-chave para os estudos antropológicos em saúde. Para Duarte (1994) é efetivamente, a qualidade físico-moral

que “evoca a necessária e entranhada imbricação, correlação entre o nível físico, corporal, da experiência humana”, retornando a uma categoria tradicional, que teria neste caso a “vantagem heurística fundamental de relativizar” as representações modernas que sustentam nosso senso comum acadêmico, reconhecendo as condições simbólicas, culturais, em um conjunto mais amplo das “perturbações físico-morais”, culturalmente específicos a cada grupo, por expressarem modos de sentido próprios (DUARTE, 1994, p. 84).

A escolha da categoria analítica “perturbação físico-moral” para este estudo, se dá principalmente por compreender que se está falando de uma típica representação relacional da pessoa. Pois, enquanto o psiquismo é somente uma representação individualizada, associável as marcas ideológicas mais amplas da modernidade ocidental, os “nervos”, utilizando a expressão de Duarte (1994, p.85) são pensados como um meio físico de experiências tanto físicas quanto morais enquanto modo cultural privilegiado para compreender as questões centrais da definição da cultura ocidental moderna e seus limites e descontinuidades. Segundo o autor, a expressão é oriunda da antiga tradição médico-filosófica que dispunha da expressão físico-moral como “qualificação das perturbações que justamente se construíram sobre a articulação entre os dois planos considerados constitutivos da pessoa” (Duarte, 1994, p. 83).

Para Duarte (1998), a categoria 'sofrimento', por exemplo, é alternativa à de 'dor', e constitui uma forma inevitável para lidar com a dimensão do adoecimento. O que faz o essencial da 'doença', ou seja, a experiência de uma interrupção do curso de um processo, das formas e funções regulares da pessoa, implica necessariamente o “sofrimento”, quer se o entenda no sentido 'físico' mais restrito, quer se o entenda no sentido 'moral', abrangente, que engloba, também, o sentido físico. De um ponto de vista antropológico, no entanto, a gama dos 'sofrimentos' nomeáveis pela experiência humana é muito mais ampla que a sucessão de ideias pelas quais algumas culturas - e, em particular, a ocidental - os entendem como “doença”.

Evocar as “doenças” e os “sofrimentos” no quadro mais abrangente das “perturbações” significa para Duarte (1998) admitir, dentro de um relativismo antropológico, que muitas das situações reconhecidas como “patológicas” em nossa cultura, podem ser consideradas 'regulares' em outras, deixando mesmo de implicar

qualquer “sofrimento” peculiar. A “doença mental” demandaria uma outra reflexão, pois, sua relação frequente com crenças ou explicações “religiosa”, por um lado, ou com manifestações do “cultivo de si”, por outro, tais como a criatividade artística entre outras práticas, demonstram o quanto são cruciais para a vida humana e podem distanciar-se da negatividade do 'patológico'.

3.3. Ritmo e rituais contemporâneos

Outro conceito considerado relevante para compreender posteriormente os resultados deste estudo está na característica ritualística assumida tanto nas terapias da Clínica Tobias, quanto na vida cotidiana dos antropósofos na Demétria. O ritmo, diário, semanal, mensal e anual, é considerado essencial para as questões de cura e saúde para os membros da Antroposofia que veem nestes ritmos a base de qualquer processo de adaptação, pois a vida moderna teria desconectado o ser humano dos ritmos da natureza. Para isso relaciona aspectos planetários aos dias da semana, atribuindo a cada dia a dieta de um cereal específico, e realizam festas cristãs para marcar as principais épocas do ano. No dia a dia, o respeito pelo ritmo impostos pelo dia e pela noite, geraria, segundo os membros, um gasto de energia menor e promoveria uma salutar formação de hábitos.

Contudo, é sabido que em qualquer tempo ou lugar, “a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar, tanto a existência quanto a importância dos rituais da vida cotidiana” (PEIRANO, 2003, p. 8). Pois, por vezes, quando se pensa em ritual, duas ideias nos vêm à mente: por um lado, a noção de que um ritual é algo formal e arcaico, algo feito para celebrar momentos especiais e nada mais; por outro lado, é plausível pensar que os rituais estão ligados apenas à esfera religiosa, a um culto ou a uma missa. Segundo Rodolpho (2004), quando se trata de rituais na sociedade contemporânea, nenhuma das duas ideias é exata.

Os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social, e são a forma indispensável para exprimir e solidificar os

vínculos, suscitar a partilha de emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social (MENEZES & GOMES, 2011). As formas estabelecidas para os diferentes rituais têm uma marca comum: a repetição. Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem uma certa segurança pela familiaridade com as sequências, e assim são partilha dos sentimentos e tem-se uma sensação de coesão social. Desta forma, os rituais podem ser seculares ou religiosos, e, neste caso, ambos mostram o invisível: enquanto os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas), os sagrados evidenciam o sagrado, o transcendente (RODOLPHO, 2004).

No entanto, a autora Mariza Peirano (2003, p. 9), de forma prudente alerta que nenhuma definição deve ser dada a priori, de forma rígida: “ela precisa ser etnográfica, isto é, aprendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”, e apesar da autora ter uma “definição operativa” de ritual, ela considera que ao se observar os grupos sociais, é razoável que esses tenham acontecimentos ou eventos especiais e únicos, mas as sociedades fazem isto de diferentes formas.

Assim os rituais podem ser, segundo Peirano (2003, p. 10), “religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados”. Para a autora, o importante nos rituais não seria assim o “conteúdo explícito”, mas suas características de forma, convencionalidade, repetição entre outras características. Outro aspecto ressaltado pela autora e de extrema importância para esta pesquisa, é o que se diz a respeito da relação entre ritual e rotina; neste sentido, o que vemos em um está presente no outro e vice-versa, revelando expressões e valores de uma sociedade onde o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo.

Com estas ressalvas, a autora fornece sua “definição operativa”, definição que está inicialmente formulada por outro antropólogo Stanley Tambiah, dedicado aos estudos contemporâneos sobre rituais que compreende ‘ação performativa’ como um atributo intrínseco tanto à ação quanto à fala, que permite comunicar, fazer, modificar, transformar. Nas palavras de Mariza Peirano:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm

conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (PEIRANO, 2003, p. 11).

Afirmo assim que os rituais estão presentes também em nossa vida cotidiana. As terapias, por exemplo, que seriam consideradas rituais extra cotidiano, apresentam nas experiências em percursos terapêuticos espirituais, aspectos também cotidianos quando assumem, segundo Sonia Maluf (2005) uma maior importância na vida do indivíduo. A terapia transpõe a clínica ou o espaço ritual para terapeutizar a vida do indivíduo. Segundo a autora, esses indivíduos assumem condutas profiláticas e adotam novas práticas alimentares e regras cotidianas de dormir e de acordar cedo, bem como evitar ou eliminar totalmente as bebidas alcoólicas, largar o tabaco, apesar do consumo de *cannabis* ser uma prática comum em certos grupos. A escolha de escolas alternativas para seus filhos com valores ecológicos, espirituais e políticos, também são condutas verificáveis dessa terapeutização da vida do indivíduo.

Contudo, é pertinente para compreender os fundamentos desta pesquisa, ampliar ainda mais a visão sobre os rituais, pois estes estão intimamente relacionados também às mudanças mais significativas em nossa própria vida: nascimento, entrada na vida adulta, casamento e morte. Estes quatro acontecimentos são marcados por rituais em quase todas as culturas e, num certo sentido, “simbolizam uma iniciação”: “o nascimento é a iniciação na vida, enquanto a morte é a iniciação numa nova condição no reino dos mortos, ou na vida eterna” (HELLERN & COL, 2000. p. 28). Segundo esses autores, um bebê não está “propriamente vivo” antes dos ritos associados ao nascimento, um cadáver, em determinadas sociedades, não está “propriamente morto” antes de ser enterrado (HELLERN & COL, 2000. p. 29).

3.4. Ritual e cura

Passando para os rituais de cura, de acordo com Maluf (2005), nas últimas décadas tem sido observado no cenário brasileiro, o crescimento de formas de espiritualidade combinadas com práticas terapêuticas não-convencionais ou alternativas utilizadas pelas classes médias. Miriam Rabelo (1994) constatou que os rituais terapêuticos de cunho religiosos e espiritualistas, voltados para a interpretação e tratamento de doenças tem sido amplamente reconhecido na literatura antropológica e tem enfatizado seu papel transformativo: manipulando símbolos em um contexto extra cotidiano, onde o ritual induz seus participantes a perceberem de forma nova o universo circundante (TAMBIAH, 1979; KAPFERER, 1979; TURNER, 2005; GEERTZ, 2008), onde os doentes são conduzidos a uma reorganização da sua experiência no mundo (RABELO, 1994), pois, enquanto o tratamento médico despersonaliza o doente, e o tratamento religioso visa agir sobre o indivíduo como um todo (TAUSSIG, 1980). A cura consistiria, assim, não no retorno ao estado inicial, anterior à doença, mas na inserção do doente em um novo contexto de experiência (RABELO, 1994).

Os estudos sobre a reorganização das experiências nos rituais têm contribuído significativamente e para uma compreensão da especificidade do tratamento religioso. O ritual vem sendo considerado o espaço por excelência, em que os doentes são conduzidos a uma reorganização da sua experiência no mundo. As pesquisas do antropólogo Thomas Csordas procuram, nessa abordagem, identificar os meios pelos quais as terapias religiosas efetuam tal transformação. Segundo Csordas (1983) a cura religiosa pode ser entendida como dinâmica de persuasão que envolve a construção de um novo mundo fenomenológico para o doente. Em seus estudos sobre a cura católica pentecostal Csordas (2008, p. 53) observa que a dinâmica da persuasão executa três tarefas: a “retórica de predisposição, retórica de empoderamento e retórica de transformação”.

No ritual de cura o doente é persuadido a redirecionar sua atenção a novos aspectos de sua experiência ou a perceber esta experiência segundo nova ótica. Na “retórica da predisposição” o indivíduo, já familiarizado com o cenário de cura, precisa ser persuadido de que esta é possível e legítima. Para Csordas (2008, p.55), essa tarefa equivale no plano psicológico a uma predisposição a ser curado, e no plano

fenomenológico significa que o indivíduo “está consciente de que a sua cura faz parte de algo maior do que ele próprio”. Na “retórica do empoderamento” o indivíduo é persuadido a experimentar os efeitos dos poderes divinos, por meio dos componentes da terapia ritual. O autor considera dois aspectos como os principais de empoderamento: “o papel de símbolos somáticos, o processo fisiológico e a interpretação de expressão espontânea dos processos endógenos” (CSORDAS, 2008, p.57). E por último a “retórica da transformação” quando o indivíduo é persuadido a rever e “mudar padrões básicos cognitivos, afetivos e comportamentais” (idem, p. 65).

Csordas (2008, p. 29) entende a cura em sua acepção mais humana, pois para o autor esta não significa a fuga para uma situação irreal ou mística, mas uma intensificação do contato entre “o sofrimento e a esperança no momento em que encontra uma voz, onde o choque angustiado da vida nua e da existência primeira emerge da mudez para a articulação”. A cura passa inevitavelmente pela compreensão de um processo existencial, com a descrição dos processos de tratamento e resultados sociais e psicológicos concretos, e, não esquecendo de considerar a concepção de doença em contextos culturais específicos, ou seja, examinar não apenas a construção da realidade clínica biomédica, mas também a “construção da realidade sagrada relacionada a motivos religiosos”.

Para distinguir a visão universalista e biológica da medicina é a de corporeidade, Csordas enfatiza a experiência corporal a partir da psicologia e da fenomenologia, elaborando o conceito de “*embodiment*”, demonstrando que a cultura atua sobre o corpo, que é visto, segundo sua teoria, como o campo existencial da cultura e a fonte criativa da experiência, e não um mero objeto biológico. Porém, segundo a pesquisadora Langdon (2014), o “paradigma da corporeidade” de Csordas diferencia-se, da ênfase de Duarte, em que o biológico e o psicológico são subordinados ao social. No entanto, essa diferenciação, segundo minha leitura dos contextos epistemológicos em que essas categorias analíticas se fundamentam, se dá apenas a princípio, havendo a possibilidade de um ponto de intersecção entre elas, não inviabilizando a utilização das categorias propostas para a análise desta pesquisa.

Para construir uma argumentação favorável à possibilidade de encontro de um ponto de intersecção entre essas teorias, primeiro procuro apoio no texto de Duarte

(2012, p. 434) “O Paradoxo de Bergson: diferença e holismo na antropologia do ocidente”, onde o autor situa a fenomenologia de Merleau-Ponty, com sua ênfase no *monde vécu*, no corpo, na arte e na intersubjetividade, em um movimento “neorromântico” (DUARTE, 2004), considerando-o fundamental para a compreensão de um período áureo da disciplina antropologia e de seus rumos atuais. Csordas, por sua vez, irá partilhar da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, “neorromântica”, para argumentar a favor da experiência corporal como ponto de partida para a análise cultural, a qual encontra no nível pré-objetivo a base existencial para as interpretações da experiência dos seres humanos no mundo.

Mas será na diversidade e complexidade de análises sobre o Romantismo Alemão e seu fabuloso caráter “contraditório”, alternadamente individualista e o comunitário, cosmopolita e nacionalista, retrógrado e utopista, místico e sensual, que segundo Michel Lowy e Robert Sayre (2015, p. 19) afirmam que “alguns críticos¹² parecem inclinados a ver como único elemento unificador do Romantismo a contradição”.

Duarte (2004), por sua vez, define o Romantismo como resistência a e denúncia do universalismo e de seus corolários racionalista e fisicalista, mas reconhece que o movimento romântico foi englobado, justamente por se opor a ele, tornando-se dependente ontologicamente a cada passo. Segundo o autor “a força da crítica romântica jamais abateu a pujança do ideal universalista dentro de nosso horizonte ideológico, embora tenha contribuído para tornar seus efeitos infinitamente mais complexos”, isso, é claro, em tensão permanente, onde “o Romantismo sempre será o contraponto, o momento segundo, de uma dinâmica que o ultrapassa e determina” (DUARTE, 2004, p. 8).

Ao observar as cinco principais dimensões do Romantismo – “totalidade, diferença, fluxo, pulsão e experiência” – percebemos em todos, os pontos de intersecção e interações com os ideais racionalistas, universais e iluministas. No entanto, não tenho a intenção de discorrer sobre todas as dimensões que compõem o Romantismo, mas descrevo duas, em particular, a “totalidade e a diferença”, como

¹² Os autores estão se referindo ao crítico Hans Georg Schenk, em seu livro ‘The mind of the European Romantics: An Essay in Cultural History’. Nova York, Anchor Books, 1969.

exemplos necessários para favorecer a compreensão desta dinâmica sugerida pelo autor.

É possível observar uma tensão ideológica relativa à “totalidade” que se pode compreender também como categoria de singularidade. Segundo Duarte (2004, p. 8) todo ente pode ser considerado, individualmente, ou seja, uma unidade de totalidade em si. Para o autor essa contradição é fundamental e instauradora: “as ênfases no caráter de parte e de todo imbricam-se, subvertem-se, produzindo essa fórmula paradoxal do ‘todo na parte’”. As obras de arte, por exemplo, “só são compreensíveis como totalidades na medida em que se apresentam como singularidades nas sequências dos seres de seu mesmo nível ontológico”.

Na dimensão romântica da “diferença”, em evidente oposição ao postulado da igualdade, característica fundamental ao individualismo, é também inseparável da percepção de intensidade, que está quase sempre associada à ideia de singularidade, pois, segundo Duarte (2004, p. 10) “a historicidade tão característica do Romantismo se deve essencialmente ao sentimento de um “espírito do tempo” (*Zeitgeist*)”, ou seja, a dimensão de um fenômeno tem sua própria intensidade, “qualidade de si para si”, expressas de forma incomparável em outros tempos e espaços.

Essa intersecção entre essas teorias, aparentemente contraditórias, situadas entre as singularidades e o coletivismo, possibilitam a compreensão das problemáticas contemporâneas nas novas manifestações de grupos ecológicos dotados de práticas espirituais que buscam o sagrado na intimidade do *self* individual (STEIL, 2008), considerados expressão de um neorromantismo (DUARTE, 2004). Segundo Silveira (2012), dos ecos românticos, surgiram concepções e práticas ecológicas conservadoras, com forte rejeição à tecnologia de base científica.

Essas práticas orientadas espiritualmente, que buscam a valorização do meio ambiente e o contato com a natureza, podem ser entendidas como “ecorreligiosas” (SILVEIRA, 2012, p. 35), ou denominadas como “religiões do self” (STEIL e CARVALHO, 2009, p. 290), expressão que considero mais adequada a esta pesquisa, utilizada pelos autores para explicar experiências que aparecem sob a forma de “energias e vivências de tipo psíquico-místico”, ou seja, um “self-individuado-reflexivo” a partir da experiência, eticamente orientada, empreendida pelo sujeito, em seu

percurso no mundo, em uma tradição, desatada dos laços institucionais da religião, “é vivida como narrativa biograficamente acessível” (SILVEIRA, 2012, p. 36).

A seguir descreverei as terapias do espírito, da alma e do corpo, realizadas na Clínica Tobias, nos anos de 2012 e 2013.

PARTE I. AS TERAPIAS



Fonte: Caminhante sobre o mar de névoa: Caspar David Friedrich¹³. Disponível em: <http://www.hamburger-kunsthalle.de/19-jahrhundert>

¹³ Este quadro é um ícone do Romantismo Alemão, intitulado 'Caminhante sobre o mar de névoa' (em alemão: *Der Wanderer über dem Nebelmeer*), também conhecido como 'Peregrino Sobre o Mar de Névoa' e é uma pintura a óleo de 1818 do principal artista alemão da época, Caspar David Friedrich. Segundo Dr. Hubertus Gassner, diretor da Kunsthalle de Hamburgo, na Alemanha, o romântico experimenta na sua vida, algo considerado como uma caminhada, com as imponderabilidades e abismos da sua existência. Os personagens de costas é uma espécie de emblema da experiência romântica muito comum nas obras Caspar: O homem sozinho, no alto de uma montanha, olha para um ponto inatingível e o que vê é, ao mesmo tempo, algo de exterior e a projeção do seu ego (Grandes Pintores, 2006). O céu e o mar, em sua amplitude ao fundo, e penhascos pontiagudos à frente trariam, por assim dizer, uma oposição entre o aqui e agora e o além (SEEBERG, 2005).

CAPÍTULO 4. TERAPIA E CURA NA CLÍNICA TOBIAS

Os trabalhos terapêuticos serão descritos neste capítulo, de acordo com o percurso etnográfico em que foram realizados, no ano de 2012 na Clínica Tobias. No entanto, necessito fazer uma ressalva sobre o percurso, pois, em 2011, eu, antecipadamente participei de algumas atividades promovidas pela instituição, como cursos e oficinas, na intenção de colher algumas informações para a elaboração do projeto desta pesquisa. Realizei um curso de introdução a Antroposofia e o outro sobre a observação fenomenológica da natureza em Goethe, e uma oficina de meditação antroposófica, antes de iniciar as terapias na Clínica Tobias. A meditação antroposófica é também considerada uma terapia entre os interlocutores, mas não há um terapeuta responsável pelo desenvolvimento deste trabalho, sendo então, oferecidas apenas algumas oficinas para apresentar o método e as diferenças entre as outras práticas meditativas como a *mindfull*, impossibilitando uma etnografia da prática por não haver encontros ordenados, assim como ocorreu com as demais terapias neste estudo.

Os cursos e as oficinas de meditação tinham uma linguagem rebuscada, onde os aspectos científicos, além de fundamentados nas teorias oriundas do Romantismo Alemão e na visão de Steiner, demonstravam um esforço em intelectualizar e associar essa combinação de ideias a outras teorias contemporâneas ainda mais sofisticadas sobre a geologia, a química e a física, a matemática e a geografia astronômica, além da filosofia. Algo bastante difícil de acompanhar, isso para todos os participantes independente da formação, devido a amplitude das reflexões e das reinterpretações antroposóficas sobre a história da humanidade, por exemplo.

E, quanto mais complexa eram as explicações, mais verosímeis as propostas pareceriam ao público que frequentava os eventos, como se o conteúdo não compreendido fizesse parte de algo que só seria atingido após uma dedicação a Antroposofia ou por intermédio de uma experiência pessoal reveladora, ao ponto das ideias simples, como ter um palito como mote para exercitar a meditação, causar espanto e descontentamento no grupo dos participantes da oficina. Havia um *status* em estar naquele espaço discutindo assuntos incompreensíveis, um fetiche das ideias

inacessíveis, impulsionando as pessoas em uma busca por explicações para além do que se sabia.

Depois dos cursos e oficinas vieram as terapias que foram frequentadas semanalmente, salvo a exceção da terapia Biográfico que foi condensada em cinco dias. Já a terapia medicamentosa ocorreu do início, em 2012, até o fim desta pesquisa em 2016, em um total de quatro anos. Para complementar as informações sobre as terapias e a medicina antroposófica, participei de dois congressos nacionais sobre a medicina antroposófica, o primeiro em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, em 2011, no qual apresentei a comunidade o meu projeto de pesquisa sobre a cura na Antroposofia, e depois no congresso realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 2013.

Os membros da Antroposofia que aceitaram colaborar com a pesquisa, tornando-se assim interlocutores deste estudo, não foram contrários a terem seus nomes citados em seus relatos, e apresentaram em todos os momentos uma postura de total confiança nas informações fornecidas. No entanto, para evitar possíveis constrangimentos para alguns dos pacientes, fiz a opção de ocultar seus nomes, utilizando apenas as iniciais.

4.1. A cura do espírito na terapia Biográfica

O *Biográfico* é uma das terapias do espírito, chamada também de Panorama Biográfico. Para utilizar o termo espírito, Rudolf Steiner irá contrariar o Concílio de Constantinopla, onde os teólogos, no ano de 869, estabeleceram o dogma de que o ser humano seria formado apenas de “corpo” e “alma”, e que a alma tinha algumas “características espirituais”, eliminando o 'espírito' de sua constituição (SETZER, 2000). Para o estudo será utilizada a conceituação elaborada pela Antroposofia, caracterizada pela trimembração ser humano em corpo, alma e espírito¹⁴.

¹⁴ Para a Antroposofia o espírito não é físico, e é de natureza diferente da alma. Para eles a “substância” espiritual é mais sutil do que a anímica e, portanto, 'superior' e esta, imutável e eterna, tonando um ser humano realmente humano. Segundo Steiner, “por meio de nosso espírito podemos completar a subjetividade de nossa percepção e da representação mental, associando-as com algo que está fora de nós como o está o objeto percebido, mas que está ligado a este, sendo, porém, imperceptível aos

Para expor essa terapia, necessito em um primeiro momento, apresentar a palavra-conceito *Bildung* utilizada intensamente e mencionada na literatura produzida sobre saúde na Antroposofia e utilizada como mote terapêutico.

4.1.1. A experiência do espírito

Iniciarei aqui o relato sobre as minhas experiências nas terapias antroposóficas, mas primeiro gostaria de traçar um perfil do primeiro profissional que entrei em contato na Clínica Tobias, e que foi o responsável pelo trabalho terapêutico do *Biográfico*. Este médico/terapeuta era antes de tudo um entusiasta sobre os resultados dessa terapia: *Só o panorama biográfico já pode mudar a vida das pessoas, tem toda essa potência, e quanto mais você faz a formação mais você muda sua vida radicalmente.*

O médico/terapeuta Ronaldo era oriundo de uma família classe média de Minas Gerais, que, em suas palavras, era *extremamente católica*, com tios padres e pais ministros da eucaristia, responsáveis pela distribuição das hóstias durante as missas. Todavia, a obrigatoriedade de frequentar as missas todos os domingos era algo que o incomodava. Foi então na ioga que o terapeuta encontrou uma entrada para práticas alternativas e o primeiro contato com a ideia de reencarnação.

Apesar de parecer confusa a inserção do terapeuta, de uma prática ocidental, acontecer por meio de uma prática alternativa oriental, argumentava que as principais ideias dessas filosofias, orientais e ocidentais, são complementares, apesar de distintas. Para o interlocutor o fato de Rudolf Steiner ter incluído a ideia de karma¹⁵, de origem oriental, estava relacionado às influências recebidas em seu período de atuação na Sociedade Teosófica, sob a organizadora Madame Blavatsky, que teria realizado parte de sua formação esotérica no oriente, trazendo alguns conceitos para

nossos sentidos e ao nosso corpo: o conceito do próprio objeto. Nossas percepções sempre são parciais, como por exemplo olhar a rosa de um certo ângulo. O espírito completa essas percepções colocando o sujeito em contato com a essência do objeto percebido, essência esta que está no mundo platônico das ideias, subjacente ao mundo físico. Assim, conhecimento só pode ser obtido pela atuação de nosso espírito (SETZER, 2000)

¹⁵ Segundo o Glossário de Teosofia (s/d, p.93): o karma está associado ao sentido de saga, do dever a ser cumprido.

o ocidente. Para ele, no entanto, o karma na Antroposofia não necessariamente está relacionado apenas com outras vidas, mas é compreendida também com a consequência de atitude que tomamos no decorrer da vida, sem o caráter de expiação como ocorre na Ciência Espírita.

Seu primeiro contato com a Antroposofia aconteceu no primeiro ano de faculdade, onde conheceu um estudante de medicina que frequentava as palestras feitas por alemães na Clínica Tobias, em São Paulo. Após esse contato, o estudante organizou um comboio, com mais de quarenta estudantes de medicina daquela universidade e vieram de trem de Minas Gerais a São Paulo, para participar de um evento sobre a medicina ampliada pela Antroposofia. Este evento é visto como um dos impulsionadores da medicina antroposófica no Brasil.

O encontro entre estes médicos é descrito por seus participantes como um *encontro kármico*, e o relato desta viagem aparece como elemento fortalecedor de suas convicções. Na entrevista, quando indagado sobre ser ou não antropósofo, sem hesitar afirmou que *era antropósofo mesmo antes de saber que era*. Durante o trabalho terapêutico, mostrou-se reservado nos intervalos entre as tarefas, silencioso na maior parte do tempo, apesar da postura firme e conciliador com as ideais conflitantes que surgiram durante a terapia.

A terapia o *Biográfico* somente se desenvolveu efetivamente no Brasil a partir de 1993. Na Europa, a terapia é realizada de forma diferente, apesar de a base dos setênios ser a mesma. Mesmo quando já estabelecida, esta terapia sofreu transformações para uma melhor adequação ao público que procura por esse tratamento. O terapeuta entrevistado descreve como era antes, no período em que a Clínica Tobias era conhecida como Artemísia (1) e como se dá a relação entre a terapia no Brasil e na Suíça (2):

(1) Antigamente, o biográfico acompanhava os tratamentos, então, primeiro as pessoas passavam por uma avaliação clínica e depois, enquanto a pessoa fazia o biográfico, eram prescritas massagens, banhos, alimentação de base vegetariana, mais o apoio de uma medicação antroposófica. (Ronaldo)

(2) O biográfico no Brasil conseguiu ser completamente independente das regras e diretrizes de Dornach, apesar de manter o respeito. Na medicina todos os outros países são extremamente dependentes das regras de Dornach, no Brasil fizemos um caminho à parte deste controle. Com todo respeito, nós aqui no Brasil temos um caminho pessoal, individual do movimento antroposófico mundial. (Ronaldo)

A terapia do *Biográfico* foi enfaticamente indicada por participantes desta ciência espiritual, colocada como sendo necessariamente a primeira a ser realizada, pois era considerada uma experiência iniciática, a mais importante para quem estava buscando uma introdução à Antroposofia. Outra justificativa para realizar esta terapia estava nos setênios, pois, segundo a teoria antroposófica, eu estaria no início do sétimo setênio, ou seja, com quarenta e dois anos e no exato momento em que ocorrem as *crises existenciais*. Esse seria então *o momento especial* para buscar uma nova *personalidade espiritual* em uma fase da vida chamada de “alma imaginativa” que teria por objetivo a busca por uma vida mais autêntica.

Bildung é uma construção que vem das dificuldades e da compreensão da própria história. É a busca pela qualidade de vida, caminho de aprendizagem, ninguém nasce pronto. Tem que ter calma interior, isso também faz parte desta construção. Essa calma interior é para aqueles momentos mais sofridos da vida que você tenha calma. O biográfico não procura explicar a vida da pessoa, mas procura ser um caminho de construção. (Ronaldo)

Em julho de 2013, decidida a dar início à etnografia das terapias me organizei financeiramente para pagar aproximadamente três salários mínimos pelos cinco dias de terapia, com hospedagem e alimentação orgânica. Para a realização do trabalho terapêutico ficamos reclusos, apesar de ficarmos com os celulares, em uma pousada, na periferia da zona sul de São Paulo, no bairro rural de Parelheiros. Não tínhamos *wi-fi* e nem aparelhos de televisão. Esses equipamentos são vistos pelos antropósofos como algo capaz de enfraquecer a vontade das pessoas, incapazes de estimular a

criatividade humana. Esse tema será retomado nos capítulos cinco e seis, pois não tê-los é um hábito bastante comum entre os membros e possui uma explicação complexa envolvendo a cosmologia antroposófica.

O local, chamado de Centro Paulus, era bastante isolado e administrado por antropósofos. A pousada foi construída para atender a necessidade de um espaço para esse tipo de evento, com uma ampla sala de reuniões, local para refeições com mesas comunitárias, espaço para eurtímia e ateliê para trabalhos manuais e uma loja com livros e artesanatos de origem europeia, feitos de lã colorida, comuns na Europa.

Toda decoração e estrutura do prédio estava dentro de um padrão de arquitetura orgânica antroposófica, com grandes janelas que seguem as formas espontâneas dos contornos da natureza, com cores escolhidas especificamente para cada ambiente, além de símbolos contendo o desenho dos sete selos planetários da evolução da espécie humana expostos nas principais paredes. Havia também uma biblioteca com livros bilíngues sobre a Antroposofia e uma grande variedade de livros de arte, além de obras de arte e fotos enaltecidas dos principais edificadores dessa ciência espiritual, como Rudolf Steiner e Ita Wegman. Havia também, sobre as principais mesas, uma infinidade de *folders* sobre os mais variados cursos de formação e terapias oferecidos no local.

No primeiro dia, após uma refeição, para socializar os participantes, fomos convidados a fazer uma pintura com tema livre, no ateliê, com a técnica da aquarela molhada. O terapeuta, fundamentando-se na fenomenologia de Goethe, pediu que os participantes se apresentassem, partindo das observações realizadas sobre a pintura alheia, em duplas escolhidas previamente e estabelecidas pelo terapeuta. O grupo era reduzido, estávamos no máximo em umas vinte pessoas, quase todas mulheres e apenas um homem. Ronaldo, o terapeuta/médico foi auxiliado por outras duas terapeutas, principalmente na condução do trabalho terapêutico realizado nos pequenos grupos. Ambas haviam realizado a formação para terapeuta biográfico, mas não possuíam formação acadêmica na área da saúde.

No primeiro momento de interação do grupo fiz dupla com o único homem participante da terapia. Na verdade, encontrei pouquíssimos homens fazendo as terapias antroposóficas que estudei. Esse meu parceiro de terapia, estava muito

emocionado. Relatou sua “crise existencial” que estava causando transtornos em sua saúde, mas não especificou quais eram os transtornos. Ele era um advogado bem-sucedido profissionalmente e estava procurando um novo sentido para a vida profissional. Já havia passado por várias terapias alternativas e realizado os mais diversos cursos alternativos voltados para o autoconhecimento, que a seu ver, apesar de serem de linhas distintas, convergiam para o mesmo objetivo. Ele acreditava que o processo de autoconhecimento despertado por esta terapia poderia ajudá-lo a tomar um novo direcionamento em sua vida pessoal e profissional e, por fim, chegar a cura de sua doença. Com o passar dos dias, estabeleceu-se uma amizade entre nós e ele passou a comentar sobre as suas “perturbações”¹⁶ ao exercer sua profissão e quanto isso estava afetando sua saúde mental e física.

No momento da apresentação geral dos participantes da terapia, apareceu no discurso de todos os participantes, como um traço de personalidade, o signo do horóscopo, ora afirmando algumas características pessoais, ora justificando outras características consideradas desagradáveis, como egoísmo, teimosia, apego e indolência. Entre os participantes de todas as terapias que pesquisei, todos possuem uma linguagem Nova Era, usando termos como *energia*, *conexão* e *fluidez* ao relatarem as experiências de suas vidas.

Todos, sem exceção, possuíam um amplo itinerário terapêutico preenchido por terapias alternativas de cunho Nova Era. Os antropósofos, no entanto, não se reconhece dentro desse fluxo, e utilizam o zodíaco, por exemplo, de forma distinta, estabelecendo uma relação entre os arquétipos de casa signo para desvendar a missão de cada indivíduo, de acordo com sua cosmologia. Apesar da Antroposofia academicamente ser considerada um movimento Nova Era (MAGNANI, 1999) o termo “esoterismo histórico”¹⁷ (CARVALHO, 1991), é a expressão que melhor traduz como os antropósofos se veem na contemporaneidade.

¹⁶ Para compreender as principais reclamações deste grupo terapêutico, lancei mão da noção de “perturbação” de Luís Fernando Duarte (1994), que a define como uma experiência físico-moral que escapa às racionalidades biomédica e psicológica, onde a qualidade físico-moral que “evoca a necessária e entranhada imbricação, correlação entre o nível físico, corporal, da experiência humana”.

¹⁷ O termo “esoterismo histórico” é oriundo do século XVIII como um tipo particular constituído no ocidente que se expandiu durante o apogeu do Iluminismo, chegando ao seu cume com os grandes movimentos orientalizantes e espiritualistas da segunda metade do século XIX.

Entre os participantes desta terapia, 30% haviam entrado em contato com a Antroposofia por meio da medicina antroposófica, 60% por meio da pedagogia Waldorf¹⁸ e 10% pelo movimento Ecosocial¹⁹. Alguns estavam fazendo a terapia pela segunda vez, mas para a maioria era a primeira vez. Os participantes eram todos da classe média e durante os dias que se seguiram, relataram várias viagens internacionais. Uma minoria desejava fazer o curso completo de formação para terapeuta biográfico, e estava iniciando seu percurso naquele módulo. O processo de formação como terapeuta biográfico demonstrou duplo significado para os que aderem ao curso: primeiro, a oportunidade de realizar um aprofundamento nas próprias questões biográficas a luz da Antroposofia; e, segundo, uma ampliação do mercado de trabalho, agregando novos tipos de especialidade a sua primeira atividade profissional, que não necessariamente estava ligada a um trabalho terapêutico, ao menos inicialmente.

As queixas sobre ansiedade, desequilíbrio emocional e crises existenciais foram semelhantes entre todos os participantes da terapia, como já afirmei, na maioria mulheres. As queixas pareciam padronizadas, construídas culturalmente, elaboradas para expressar o desejo de uma busca legítima para o grupo. Assim, essa busca por equilíbrio foi mencionada repetidas vezes, lembrando um mantra, entoado por todos, utilizando sempre as mesmas expressões: *busca de equilíbrio, busca de reconexão com a natureza, busca de autoconhecimento, busca de sentido na vida*. Esses sentimentos e essas expressões, independiam das diferenças de idade, origem social, religiosa e profissão dessas pessoas.

No decorrer dos dias, estabeleceu-se um ritmo para a rotina, com horários estreitos entre as sete horas da manhã até às oito horas da noite. O cumprimento do horário foi estabelecido como uma regra importante a ser seguida pelos pacientes. Todos os dias havia uma pessoa do próprio grupo, responsável por tocar um sino para marcar a divisão entre as tarefas. Por aversão a horários, eu não assumi essa

¹⁸ Eu irei abordar a pedagogia Waldorf de forma mais detalhada no final do capítulo cinco.

¹⁹ Segundo os interlocutores, o movimento Ecosocial é uma organização baseada em promover o desenvolvimento de indivíduos, grupos, organizações e sociedade por meio dos conceitos e práticas da Ecologia Social baseada na Antroposofia. Durante a etnografia não mantive contato com nenhum antropósofo que pudesse ampliar essa definição.

responsabilidade nenhuma das vezes. No final do dia havia um ritual de troca da função, o guardião do horário transferia o sino e o poder para outro participante que desejasse a tarefa. Junto com o sino era sempre oferecido um agrado, uma pequena lembrança do momento

Na parte das manhãs fazíamos sempre os mesmos rituais, pelo período de uma hora, exercícios de euritmia, depois práticas artísticas com aquarela e, no final da manhã vinham as práticas meditativas voltadas para a concentração antes de iniciar a parte teórica. Nesta prática meditativa éramos orientados a contar de trás para frente, por três vezes, do número vinte ao um. Essa prática de inversão aparece em mais de uma terapia antroposófica que será vista ainda neste mesmo capítulo. Ainda pela manhã assistíamos as aulas sobre as leis biográficas fundamentadas em arquétipos universais. A palavra-conceito *Bildung* não apareceu em nenhuma das explicações teóricas.

Na primeira aula o terapeuta demonstrou como a Antroposofia considera a consciência algo primordial para o autodesenvolvimento, e que essa consciência se constrói em cima de processos de desgaste físico, ou seja, quando a vitalidade física declina, a humanização do indivíduo cresce. E o desenvolvimento da alma estaria ligado ao desenvolvimento da autoconsciência, desde que o indivíduo se reconheça no outro, ajudando o próximo.

Havia muito pouco espaço para o ócio, estávamos sempre ocupados, primeiro com a euritmia e as palestras, depois, com as tarefas em grupo e também individuais registrando os principais acontecimentos do passado, de acordo com a orientação fornecidas. Nessas tarefas individuais éramos levados a construir uma narrativa sobre os principais acontecimentos ocorridos em nossas vidas. Esses relatos eram apresentados posteriormente nas tarefas realizadas nos pequenos grupos. No entanto, os relatos não se restringiam apenas ao passado, abordavam também o presente e as possibilidades de ação no futuro.

Mas as mais interessantes foram as práticas que fomos orientados a desenvolver durante os dias, com o objetivo de aderirmos a elas durante a vida toda após o trabalho terapêutico, fundamentas nos oito “processos da alma”. Nós éramos orientados a desenvolver ao menos duas das práticas por dia, e as práticas noturnas

eram realizadas diariamente. A primeira prática consistia em, durante o dia, ter apenas pensamentos relevantes, ou “representações mentais”, para distinguir o pensamento “essencial” do pensamento “acessório”, que, segundo o terapeuta, consistia em distinguir entre a “verdade” e a mera opinião. Na parte da noite éramos orientados a realizar um exame de consciência sobre as atitudes que havíamos tomado naquele dia, rememorando os fatos, do último ao primeiro fato do dia. A prática do autoexame é considerada indispensável para uma vida antroposófica.

Os participantes foram orientados também a evitar o tipo comum de conversa onde se fala sobre qualquer assunto banal apenas para desenvolver um diálogo. O processo estaria em falar apenas o essencial, a escuta era considerada importante para o aprendizado das teorias antroposóficas. Segundo o terapeuta:

Dos lábios de quem aspira a um desenvolvimento superior, só deve emanar o que tiver sentido e significado. Todo falar só por falar, por exemplo, com a intenção de fazer passar o tempo é, por isso, é prejudicial. (Ronaldo)

Mas, apesar da persistência do terapeuta em lembrar o grupo desta orientação, por meio do seu exemplo, houve pouquíssima aderência ao silêncio por parte dos participantes do trabalho terapêutico. Ainda em outros quatro “processos da alma” eram estimulados primeiro a prática da “ação correta”, ou seja, o agir com “consciência moral” para assim ponderar as ações exteriores e melhor a maneira de se corresponder para o bem de todos e a felicidade permanente do próximo, à essência eterna. Havia também “o ponto de vista certo” que seria organizar a existência para viver de acordo com a natureza e com o espírito, não deixando absorver-se pelas futilidades da vida exterior. Deveríamos evitar tudo o que poderia trazer inquietação e pressa e considerar a vida como um meio para o trabalho e para a elevação espiritual. Esses “processos da alma” como prática ascética funcionavam como uma “retórica da predisposição”²⁰ a cura, tornando-a mais profunda e possível.

²⁰ Na “retórica da predisposição” o indivíduo precisa ser persuadido de que esta é possível e legítima. Para Csordas (2008, p. 55) essa tarefa equivale no plano psicológico a uma predisposição a ser curado,

Os dois últimos processos eram sobre a “aspiração de transformar” todos os exercícios em hábitos e “aprender da vida” o máximo possível com os erros cometidos para fazer melhor na próxima oportunidade. Esses exercícios seriam para os antropósofos, formas de adquirir virtudes, algo elevado de acordo com os mais altos ideais. E em todas as noites antes do grupo se separar havia um exercício no qual era necessário relatar de forma oral e escrita o que tínhamos aprendido naquele dia, como uma forma de fixação das metas e das práticas exercitadas.

Na parte das tardes aconteciam as reuniões em grupo como segunda etapa do trabalho terapêutico. O meu grupo era composto por quatro mulheres com idades próximas, além de uma terapeuta intermediadora dos processos. Nesse encontro expúnhamos as aquarelas pintadas no período matutino, que retratavam nossos respectivos setênios para, primeiro, uma observação silenciosa da pintura, e depois um breve relato estabelecendo uma relação entre a pintura e aquele determinado momento da vida. Havia também nesse momento um tempo para os participantes contribuírem com a percepção da pintura alheia, com possíveis *insights* que deveriam ser expressos de forma artística, ou seja, por meio de poemas, frases ou músicas.

Esses *insights* ou intuições eram compreendidos como oriundos do mundo espiritual. Contudo, parecia que havia muito mais de psicanálise no trabalho terapêutico do que de *insights* espirituais. E ambas pareciam fracassar, pois não havia entre os membros deste pequeno grupo o silêncio desejado pela terapeuta para desenvolver uma fenomenologia das pinturas, inspirada claramente nas teorias de Goethe, seguida dos *insights*, espirituais ou não. Ao contrário do proposto, todas as mulheres palpitavam livremente sobre a vida alheia, como em uma conversa entre comadres.

Neste grupo menor as narrativas eram intensas e extremamente femininas. Assuntos como aborto, gravidez e a busca do companheiro ideal permeavam todas as histórias. As dificuldades nos relacionamentos pessoais eram sempre associadas a uma origem familiar conturbada, descrita por meio de vários episódios traumáticos da infância, que ajudavam a justificar as escolhas consideradas erradas e os

e no plano fenomenológico significa que o indivíduo “está consciente de que a sua cura faz parte de algo maior do que ele próprio”.

inevitáveis fracassos amorosos. Com objetivos futuros diferentes, o que as unia era um sentimento conflituoso sobre as atitudes tomadas no passado, consideradas desequilibradas, e os desejos de uma vida dentro de uma ética que as favorecesse, principalmente diminuindo o sofrimento do viver.

As lágrimas entre os participantes eram constantes, principalmente nos pequenos grupos, e funcionavam como uma amálgama entre os participantes, despertando uma empatia pelo sofrimento alheio. Mesmo investida da tentativa de certa neutralidade enquanto pesquisadora, e apesar de não compartilhar exatamente das mesmas crises existenciais, não foi possível conter as lágrimas e o envolvimento emocional com os participantes e por consequência com o trabalho terapêutico, em decorrência da intensidade dos relatos biográficos. Hannah Arendt já havia percebido que “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”. Eu, educada no catolicismo, confesso que senti um prazer estranho em ouvir as mazelas da vida alheia. Um choro agradável e reconfortante era inevitável.

Atitude compreensível se pensarmos como Rezende (2012), que afirma haver nesses grupos uma gramática das emoções – sentimentos que devem ser expressos naquele contexto particular por serem vistos como os mais adequados socialmente. Os sentimentos formam uma linguagem, sendo, segundo Mauss (1980), a expressão de caráter coletivo e obrigatório. Chorar seria mais do que manifestar os sentimentos, seria manifestar seu sentimento para si próprio ao exprimi-lo para os outros e por conta dos outros.

Neste grupo menor havia uma jovem psicóloga chamada Rachel, filha de uma médica antroposófica, que aos seus trinta anos buscava nesta terapia compreender o motivo das suas desastradas escolhas amorosas. Apesar de ter realizado anos de terapia convencional, não havia conseguido resolver essa questão de origem familiar, até o momento, e se sentia pressionada a resolver esse problema porque desejava engravidar. Então, em suas narrativas sofria ao descrever as situações de risco que havia se submetido nos mais diversos encontros amorosos, que racionalmente eram compreendidos como equivocados, mas que apresentavam um padrão de comportamento que sempre voltavam a se repetir. Um ano depois, nós nos encontramos virtualmente, e eu perguntei a ela se fazer o Biográfico havia mudado algo em sua vida e ela respondeu exultante de alegria, que havia conseguido mudar

a sua forma de se relacionar e isso, para ela, era um dos resultados da terapia. Ela estava grávida e pensava em fazer novamente a terapia, em uma nova oportunidade quando estivesse mais velha.

Outra participante era Mônica, uma terapeuta alternativa de danças circulares²¹, que estava fazendo o Biográfico pela segunda vez. A primeira vez ela realizou o Biográfico no seu “terceiro setênio” e, apesar de ter gostado, ela se achava muito jovem para esse tipo de experiência. Antes de fazer o Biográfico, Mônica estava morando na comunidade alternativa Trigueirinho, mas a abandonou porque a rotina no local era muito árdua e ela, na época, não tinha mais forças para continuar. Agora, na sua segunda vez do Biográfico, aos quarenta e dois anos, no seu segundo casamento, acometida por um transtorno bipolar, ela acreditava que a terapia a faria compreender com mais clareza as opções que havia feito e se preparar para as próximas.

Casada no momento da terapia com o único homem que estava participando, ambos, Monica e Marcelo relataram que frequentavam todos os tipos de cursos e terapias alternativas que encontram disponíveis em São Paulo, o Biográfico era apenas mais uma. Para a escolha não importava o preço, a linha filosófica ou a eficácia, todas eram válidas no processo de autoconhecimento. Além disso, o casal atuava na elaboração de projetos para a administração de ecovilas no Estado de São Paulo, como uma futura forma de gerar mais renda, além das terapias, *fazendo o bem*.

Um ano depois da terapia, consegui manter contato com o casal que já não era mais um casal, então Mônica relatou a separação e os momentos difíceis que vieram depois do *Biográfico*. Para ela, a terapia a havia preparado para enfrentar melhor o que estava por vir, e apesar de triste com a separação, ela se sentia fortalecida por conseguir, a partir do *Biográfico*, *aprender com a vida*. Os resultados das conversas com ambas interlocutoras apontaram para uma “retórica da transformação”²², onde

²¹ Segundo a interlocutora as danças circulares fazem parte de um movimento de dança contemporânea que surgiu com Bernhard Wosien (1908-1986), bailarino polonês/alemão, professor de danças, a partir das décadas de 1950 e 1960 pesquisou e divulgou danças circulares de vários povos, buscando a valorização das diversidades das culturas.

²² Segundo Csordas (2008), a “retórica da transformação” quando o indivíduo é persuadido a rever e “mudar padrões básicos cognitivos, afetivos e comportamentais”.

elas consideraram o *Biográfico* como capaz de rever e mudar padrões afetivos e comportamentais.

No grupo maior que abarcava os grupos menores, todos os participantes possuíam algumas “doenças de estimação”, no entanto, as principais queixas relatadas nos grupos de terapia são doenças decorrentes de transtornos mentais leves e moderados, tais como o transtorno bipolar, a ansiedade, a depressão, acompanhados sempre das crises existenciais, ora na vida amorosa, ora na vida profissional e pessoal. As queixas sobre transtornos físicos não apareceram, nem no grupo mais reservado essas dores vieram à tona. Não que elas não existissem, não me parece possível existir um grupo em que não haja alguém com uma dor física, por menor que seja. Havia uma retração, falar sobre as mazelas físicas parecia inapropriado para aquele momento e lugar. Como se a dor fosse menor diante de uma busca entendida como maior.

Apesar de uma certa negação do corpo, durante o período da noite aconteciam algumas situações inusitadas entre os participantes que foram nomeadas pelos terapeutas de *eventos catárticos*. Entre os pacientes da terapia, várias pessoas tiveram problemas digestivos agudos, seguidos de vômito e diarreia, além de outros sintomas, tais como tosse prolongadas seguidas de forte expectoração e crises respiratórias. Todas as situações foram identificadas como uma resposta do corpo ao trabalho terapêutico, despertados, em parte, pela alimentação desintoxicante, mas principalmente como resultado positivo das reflexões realizadas durante o dia. Esses episódios pareciam funcionaram, como uma “retórica do empoderamento”²³, onde os participantes estavam experimentando no corpo os efeitos dos poderes da terapia.

Pessoalmente não me senti afetada da mesma forma, pois quando cheguei já estava um pouco doente. Era inverno e minha asma não costuma se comportar bem nesta época do ano. Por orientação prévia do terapeuta/médico antroposófico continuei utilizando somente os medicamentos recomendados, que não garantiram a ausência total do barulho pulmonar, restando um leve chiado no peito, um ruído que inevitavelmente era compartilhado com todos. No entanto, procurei conter ao máximo

²³ Na “retórica do empoderamento” o indivíduo é persuadido a experimentar os efeitos dos poderes divinos, por meio dos componentes da terapia ritual. Csordas (2008, p. 57), considera dois aspectos como os principais de empoderamento: “o papel de símbolos somáticos, o processo fisiológico e a interpretação de expressão espontânea dos processos endógenos”.

os ruídos físicos da minha doença para contornar a expressão de incomodo dos participantes, que não necessariamente estavam lá para pensar sobre as doenças do corpo físico. Naquele grupo, pensar o próprio sofrimento parecia mais urgente.

Durante o trabalho terapêutico a explicação antropológica da doença de que esta é ocasionada por uma falta de coerência entre o que queremos da vida e o que fazemos dela, alimentou o imaginário e a conduta dos participantes. Assim, o meu chiado pulmonar, sinal visível da minha doença, instigou algumas pessoas a palpitarem sobre os porquês dos meus sintomas, atitude bem comum, principalmente em doenças consideradas psicossomáticas como a asma. Ao investigarem minha biografia, essas pessoas se viam como interlocutoras na minha cura. Desta forma, o chiado era assim relevado, afinal se eu estava lá era porque eu estava buscando algo.

A resolução da doença para a Antroposofia está em desenvolver um autoconhecimento. A doença seria responsável por mostrar o que não vai bem e para isso o corpo expressa essa insatisfação por meio de sinais e sintomas. Quando a doença é incurável no físico, significaria que ela pode levar o paciente a mudar sua atitude em relação ao mundo. A cura é *estar a caminho*, principalmente quando o paciente percebe que ele é o mundo do outro, e que sua “missão da vida” é estar a serviço do outro, um amor cristão incondicional.

Em conversas pessoais o terapeuta Ronaldo dizia que a cura era algo complexo na Antroposofia e estava intimamente ligada a uma *Bildung*. Segundo sua compreensão, a cura deve ser entendida como um processo de *estar no caminho, de estar fazendo alguma coisa no caminho*. Quando questionado sobre incurabilidade de algumas doenças, respondeu com convicção.

Só existe essa percepção de doença incurável se você olha do ponto de vista físico, o organismo não tem cura, mas se essa doença fez que o indivíduo repensasse a vida dele, mudasse de hábitos e como pessoa, o colocasse em movimento em perante sua vida, então, a doença não é incurável. E mesmo que a pessoa venha a morrer desta doença, você pode curar a pessoa. (...) há pessoas com doenças terminais que falam: “ainda bem que eu tive essa doença” agora sou

outra pessoa, com uma vida muito mais equilibrada. A *Bildung* é como um caminho de cura. (Ronaldo)

Para concluir o trabalho terapêutico, exibimos todas pinturas, assim como um grande vernissage, expondo nossas narrativas pessoais com dignidade estética. Na tentativa de transpor aquele momento final de catarse do passado e do presente, fomos orientados a escrever uma carta endereça a alguém, não necessariamente alguém já falecido, mas contando fatos futuros que descrevessem possíveis superações ou resoluções das nossas principais questões. Um tipo de tomada de consciência, eis a vida que segue, nitidamente orientada para facilitar uma transformação nos padrões cognitivos, afetivos e comportamentais.

No final do trabalho terapêutico foi oferecido o curso de formação de terapeuta biográfico, em dezesseis módulos, cerca de quatro anos, certificado pelo órgão representativo da Seção Geral de Antroposofia da Escola Ciências Espirituais do Goetheanum, em Dornach, na Suíça. Na primeira fase, a formação volta-se para o caminho de autoconhecimento e autodesenvolvimento. A segunda fase consiste em desenvolver novos órgãos de percepção para o entendimento da biografia. E a última fase é vista como um caminho de expansão da consciência.

A estrutura dos módulos está dividida em práticas de Eurytmia Curativa, práticas meditativas, palestras, observação da natureza baseada no método de Goethe, atividades artísticas de pintura, desenho e modelagem, teatro e contos de fadas, história da arte, pesquisa da própria biografia e troca de experiência em pequenos grupos. No entanto, destaco que não havia no folder nenhuma menção que relacione essas etapas de formação a palavra-conceito *Bildung*. Mesmo durante o trabalho terapêutico, a palavra não foi proferida nenhuma vez. A *Bildung* só aparecia no discurso do terapeuta em nossas conversas privadas, na maioria das vezes, ao explicar a relação entre o trabalho terapêutico e o conceito.

Os interessados precisam assinar um contrato de comprometimento, claramente redigido por um advogado, pois possuía muitas cláusulas além do formalismo, que garantia os direitos da entidade realizadora da formação, receber um determinado percentual do valor total dos módulos, caso houvesse desistência por

parte do aluno. Esse desfecho causou um incômodo entre os participantes que alegaram interesse em realizar a formação, mas, não podiam prever o futuro financeiro. Apesar da atitude formal da assinatura do contrato ter sido vista com antipatia pelos participantes, os terapeutas organizadores foram irredutíveis alegando a necessidade de se estabelecer um contrato jurídico para evitar prejuízos.

Essa tensão final foi de grande importância para essa pesquisa. A situação suscitou uma dúvida sobre o lugar real que a *Bildung* ocupa na Antroposofia brasileira e que tipo de *Bildung* podemos esperar encontrar na contemporaneidade. Se a formação de terapeuta biográfico é um caminho iniciático, assim como a *Bildung*, ambas podem ser compradas nos dias atuais? E, por último, compreender se a terapia estava propondo uma ascese como forma de cura.

4.1.2. *Bildung* e a narrativa do Eu

Entre os antropósofos interlocutores, todos veem no Biográfico uma forma de *Bildung*. Para compreender as possíveis relações entre o trabalho terapêutico e a *Bildung*, não podemos esquecer a origem religiosa e mística deste conceito (DUMONT, 1991). Delory-Momberger (2011), considera importante perceber que o Molinismo espanhol e o Quietismo francês, na esfera católica, o Pietismo alemão e o Metodismo anglo-saxão, no domínio protestante, enguem-se, em contextos particulares, contra a rigidez das igrejas e a exterioridade do dogma, promovendo um retorno a uma fé mais simples, mais íntima, e o aprofundamento da relação pessoal com Deus, surgindo uma à proliferação de “narrativas religiosas do Eu”. Desses movimentos que exaltavam o intimismo na prática religiosa, o Pietismo é o que foi mais longe na busca da interioridade e nos processos de exploração e de autocontrole do Eu como ascese.

A relação entre Pietismo e Romantismo Alemão está, segundo Duarte (1998, p.20) “no modelo de autoimolação no Pietismo pre-reformado ao Puritanismo, e do Pietismo reformado do Romantismo”, onde há uma ênfase na dor e no sacrifício de si como acesso a um valor. A atitude pietista, de acordo com George Gusdorf (1991, p. 225) recomenda aos crentes “questionar-se com a pluma na mão sobre o sentido de sua vida e de sua fidelidade a Deus”, ao escrever um “diário” ou uma “narrativa de

vida”, para relatar o próprio itinerário espiritual e fazer um exame rigoroso de sua fé. O questionamento da fé deveria ser um exercício contínuo que repousaria na dúvida permanente à qual o crente deve submeter sua relação com Deus, assim como na desconfiança que ele deve desenvolver ao atentar para as construções ilusórias do espírito humano e das criações enganosas das forças do mal (DELORY-MOMBERGER, 2011).

No Pietismo, a luta deveria ser travada com o “inimigo íntimo” de cada ser humano como é para si próprio. Para o pietista, o ser interior é um labirinto que oculta e confunde em suas dobras as luzes e as sombras, o bem e o mal. Assim a função atribuída à escrita pessoal é desvendar, ou seja, pôr a nu as escórias da intimidade a fim de retirá-las da imprecisão e permitir que sobre elas recaia o olhar público. Desta forma, a narrativa era necessária para expor os eventos fundadores, as rupturas, as provas que pontuam a experiência da relação com Deus e a busca da fé, uma busca retrospectiva de si mesmo.

A seguir, desenvolverei uma explicação da teoria da arquetipicidade humana elaborada pela Antroposofia, que fundamenta este trabalho terapêutico, lembrando que para os neorromânticos a terapêutica aglutina elementos necessariamente interconectados numa explicação do mundo visto como um cosmo, e a compreensão dessa totalidade resulta na unidade de domínios interligados – ciência, moral, estética.

4.1.3. Os setênios e a arquetipicidade cíclica da vida humana

O *Biográfico* está alicerçado na teoria de arquetipicidade cíclica da vida humana e será a partir das observações de Steiner que surgirá a elaboração dos setênios (ciclos de sete anos). Alguns antropósofos, como o médico holandês Bernand Lievegoed, detalharam e se dedicaram mais as possibilidades terapêuticas desse conhecimento já há algumas décadas. No Brasil, a médica Gudrum Krokkel Burkhard dedicou-se a esse trabalho e à sua difusão desde os anos 1970 (MORAES, 2007).

Segundo a literatura antroposófica, o Biográfico é uma terapia que parte do quarto corpo o “Eu”, sendo os demais: o corpo físico, o corpo etérico e o corpo astral,

e que envolve um tipo de *Bildung* de auto cultivo, centrado na auto-observação do desenvolvimento da existência do indivíduo, dos passos percorridos, do que foi vivido, conquistado (os fatores aquisitivos), herdados (fatores atributivos), realizado e do que não foi. A partir daí, faz-se uma projeção idealizada das etapas futuras, visualizando-se as metas a serem conquistadas. Para os terapeutas, trata-se de uma análise tanto voltada para o passado quanto para o futuro (MORAES, 2007 e BURKHARD, 2009).

Para os interlocutores, a existência é compreendida segundo uma cosmologia, fundamentada em um evolucionismo planetário da espécie humana, com a formação dos quatro corpos ou organizações: *físico, etérico, astral* e o *eu* que conteria todos os corpos. Este ciclo de evolução envolve sete planetas que, por analogia, influenciariam o desenrolar dos setênios, através metamorfoses que levam ao desabrochar de elementos constitutivos do indivíduo. O terapeuta se utiliza então de uma noção mitopoética da história de vida que se torna, assim, uma trilha carregada de sentido e de processos arquetípicos. Os setênios seriam a base para que o indivíduo pudesse olhar para si. O Biográfico só é recomendado a partir do terceiro setênio, desta forma, me concentrarei na descrição das principais características a partir dos vinte e um anos.

A partir dos vinte e um anos até os vinte e oito, o jovem deveria ter desperto o seu Sol interior, o seu *Eu*. Ocorrem aqui três setênios solares, nos quais o *Eu* do jovem trabalhará aquilo que até então foi desperto, a elabora o *corpo astral*. Dessa elaboração nasce outro membro de natureza humana, mais anímica que o *corpo astral*. Entre os vinte e oito anos e os trinta e cinco surge outro membro, resultado do trabalho do *Eu* sobre o *corpo etérico*: a *alma afetiva-intelectual*.

E dos trinta e cinco aos quarenta e dois, o *Eu* elabora, voltando ao início, o que foi produzido no primeiro setênio, do nascimento aos sete anos, ou seja, o *Corpo Físico*. O arquétipo ainda é o Sol. Dessa elaboração nasce outro membro anímico: a “alma da consciência”, e isto acentua a tendência de desgaste, de maturidade, de envelhecimento das forças físicas e etéricas.

Dos quarenta e dois aos quarenta e nove anos o *Eu* está sob o arquétipo de Marte, o guerreiro, o desafiador. O *Eu* estará reelaborando novamente as forças do *corpo astral* que desabrocharam entre os quatorze e os vinte e um anos. Dessa

elaboração surgiria outro membro espiritual interno, a “personalidade espiritual” (ou Manas): a metamorfose mais refinada possível do *corpo astral*.

Prosseguindo, tem-se dos quarenta e nove aos cinquenta e seis anos onde o indivíduo que estará sob o arquétipo de Júpiter. “Júpiter é o mestre maduro. Ele aprendeu algo e pode ensinar. Ele se tornou capaz de visualizar melhor as etapas pelas quais passou” (MORAES, 2007, p.76). E para finalizar temos do cinquenta e seis aos sessenta e três anos o indivíduo que está sob o arquétipo de Saturno, o velho. O Eu elaborará mais profundamente as forças do já envelhecido *Corpo Físico*, resultando disso outro membro espiritual, o “homem-espírito” (ou Atma).

Após os sessenta e três, outros arquétipos planetários ditos “ultrasaturninos” entram em jogo: Urano, Netuno e Plutão. O indivíduo tem a possibilidade de uma espiritualização, à custa de um correspondente decaimento de suas forças físicas. Depois de ter completado os ciclos planetários, a entidade humana se liberta dessas influências (BURKHARD, 2009).

Nas palavras do terapeuta, essas fases podem ser explicadas mediante a Figura do amadurecimento do cavaleiro e a relação que estabelece com o seu cavalo, entendido como uma metáfora do corpo. Então, a princípio, quando jovens, aos vinte e um anos, enfrenta-se a vida em cima do cavalo, tomando atitudes agressivas no trabalho; mais tarde, aos quarenta e dois anos, o cavaleiro desce do cavalo e se mantém ao seu lado, após ter conquistado o que deseja da vida. Por fim, aos cinquenta e seis anos, o cavaleiro conduz o cavalo em uma atitude serena e espiritualizada.

A inadequação das atitudes pessoais com o entendimento do setênio destinado à sua idade, levaria a uma incoerência nas atitudes que potencialmente poderia gerar doenças. A busca feminina por intervenções plásticas e estéticas como o simples ato de pintar os cabelos, ou a busca masculina em auto afirmar sua masculinidade procurando um novo relacionamento com alguém mais jovem, são vistos como atitudes inadequadas em relação aos setênios, apontando para um forte traço de moralidade conservadora na Antroposofia.

4.1.4. Terapia e ascese?²⁴

A princípio, em decorrência da origem Pietista da Antroposofia, parecia lógico encontrar, caso existisse, uma ascese protestante no sentido weberiano. Mas a ascese pietista, resumidamente, compreende uma forma de conduta conformando a vida de modo racional, descrita por Furtado (2013) como sóbria e constante, além da interdição ao gozo e ao desfrute dos bens acumulados. Todavia, nesta primeira etapa da etnografia eu não tinha encontrado nenhum desses traços e, apesar das semelhanças entre as ascèses sobre a concepção da relação entre trabalho e tempo, enquanto valor *per si*, como valor espiritual, cuja importância se reconhece por seus resultados, legitimando a prática do lucro, não eram a meu ver, o suficiente para estabelecer uma relação clara entre a cura da terapia antroposófica e uma ascese.

Desta forma, outra possibilidade de ascese foi pensada como capaz de lançar luz sobre esta terapia refletindo sobre esta prática a partir da ascese filosófica analisada por Foucault, no interior do pensamento helenístico. Para isso é pertinente começar a explanação a partir da “A hermenêutica do sujeito”, onde o pensamento de Foucault está situado em espaço de tempo que separa a publicação, em 1976, do primeiro volume da *História Da Sexualidade*, do lançamento de seus dois outros volumes complementares, em 1984.

Nesse ínterim, irão ocorrer deslocamentos no pensamento do autor, estabelecendo-se, no centro de suas reflexões, a problemática do sujeito ético em suas relações com a verdade. “A hermenêutica do sujeito” tem como fio condutor a contraposição entre duas noções caras à história do pensamento ocidental: os princípios do “cuidado de si” e do “conhecimento de si”, que com Sócrates se difundiu como “conhece-te a ti mesmo” (GROS, 2003).

Foucault destaca que este princípio então inscrito no quadro mais geral da noção de “cuidado de si”, a qual prescreve que o indivíduo se ocupe de si mesmo, que

²⁴ Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007, p. 313,), ascese é (1) “um conjunto de práticas e disciplinas caracterizadas pela austeridade e autocontrole do corpo e do espírito, que acompanham e fortalecem a especulações teórica em busca da verdade, (4) disciplina com o objetivo de alcançar a prática perfeita em determinado ofício, atividade ou arte, (5) dedicação ao exercício das mais altas virtudes, à perfeição ética”.

não se esqueça de que deve ter cuidado consigo. No contexto do pensamento helenístico ele sofrerá notável desenvolvimento, podendo-se dizer que o imperativo do cuidado de si consistirá em uma atividade a ser posta em prática ao longo de toda a existência, dentro do pensamento grego e romano. Isso consistiria em adquirir uma “armadura protetora em relação ao resto do mundo” (FOUCAULT, 2010, p. 86). Os sujeitos que exercerem esta prática asseguram por meio dela a edificação de defesas ao seu redor, de modo que possam elevar-se a um estado de domínio sobre si mesmo. Isto significa encontrar em si o “ponto de apoio”, onde serão capazes de fixarem-se, permanecendo imóveis e imperturbáveis (FURTADO, 2013).

Para Foucault, este “ponto de apoio” deveria ser tal qual uma *meta*, uma espécie de “virada em direção a nós” identificada como “conversão”, que no sentido helenístico pode ser compreendida em termos de uma auto subjetivação, que libertaria o sujeito, não do mundo, mas na imanência do mundo em que se encontra. O “eu” do sujeito está assim posto como meta, não objeto de renúncia. Esta conversão converge dois eixos de práticas, o primeiro refere-se ao saber e ao retorno a si, que se daria mediante determinadas formas de conhecimento sobre o mundo e do próprio sujeito (FOUCAULT, 2010).

O segundo eixo estão um conjunto de exercícios e técnicas “de si sobre si”, chamado *ascese*. Essas técnicas e exercícios cujo objetivo refere-se a “uma maneira de ligar o sujeito à verdade” devendo ser abordada enquanto “espiritualidade do saber”, “prática e exercício da verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 284). A *ascese* estará ligada à constituição do sujeito, buscando atingir uma forma ou relação de si para consigo “que fosse plena, acabada, completa, autossuficiente e suscetível de produzir a transfiguração de si que consiste na felicidade que se tem consigo mesmo” fortalecendo-o para o enfrentamento dos infortúnios e acontecimentos da existência (FOUCAULT, 2010, p. 285).

Esta armadura ascética é formada pelos chamados *logói*, discursos verdadeiros, capazes de extrair do indivíduo verdades recônditas. A *ascese* permite, através de exercícios determinados, que o dizer verdadeiro possa ser convertido em modo de ser de um sujeito ético. Em outras palavras, trata-se de uma “subjetivação” de discursos, mediante exercícios do silêncio para a escuta, a fala, a escrita e a leitura.

Os exercícios de memória são considerados também valiosos e permitirão fixar o conteúdo das lições recebidas (FOUCAULT, 2010).

Foucault (2010) destaca também a existência, no pensamento greco-romano, de uma subcategoria de ascese, denominada “ascética”, entendida como exercícios recomendados, até mesmo obrigatórios aos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, responsáveis por produzirem no sujeito transfiguração deles mesmos. A comida e a bebida, por exemplo, limitar-se-ão a aplacar a fome, e atitude de igual desprendimento deve ser reportada à riqueza, roupas e habitação. Desta maneira, instrumentaliza-se o sujeito no enfrentamento das agruras que possam vir a acometê-lo.

Quanto à prática de provas, trata-se “de saber do que se é capaz [...] de medir o ponto de progresso em que se está” e a provação implica uma indagação contínua sobre si mesmo, sendo, em segundo lugar, assumida enquanto “atitude interior” (FOUCAULT, 2010, p. 388). Além das práticas de premeditação dos males futuros, prática muito valorizada pelos estoicos para preparar o indivíduo para todo infortúnio vindouro; o exercício da morte que requer imaginar o dia presente como sendo o último; e o exame de consciência que objetiva a purificação do pensamento, mediante análise das representações, julgadas em um tribunal interior. Porém, isto não significa estabelecer medidas punitivas, mas “reativar” proposições de verdade na alma, com vistas a atingir uma dada modificação ética (FOUCAULT, 2010) na incorporação de discursos verdadeiros, sujeito de uma ação reta.

Esses exercícios ascéticos são perceptíveis nos “processos da alma” incentivados no *Biográfico*. Os “processos da alma” podem estar relacionadas aos princípios do “cuidado de si”. Rudolf Steiner, ao se fundamentar na fenomenologia romântica de Goethe, provavelmente teria absorvido o apreço de Goethe pelo pensando helenístico.

4.2. A cura da alma na terapia Artística

Primeiro gostaria de esclarecer que a Terapia Artística, na Antroposofia, não é considerada ocupacional como as demais terapias artísticas, ou seja, não é um exercício livre de pintura, pois se fundamenta principalmente na observação fenomenológica da natureza elaborada por Goethe, em sua obra “*Doutrina das Cores*” (*Farbenlehre*). Para os membros da Antroposofia, trata-se de uma “terapia da alma”, sendo a alma compreendida dentro de um contexto da antiguidade clássica, visto que em latim *animu* significa “o que anima”.

A Terapia Artística possuiria uma função pedagógica em uma formação estética voltada para a *Bildung* dos indivíduos que atingiria sua maior eficácia na forma terapêutica, onde a experiência estética possibilitaria uma potencialização na ampliação de nossa sensibilidade moral, ou seja, uma “educação ético-estética” (HERMANN, 2008, p. 26 apud MOLLMANN, 2010)

A palavra estética advém do grego *aisthesis*, *aistheton* (sensação, sensível) e significa sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial. A concepção clássica de estética começa a ser questionada no século XVIII, em meio a problematização conceitual que envolve a arte e o contexto da subjetividade. Articulada dentro de um projeto moderno de conhecimento, essa compreensão marca o surgimento da estética como disciplina filosófica. Ao lado da lógica, da metafísica e da ética, está preocupada com a definição de beleza. Abrem-se novas perspectivas ao problema do belo, e a estética transforma-se em teoria do gosto compreendida como faculdade de discernir (HERMANN, 2005).

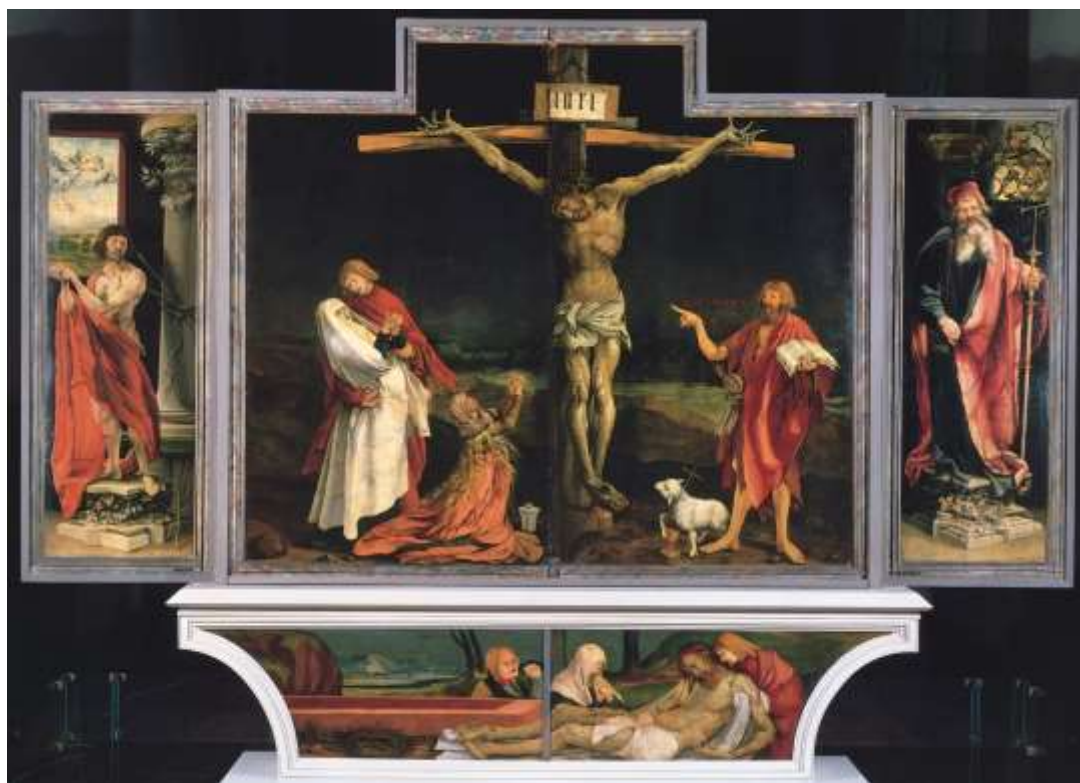
A arte sempre esteve envolvida com as religiões e com os processos de cura. O artista, na antiguidade era considerado um mago com o mesmo status de um médico, isso porque buscava-se por meio da arte expressar o *hyeros* (sagrado), considerando que esta era uma *hierofania* (revelação do sagrado) e principalmente uma *hierogogia* (condução do indivíduo ao sagrado). O mundo das cores teria a função uma ponte, que ligava o mundo dos Homens ao mundo dos Deuses, favorecendo os processos de cura. A obra de arte que mais demonstra essa estreita

relação entre cura, arte e espiritualidade na Antroposofia é a imagem do *Cristo Cósmico do Retábulo de Issenheim*²⁵, do pintor alemão Mathias Grünewald.

A obra tinha sua moradia no altar do Convento dos Antoninos, onde eram recolhidas as vítimas de uma doença misteriosa na época, que se abateu sobre a região da Alsácia, por meio de uma intoxicação pelo esporão do centeio. Incurável, a doença consumia a pele e provocava mau cheiro. As pessoas com essa doença tinham dores horríveis e muitas vezes enlouquecia de dor. Os doentes que chegavam ao convento eram levados para a capela onde ficava o *Retábulo de Issenheim*, havendo uma identificação com a dor da crucificação, pintada na parte externa.

²⁵ Encontrei a imagem do Cristo Cósmico do Retábulo de Issenheim em vários momentos do percurso etnográfico. A primeira vez foi em uma apresentação oral realizada em um congresso de Medicina Antroposófica em 2010, onde o autor finalizou sua apresentação com a projeção da imagem. Como os seus dados estavam relacionados a pesquisas realizadas na Unifesp de São Paulo, o apresentador foi constrangido, em particular, por seu orientador [médico antropósofo], que evitasse o procedimento de evidenciar as questões esotéricas da Antroposofia ao falar de medicina. Na Demétria, encontrei a imagem em várias casas, mas principalmente entre os membros da comunidade cristã. Na Suíça me deparei com a imagem do Cristo Cósmico em alguns consultórios terapêuticos antroposóficos.

Figura 17. Retábulo de Issenheim *fechado*, em Colmar, na França.



Fonte: Musée Unterlinden. Disponível em: <http://www.musee-unterlinden.com/collections/l'experience-le-retable-dissenheim/>

Quando o moribundo estava então prestes a morrer, e somente neste momento, o frontispício do altar era aberto e as imagens se modificavam totalmente, apresentando a imagem “A Ressurreição”, na hora da morte do doente. A Figura “A Ressurreição”, no canto direito da imagem do Retábulo, na Antroposofia é chamada da imagem do *Cristo Cósmico*, sendo considerado pelos membros da comunidade de cristão antroposófica, o único capaz de curar.

Figura 18. Retábulo de Issenheim *aberto*, em Colmar, na França.



Fonte: Musée Unterlinden. Disponível em: <http://www.musee-unterlinden.com/collections/l'experience-le-retable-dissenheim/>

4.2.1. A experiência da alma

A Terapia Artística foi a segunda terapia da qual participei na Clínica Tobias por um período de seis meses, em 2013. Nos três primeiros meses, paguei o valor de meio salário mínimo por uma hora e meia de terapia semanal, com o material incluso. No decorrer desses primeiros meses, a terapeuta tornou-se interlocutora deste estudo e sugeriu que eu não pagasse mais pela terapia e que continuasse minha pesquisa, facilitando o meu acesso. Em julho de 2013 apresentamos juntas, a terapeuta e eu, alguns dos resultados do trabalho terapêutico sobre a pintura das estações do ano, no *XI Congresso Brasileiro de Medicina Antroposófica*, na cidade do Rio de Janeiro.

Volto a ressaltar, uma última vez, para que haja total distinção das demais práticas que utilizam a arte como processo terapêutico, que a Antroposofia não considera a Terapia Artística uma terapia ocupacional: as cores, assim como os exercícios não são livres, são indicados e controlados pelas sugestões do terapeuta durante o processo. A Terapia Artística é descrita pelos interlocutores como o olhar científico goethiano voltado para uma compreensão artística do ser humano, “um caminho através da alma, um ativar de forças criativas anímico-espirituais que podem atuar sobre o processo físico mais profundo”.

Em nossas conversas, a terapeuta Adriana descreveu esta terapia como o trabalho de manipulação dos materiais artísticos que irão funcionar como uma intervenção, *assim como uma medicação*. O trabalho externo de modelar e pintar mobilizaria a parte interna do paciente, manifestando suas percepções e concepções, e a terapia movimentaria esses padrões para que houvesse uma transformação da consciência do indivíduo.

Adriana era uma jovem senhora mineira, de origem familiar católica, formada em psicologia, e era vista na Clínica Tobias como uma pessoa com uma tendência neurossensorial, mais voltada para as questões racionais, passando ao largo dos aspectos espirituais da Antroposofia. E realmente não observei qualquer traço de espiritualidade terapêutica, mesmo na hora do ritual de preparar os pinceis, as cores, o espaço terapêutico, o trabalho realizado passava incólume da parte cristã da Antroposofia.

O ateliê de pintura da Adriana podia ser visto como um exemplo desta postura, pois era uma sala simples, com paredes brancas, com amplas janelas voltadas para o jardim, com mesas de diferentes alturas para a prática da aquarela e da modelagem em argila, sem obras de arte nas paredes e não apresentava nenhuma imagem ou símbolo que nos remetesse a cosmologia antroposófica. A lemniscata, símbolo da expansão e contração balizador do equilíbrio entre os corpos, segundo as teorias de Steiner, mal desenhada na lousa pela própria terapeuta, era a única referência à cosmologia esotérica.

Na verdade, havia uma quase ausência de símbolos sobre a cosmologia esotérica na Clínica Tobias, principalmente na parte da recepção dos pacientes, mas

conforme se adentrava à clínica, encontrava-se aqui e ali as principais referências desta ciência espiritual, em fotos do fundador Rudolf Steiner e da organizadora da Medicina Antroposófica, a médica Ita Wegman. Contudo, nas outras salas em que aconteciam outras terapias artísticas, elas eram repletas de aquarelas com imagens que faziam referência a aspectos espirituais da Antroposofia. Mesmo nos consultórios, as aquarelas estavam presentes, mas no consultório da Adriana não.

A terapeuta fez o seu primeiro contato com as ideias de Rudolf Steiner em decorrência da curiosidade do seu primeiro marido sobre as comunidades internacionais que ofereciam cursos de formação antroposófica. Movidos pelo interesse, ambos foram morar na Inglaterra, onde a terapeuta teve a oportunidade de fazer a sua formação em Terapia Artística em uma dessas escolas. Segundo a interlocutora, a formação artística recebida nesta instituição não era necessariamente orientada para a prática da terapia, como ocorre na formação oferecida aqui no Brasil. A instituição na Inglaterra oferecia uma formação mais complexa, principalmente no caso dos internatos, onde você pode atuar tanto como artista, quanto como terapeuta.

A formação terapêutica dos interlocutores é sempre recheada de histórias sobre como eles foram provados e conseguiram, depois de muito esforço e dedicação, atingir um patamar exigido pela Antroposofia. No caso da Adriana não foi diferente. Segundo a interlocutora, foi necessário que houvesse por parte dela uma ampliação da sua percepção estética e espiritual para compreender a interferência nefasta da sua tendência *neurosensorial* na hora de se expressar artisticamente. Por um longo tempo a interlocutora tentou realizar pinturas que estivessem próximas do ideal da observação dos eventos da natureza, sem a utilização de linhas cartesianas e a obsessão das formas. Para ela a formação significou ter uma outra percepção da vida e do mundo, enriquecendo sua trajetória para enfrentar as situações que ainda viriam.

No trabalho terapêutico, a técnica da aquarela molhada era um tipo de anamnese, utilizada pela terapeuta para a verificação de padrões muito rígidos, pois não havendo qualquer controle das formas que surgem no papel previamente umedecido, isso proporcionaria a pessoa a oportunidade de *fluir com os líquidos e materiais artísticos*, atitude aparentemente fácil, mas para aqueles com tendência ao controle e ao cartesianismo das formas, o sentimento seria de extremo desconforto. A terapeuta então, perceberia esses determinados comportamentos em relação as

técnicas e as cores, e se encarregaria de fazer uma proposta artística terapêutica que vai acontecendo no próprio fazer da pintura.

A composição de cores, por exemplo, é considerada sua narrativa não verbal, que pode ser enriquecida, aos poucos, com mais cores se está for pobre em suas nuances e de acordo com a necessidade e adequação as necessidades do paciente. Segundo o entendimento da terapeuta, a minha tendência para o azul, por exemplo, era vista como um traço de melancolia, mas como o azul, segundo a *Doutrina das Cores de Goethe* com a interpretação de Steiner, é uma cor iluminada, não representaria necessariamente uma doença ou desequilíbrio, mas apenas uma tendência a ter uma perspectiva sombria sobre a vida.

As orientações terapêuticas da Adriana, bem como as pinturas que realizei ao longo da terapia, expressariam uma ampliação do conhecimento dos fatos científicos pelo emprego do modo de observação goethiano, que permitiria compartilhar da dinâmica interior da anatomia, da fisiologia e da patologia mediante um processo meditativo. Esse pensar intenso e imaginativo não seria apenas intuitivos, pois estaria apoiado em fatos científicos capazes de ampliar sua relação entre a experiência terapêutica e a criação artística.

Lembro que durante as sessões sempre haviam pequenas explicações científicas da fenomenologia de Goethe para os passos realizados em nossas pinturas. Para ilustrar esse comportamento, a terapeuta realizava interessantes experimentos com prismas para explicar as principais teorias da *Doutrina das cores de Goethe*, principalmente os princípios de luz e trevas. Esse ambiente, permeado elegantemente por teorias românticas, pelo cheiro das tintas e o toque macio dos pelos dos pincéis, estimulava uma atmosfera de intelectualidade que perpassava não apenas a sala da terapeuta, mas toda a Clínica Tobias, legitimando o processo de cura, atuando como uma “retórica da predisposição”.

As orientações terapêuticas sobre quais cores usar no exercício daquele dia, não revelavam antecipadamente as emoções e os sentimentos que seriam despertados pelas cores, cada participante mergulhava em uma aventura perceptiva diferente a cada sessão, e por meio das cores das pinturas, muitas vezes sem formas,

revelavam sua dinâmica interior narrando, em uma intimidade forjada pelo compartilhamento de instrumentos, suas experiências na vida.

Não foi incomum perceber que os pacientes apresentavam alteração de humor durante a terapia ao se depararem com certas nuances sugeridas pela terapeuta, indo de alegria entusiasmada a serenidade, e da serenidade a uma profunda melancolia. Houve momentos em que as cores das pinturas alheias afetavam a todos de uma só vez, e aparentemente sem um motivo explícito, causando profunda emotividade, criando um tipo de cumplicidade no grupo, ao suscitar, em todos ao mesmo tempo, uma melancolia sem causa, empoderando os participantes que acreditavam estar experimentando os resultados da terapia. Na explicação da terapeuta, esses momentos eram despertados pelo ‘efeito sensório-moral da cor’. Segundo a interlocutora, a vivência das cores possui a peculiaridade de nos fazer sentir de maneira dolorosa ou feliz como resultado dos efeitos cromáticos que influenciariam a sensação de viver. Esse era o efeito cromático, o qual Goethe denominou de “efeito sensório-moral da cor”, *cuja influência alcançaria até o âmbito corpóreo*.

Goethe teria reconhecido no arque fenômeno das cores as ações e os sofrimentos da luz em seu confronto com as trevas, mas foi Rudolf Steiner que, partindo deste ponto das pesquisas de Goethe, descreveu as cores como forças universais dominantes, atuantes no passado e no futuro, na concentração e na dissolução, na Terra e no Cosmo, na “imagem” e no “brilho”. As descrições de Steiner ultrapassam a esfera física terrestre e conduzem às esferas etéreas, astrais e espirituais. Cada cor atuaria e resultaria, dependendo do plano em que é contemplada, no corpo físico, no corpo etéreo e no corpo astral, de forma diferente para cada indivíduo (HEIDE, 2003, p. 26).

Apesar de todo requinte das teorias antroposóficas, em articular de forma romântica a ciência, a moral e a estética, os profissionais desta terapia não se mostraram presos a explicações teóricas, mas concordam que por meio da pintura poderia ser possível atuar tanto sobre o corpo etéreo, tanto quanto sobre a atividade do corpo astral, bem como no inter-relacionamento dos corpos. Por exemplo, seria possível por meio do trabalho terapêutico, fazer com que o corpo etéreo²⁶

²⁶ Etéreo ou Etérea é um adjetivo da língua portuguesa que significa relativo ao éter, que tende a ser volátil ou fluído. Também possui um significado figurado, referindo-se ao que é sublime, celeste ou

enfraquecido fosse fortalecido mediante a influência do corpo astral, ou fazer com que um corpo etéreo excessivamente ativo pudesse ser domado pelo corpo astral.

No grupo da Terapia Artística, ficava evidente a diversidade religiosa entre os pacientes e principalmente uma total falta de conhecimento sobre os fundamentos da Antroposofia, o que me leva a pensar na disposição dos símbolos como uma possível estratégia de negociação terapêutica, que perpassava toda a clínica, onde a parte espiritualizada é reservada apenas para os pacientes que quiserem aprofundar seus conhecimentos, não afugentando os pacientes mais desavisados ou adeptos de outras práticas religiosas ou espiritualistas.

Com isso, parei para observar o espaço de recepção da clínica que, parecia ter uma intencionalidade na sua disposição. Os apetrechos da escola Waldorf, já previamente mais conhecidos e aceitos socialmente pelos pacientes, estavam, por exemplo, dispostos logo na entrada da clínica, anunciando a Antroposofia sem, no entanto, afugentar os clientes. Os símbolos antroposóficos, como as esculturas dos sete selos planetários, as aquarelas quase religiosas e os cristais, ficavam expostos somente nas salas de terapia e nos consultórios, selecionando, assim, quem teria acesso ou não a sua visualização.

O grupo terapêutico era composto por mim e mais duas senhoras, ambas por volta dos seus sessenta e cinco anos de idade. Uma das senhoras era bem pequena, uma estrangeira de origem russa, mas que já morava no Brasil já a muitos anos. Com os cabelos vermelhos e suas muitas histórias sobre o percurso de sua família fugitiva das situações de guerras, ela era uma cosmopolita, cidadã do mundo e trazia na bagagem uma grande cultura artística como herança materna. Atormentada por questões principalmente familiares carregava o peso de vários e contínuos episódios de depressão. Para ela, a *família é lugar de tortura moral*. Por conta destes episódios depressivos procurou por alguns anos a cura fazendo primeiro terapias convencionais, mas sempre se recusou a aderir a um tratamento com medicamentos controlados, procurando por terapias alternativas, tanto orientais como o *shiatsu*, quanto ocidentais

delicado. O sentido poético e figurado da palavra é utilizado para qualificar algo considerado divinal ou que é tão puro, que não pode ser material ou de origem terrena.

como na Antroposofia. Como já conhecia e havia realizados tratamentos para a filha na medicina antroposófica, procurou a Terapia Artística.

Quando indagada sobre a possibilidade de cura nesta terapia, ela ficou pensativa por alguns instantes, e depois respondeu convicta, mais sobre a potencialidade da arte, do que sobre a sua cura:

A arte e cura tem tudo a ver, eu vim para me curar. A cura na arte é o processo de encontrar uma coisa dolorida e poder se expressar, e assim amenizar a dor. E isso aconteceu comigo diversas vezes durante a terapia. (Dona Grená)

Neste caso, a terapia funcionaria como uma forma de expressão do sofrimento²⁷, que por si só, demonstra uma “retórica da transformação” contida no desejo de mudar os padrões de percepção. No entanto, ao falar sobre a sua escolha em fazer uma terapia antroposófica, revelou que o seu desejo talvez fosse outro. Essa senhora russa queria, na verdade, participar de aulas de pintura e como essas aulas eram muito caras, ela resolveu fazer uma terapia artística e assim equacionar dois problemas com uma mesma solução.

Dona Grená também não demonstrava nenhum interesse em aprofundar seus conhecimentos nos caminhos antroposóficos. Tendo uma empatia religiosa maior com a Umbanda, ela se intitulava uma pessoa politizada e por isso rejeitava com veemência as ideologias alemãs. Mesmo assim era adepta a M.A. em momentos de crise aguda, mas gostava da liberdade de escolher entre as várias terapias alternativas aquela que mais lhe agradasse no momento, construindo assim um itinerário complexo que transitava entre a biomedicina e medicina alternativa, sem qualquer constrangimento.

A outra senhora, a Sra. Fúcsia, era muito elegante e vaidosa. Ela era católica atuante no segmento da renovação carismática e resistia arduamente aos aspectos

²⁷ No caso do relato das duas participantes do grupo terapêutico, o sofrimento novamente pode ser compreendido por meio da noção de “perturbação” de Duarte (1994) como uma experiência físico-moral expressa em uma correlação entre o nível físico, corporal.

esotéricos da Antroposofia. Essa interlocutora pertencia a classe alta paulistana, mas sua família estava falida já a alguns anos. De origem mineira, era uma das primeiras filhas de uma extensa e tradicional família patriarcal e latifundiária, na qual os filhos mais velhos ficavam encarregados de cuidar dos filhos mais novos. Impecável na maquiagem e na cor do cabelo, refeita semanalmente na busca de uma vitalidade perdida, possuía um corpo frágil apesar de demonstrar firmeza no cumprimento dos papéis sociais, estando intensamente voltada para o matrimônio e a maternidade, apesar de não ter desejado esse destino. Nas conversas com a terapeuta, ambas relatavam suas memórias afetivas de Minas Gerais, lembrando comidas, costumes, situações e o nome das principais empregadas que eram consideradas *praticamente da família*.

Essa senhora mineira havia abandonado seu lucrativo comércio de decoração de ambientes, com uma extensa clientela em um endereço renomado em São Paulo, para atuar como vendedora na lojinha de apetrechos Waldorf, dentro da Clínica Tobias. Segundo ela, escolheu mudar sua vida radicalmente porque compreendeu a sua necessidade de atuar profissionalmente em algo que exigisse uma demanda emocional menor. Essa senhora mineira, assim como a senhora russa, também tinha episódios depressivos, que segundo sua explicação, *eram um problema kármico*. Segundo sua história de vida, houveram vários suicídios entre os familiares, e ela sentia que estava predestinada a resgatar os demais do mesmo destino, inclusive ela mesma. Em busca da cura na Antroposofia, já realizava a Terapia Artística por vinte anos, não com a mesma terapeuta, mas sempre na Clínica Tobias. Considerava a Adriana a melhor terapeuta que já teve e confiava plenamente nas terapias e na medicina antroposófica.

A terapia me deu livre arbítrio. Pintar a luz trouxe a cura para mim. Antes o sofrimento era inconsciente, agora eu tenho consciência e com isso, consigo controlar os episódios da doença. Hoje eu percebo logo quando não quero mais viver e consigo reverter esse sentimento.
(Sra. Fúcsia)

Em um dos seus relatos demonstrou como, para ela, a Antroposofia e a sua prática católica estavam intimamente relacionados. Para essa interlocutora, na primeira vez que ela procurou ajuda da M.A. na Clínica Tobias, para solucionar problemas de saúde de sua filha mais nova, essa senhora afirma que aconteceu um momento de grande espiritualidade ao se deparar com a médica que estava vestindo um chale azul igual ao manto de Maria, a mãe de Jesus, que havia aparecido para ajudá-la naquele momento difícil de sua vida. Apesar desta constatação, essa interlocutora ficava extremamente irritada quando a terapeuta Adriana a convidava para alguma prática mais esotérica dentro da Antroposofia: *o meu caminho é na renovação carismática*. O encontro com o “manto azul de Maria” descreve como o paciente se sente “empoderado” ao acreditar que está vivenciando uma experiência religiosa, na procura pela cura nas terapias antroposóficas.

Juntas vivíamos a experiência de nem sempre pintar algo que nos agradava. Dentro do trabalho da Terapia Artística, o valor estético da obra não assume destaque, mas a experiência de vivenciar a alternância das cores possui maior relevância. A terapeuta reforçava, sempre que possível, as ideias de Kandinsky que, para vivenciar as cores, seria necessário um esforço no sentido de perceber, com o pensamento interessado, as cores que nos cercam com maior intensidade do que é habitual. Esse modo de perceber e compartilhar possui dois componentes: o pensar que mergulha no objeto observado e nele se transforma, e o outro componente, o de nos conduzir *para fora de nós mesmo*, fazendo-nos participar dos acontecimentos que nos rodeiam.

O trabalho terapêutico em conjunto com a fenomenologia da natureza de Goethe deveria contribuir para nos fazer compreender os processos cósmicos na natureza, ativando nossa percepção para os processos de composição e decomposição, ou do nascer e fenecer, e no equilíbrio de forças de formação e movimento. Uma das práticas Terapia Artística nas escolas Waldorf, por exemplo, consiste em levar os alunos a pintarem os períodos do dia (amanhecer, o sol a pino, o entardecer e a noite). Pintar a natureza é considerada, segundo a Antroposofia, uma prática que traz grande vitalidade, pois é onde o reino vegetal possui o éter químico que incentiva o corpo etéreo trazendo mais vitalidade para a saúde do indivíduo. Nas palavras da terapeuta: *pintar funcionaria com um antídoto para a brutalidade das cidades grandes, estimulando recursos internos para suportar as adversidades da*

vida. Toda a cor tem o que a terapeuta chamou de uma *atitude*, uma dinâmica em termos de contração e expansão, peso e leveza, atividade e não atividade, luz e sombra, capaz de proporcionar essas sensações.

Entre as várias atividades, a tarefa de pintar a estação do ano representada pela figura de uma árvore mostrou-se a mais envolvente, afetando profundamente minha percepção. O contato com as tintas e as cores como instrumentos ampliadores da minha percepção da natureza despertou um olhar mais atento para a estética do mundo, principalmente dos fenômenos do cotidiano como as cores do céu ao entardecer, o florescer e o fenecer das plantas, entre outros, operando de forma similar a persuasão da “retórica da transformação” dos padrões cognitivos.

Participar de um trabalho terapêutico alicerçado em uma atividade artística em uma cidade embrutecida como São Paulo é um privilégio para poucos. Durante o tempo de permanência nesta terapia, com efeitos prolongados por todo o percurso etnográfico, me senti bastante afetada pela Terapia Artística, por seu potencial de despertar reflexões importantes, entre o meu comportamento asmático, e as estações do ano. Observei então, que a partir de um dado momento, o meu gosto e apreço por roupas azuis e pretas havia diminuído e se transformado em um desejo estranho de vestir vermelho.

Segundo a terapeuta, isso estava ocorrendo porque, quando pintamos as estações no ano, estamos e não estamos falando exatamente do clima. Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “A Amendoeira” (1957) já havia dito: “Repara que o outono é mais estação da alma do que da natureza”. Para os interlocutores, as observações das estações do ano sempre desencadearam sentimentos, que repousam em camadas profundas da alma. Reavivá-las por meio da pintura ativaria uma cognição espiritual para compreender as situações do destino de cada paciente (infância, adolescência, vida adulta e velhice).

O Outono, por exemplo, levaria a humanidade em direção de si mesma para refletir sobre a essência passageira das coisas e a necessidade de enfrentar as forças letais do inverno. Nas escolas Waldorf o ensino terapêutico da pintura eram sempre a recriação dos ambientes da natureza decorrentes dos ritmos diários e anuais. Para a

interlocutora Adriana, as imagens das estações do ano são retratos do que ocorre em nossos próprios corpos e almas.

Durante a pintura das estações, as mulheres participantes deste trabalho terapêutico foram muitas vezes acometidas por sentimentos conflituosos. A Primavera, por exemplo, que no senso comum deveria apenas trazer sentimentos de renovação, acarretou também profunda melancolia para o grupo. Para a terapeuta, isso acontece em almas de organização mais sutil, como uma incapacidade de responder interiormente à floração. Segundo a opinião da interlocutora, hoje em dia, são cada vez mais raras as pessoas que cultivam uma ligação com a Natureza. Ela acreditava que o desenvolvimento do intelecto empobreceu ainda mais a vida afetiva das pessoas. Em sua formação na Inglaterra, a terapeuta sentiu a necessidade de ir se desvencilhando da *percepção neurosensorial*, era preciso abandonar as amarras do controle e conseguiu deixar *fluir*, aprimorando outros tipos de percepção.

Essa relação entre o mundo e as cores tem sua origem na mitologia germânica, onde o mundo das cores une o celeste ao terrestre, assim cada pessoa, pelo modo como se coloca entre o céu e a terra e pela atividade de sua organização perceptiva individual das cores, destaca “o seu próprio arco-íris pessoal”, todos diferentes uns dos outros. Para os interlocutores isso seria um retrato de sua alma cósmica no éter cósmico e microcósmico das forças estelares. A vida sensorial seria uma flutuação de cores entre o pensar na luz e o querer, que nasce na escuridão do processo físico, esse flutuar reordenador do Sol no Cosmo e o eu no microcosmo em relação ao arco-íris.

Essa metáfora religiosa com o arco íris é vista desde Noé, através do qual ele podia ouvir a voz de Jeová, e seria, segundo a cosmologia antroposófica, o emblema das culturas pós-atlânticas, para o desenvolvimento anímico. A luz, meio no qual vive o anímico-astral no cosmo, percorreria na luz solar, estelar e lunar, para fazer fluir a astralidade cósmica, alma cósmica, um ser de luz para a esfera aérea da Terra na qual respiramos (HAUSCHKA, 1987, p. 16). Segundo a cosmologia antroposófica, fundamentada em mitos nórdicos, que descrevem quando a alma de luz teve de descer para a escuridão o espaço das cores surgiu como uma ponte, *Bifroest*, que liga o mundo dos Homens ao mundo dos Deuses. (HAUSCHKA, 1987, p. 16). A arte, com suas cores, seriam assim a nossa ponte o mundo espiritual.

Um outro aspecto que considero relevante apresentar sobre este trabalho terapêutico, é o esforço dos interlocutores em aclimatar as orientações das cores destinadas a determinadas reflexões, com as estações do ano no Brasil. As pinturas destinadas ao período do Advento do Natal, deveriam estimular recolhimento e reflexão. As cores capazes de proporcionar esse “efeito sensório-moral”, faziam parte da observação de uma natureza que se recolhe, com cores frias, em uma paisagem europeia onde o aspecto cinzento prevalece. Realidade completamente diferente do calor e da exuberância das cores que temos neste período no Brasil. E apesar do esforço dos interlocutores em adaptar as realidades, era inevitável pensar sobre como estavam “as ideias fora do lugar”²⁸, assim como ocorreu na inserção das ideias liberais no Brasil.

A experiência da observação das metamorfoses das paisagens em sua sazonalidade climática é sem dúvida, uma vivência mais óbvia para os europeus do que para os brasileiros. Aqui no Brasil, o clima não passa por grandes modificações, as estações apresentam uma variação sutil de difícil percepção, pois, por mais que tenhamos inverno, as árvores continuam verdes e até com flores. O inverno rigoroso da Europa é capaz de proporcionar grandes contrastes com as demais estações, facilitando a observação da natureza fenecendo, por exemplo. Algumas das técnicas da Terapia Artística vivem o descompasso de terem sido elaboradas em um continente com características climáticas muito diferentes. Em decorrência destas diferenças, os terapeutas brasileiros buscam uma aclimação entre as cores e as pinturas das épocas do ano, destacando as sutilidades nas transformações da paisagem regional, oferecendo como prática de observação de outros aspectos em ecossistemas locais, como a pintura das flores do cerrado.

Neste contexto de descompasso entre as ideias e os lugares, por fim, questionei a terapeuta Adriana como ela compreendia a *Bildung* em seu trabalho terapêutico, e ela afirmou, até um pouco constrangida, desconhecer completamente o termo. É claro que por sua descrição minuciosa de como havia realizado sua longa formação de terapeuta artística, em instituições antropológicas britânicas, não restava

²⁸ A obra “As ideias fora do lugar” de Roberto Schwarz, aborda uma discussão sobre a entrada do liberalismo no Brasil do século XIX, onde o autor faz uma crítica sobre como originalmente a ideologia na Europa, converte-se, nos trópicos, gerando uma ideologia de “segundo grau”, perdendo o seu caráter universalista e passando a defender interesses particulares.

dúvida sobre sua alta capacitação para conduzir o trabalho terapêutico. No entanto, resta pensar que o fato de sua formação ter ocorrido em solo de língua inglesa, isso possa ter afastado, ao menos teoricamente, a palavra-conceito *Bildung*. Essa hipótese não descaracteriza ou diminui, entretanto, as experiências relatadas pela terapeuta em seu processo de formação, muito próximos a algumas ideias de uma *Bildung* compreendida como formação. O encontro com as dificuldades e a sua superação, funcionaram como uma lapidação de si como obra de arte, não deixando dúvida sobre a possibilidade de uma *Bildung* estética que pode ocorrer mesmo se o conceito for desconhecido pela pessoa.

Todavia, a observação deste trabalho terapêutico suscitou outras novas questões. Penso que o fato de estar envolvida com tintas, pinceis e cores não faz de mim artistas ou apreciadora da arte. Se há a arte, escapa a ciência, porque então unir ciência e arte em um trabalho terapêutico? Quais os significados e intensões construídos pela Antroposofia ao utilizar as teorias de Goethe para fundamentar sua ciência, sua moral e sua estética? E, se essas ideias românticas estão deslocadas de seu espaço original, quais são as transformações que estão ocorrendo na essência da *Bildung* destinada aos brasileiros?

4.2.2. *Bildung* e estética

O conceito de estética ganha novos contornos a partir dos esforços teóricos de Schiller, que tornam possível pensar a estética como um modo de sensibilidade para a vida moral, dando lugar à forma imaginativa e à sensibilidade (HERMANN, 2004, 2005). Schiller será o responsável por interpor a estética ao racionalismo, transformando a estética moderna em uma ruptura com o antigo e a tentativa de reconciliar subjetividade do belo aos exigentes critérios (REZENDE, 2009). Assim, a categoria do estético desenvolve-se em um contexto de valorização da beleza natural e artística na perspectiva da experiência evocada pela natureza ou pela voz interior, rompendo as barreiras existentes contra a experiência sensível (HERMANN, 2005).

A experiência estética implicará um “estar aberto ao mundo, aberto ao sensível do mundo/no mundo e deixar-se contaminar” (MEDEIROS, 2005, p. 13 apud LAGO, 2014). Gadamer destaca a necessidade de manter-se aberto as diferenças e ao outro,

como forma de distanciamento necessário para ver-se e ultrapassar a si próprio na experiência estética. Neste sentido, a experiência estética emerge como importante momento formativo (LAGO, 2014).

A experiência da arte constituiria uma experiência que nos fala da verdade, na medida em que faz emergir aquilo que escapa à reflexão. Nas palavras de Hermann (2005, p.40): “a experiência da arte nos abre um mundo, um horizonte, uma ampliação da nossa autocompreensão, justamente porque revela o ser (...). A estética modifica quem a vivencia e permite ver o mundo sob uma nova luz”. Para Lago (2014), há uma forte articulação entre *Bildung* e estética, pois a *Bildung* baseia-se na pluralidade de experiências, entre elas, as experiências estéticas.

Dentro deste processo educativo da percepção, extremamente relevante para a construção da *Bildung* de um romântico, Goethe desenvolve uma didática na “*Doutrina das cores*” que se divide em seis partes, com os seguintes subtítulos: cores fisiológicas, cores físicas, cores químicas, perspectivas geral das relações internas, afinidades da Teoria das Cores com outras disciplinas, efeito sensível-moral das cores.

Para os antropósofos, a *Bildung* também pode ser entendida como um processo iniciático que pode criar um senso interno de coerência unido a uma resistência psicológica aos desafios e deve contemplar as questões espirituais. Ela é interpretada também como a individuação, como para Jung, ou mesmo a elaboração do mito pessoal que sensibiliza o indivíduo diante de uma ordem cósmica na qual encontra força e sentido para a sua existência (MORAES, 2007, p. 182).

Para facilitar a leitura deste trabalho terapêutico, no primeiro momento, abordo a obra de Goethe, *Farbenlehre* ou “*Doutrina das Cores*” que fundamenta a Terapia Artística antroposófica; em um segundo momento, narrarei a experiência desta terapia; e, no terceiro momento, procuro tecer considerações a partir da “fenomenologia da percepção”, entre outros escritos de Merleau-Ponty e a percepção como atitude corpórea.

4.2.3. A Doutrina das Cores e o arque fenômeno de Goethe

A *Farbenlehre* vem sendo traduzida por “Teoria das Cores”, mas o mais próximo do alemão seria “Doutrina das cores”, entendendo doutrina como organização de conceitos e método educativo e não como ensinamentos de caráter dogmático (POSSEBON, 2009). A “*Doutrina das cores*” escrita por Goethe é considerada “uma experiência poética” (GIANOTTI, 2011) como forma de se opor à interpretação dada por Newton aos fenômenos luminosos. A obra é na verdade um diário dos prolongados e metódicos estudos de Goethe, compreendida tanto como obra científica quanto literária ou uma literatura científica, em que ora apresenta um rigoroso discurso científico, ora uma refinada poética, estilo que dificultaria, segundo Gianotti (2011), a interpretação de suas teorias.

A obra *Farbenlehre* está situada no momento histórico em que a *Naturphilosophie* no Romantismo Alemão procurava elaborar outra visão para a natureza observada, na qual experimentação e a matemática não seriam os critérios de validade do conhecimento. O ideal racionalista foi questionado no final do século XVIII e início do XIX e, para esses movimentos, a verdade estava na própria beleza e complexidade da natureza, a fragmentação do mundo racional não conseguiria chegar ao conhecimento sobre a natureza. O idealismo alemão recusaria assim a ótica mecanicista, interpretando tanto a natureza quanto a arte a partir da ideia de organismo, de uma finalidade interna.

Neste contexto, diferentemente de Newton, Goethe interpretou a cor como um fenômeno mais associado ao olho do que à luz, não analisando a luz como um fenômeno físico, mas principalmente como um fenômeno da consciência. Goethe, um cientista da natureza, não concordava com experiências realizadas em quartos escuros que utilizassem lentes e prismas. Para ele, a investigação deveria ser ao ar livre, onde o olhar pode se reencontrar com a natureza (REIS, 2006).

Um exemplo da postura artística da época está na obra do pintor e poeta inglês William Blake, em seu quadro de 1795, intitulado *Newton*, onde “retrata o cientista como um demiurgo fechado sobre si mesmo, perdido em abstrações matemáticas, de costas para a riqueza do mundo que o cerca” (REIS, 2006). Também o pintor espanhol

Francesco Goya, em sua obra intitulada “Sonho da razão produz monstros” de 1799, “reflete e questiona para onde a razão científica iluminista estava levando a humanidade” (REIS, 2006).

Goethe estava convencido de que a natureza em sua totalidade se revela, como que através de um espelho, ao sentido da visão. Para ele, a natureza é algo que parece ser construído por nossas mãos, por nossos olhos, e existe somente quando se revela aos nossos sentidos. Desta forma, irá considerar a natureza como um conjunto de leis estabelecidas pelo homem, o princípio vital da natureza é, ao mesmo tempo, o da própria alma humana. Para ele, o homem pode encontrar em seu próprio coração todo o segredo do ser, e talvez também a sua solução que não pode ser exterior a nós: o mundo está refletido no sujeito (GIANOTTI, 2011).

Gianotti (2011) vê na obra de Goethe uma forma ousada e análoga à revolução copernicana de Kant, por transferir o olhar divino de Plotino, até então simbolizado pela luz, para o interior de nossa visão. Em seu livro “Doutrina das Cores”, Goethe fala em seu poema sobre o olho que se torna luminoso. Nas palavras de Goethe (apud GIANOTTI, 2011 p. 4):

Se o olho não tivesse sol,
Como veríamos a luz?
Sem força de Deus vivendo em nós
Como o divino nos seduz?

É interessante perceber que, para Goethe, a sensibilidade à luz não aconteceria somente de forma receptiva, mas também de forma impulsiva, pressupondo um movimento. Assim também as cores deveriam ser interpretadas tanto como “paixão” (*Leiden*), quanto como “ação da luz” (*Tat*), e seria por meio de sua ação ou reação que é possível ter uma história dos seus efeitos, que por sua vez aproxima da essência da própria cor. Desta forma, Goethe não separa o homem do mundo. Quando diz que o olho é solar, isto significa que é o olho que deve sua existência à luz, e não o contrário: o olho constitui-se “na luz, e para a luz” (GIANOTTI, 2011).

Mas não bastava dizer que a cor surge da luz, mas como esta aparece junto à luz, nas condições necessárias para que o fenômeno das cores se manifestasse. Na verdade, já estava procurando distinguir as condições ou as esferas mediante as quais

o fenômeno da cor se apresenta (GIANOTTI, 2011). Schopenhauer, continuando o caminho de Goethe, é o primeiro a distingui-las claramente:

Do ponto de vista do sentido visual, luz e cores são fenômenos da consciência (sensações, percepções) cujas condições são ocorrências fisiológicas na retina e no sistema nervoso, sendo provocadas por sua vez por processos físicos. (SCHOPENHAUER, apud GIANOTTI, 2011, p. 20).

Goethe considerava a cor um fenômeno que escapa à física, isso porque ela nasceria da interação entre duas entidades autônomas e polares, a luz e as trevas, por meio do arquetipo (*urphanomen*) ou fenômeno primordial, e que possuiria uma identidade que afetaria as pessoas de acordo com os critérios estabelecidos para sua compreensão da cor como fenômeno de consciência. A cor seria uma representação, mas sua interpretação, ou seu vínculo de paixão com a luz, precisaria de uma linguagem ora conceitual, científica, ora uma linguagem poética, capaz de falar por meio de imagens sobre as ações das cores (GIANOTTI, 2011, p. 21).

Nesta pesquisa interessa discorrer um pouco sobre sua teoria do “efeito sensível-moral das cores”, no qual Goethe afirma que as cores são possuidoras de um caráter próprio, assim como uma identidade, com características distintas na atuação sobre o psiquismo humano. Segundo Goethe, “as cores usam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares” (POSSEBON, 2009).

É plausível pensar que esta educação dos sentidos está contemplada nas as três dimensões principais relacionadas à *Bildung*: a dimensão moral, a dimensão do pensar e a dimensão estética, segundo, principalmente a influência de Kant (KLAFKI, 2007). A dimensão estética, por exemplo, fará Schiller, um dos mais proeminentes representantes do Romantismo Alemão, a partir dos princípios kantianos reconciliar razão e sensibilidade “por meio da beleza através da qual se chega a verdade” em uma educação dos sentidos (MOLLMANN, 2010). Para Schiller, a estética instaurou uma força persuasiva do projeto educativo, onde o homem não desprezaria os sentimentos e impulsos provenientes da vida sensível, mas eleva-se à vida moral (HERMANN, 2005).

4.2.4. Merleau-Ponty e a percepção como atitude corpórea

Merleau-Ponty ajuda a pensar de forma mais complexa alguns dos aspectos deste trabalho terapêutico. De acordo com a fenomenologia da percepção do autor é presumível compreender que a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz principalmente pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo, sobre a natureza e as cores que a constituem. Talvez seja razoável afirmar que na Terapia Artística “a cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 284).

Essa experiência do corpo é um campo criador de sentidos, que deixa de ser apenas uma representação, mas torna-se um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência. Assim também aconteceria com a experiência pessoal das coisas transcendentais, pois essa “só é possível se eu trago e encontro em mim mesmo seu projeto” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 494).

Ao entender que a unidade da coisa permanece misteriosa enquanto são consideradas suas diferentes qualidades, como a cor e o sabor, dados pertencentes a mundos distintos, como o da visão, do olfato e do tato, Merleau-Ponty passa a concordar com Goethe que essas coisas não estão rigorosamente isoladas, “tem uma significação afetiva que a coloca em correspondência com a dos outros sentidos” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 20). Esta ideia não traz nenhuma novidade, principalmente se for lembrado o poema de Charles Baudelaire *Correspondances* [Correspondências], no qual, já em 1857, afirmava que “*Les parfums, les couleurs et les sons se répondent*” - os perfumes, as cores e os sons se correspondem.

Se assim for, talvez seja presumível entender a Terapia Artística antropológica como a experiência da percepção das cores e da natureza intimamente relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão da noção de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. A clássica análise da percepção distingue os dados sensíveis da significação, e é ultrapassada pela análise

fenomenológica que nos permite ir além do intelectualismo, entre o automatismo e a consciência (NOBREGA, 2008).

Merleau- Ponty (apud NOBREGA, 2008) rompe com a noção de corpo-objeto, e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos, desse modo, o movimento e o sentir passam a serem os elementos chave da percepção. A percepção agora está fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente, e na experiência do seu corpo:

a percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 308).

A Terapia Artística talvez carregue consigo o potencial de realizar uma reorganização corporal e do mundo do paciente, aguçando para o que devemos, de acordo com a Antroposofia, ver, ouvir e sentir e, assim, passarmos a considerar que é na raiz de todas as experiências e de todas as reflexões que se encontram um ser capaz de se reconhecer a si mesmo, afinal para Merleau-Ponty (2004, p.308) “ele é seu saber de si e de todas as coisas”, que reconhece sua existência como natureza na arte, aquela arte que não reproduz o que se vê, mas como Paul Klee disse “nos faz ver”. É claro que não por constatação, como um fato dado, ou por uma inferência a partir de uma ideia de si mesmo, mas por contato direto com essa ideia. “A consciência de si é o próprio ser do espírito em exercício”.

A experiência etnográfica da Terapia Artística conseguiu materializar para mim a teoria de Csordas (2008) onde em seu paradigma da corporeidade, apoiado em uma articulação entre a noção merleau-pontiana de “percepção” e a noção bourdiana de “habitus”, o corpo aparece simultaneamente como sujeito e base existencial da cultura. O corpo é compreendido, longe de ser a superfície passiva para expressão do texto cultural e da estrutura social, como sujeito de uma experiência significativa, sempre necessariamente cultural.

Isto porque para Merleau-Ponty o corpo é um “contexto em relação ao mundo”, e a consciência é o corpo se projetando no mundo. Para Bourdieu, o corpo socialmente informado é o “princípio gerador e unificador de todas as práticas”, e a consciência é uma forma de cálculo estratégico fundido com um sistema de potencialidades objetivas (CSORDAS, 2008, p. 105). Desta forma, o espaço corporal não é neutro, mas carregado de valores ou significações distintas que ele deixa transparecer, ou, mais precisamente, exprimir-se. O corpo é um campo expressivo, é o que projeta para fora as significações, dando-lhes um lugar no qual possam existir como coisas (CSORDAS, 2008).

Merleau-Ponty (1994) acredita que, a cada instante, no movimento da existência, está integrado ao mundo por meio de nosso corpo. Esta é a nossa condição: o corpo é o que desenha e faz viver um mundo. Não cabe dizer que esse pensamento separa da experiência que se tem do corpo e das coisas que o cercam. O pensamento se faz nas coisas, uma vez que pensar consiste em se reinstalar no ato de visão (MARTINS, 2011).

4.3. A cura do corpo na Eurytmia Curativa

Essa terapia foi a terceira da qual participei na Clínica Tobias. Para os interlocutores a Eurytmia Curativa pode ser considerada uma somatoterapia²⁹, guardando as devidas relações com as teorias de Rudolf Steiner. Para compreender a complexa concepção de corpo na Antroposofia, primeiro busquei informação nas leituras de livros e apostilas, traduzidas e produzidas por intelectuais orgânicos nesta ciência espiritual, e depois na observação participante nas práticas terapêuticas e entrevistas com os interlocutores da pesquisa, no período de três meses de 2012, na Clínica Tobias, em São Paulo.

As terapias corporais se caracterizam por um trabalho no corpo e com o corpo, e têm como fundamento a ideia de que os conflitos psicológicos se enraízam no corpo, expressando-se através de determinadas posturas, de tensões e espasmos

²⁹ Segundo o verbete de Somato, este seria o elemento de formação de palavras que exprime a ideia de corpo, soma.

musculares e de doenças somáticas. Disto decorre a crença de que não só é possível, mas necessário, trabalhar diretamente sobre o corpo para resolver queixas, problemas e doenças de ordem psicológica. Isto é, são terapias que partem do princípio de que o psicológico é corporal (RUSSO, 1991).

A Antroposofia compreende o corpo como trimembrado e quadrimembrado, a partir de uma recontextualização dos principais conceitos da alquimia, desenvolvida a partir de um entendimento *mitopoiético* das formas da natureza, por meio da fenomenologia de Goethe. Há também uma concepção esotérica do corpo de acordo com a cosmologia antroposófica, que será abordada no capítulo cinco, quando descreverei a relação entre a cura, os anjos e os demônios que constituem o corpo.

Na Eurytmia Curativa o aprimoramento dos movimentos favorece uma experiência corporificada de valores, e assim possuiria, em parte, uma função de educação estética para a *Bildung* dos indivíduos. Esta experiência estética possibilitaria uma potencialização na ampliação da sensibilidade moral, ou seja, uma “educação ético-estética” (HERMANN, 2008, p.26 apud MOLLMANN, 2010). Uma experiência corporificada, “uma nova *Bildung*: a *Bildung* do corpo” (MALUF, 2002, p. 148) e por meio dele e nele que se construiria uma outra pessoa.

4.3.1. A experiência do corpo

Este foi o trabalho terapêutico na Clínica Tobias, em que a palavra-conceito *Bildung* mais apareceu, principalmente nas conversas com a terapeuta Elizabete. Esse fato pode estar associado a língua na qual ocorre a formação do terapeuta, facilitando ou dificultando o acesso a compreensão e utilização desta palavra-conceito, como no caso desta terapeuta que descreverei a seguir.

Elizabete é brasileira, oriunda de uma família espírita de classe média paulistana, que por influência dos pais decidiu participar intensamente da Teosofia. Seu primeiro contato com a Antroposofia se deu primeiro por meio dos livros de medicina antroposófica, e, mais tarde, quando foi acometida por um câncer de parótida. Foi levada então por uma amiga até a Clínica Tobias, onde iniciou um

tratamento com o Dr. Kaliks que prescreveu o visco³⁰, medicamento antroposófico destinado ao tratamento do câncer. Entre as sessões de terapias com o Iscador, nome do medicamento elaborado a partir do visco, Elizabete foi orientada a fazer a Eurytmia Curativa como acompanhamento do tratamento. Como no Brasil não havia ainda uma grande oferta de terapeutas antroposóficos da Eurytmia Curativa ela partiu para a Suíça para fazer a formação de terapeuta e concomitante o seu tratamento.

Apesar de dominar o inglês como resultado de sua primeira formação, no curso de letras, ela precisou de muita aplicação para aprender a língua alemã, enfrentando muitas dificuldades de adaptação na Suíça. As dificuldades estavam, principalmente, nas várias exigências feitas pela instituição antroposófica suíça para aceitá-la como aluna nos cursos de formação da Eurytmia Curativa. Segundo a interlocutora, não bastava você desejar ingressar em um dos cursos de formação, é necessário que ocorresse a sua aceitação, confirmando a sua potencialidade para executar determinada terapia. Assim, eram examinados não apenas as habilidades linguísticas e corporais, mas também as questões espirituais.

Desta forma, ela foi recusada algumas vezes, cada uma por um motivo diferente, até, finalmente, ser aceita no curso de formação em Dornach. Ter sua formação realizada em Dornach significa uma distinção entre os demais terapeutas antroposóficos, isso porque a formação realizada no Brasil, ao menos dos cursos oferecidos para as terapias, é diferente dos objetivos oferecido na Europa, sendo considerado que as melhores formações eram as realizadas na língua germânica, na Suíça, Alemanha ou Áustria.

Foi muito interessante perceber que quando a Elizabete relatava o esforço necessário para conquistar a cura e ao mesmo tempo a sua formação, que havia uma conexão bastante significativa entre ambas, além da clara ostentação de seus esforços. Em sua narrativa, por vezes eu tive a sensação de que o seu processo de

³⁰ O visco é encontrado em carvalhos e, embora existam algumas espécies da planta na América do Norte, geralmente apenas as variedades encontradas na Europa e na Ásia são usadas no tratamento do câncer. Fabricantes farmacêuticos como a Weleda produziram o remédio ao processar galhos, folhas e frutos da árvore. No entanto, o visco pode ser venenoso se for ingerido em grandes quantidades. A marca mais popular de medicamento de visco é chamada Iscador, que é feita pela Weleda. Os efeitos colaterais mais comuns são sintomas semelhantes aos da febre, pois a planta aumenta a temperatura corporal naturalmente.

cura não se tratava exatamente de curar a doença, produzida por ela mesma, segundo a terapeuta, mas, de estar curada de uma forma mais ampla, ao ponto dela de não mais reproduzir o câncer em outra parte do corpo.

Minha formação foi minha cura. O estudo da eurtímia me formou como pessoa. Eu precisava daquilo, um remédio, um remédio assim mais sintomático, mas também para eu me curar como ‘ser’, como pessoa. Uma pessoa que não vai mais fazer um tumor. Não tenho mais essa psiquê, que forma encistamento, que vai endurecendo, que vai fazendo tumores, eu mudei, sou outra pessoa. Eu ainda tenho muitas outras tendências patológicas, mas essa eu consegui tirar da minha vida (...) o mundo é como ele é, eu não vou mudar o mundo eu tenho que mudar a mim, eu me transformo. (Elizabeth)

A doença abarca, neste relato, um aspecto metafórico: ela é a representação ou a inscrição sobre o corpo dos problemas de ordem subjetiva, da personalidade do indivíduo ou de sua maneira de ser e de ver o mundo. “O corpo “fala”, ele é signo e, como tal, pode ser lido, observado, ouvido e interpretado” (MALUF, 2005, 105). Para usar uma expressão de Frank (1993, p.22,), a doença e o corpo são tomados como “produtores de verdade”. O trabalho terapêutico realizado acaba assim deslocando gradualmente o foco da doença ou da perturbação que moveu o indivíduo a procurar um terapeuta ou uma vivência espiritual para a pessoa como todas suas escolhas, estilo e projeto de vida (MALUF, 2005). No caso da Elisabete, a doença se tornou o impulso para sua formação, uma formação compreendida por ela como maior, mais complexa do que aprender as técnicas da Eurtímia Curativa, como uma possível *Bildung*, em que ambas, a doença e a formação possibilitaram para Elisabete.

Para a Elisabete a Eurtímia Curativa, assim como em outras terapias alternativas, compreendem que a doença e o sofrimento³¹ físico como a manifestação

³¹ A noção de “perturbação” de Duarte (1994) surge de forma contundente na fala da terapeuta da Eurtímia Curativa. A associação entre o estado físico e o estado moral do paciente evoca a imbricação entre o nível físico, corporal.

de um mal espiritual de fundo. A antropósofa acreditava que a doença, nestas experiências terapêuticas, exprime uma *personalidade individual*, e, de certa maneira, é o próprio indivíduo o responsável por seu mal, de forma muito semelhante ao pensamento de outras terapias alternativas, conforme Maluf (2005). Elizabete, assim como todos os românticos, acredita que para curar, *é o ser inteiro que deve mudar, a doença é a ocasião para que isso aconteça*.

Doença cada um tem a sua, e ela vai te conduzir para sua cura, porque o sintoma é só uma manifestação de uma doença que você tem, você curando isso, você se cura. Cura aquilo que você tem que aparece como asma que é uma patologia anímica, uma forma de ser que se expressa nessa doença, para você se transformar e ser uma pessoa diferente. Eu senti muito que isso estava no meu destino, e que foi um caminho de vida. Eu sou muito grata a minha doença, embora ela tenha assustado muito a mim e a minha família. Mas eu percebi que quando eu vinha até a Clínica e tomava o Iscador, sentia por um momento que eu atravessava um limiar, por um instante, eu podia ver o mundo espiritual, apesar de não ver nada, era tudo uma grande escuridão, eu sentia aquilo como uma coisa muito especial (...) depois de algumas vezes eu me via em baixo de um túnel e a luz vinha de cima, e conforme o tratamento ia passando eu ficava mais perto da luz, cada vez o buraco de luz era maior como seu estivesse saindo de um poço. E aí eu disse – eu achei o meu lugar, eu não havia achado no espiritismo, nem na Teosofia, embora eu não estivesse buscando uma religião. (Elizabete)

A experiência da doença, do sofrimento³², e, principalmente, o esforço individual na busca é o que valoriza a auto cura na Antroposofia. É como se a vontade individual fosse investida do poder de criar doenças, assim como é também o

³² Novamente podemos lançar mão da noção de “perturbação” de Duarte (1994), como uma experiência físico-moral que escapa às racionalidades biomédica e psicológica, efetivamente ligada a qualidade físico-moral que “evoca a necessária e entranhada imbricação, correlação entre o nível físico, corporal, da experiência humana”.

disciplinador esforço do desejo pessoal de curar a doença. Essa responsabilidade do indivíduo em relação à sua doença e à sua saúde aparece claramente na literatura de *selfhelp* largamente difundida no Brasil nos últimos anos (MALUF, 2005), mas no trabalho terapêutico antropológico havia uma sensação de que essa implicação liberal de responsabilizar a pessoa por sua doença, estava destinada a outra expectativa daquele indivíduo. Na Eúritmia Curativa, apesar do seu foco ser no trabalho terapêutico do corpo, essa terapia almejava uma cura além do corpo, uma cura maior.

Para explicitar melhor essa sensação observada, descreverei nas próximas páginas minha experiência pessoal nas sessões de Eúritmia Curativa. Para realizar a terapia, principalmente com esta interlocutora que fazia essa exigência, eu precisava de uma doença para realizar o trabalho terapêutico com mais veracidade, então continuei utilizando a asma como mote. A Eúritmia Curativa foi a terceira terapia em que eu me envolvi no percurso etnográfico da pesquisa e, mesmo já estando habituada a clínica, o acesso a esta terapia cruzou um percurso diferente das demais, que se mostraram de mais fácil acesso.

No início, comecei frequentando um grupo de mulheres que praticavam a eúritmia higienizadora, uma modalidade diferente da curativa, mais barata, uma vez que precisei pagar por todas as terapias mesmo explicando meu interesse de pesquisadora. Comecei por esse grupo porque pensei, equivocadamente, que participar do grupo me ajudaria a compreender, por meio das falas dos participantes, a Eúritmia. Contudo, não consegui estabelecer nenhuma relação pessoal a ponto de ter um colaborador para a pesquisa. Isso provavelmente aconteceu porque a terapia grupal era rápida e acontecia antes da entrada das pessoas no trabalho. O tempo escasso em uma cidade como São Paulo atrapalha a aproximação paulatina com o interlocutor participante de terapias matinais. Um outro fator, muito mais relevante, foram as minhas ausências nas sessões matinais, que começavam às sete horas da manhã.

O horário e as minhas ausências foram o primeiro e maior obstáculo para entrar e ser aceita, no grupo e, especialmente pela terapeuta. Quando eu conseguia comparecer, percebia uma aproximação da Elizabete, e quando eu me ausentava ela se distanciava e se esquivava de responder questões e de me fornecer uma entrevista

para a pesquisa. Depois compreendi que aproximação da terapeuta em dias que eu me empenhava em comparecer, tinha uma relação de recompensa pelo esforço, em compensação, nos dias em que eu me ausentava pairava no ar, uma desconfiança sobre o meu valor enquanto pesquisadora. Minha inconstância era vista como uma forma de ausência de comprometimento com o ato de pesquisar sobre a Antroposofia. Entendi, então, que para aquela interlocutora era necessário que eu merecesse ter acesso a ela e a Antroposofia.

Todavia, minha investigação era vista como algo inofensivo, o descrédito na racionalidade acadêmica era tal que, por mais que me esforçasse a terapeuta acreditava que eu não compreenderia o que era de fato a Antroposofia e, conseqüentemente, o significado da cura. Para ela a minha única saída para essa situação, seria a de vivenciar as experiências para compreender, com profundidade necessária, esta ciência espiritual. A minha origem acadêmica, neurosensorial, e cerebral, me incapacitava de captar *a verdade*. Nesta situação, compreendi que a minha pesquisa, além de não ser capaz de oferecer qualquer risco a estabilidade da Antroposofia, havia se estabelecido em um terreno de disputa, movediço, totalmente desfavorável a minha inserção para a realização do estudo. Então, acrescentei em minha primeira anamnese o meu desejo de realizar uma *Bildung* durante o percurso etnografia, ignorando os riscos do que isso podia significar.

A partir deste fato e ao reconhecer minhas limitações pessoais em relação aos horários, a terapeuta sugeriu que fizesse sessões particulares de Eurytmia Curativa, mais caras e mais longas, mas com o preço passível de negociação. Aceitei então a proposta porque isso possibilitaria estreitar os laços com a terapeuta. No primeiro dia ela pediu que eu caminhasse livremente pela grande sala onde seu consultório estava instalado. E quando eu caminhei de meias, pois não tinha sapatilhas adequadas para o trabalho terapêutico, fiquei um pouco constrangida por ser observada. Foi então que a terapeuta interrompeu o inquietante silêncio dizendo: *veio a minha cabeça a seguinte frase para que você exercite - eu sigo meu caminho com força e coragem - para isso você deve falar uma palavra para cada passo, primeiramente caminhando para a frente e depois caminhando de traz para frente, falando a frase ao contrário.*

No momento eu não soube precisar exatamente o que mais me incomodava, ser era o fato de ter sido chamada de fraca e covarde, revelado pelo meu modo de andar, ou, ter que falar frases e andar de traz para a frente. Ter o corpo como fonte fundamental de “diagnóstico”, tanto corporal quanto espiritual, era constrangedor porque parecia haver uma investigação sobre a minha moral. Lembrei novamente dos textos de Sonia Maluf (2005) onde procuram esclarece que nestas terapias é comum que o corpo seja observado, decifrado, lido como um texto, pois é o fundo espiritual do mal-estar, do sofrimento e mesmo da doença que é procurado. Nessas anamneses da medicina romântica, o terapeuta não busca os sinais de uma doença, mas os signos dos distúrbios e desequilíbrios de seu paciente. A leitura corporal pode ser comparada também a um olhar anatômico sobre o corpo, como na clínica discutida por Foucault (1963). Aqui, no entanto, não se busca uma topografia fisiológica, mas uma espécie de taxonomia das personalidades individuais. O terapeuta não quer encontrar a doença nem o órgão doente, mas a pessoa.

E é claro que não foi da primeira vez que eu consegui associar a fala à ação dos pés, muito menos falar e andar de traz para frente. Na primeira vez que fiz o exercício, a terapeuta me fez perceber que minhas palavras vinham antes da minha ação, e que conseguir essa sincronicidade me faria muito bem, eu conseguiria, por exemplo, falar menos e fazer mais. Então, levei semanas, treinei horas para subir no palco e apresentar um pouco mais de “força e coragem” no meu caminhar. Digo palco porque na verdade, a grande sala deste trabalho terapêutico era a parte de traz do palco situado na recepção da clínica. O espaço era então, mais ou menos, um pequeno palco coberto por um grande tapete envelhecido que revestia quase toda a extensão. Um consultório com pouca mobília, apenas uma mesa e um sofá divã, e um quadro com a cosmologia da evolução planetária da humanidade.

O ato da Elizabete ter tido a ideia de uma frase, com a qual eu deveria me exercitar, teria, segundo a Antroposofia, sua origem no mundo espiritual. Assim também todas as outras ideias, conceitos e teorias elaboradas pelo pensamento intelectual racional teriam sido sopradas nos ouvidos por espíritos que desejam colaborar com o nosso desenvolvimento. Até então, nenhum outro terapeuta havia expresso algo vindo do mundo espiritual. Não sendo o bastante, houve um momento

em que a terapeuta comentou que *era capaz de saber qual doença determinada pessoa teria ou tem, apenas ao observar o seu caminhar*.

É claro que minha natureza curiosa desejou muito saber sobre o meu caminhar e minhas futuras doenças, mas não ousei perguntar temendo que a terapeuta possuísse mesmo esse poder, e que pudesse revelar algo que eu não estivesse pronta para ouvir. Por enquanto bastava a minha asma e o gosto amargo na boca, por saber que a terapeuta agiu assim, muito provavelmente, porque viu algo em meu andar e desejava falar sobre isso comigo, mas, agarrada como um náufrago na racionalidade das teorias antropológicas de Mauss, sobre o efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade, eu não perguntei o que ela havia visto. Contudo, acredito que esse episódio tenha acionado em mim, uma predisposição de que a cura era legítima e possível, em decorrência dos poderes superiores da terapeuta.

Para a asma, foram então receitados os exercícios de determinados fonemas para harmonizar os quatro corpos e outros fonemas para solucionar diretamente as queixas da doença. Os movimentos eram suaves, mas que carregam consigo uma precisão que permita exercitar certo disciplinamento do corpo. A terapeuta, apesar de uma pessoa pequena e de fala tranquila, deixava transparecer esse desejo de disciplinamento físico e moral, uma vez que os movimentos dos fonemas eram representados por formas e movimentos da natureza, tendo como pano de fundo o ritmado recitar de poemas de Goethe enaltecendo a beleza da natureza, e do *belo* que *é bom*, assim como para os gregos. Segundo as palavras da terapeuta: *você está falando com o corpo (...) nas vogais é a alma falando e as consoantes é você dialogando com a natureza, com o mundo, com o vento, com o fogo*.

Fui então, orientada a praticar diariamente, nunca em espaços abertos para que os sons que estou enviando com os movimentos dos fonemas não se dissipassem com o vento e assim chegassem até o cosmo que retribuiria, retornando no período da noite, fortalecendo meu corpo astral. Ao me dedicar a essas práticas, diariamente, percebia que estava se iniciando um processo de subjetivação, pois conseguia demonstrar para ela que cumpriria o contrato terapêutico. Esse contrato terapêutico era considerado de extrema relevância entre os terapeutas alternativos, e isso não

exclui os antropósofos, e funcionaria como uma forma de testar o grau de comprometimento de seus pacientes. O comprometimento, seja com a terapia, seja com o trabalho ou a vida, é visto na Antroposofia como uma qualidade intrínseca das pessoas que possuem coragem para trilhar sua *Bildung*.

No princípio tentei fazer sem esforço, com pouca disciplina, mas a cada dia tornava-se mais constrangedor não conseguir efetuar com precisão os movimentos. Até porque a não execução correta de uma vogal do tipo “O”, se não fosse realizada dentro do estabelecido, denunciava alguns traços negativos na minha moral. Quando eu errava o formato desta vogal, ovalando mais do que o prescrito, a terapeuta me perguntava: *você é muito egoísta?* E por mais que você seja egoísta, ninguém gosta de ser chamado de egoísta, afinal, ser egoísta não é belo e não é bom. Era como se houvesse uma palmatória moral invisível corrigindo meu corpo, meu esforço e a minha moral.

Então, apesar de não haver nenhuma cobrança verbal da terapeuta que me afetasse ao ponto de desenvolver em mim um sentimento de maior esforço, a postura firme da terapeuta durante a performance era o suficiente para me pôr a prova, e funcionava como um exame da minha disciplina, onde eu deveria aprender a utilizar o meu corpo como órgão de percepção para o além da racionalidade, talvez algo mais próximo a uma percepção estética. O ritual deste trabalho terapêutico consistia em reproduzir insistentemente, todas as semanas, os movimentos das vogais e das consoantes, sempre iniciados os trabalhos com o caminhar e o recitar da frase destinada a mim. Algumas vezes eram introduzidas atividades com os bastões de cobre. Em um tipo de brincadeira rítmica a terapeuta solicitava um ritmo acelerado de troca dos bastões enquanto recitava uma poesia. O contato com o frio do metal ia sendo substituído aos poucos por uma sensação de calor que invadia o corpo.

Assim, aos poucos, parei de resistir e comecei a me sentir mais fortalecida fisicamente que o habitual. Essa disposição física era alimentada não sei exatamente se, pelo desafio, ou, como resultado de uma possível eficácia da terapia. Principalmente os exercícios voltados para a asma resultaram em grande estabilidade pulmonar. Aos poucos foi ocorrendo uma transformação dos movimentos, antes desajeitados, foram se tornando um hábito diário e assim aprimorados, tornando

prazeroso fazer os movimentos que não apresentavam muita variação. E quanto mais eu conseguia êxito, mas êxito eu desejava. Conseguir o reconhecimento da terapeuta representou um resultado que passou a ser mais importante que o próprio resultado expresso na asma.

A Elizabete foi, entre os terapeutas da Clínica Tobias, a que mais compartilhou de sua espiritualidade nos trabalhos terapêuticos. No final do período destinado a etnografia da Eurytmia Curativa, a terapeuta recomendou que eu continuasse a fazer os exercícios, mas que eu tivesse a clareza de que era necessário muito mais sessões para resolver completamente a asma. Lembrou-me também que eu nunca deveria praticar a Eurytmia Curativa quando estivesse com febre ou grávida. Ela fez questão de deixar claro que para ela a formação funcionou como cura, e a doença promoveu essa *Bildung* na busca pela cura.

Conviver com a Elisabete durante a terapia possibilitou ampliar minha concepção de *Bildung*, pois ela conduzia a terapia como uma *Bildung* e exatamente conforme ela havia aprendido na convivência com a cultura germânica. A *Bildung* significava um comportamento comprometido com a pontualidade e a disciplina para aqueles que almejam a cura. Achei então, em minha soberba, que havia atingido o desejado com o meu esforço pessoal, mas, esqueci por um momento de desconfiar que, apesar da terapeuta ter realizado sua formação na Suíça, e ter me conduzido por uma *Bildung* possível dentro do trabalho terapêutico, essa *Bildung* proposta no contrato terapêutico provavelmente apresentava aspectos de adaptação ao Brasil.

Penso então, será que só é possível uma *Bildung* entre os germânicos? A *Bildung* que acontece lá não é a que acontece aqui, mas quais são as diferenças? Que tipo de *Bildung* os terapeutas antroposóficos oferecem aos seus pacientes brasileiros? A adaptação da *Bildung* pode interferir no resultado final dos trabalhos terapêuticos realizados na Clínica Tobias.

4.3.2. *Bildung* e a corporeidade

Para estabelecer uma conexão entre *Bildung* e a experiência corpórea é preciso compreender o corpo como uma obra de arte plástica, passível de ser remodelada por dentro e por fora. O corpo estético, belo e bom, dentro do contexto da *Bildung*, está relacionado ao corpo grego que servia de modelo de uma humanidade superior. Essa busca da imagem de uma humanidade como modelo, seria, fundamentalmente, a emergente da “bela forma”. Essa “bela forma” seria uma “nobre simplicidade e uma grandeza serena” tanto na atitude como na expressão, assim como a expressão nas figuras gregas, com suas almas magnânimas e ponderadas (WINCKLEMAN, 1975, p. 53).

Assim, era possível ser no trabalho terapêutico como um escultor da própria matéria, a *Bildung* seria a arte de esculpir esse ser humano. Nos romances de formação de Goethe, o personagem Fausto, caracteriza a *Bildung* como uma espécie de “escultura de si em contato com o mundo e com a vida e vice-versa, pois a formação e a iniciação interessam mais do que a informação no sentido tradicional do termo” (ARAÚJO, 2009, p. 16).

Após essa breve explicação da *Bildung* como experiência corpórea, começarei a apresentar a concepção de corpo dentro da Antroposofia.

4.3.3. O corpo trimembrado e quadrimembrado

Para os interlocutores, a trimembração do corpo está expressa para os antropósofos e também para os alquimistas, em todas as coisas e processos naturais que podem ser representados por esse tríptico movimento – salinização, sulfurização e mercurialização. Steiner, em suas obras, cita repetidamente a antiga tríade alquímica, a qual o ocultista romântico do século XVIII, Saint-Martin, faz reviver em seus escritos: sal (tudo que coagula e endurece), sulphur (tudo que tende à dissolução) e mercúrio (o equilíbrio entre as duas polaridades). Assim como Steiner, os interlocutores procuram ver em tudo a natureza como tríptico – corpo, alma e

espírito - mundo físico, mundo anímico e mundo espiritual - cabeça, tórax e abdome-
membros - pensar, sentir e desejar - consciência, semiconsciência e inconsciência. E
por último, a polaridade do bem-mal se resolve a partir de uma trindade teológica:
ahrimânico (sal) – crístico (mercurial) – luciférico (sulphur) que será abordado mais
detalhadamente no capítulo cinco.

Essa dinâmica ternária é considerada pelos antropósofos com uma resolução
do binário polar criticado na visão dual utilizada nas religiões convencionais, como a
ideia de céu e inferno. A introdução do elemento do meio resolveria o conflito do
oposto-complementares, ou seja, o elemento mercurial, que pode ser a alma ou o
espírito, mas sempre representando o cristo. Nessa tríade – sal, mercúrio e enxofre –
a polaridade arquetípica de todas as coisas (contração/expansão) é resolvida por um
terceiro elemento que as harmoniza, as equilibra – o mercurial. (MORAES, 2007,
p.54).

Assim, para os interlocutores o corpo, em relação ao espírito, pode ser sal,
considerando que é matéria, mas também pode ser, mudando-se o contexto, enxofre,
considerando que é inconsciente em relação ao espírito. Este último pode ser em certo
contexto, sal e, em outro enxofre. Somente a alma, em sua posição intermediária, será
sempre mercurial. Os românticos, como Goethe, concebiam, por herança dos
alquimistas, a noção de *mittler*, o elo que liga as duas polaridades e resolve o conflito.
O *mittler*, o intermediário entre essas duas polaridades fundamentais, o meio entre
espírito e matéria, entre espírito e natural-biológico, é a alma.

Os antropósofos utilizam também uma outra nomenclatura ternária para abordar
o sistema neurossensorial, concentrado principalmente na região da cabeça, mas
também distribuído por todo o corpo, que está a serviço da consciência do mundo que
o cerca, responsável pela percepção racional, mas que em desequilíbrio se
manifestaria em alguém que tende mais ao pensamento lógico extremamente racional
e as percepções sensoriais voltadas mais para os prazeres físicos. Meus
interlocutores me chamavam de “neurossensorial” sempre que queriam rir de mim³³.
Esse rótulo veio primeiro por eu ser acadêmica, depois por apresentar uma aparência

³³ Alguns interlocutores também me apelidaram carinhosamente de Mephisto, nome da criatura
demoníaca encarregada de seduzir o personagem Fausto na clássica obra de Goethe. No apelido havia
uma preocupação destes interlocutores com as revelações sobre a vida antroposófica que seriam
expostos nesta pesquisa.

física que denunciava um dos meus principais prazeres sensoriais, a comida. Para eles, o ideal seria equilibrar o pensar, o sentir e o agir. Eu fui orientada diversas vezes, nas consultas médicas e nos trabalhos terapêuticos, mas principalmente na Eurytmia Curativa e na Suíça, a procurar uma ampliação do meu controle pessoal, modificando meus hábitos alimentares e minha frequência nas atividades físicas.

Continuando essa trimembração do organismo, há ainda o sistema rítmico, cujo centro funcional se encontra na região torácica, onde a característica das funções pulmonares e do coração é o ritmo, também presente nos ritmos de outras funções biológicas, fora da cavidade torácica, responsável pelos sentimentos. O sistema metabólico agrupa todos os processos metabólicos, base para o sustento, regeneração e movimento do organismo, cujos órgãos principais se concentram na cavidade abdominal e extremidades. Durante a pesquisa foram prescritos medicamentos que estimulassem meu sistema metabólico na tentativa de ativar o agir dentro de mim.

Na quadrimembração surge outra forma analógica de ver da Antroposofia, através da qual os fenômenos são compreendidos a partir de uma referência básica, arquetípica: a dos quatro elementos empedocleanos – terra, água, ar e fogo. Terra seria um qualificativo que evocaria solidez, peso, substância, densidade. Água evocaria fluidez, vitalidade, a seiva, os líquidos vivos, metabolismo inconsciente. Ar evocaria movimento, animação, inquietude, excitabilidade. Fogo evocaria energia, mais movimento, luz, consciência, dissolução ou fusão (MORAES, 2007). Assim, a Antroposofia relaciona cada um dos elementos empedocleanos com seu conjunto de caracteres, a uma, entre quatro, dimensão somato-psíquica humana e a um reino natural: Terra – corpo físico- reino mineral; Água – corpo vital ou etérico- reino vegetal; Ar – corpo anímico ou astral- reino animal; Fogo – “Eu”, autoconsciência – reino humano.

A quadrimembração, segundo os interlocutores, concebe o ser humano constituído por quatro corpos ou organizações, como se tem preferido denominar na medicina antroposófica: a organização física, que representa a estrutura de base mineral, sensível do organismo humano, responsável pela tendência de se entregar às leis físicas da natureza; a organização etérica ou vital, que responde pelos fenômenos vitais humanos como crescimento, reprodução, formação orgânica, e por

uma tendência que evita a degradação do organismo humano; a organização anímica ou astral, que introduz na entidade humana a criação de um microuniverso, delimitado em relação a toda natureza, com capacidade de percepção e de interação com o todo; a organização do Eu, que agrega às qualidades anteriores a autoconsciência, a capacidade de, além de perceber o mundo, perceber a si mesmo, e não apenas interagir, mas agir com autonomia

Na quadrimembração as situações patológicas estão nas metamorfoses de cada uma destas organizações, como no desgaste da organização vital, o excesso da organização anímica, o afastamento da organização do Eu. Na trimembração o adoecimento seria a contração ou a expansão destes princípios morfológicos, uns sobre os outros, podendo ser classificados em dois grandes grupos: a inflamação, quando ocorre uma invasão do metabólico sobre o neurosensorial; e a esclerose, que resulta do processo inverso, isto é, o princípio neurosensorial prevalecendo sobre o metabólico (LUZ e WENCESLAU, 2012).

No corpo físico há ainda os quatro organismos físicos: o sólido, o líquido, o gasoso e o térmico. O organismo sólido é tudo que é palpável e que tem consistência. O organismo líquido é o teor dos líquidos orgânicos e pode ser avaliado pelo estado de hidratação da pessoa, por sua salivagem, por sua lacrimagem, sudorese e diurese. O organismo líquido revela como está o *corpo vital-etérico* afinado ao *corpo físico*. O organismo gasoso pode ser avaliado pelo timpanismo do abdome, pela presença maior ou menor de flatulência e pela respiração principalmente. O organismo gasoso revela como está o *corpo astral* afinado ao *corpo físico* – a vida sensual-emocional exterioriza-se através da respiração. O organismo térmico pode ser avaliado ao se aferir a temperatura da pessoa, sua cabeça e membros. O organismo térmico revela como o *Eu* está afinado ao *corpo físico*. O organismo aquoso vincula-se ao sistema renal-genital e ao sistema cardiocirculatório.

4.3.4. A Eúritmia Curativa: uma metamorfose da Eúritmia Artística

A Eúritmia Curativa é uma metamorfose da eúritmia artística. Esta arte do movimento teve seu início em 1912, mas a eúritmia já existia como palavra desde a época clássica, (em grego) – eurythmia εὐρυθμικής), ela foi definida 440 a.C. como o equilíbrio de forças atuantes no corpo humano; eu (εγώ) mais rhythmos (ρυθμικής) = ritmo equilibrado, belo e harmonioso. Para os antropósofos, é na Grécia antiga que se constatou a origem de duas formas artísticas fundamentais para a eúritmia: a Apolínica e a Dionisiaca. Segundo eles, a primeira tem um carácter objetivo, é clara e transparente; a segunda é subjetiva e jorra das profundidades da natureza volitiva do homem.

Na eúritmia artística, o homem expressaria pelos movimentos as leis interiores do som e do tom, elaboradas pela Antroposofia. Ela pode ser entendida como uma formação estética tanto do terapeuta quanto do paciente, no formato de terapia. Na prática artística, os movimentos se transformam em movimentos corporais de sons, ritmos e formas, estimulando e harmonizando o funcionamento físico, emocional e espiritual. Segundo os antropósofos, a arte da eúritmia torna visível tanto a palavra falada como a música, através de movimentos executados pelo corpo, como instrumento. Para eles, a palavra tem perdido sua riqueza, pois “sabemos que a palavra pode ter muita força; a sua agudez pode ferir, a sua suavidade pode confortar ou expressar simpatia. Há leis concretas que regulam a linguagem falada” (AMA, 2015, p.10).

Para além do ritmo e da ênfase de uma frase, e da sua construção gramatical, as vogais se expressam, para os artistas e terapeutas, nos atributos sonoros e na qualidade do sentir. “Qualquer um de nós sabe que quando se magoa, expressa a sua dor com “au” ou “ai” e quando canta, o faz utilizando as vogais. As consoantes são, na sua essência, formativas; emprestam, por assim dizer, contorno às palavras” (AMA, 2015, p.11).

A vogal ‘A’ como uma árvore, que expressa admiração e espanto; em eúritmia, traduz-se por um movimento de abertura dos braços. O ‘I’,

por exemplo, como um “brilho”, traduz-se por um movimento de esticar um braço que dirige-se para as alturas, enquanto o outro para as profundezas. A vogal ‘O’ como em Amor, traduz-se por um movimento dos braços que se fecha, que abraça, que forma um círculo fechado (AMA, 2015, p.11).

Na poesia, mais ainda que na prosa, a linguagem é elevada a sua maior expressão artística. Não só o conteúdo e as palavras são importantes, como também elementos como o ritmo, a rima, a cadência. Através da euritmia, os sons, o ritmo e a atmosfera de um poema poderiam tornar-se visíveis. O euritmista combina os gestos de cada som com liberdade artística de expressão. E aspectos líricos, dramáticos ou épicos são concretizados de modo diferente, bem como os humorísticos.

A euritmia, tal como todas as artes, não tem um carácter arbitrário, e está baseada em uma disciplina complexa. Formas e movimentos básicos têm de ser praticados e aprendidos, e só após anos de intenso trabalho o euritmista pode chegar a uma interpretação artística de um poema ou de algo em prosa: “o corpo humano tem de ser transformado, por assim dizer, em um instrumento flexível para esta nova arte” (AMA, 2015, p.12). Como arte, a euritmia torna visível a linguagem poética, musical e a prosa. Ao falarmos, por exemplo, modelaríamos o ar com os nossos órgãos da fala – laringe, boca, lábios. Assim, na linguagem poética existiriam vários aspectos que poderiam ser exprimidos além da palavra falada – o ritmo, o sentimento, as imagens, atmosfera, o conteúdo específico expressado pelo poeta ou pelo compositor (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009).

De acordo com AMA (2015), assim é também com a música instrumental. Rudolf Steiner criou movimentos específicos para as notas musicais, os intervalos, acordes, modos maior ou menor, e deu indicações para a expressão de ritmo, melodia e harmonia. Em todos os gestos, a ênfase é posta no movimento dinâmico em si e não na posição final dos braços, e esta pode ser, segundo os euritmista, uma base para a distinção entre a euritmia e outras formas artísticas de movimento.

Nos espetáculos de euritmia, a cor das vestes, os efeitos luminosos ou a qualidade da declamação dos poemas ou da interpretação musical, têm um papel importantíssimo na criação da atmosfera anímica pretendida. Segundo a Antroposofia,

a euritmia devolve à música e à palavra o seu espírito intrínseco, a arte eurítmica, tal como foi concebida por Steiner, seria uma criação espiritual que conduziria o ser humano, onde o corpo serviria como instrumento. As forças e as formas se manifestariam nas movimentações encontradas por todo o universo e na natureza, mas que se ocultam aos sentidos físicos, já que pertencem ao mundo etérico no qual o criador do “verbo” se manifesta (AMA, 2015).

A Eritmia Curativa como trabalho terapêutico é considerada complementar ao tratamento médico. Nesta prática os fonemas ou sequências de fonemas que foram determinados como medida terapêutica de acordo com o diagnóstico precisam ser repetidos diversas vezes. O valor curativo reside na intensificação de cada fonema e na frequente repetição do mesmo exercício. O mesmo exercício deve ser praticado durante dias, semanas, meses, e até mesmo anos (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009) é há grande contentamento do terapeuta quando o paciente adere de forma definitiva aos movimentos, transformando-os em um hábito.

A Eritmia Curativa pelo seu efeito abrangente pode ser utilizada em diferentes tipos de patologias: orgânicas, neurológicas, posturais, musculares e psiquiátricas: por exemplo, nas disfunções de um órgão, na asma, na depressão, no stress, nas tensões musculares, em casos de reumatismo, na artrite, em enxaquecas, e também na pediatria, como nos distúrbios de desenvolvimento da motricidade, dificuldades de aprendizagem, de concentração e de orientação espacial, enureses noturnas, crianças hipercinéticas, correção da postura e distúrbios do sono (AMA, 2015).

A literatura antropológica distingue os movimentos voluntários dos involuntários. Os movimentos involuntários aconteceriam de modo diferente porque eles são considerados de natureza cósmica. Os movimentos involuntários se subtrairiam à nossa vivência consciente e, desta forma, ao nosso arbítrio. Eles nos situariam em outro mundo de movimentos, o mundo etérico. Este mundo de movimentos que atuam nas forças que emanam da periferia para dentro, não vive na gravidade e sim no empuxo. Estes movimentos cósmicos não são vistos, no entanto, é imaginável reconhecê-los em seus efeitos nos fluxos hídricos, na circulação sanguínea e em todos os movimentos de nossos órgãos internos (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009). Nas palavras da autora e euritmista:

Os impulsos dos movimentos das vogais, por meio das quais o ser humano expressa a si mesmo, provem do mundo onde nosso corpo astral tem moradia. Os mundos astrais, de onde as vogais ressoam até nós, encontram sua expressão visível nas estrelas que reluzem na escuridão do céu noturno. Elas são janelas através das quais as forças cósmicas fluem para além do espaço e do tempo até nós; estas são as forças de invaginação. Na embriologia, as forças da invaginação são conhecidas da gastrulação. Estas forças de invaginação dos mundos astrais são aquelas que fluem para dentro do nosso mundo físico e etérico, criando um interior que se contrapõe a um exterior. Nossa alma vive no ritmo deste mundo estelar interior e exterior, este ritmo surge apenas quando um mundo exterior e um mundo interior se unem (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009, p.55)

Segundo Kirchner-Bockholt (2009), no organismo sadio, os movimentos cósmicos seriam refletidos de maneira saudável e harmoniosa, tal como acontece na euritmia artística, por isso, ela apresentaria um efeito curativo no expectador. No paciente, o organismo doente apresenta distúrbios, podendo tornar os movimentos incontroláveis destorcidos, deformados, enrijecidos ou agitados. A euritmista curativa é o intermediário entre os movimentos perturbados de um organismo doente e os movimentos do universo, primordialmente sadios e curativos, além de plasmar no próprio corpo etérico os gestos dos fonemas primordiais, para assim trabalhar nos movimentos doentes do paciente.

Os antropósofos culpam o processo civilizatório, pois devido às técnicas de locomoção e à mecanização nas diversas áreas de trabalho haveria o perigo dos movimentos naturais sofrerem uma ruptura, os movimentos ficariam pobres, não serviriam mais para expressar a vida interior. Um movimento mecânico, muitas vezes repetido junto a uma máquina, poderia reprimir o fluxo dos movimentos permeados de elementos anímicos e espirituais. Assim os gestos modificados pelo manuseio de máquinas, cada vez menos poderiam fazer fluir o pensamento, o sentimento e a vontade própria (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009).

No entendimento da pesquisadora Maluf (2005), grande parte das técnicas terapêuticas alternativas que utilizam as técnicas de trabalho sobre o corpo possuem um fundamento ético comum, baseado sobre a crítica do corpo fabricado pela

civilização urbana do ocidente moderno: “racionalizado” e disciplinado para ser um “instrumento de produção”. O corpo não só expressaria e revelaria as “doenças da alma”, mas ele seria o próprio meio, o instrumento de sua cura.

4.3.5. Terapia e disciplina?

Depois da experiência etnográfica da Eurytmia Curativa, passei a compreender de forma mais consistente o argumento de Csordas (2008) em seu paradigma da corporeidade, pois, apoiado em uma articulação entre a noção merleau-pontiana de “percepção” e a noção bourdiana de “habitus” foi capaz de explicar, ao menos naquele momento, o que eu havia experimentado. Neste contexto, o corpo aparece simultaneamente como sujeito e base existencial da cultura. Ao pensar sobre as técnicas corporais desenvolvidas na Eurytmia Curativa, entendi que o corpo, longe de ser a superfície passiva para expressão do texto cultural e da estrutura social é o sujeito de uma experiência significativa, sempre necessariamente cultural.

Sob a forma de uma “tecnologia de si”, ou “estética da existência”, a Eurytmia Curativa opera uma transformação das subjetividades, principalmente por produzir uma mudança no *habitus* mediante o treinamento disciplinador dos movimentos corporais. Foucault inicia sua discussão das “estéticas da existência” (FOUCAULT, 1998 e 2004) e das “técnicas de si” (FOUCAULT, 2004) no contexto de suas reflexões sobre a sexualidade. As artes da existência da antiguidade clássica e do período helenístico investigadas por Foucault seriam alternativas à disciplina. Por contraste, se a ascese da antiguidade seria o meio para a conquista da liberdade – derivada do controle sobre os desejos e da obtenção da saúde.

Para os interlocutores, a Eurytmia Curativa, possui um contra discurso sobre as formas mecanizadas com que os corpos são moldados na sociedade contemporânea, muito semelhante aos princípios do taoísmo, por exemplo. No caso da Eurytmia Curativa, o trabalho terapêutico é marcado pela experiência estética dos movimentos e pela precisão disciplinadora dos mesmos. Haveria nesta forma de conduzir o trabalho terapêutico a produção de uma nova forma de sociabilidade ancorada na

produção do corpo ideal do ponto de vista moral. Para Le Breton (2003), este processo se relaciona também à transformação do corpo em um acessório de identidade.

PARTE II: A SAGA



Fonte: Mosteiro em uma Floresta de Carvalhos - Caspar David Friedrich ³⁴ (1809 - 1810).
Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=968249&viewType=detailView>

³⁴O objetivo das pinturas de Caspar David Friedrich era provocar a meditação e a contemplação. Por meio de sua obra o pintor buscou captar os aspectos sublimes e divinos da natureza. Os ciclos da natureza refletiam para ele o processo moral do Homem e sua jornada até Deus. A paisagem nórdica era considerada a ideal para essa representação porque era repleta de figura mitológicas de grandes heróis e figura épicas do passado (GRANDES PINTORES, 2006). Paisagens hibernais simbolizariam a morte e o término da vida humana, enquanto paisagens primaveris e estivais representariam a esperança de realização (SEEBERG, 2005).

CAPÍTULO 5. A VIDA E A MORTE COMO CURA NA DEMÉTRIA.

Em 2013 encerrei as terapias iniciadas na Clínica Tobias, em São Paulo, e parti para o interior do Estado, especificamente para a cidade de Botucatu, com a intenção de que, na convivência com outros membros da comunidade antroposófica, habitantes do bairro rural Demétria, eu pudesse encontrar outros sentidos atribuídos a cura, para além dos que encontrei nos rituais terapêuticos. Mais do que uma mudança de endereço, ir morar na Demétria significou uma mudança na minha perspectiva etnográfica. Para aquele lugar era necessário outro olhar para além da concepção de cura institucionalizada e do espaço controlado da Clínica Tobias. Na Demétria, a ideia de cura estava envolvida em uma atmosfera que envolvia anjos, arcanjos derrotando dragões e forças demoníacas não necessariamente maléficas. Neste cenário, as histórias épicas da escola Waldorf se misturavam as histórias heroicas da vida dos moradores da Demétria, elevando a perspectiva de cura para outro patamar.

Apesar de já ter introduzido as principais informações sobre o bairro Demétria, no capítulo dois, em o *Ramo Jatobá*, gostaria de novamente frisar que esta foi a primeira fazenda biodinâmica no Brasil, fundada em 1973 pela Associação Antroposófica Tobias, e foi pensada a princípio como um local capaz de produzir matéria prima para os medicamentos antroposóficos, como, por exemplo, os da marca Weleda. No entanto, tornou-se um ícone latino americano da experiência no método biodinâmico³⁵ fora da Europa mesmo sem produzir os medicamentos como era o objetivo inicial.

Os antropósofos não gostam de chamar a Demétria de comunidade Antroposófica, pois o termo “comunidade”, segundo eles, não expressaria a diversidade na orientação filosófica e espiritual dos moradores que habitam o bairro. O termo bairro³⁶ é mais bem aceito, inclusive por que assim os moradores podem

³⁵ O método biodinâmico entende o cultivo da terra como um organismo complexo em constante interação com o cosmo. A produção é realizada sem agrotóxicos seguindo a além da utilização compostos alquímicos dinamizados em rituais de solstício e equinócio.

³⁶ A utilização do termo bairro é uma estratégia política. Enquanto bairro, o local continua a receber auxílio da Prefeitura de Botucatu para a resolução de questões como o saneamento básico, segurança

partilhar serviços e direitos assim como qualquer outro bairro da cidade de Botucatu. O termo comunidade é empregado com tanto cuidado na fala dos antropólogos, que eu penso que há um receio que a palavra comunidade pudesse atrair pessoas que imaginassem a Demétria com um tipo de paraíso perdido. No entanto, optei por chamar a Demétria de comunidade porque penso a comunidade como um sentimento recíproco e vinculante, tal qual a definição de Ferdinand Tönnies, mesmo correndo o risco, que Bauman (2003) prevê, de pensar equivocadamente que a “comunidade” é uma coisa boa.

A princípio não foi fácil encontrar um local para morar dentro da Demétria. A ascensão do estilo de vida voltado para o convívio intenso com a natureza e o aumento no consumo de alimentos orgânicos e biodinâmicos, elevou consideravelmente o valor dos aluguéis dos quartos e das casas do bairro, podia-se inclusive perceber uma especulação imobiliária em relação a venda de terrenos ainda não construídos no local. Um quarto chegou a ser oferecido por um salário mínimo e meio, valor semelhantes ao aluguel de quartos pelo *site* de aluguel de temporada [AIRBNB]³⁷ em grandes metrópoles na Europa.

A especulação imobiliária fazia com que os moradores parecessem afoitos por dinheiro, fato que compreendi melhor quando convivi e percebi suas dificuldades financeiras e a necessidade de praticar o escambo dos produtos e serviços entre os moradores. Para eles as oportunidades de ganho extra não deviam ser desprezadas, uma vez que as atividades remuneradas dentro da comunidade eram escassas e o custo de vida elevado. Assim, repartir a própria moradia foi a solução encontrada por vários moradores da Demétria.

Fui então acolhida na casa de uma senhora de origem baiana, que de forma muito amigável aceitou o valor que eu tinha a oferecer por um quarto. No decorrer da pesquisa, essa senhora, a Dona Eunice, tornou-se uma das principais interlocutoras da pesquisa no início de minha estada na Demétria, sendo responsável diretamente por minha inserção nos grupos de estudos antropológicos dos quais participei, e, com

e acesso rodoviário. O termo comunidade exigiria uma emancipação da prefeitura, e os membros da sociedade antropológica não veem vantagens nesta situação.

³⁷ Link do *site* AIRBNB – www.airbnb.com

certeza, uma das muitas admiráveis mulheres demetrianas que convivi nesta parte do percurso etnográfico.

Foi necessário um período de adaptação ao novo ambiente. Distante das luzes da cidade, era urgente acostumar primeiro os olhos com a total escuridão da Demétria e depois os ouvidos com ensurdecedor silêncio do campo. Por vezes achei até que estava doente porque conseguia ouvir variados sons do meu próprio organismo, que no barulho da cidade eu não atentava. Morar no campo significava também ter que aprender a conviver com a natureza que invadia as casas, os sapatos, os banheiros e armários. Demorei um pouco, se é que me acostumei, a enfrentar qualquer tipo de inseto, grande ou pequeno, com asas ou rastejante, sem gritar e “às vezes” sem matar. Era necessário prestar mais atenção na natureza, não por estar envolta em um sentimento bucólico e romântico, mas porque isso significava menos incidentes com insetos peçonhentos.

Com o passar do tempo internalizei hábitos preventivos como chacoalhar os sapatos para evitar intrusos, e fechar as portas e as janelas antes do anoitecer. Havia entre os moradores um ritmo bem marcado entre o dia e a noite, e, apesar de toda liberdade para vagar acordada pela casa, acabei aderindo aos horários dos habitantes da casa, principalmente porque a intensa escuridão do local me amedrontava. Eu acompanhava com grande expectativa o calendário lunar, pois a chegada da lua cheia confortava minha percepção trazendo luz e diminuindo meus temores.

Percebendo minha insegurança com a escuridão, a Dona Eunice resolveu então, em uma noite sem lua, me levar para fazer um passeio pelo pasto. Segundo ela isso me ajudaria a desenvolver outros tipos de percepção além da percepção visual. Para ela, eu deveria me guiar por outros sentidos, não só para andar a noite na Demétria, mas também para compreender a cura na Antroposofia. Dona Eunice, assim como outros habitantes, afirmava que a racionalidade acadêmica não me serviria de nada naquele lugar, era necessária uma nova postura para viver a experiência da intimidade com a natureza. Com o passar das semanas e meses eu fui ganhando confiança e aceitei um convite de outra interlocutora ainda mais desafiador: ir para outro condomínio da Demétria e morar sozinha em uma queijaria desativada nos fundos de sua propriedade, instalada em uma pequena floresta.

Embora tenha sido estratégico obter um lugar mais recolhido onde eu pudesse, como Malinowski dizia: me distanciar dos “nativos”, gostaria de salientar que os dois primeiros meses que convivi com a Dona Eunice, foram de extrema importância para que eu pudesse presenciar como alguns membros da Demétria compartilham da Antroposofia sem se tornarem assumidamente um antropósofo. Havia nesta senhora um certo orgulho por não ser um antropósofo radical e assim poder continuar mantendo um diálogo com outras práticas alternativas além da Antroposofia.

No entanto, foi prudente, não julgar precipitadamente essa forma de entrosamento, rotulando-a de superficial em relação a Antroposofia. Na época ainda havia em mim o desejo da busca pelo “nativo original”, situação que paralisava o meu olhar, e foi apenas no final da pesquisa que eu compreendi que essa postura da Dona Eunice faz parte da diversidade de formas de aderência a esta ciência espiritual, e que talvez esse fosse um dos principais traços no comportamento dos habitantes da Demétria, e quem sabe, um pouco da essência da Antroposofia no Brasil.

Com essa senhora baiana compreendi, acompanhando sua rotina, que era possível circular entre vários grupos com uma razoável inserção e aceitação, mesmo sem uma “conversão” total à Antroposofia. Ser *mãe Waldorf* e terapeuta artística, além de sua extrema simpatia, conferiam a essa mulher legitimidade para transitar entre distintos grupos como a comunidade cristã e os estudos do *Ramo*, além das atividades realizadas na escola. Sua participação intermitente, no entanto, apresentava uma característica relevante ao descrevermos os participantes da Antroposofia no Brasil, ou seja, com uma relativa liberdade em escolher o grau de envolvimento com os princípios e orientações antroposóficas.

Pensando de forma etnográfica sobre as casas que habitei no percurso desta pesquisa, no período de 2013 a 2015, posso afirmar que presenciei os mais diferentes graus de comprometimento com a Antroposofia, indo da menos comprometida com as orientações até a observação mais rigorosa delas, na Suíça. Nesta primeira casa da Demétria, no Brasil, havia, contrariando totalmente as sugestões da Antroposofia, internet com *wi-fi*, micro-ondas, televisão, convivendo com a preocupação de preparar parte da alimentação quase sempre orgânica, dos filhos estudarem na escola Waldorf e da participação ativa na comunidade, até a última moradia na Suíça, em Vevey, onde não havia absolutamente nada que pudesse macular o comprometimento com

as regras da Antroposofia, ou seja, tudo orgânico, biodinâmico e sem tecnologias ou medicamentos alopáticos.

Instalada da comunidade passei então a frequentar, acompanhada da Dona Eunice, dois grupos de estudos, o primeiro, chamados grupo de estudos antroposóficos do *Ramo*, que aconteciam as terças feiras à noite, na biblioteca do *Ramo*. O grupo se reunia as terças por considerar o dia da semana adequado para a prática do estudo, por sofrer as influências facilitadoras do planeta Marte³⁸. O grupo era composto por umas vinte pessoas com uma frequência intermitente, com um número maior de homens do que de mulheres. Todos os membros estavam ligados a Antroposofia pela atividade profissional exercida na Demétria. Contudo, qualquer pessoa que estivessem interessados em discutir e aprofundar os conhecimentos sobre esta ciência espiritual, desde que convidado por um membro, podia ler e discutir o livro escolhido para aquele período desenvolvendo uma leitura esotérica da gênese da Terra e da Humanidade.

Naquele momento, o livro escolhido para os estudos do *Ramo*, era a “Crônica do Akasha”³⁹. Este livro, conhecido esotericamente por *Crônica do Akasha*, reproduz uma série de artigos publicados num periódico em 1904, sendo considerado no meio antroposóficos como um desafio à disciplina mental e espiritual. Escritos de modo a trazer a prática do exercício da retrospecção mnemônica invertida, ou seja, a recordação de fatos ‘de trás para a frente’, os textos descrevem, em cronologia regressiva, períodos evolutivos cósmicos registrados em um “arquivo suprassensível”.

Participei também de um segundo grupo, também de estudos antroposóficos, que também acontecia às terças feiras, mas no período da manhã, na Pousada Arco-

³⁸ Segundo a cosmologia que norteia as atividades antroposóficas, a segunda-feira seria dia da Lua, a terça-feira dia de Marte, a quarta-feira dia de Mercúrio, a quinta-feira dia de Júpiter, a sexta-feira dia de Vênus, o sábado dia de Saturno e o domingo dia do Sol.

³⁹ Segundo o verbete do Dicionário Céptico (2000) a “Crônica da Akasha” é um plano espiritual imaginário que supostamente manteria um registro de todos os eventos, ações, pensamentos e sentimentos que já tenham ocorrido ou que irão ocorrer algum dia. Os teosofistas acreditam que a Akasha é uma “luz astral” que contém registros ocultos que seres espirituais conseguem perceber através de seus “sentidos astrais” e “corpos astrais”. Clarividência, percepção espiritual, capacidade profética e muitas outras ideias metafísicas e religiosas se tornam possíveis com a conexão à Akasha. Para contatar as informações do Akasha seria preciso despir-se de conjecturas intelectuais. Seus arquivos seriam constituídos de conteúdos imperceptíveis à mente concreta, pois seriam formados pela consciência imaterial das partículas dos diversos planos da existência, e tornam-se disponíveis aos que se devotam ao serviço pessoal.

íris na comunidade de cristãos, composto apenas por mulheres, na maioria senhoras em idade já avançada apesar de conter algumas gestantes. As mais idosas eram oriundas das principais famílias fundadoras da Demétria. O livro estudado na época era “A direção espiritual do homem e da humanidade” e o grupo seguiu o método de estudo da ciência espiritual, elaborado por Steiner, onde as questões deveriam conduzir o processo de compreensão e aprendizado das teorias, um tipo de maiêutica socrática da Antroposofia.

Com o passar do tempo percebi que se tratava de vários grupos, mas que entre os antropósofos haviam dois mais distintos. Do primeiro grupo dos estudos do *Ramo* os membros quase não eram vistos nos rituais religiosos matinais realizados aos domingos, chamados de Consagração, um ritual similar a uma missa católica. Em contrapartida, do segundo grupo as senhoras, eram bastante envolvidas e atuantes na comunidade cristã, auxiliando inclusive nos trabalhos realizados no altar durante as Consagrações.

A explicação para essa divisão surgiu mais tarde na entrevista com o ex-médico e pastor, Sr. Renato, que colocou o surgimento do ritual da Consagração como um pedido realizado a Rudolf Steiner, quando ainda vivo, de que elaborasse uma cerimônia capaz de satisfazer as necessidades religiosas de alguns membros da Antroposofia, pois nem todos os adeptos ficavam satisfeitos apenas com os aspectos científicos da empiria espiritual desenvolvida na Antroposofia.

A partir da convivência com esses grupos foi possível estabelecer um vínculo inicial para executar uma seleção dos possíveis interlocutores para a pesquisa, que pudessem contribuir com o entendimento da cura na Antroposofia no âmbito da comunidade. No grupo de senhoras da comunidade cristã foi possível desenvolver uma maior intimidade, favorecendo a possibilidade de dialogar sobre dois momentos ritualísticos extremos é de suma importância cultural nas sociedades: o surgimento da vida e o momento da morte na Antroposofia, uma vez que essas mulheres eram, ao mesmo tempo, mães e viúvas da Demétria.

Mas antes de adentrar nestes dois rituais, de vida e morte, é prudente, para concatenar as principais ideias deste estudo, mencionar que a palavra-conceito *Bildung* desapareceu totalmente do vocabulário dos membros da Demétria, nesta

segunda parte do percurso etnográfico. Quando eu mencionava a *Bildung* nas conversas com as pessoas, elas riam e perguntavam porque eu não falava em português para todo mundo entender, e me orientavam a falar *formação ou experiência*, em vez de *Bildung*. Foi interessante perceber que apesar de haverem mais pessoas falando a língua alemã, em comparação com a Clínica Tobias, em São Paulo, a palavra-conceito cedeu espaço para outros arranjos, até bem familiares às traduções propostas para *Bildung*. Desta forma a palavra *formação* ou a expressão *experiências de vida* substitui por completo a palavra *Bildung* nesta parte da etnografia.

5.1. O feminino na comunidade da Demétria

Na rotina da comunidade, após conviver com os seus moradores, notei a presença massiva de mulheres morando no bairro, cerca de 75% dos habitantes. Eu já havia percebido, nos congressos, nas palestras e nas terapias, um número maior de mulheres, onde boa parte delas estava acima dos cinquenta anos, buscando a Antroposofia nas mais diversas práticas profissionais. Mas na Demétria eu me surpreendi ao ver tantas mulheres, de todas as idades, vivendo os desafios da vida no campo. Entre elas havia principalmente mulheres gestando e/ou cuidando de seus filhos.

Havia uma frase que muitas vezes dita em tons jocosos, expressava bem o pensamento da comunidade sobre o devir das mulheres que lá habitavam: “quem bebe a água da Demétria engravida com certeza”. Essa sentença, infinitamente repetida, dá vida ao mito da Deméter (Demétria), deusa da fecundidade, arquétipo da mulher-mãe que gosta de estar grávida, de amamentar e de cuidar de crianças.

Observei que muitas dessas mulheres da Demétria estavam sozinhas, entendendo o “sozinhas” como a ausência de uma parceria masculina apesar da companhia de seus filhos pequenos. Essas mulheres estavam sozinhas, ora porque já eram idosas e a vida as colocou sozinhas na viuvez, ora por opção, separadas de seus companheiros e filhos. Havia também muitas mulheres que, apesar de terem companheiros, passavam a semana toda sozinhas na comunidade, aguardando a

volta destes após uma semana de trabalho na capital. Na Demétria não entrei em contato com nenhum casal homoafetivo, mas a opção deste tipo de união não é um tabu na Antroposofia. Na Suíça me deparei com um número maior de parcerias do mesmo sexo⁴⁰. De uma forma ou de outra, essas moradoras da Demétria constituíam para mim, a princípio, um grupo de mulheres destemidas.

Para essas mulheres, a Antroposofia tem sugerido todo um comportamento feminino, principalmente para as gestantes e que depois serão mães. De forma não dogmática e por meio do acompanhamento de comadres, que com seus cabelos brancos⁴¹, lenços europeus entorno dos pescoços e suas saias longas, já iniciadas na maternidade antroposófica, tornam-se responsáveis e introduzem uma literatura específica a essas mulheres iniciantes que prescreve, por exemplo, que elas se preparem física e espiritualmente para a concepção, a gestação e o parto, se abstendo de práticas pessoais como a ingestão de álcool e o uso do tabaco e, desejando espiritualmente que venha uma criança especial para a humanidade, aguardando e cultivando a coragem para o desfecho do parto.

Nas conversas impessoais com as mães mais jovens, observei uma atitude de competição entre as narrativas sobre a auto superação na hora do parto. Nessas histórias, quase sempre contadas nas rodas femininas que se formavam nos espaços entre as compras das feiras de alimentos orgânicos e na espera dos seus filhos na escola, media a coragem daquela mulher em se tornar mãe em condições adversas sem perder a serenidade difundida pela orientação antroposófica.

Lembro especialmente de uma jovem mãe que enaltecia os seus feitos, desafiando de forma simbólica as outras mães mais jovens ou ainda grávidas, a

⁴⁰ A Antroposofia compreende a homossexualidade como algo natural. De acordo com a sua cosmologia, no processo de desenvolvimento planetário dos corpos etérico, astral e físico, haveria uma alternância entre os sexos durante sua evolução, o ser humano teria então, latente em si, os dois gêneros. Não encontrei qualquer tipo de restrição ou preconceito em relação a esses casais.

⁴¹ O aspecto do cabelo branco funciona na Antroposofia como uma “performance identitária”. O cabelo branco assumiu na etnografia uma condição de gesto, tornando-se produtor de uma linguagem. Para aderir a essa linguagem, parei de pintar os cabelos. O resultado não foi exatamente o esperando, uma vez que eu não tinha uma quantidade significativa, que fosse o suficiente para alçar um espaço significativo entre as mulheres mais idosas e mais sábias da comunidade. Mesmo assim a atitude foi considerada e estimulada por várias interlocutoras. No entanto, não irei ampliar esta discussão. A dissertação da antropóloga Adriana Quintão (2013), intitulada “O que ela tem na cabeça?: um estudo sobre o cabelo como *performance* identitária”, aborda essa questão de forma mais complexa.

suportarem uma adversidade maior do que a sua. Em sua narrativa parir fora do hospital era considerado pouco perto da adversidade de precisar parir em um banco de uma caminhonete, em uma estrada de terra, sem qualquer assistência médica. Isso sim era uma demonstração de coragem, considerado um feito capaz de elevar o *status* daquela mãe na comunidade. As demais mães que presenciavam as narrativas se sentiam, em parte, entusiasmadas com o exemplo, e em parte rivalizadas. As mais idosas também contavam sobre os seus difíceis partos, inclusive alguns realizados no passado da Clínica Tobias, mas já não havia em suas narrativas um ar de competitividade como nas mais jovens.

Outras narraram sobre as suas tentativas, muitas vezes frustradas, de realizar partos domiciliares na comunidade, além dos mais diversos arranjos cunhados entre a Demétria e os médicos do hospital da Unesp de Botucatu, para atenderem as emergências quando o parto não acontecia como previsto. Contudo, uma parte dos médicos da Unesp era contra essa prática do atendimento emergencial, pois compreendiam o parto domiciliar como um grande risco para a mãe e para a criança, dificultando os acordos para o atendimento de emergência das mães da comunidade antroposófica que tivessem iniciado seus partos em domicílio sem buscarem primeiro o hospital. Para conter essa prática a Unesp passou a vincular o atendimento de urgência apenas as mães que tivessem feito o pré-natal na instituição, diminuindo significativamente as tentativas de parto domiciliar na Demétria. A partir destas questões passei então a descrever a preparação dessas mulheres gestantes para o parto e a hora do parto, orientadas pela Antroposofia.

5.1.1. A experiência da vida

Ao entrevistar essas mães foi possível fazer um mergulho nas concepções antropológicas por meio dos relatos de suas experiências corporais marcadas pela espiritualidade. Nos episódios de gestação e parto relatados pelas interlocutoras na Demétria, constatei que há uma busca por um equilíbrio emocional e controle corporal, que funciona como uma formação do caráter materno ao articular os aspectos emocionais, corporais e espirituais, na construção de uma gramática emocional, estabelecendo condutas para a expressão dos sentimentos como a dor e o sofrimento, condicionando-os a uma atitude de coragem e de dignidade frente aos desafios da maternidade. Nesta parte apresentarei os episódios mais relevantes dessas mulheres entrevistadas na Demétria.

Compreender a vida das mulheres da Demétria, principalmente em relação a gestação, o parto e o empenho de uma mãe Waldorf, foi um grande desafio para mim. O exercício da não maternidade, tão claramente assumido por mim, não era uma opção entre elas. Minha formação feminista ora agregava valor a pesquisa, ora atrapalhava minha percepção sobre o significado de ser uma mãe Waldorf. Oscilei entre várias teorias que pudessem me dar segurança em relação às possíveis chaves de leitura, mas nenhuma conseguia explicar por completo o que eu estava presenciando. Mais tarde compreendi que a realidade daquelas mulheres transbordava as teorias. Mesmo assim, enfrentei dificuldades em relativizar as teorias sobre a possibilidade de haver uma “ascensão ecológica” ou uma “dominação masculina”. Até a escrita final da tese, eu ainda não estava convicta de que realmente havia compreendido por completo, o universo feminino da Demétria.

Sobre o parto, de acordo com as orientações antropológicas elaborados por Rudolf Steiner, quando a mãe suporta conscientemente as dores do parto, ela ajuda a criança a cumprir seu desenvolvimento de forma mais plena. Para isso, a Antroposofia destaca em suas orientações a importância em diferenciar a dor como sensação física da dor como sofrimento imbuído de emoção. A sensação física da dor deveria ser acompanhada de alegria, apesar de ser acompanhada de sofrimento. Nesse sentido, “um grito pode ocorrer como um instrumento de conquista, cheio de

excitação: minha luta, minha conquista” (ZEKHRY, 2014). Gritar de dor, fora deste contexto prescrito, é desaconselhado para o momento da concepção. Ao evitar a dor do parto, a mãe estaria desperdiçando uma oportunidade de superação física e espiritual, importante em sua formação moral de mãe.

É importante mencionar que a Antroposofia não é contra a anestesia no caso de dor extrema, apesar da orientação para a não utilização de qualquer tipo de droga para não afetar a criança e a consciência da parturiente. Há uma expectativa durante o parto, de que a mulher faça “um silêncio religioso”, somente interrompido pelo choro do bebê. Para os antropósofos “um choro suave e delicado nos mostra que o trauma do nascimento foi amenizado” (ZEKHRY, 2014). O parto domiciliar é considerado o mais apropriado à gestante, pois favorece um ambiente de intimidade, adequado para atingir o desejado controle corporal e emocional almejado pelas mulheres vinculadas a Antroposofia.

Na busca desse controle corporal e emocional, havia uma interlocutora, uma jovem mãe de origem judia, que concebeu seu primeiro filho logo após se mudar para a Demétria. Assim como as outras entrevistadas, pediu que o seu nome fosse ocultado para expor mais tranquilamente a sua experiência de maternidade na comunidade antroposófica. Segundo a interlocutora Camélia, ela estava bem envolvida com a Antroposofia quando resolveu ter seu primeiro filho. Hoje, um pouco mais distante do ocorrido, ela diz entender que, na época, foi fundo demais nas orientações, mas que não se arrepende, afinal o resultado foi positivo: seu filho era uma criança saudável e era esse seu objetivo maior. Camélia considerava ter tido êxito no parto porque só escutou o choro da criança depois de três dias após o nascimento, ou seja, a criança havia nascido sem o trauma do procedimento hospitalar. Para isso, ela foi orientada pela Antroposofia a meditar para trazer ao mundo alguém relevante para a humanidade.

Havia uma prática de você desejar que viesse uma pessoa especial, que fizesse uma diferença para a humanidade. Na meditação eu pedia que viesse alguém especial, porque eu achei o certo para fazer naquela hora. Era um trabalho de meditação da maior

responsabilidade. Eu nunca contei isso para ninguém, mas eu mentalizei durante o ato sexual, eu mentalizei! (Camélia)

Para Rudolf Steiner, a mulher que vivencia com consciência a chegada de seu filho tem a oportunidade de desenvolver a coragem necessária para as tarefas que virão como mãe. A coragem estaria primeiro em “esperar o início do trabalho de parto, de experimentar a próxima contração, de ajudar o filho a nascer, crescer”, para mais tarde desenvolver-se e ser livre e pleno, e assim buscar suas próprias experiências (ZEKHRY, 2014). Para as interlocutoras, a tarefa de gestar e parir é um ato de coragem, compromissado com uma moral cristã complexa que perpassa todas as orientações antroposóficas. A definição de coragem, por exemplo, está apoiada na missão contemporânea do Arcanjo *Micael*, que foi enviado por Cristo para acompanhar e dar força ao desenvolvimento correto da humanidade. A sua representação é de um arcanjo vestido de soldado que controla com os pés e uma espada os movimentos de um dragão subjugado, porém vivo. Na figura 20 podemos observar uma das imagens do Arcanjo Micael, distribuída no Goetheanum, em Dornach, na Suíça.

Figura 20. Arcanjo *Micael*



Fonte: Erzengel Michael mit Seelenwaage. Buchmalerei, 1490.

Na Antroposofia, o impulso da coragem é a maior qualidade moral que um humano pode desenvolver, responsável pela evolução e amadurecimento por meio das experiências da vida. O parto é visto como uma dessas experiências, enfrentá-lo com coragem e dignidade forjaria uma armadura necessária para enfrentar as turbulências da maternidade. A coragem seria uma força interna além da consciência para dominar os dragões da vaidade, do egoísmo, do medo, da ganância e do orgulho.

Os dragões seriam a representação de tudo aquilo que nos prendem ao mundo material, levando a uma preocupação exagerada e fazendo com que esqueçamos da nossa essência. Para isso, não é necessário matar o dragão, mas enfrentá-lo com controle e equilíbrio para dominar as forças do mal que ele representa. O ferro que corre no sangue é compreendido como uma extensão da espada de Micael que confere a coragem necessária para viver.

Em outro relato, identifiquei esse ideal de coragem associado ao parto natural visto como uma missão espiritual desta mãe, que, ora estimulava essas gestantes a um parto heroico, ora gerava uma profunda ansiedade com a expectativa do próprio desempenho. Nas conversas com as mães mais jovens, observei uma atitude de competição entre as narrativas sobre a auto superação na hora do parto. Nessas histórias, media-se a coragem daquela mulher em se tornar mãe em condições adversas sem perder a serenidade difundida pela orientação antroposófica.

Violeta, uma jovem mulher e mãe experiente em partos domiciliares, fez questão de explicar os sacrifícios necessários para conseguir realizar um parto normal. Com uma personalidade bastante competitiva, Violeta ostentava o resultado positivo da gestação ao afirmar que o filho, nascido à dez anos, quando começou sua vida profissional e pessoal na Demétria, era uma criança saudável:

Eu sou a favor de não tomar anestesia para não atrapalhar o neném. Eu ficava pensando em tudo que a anestesia podia fazer no neném. Eu estava preocupada como o neném iria receber essas informações que eu não queria que ele recebesse. É uma coisa muito louca, porque você quer um ser purinho. Eu parei de comer chocolate, tomar café, de fumar maconha, tudo antes de engravidar, meses antes. Parei com os hormônios anos antes de engravidar. (Violeta)

Violeta enaltecia os seus feitos, desafiando de forma simbólica as outras mães mais jovens ou ainda grávidas a suportarem uma adversidade maior do que a sua. Violeta acreditava que sua adversidade era a maior demonstração de coragem, um

feito digno de elevar o *status* daquela mãe na comunidade. As demais mães que presenciavam sua narrativa se sentiam, em parte, entusiasmadas com o exemplo e, em parte, rivalizadas.

Em outra entrevista da interlocutora Dália, uma simpática euritmista da escola Waldorf, que aos 23 anos gestava o seu primeiro filho na Demétria, foi possível perceber o outro lado desta disputa, a angústia gerada pela competição velada entre as mães mais jovens da comunidade. Em nossas conversas Dália demonstrava sua ansiedade com a hora do parto. Preocupada, penteando os cabelos com os dedos de forma enérgica sempre que tocávamos no assunto. Dália tinha o receio de não conseguir atingir o grau de coragem exigido e assim demonstrar algum tipo de fraqueza que a colocasse à margem do grupo social. Ela ouvia das mães mais experientes que, para atingir esse ideal de coragem, era necessário ir além do suportável fisicamente. Após o parto, Dália questionou sua insegurança e a expectativa exagerada que alimentou para demonstrar coragem no parto normal.

Eu achava que ia ser menos corajosa, que ia ser menos firme se eu não tivesse essa coragem de ter o parto normal. Só que eu levei isso muito ao extremo, eu tinha essa fixação de que fosse o mais *natureba* possível, mais impecável possível, sabe? Que fosse vencer uma etapa no nosso purgatório, uma coisa assim, que a gente tem que vencer. Tem que passar, tem que conseguir por que é o certo. (Dália)

Esse ir além do suportável fisicamente também aparece nas conversas informais onde havia uma grande preocupação destas mulheres em não reclamar das dores do parto, “aguentar sem fazer escândalos”, sentir a dor sem sofrê-la. Apesar desse tabu, as mães relataram a dor do parto como algo animalesco, e foram unânimes em dizer que tentaram bravamente controlar a dor e os gritos para não atrapalharem o momento espiritual da concepção, apesar do claro descontrole corporal, expresso nas falas constrangidas sobre, por exemplo, terem defecado durante o parto, em decorrência do extremo esforço. As gestantes que não

conseguiram realizar o parto normal e domiciliar se lamentavam e se entristeciam ainda mais por terem fracassado ao cumprir a sua missão materna, como haviam planejado.

Magnólia, uma mulher intensa nas opiniões, moradora da Demétria a mais de dez anos e mãe de dois filhos, assumiu que sentiu fortes dores no parto e, apesar de não ter tomado anestesia, descreveu o momento como sendo muito complicado, principalmente pelo parto ter sido realizado no hospital, pois o desejo e o direito da gestante em conduzir o parto de forma íntima, no hospital, é desrespeitado pelos médicos e enfermeiras. Magnólia relatou que seu parto foi acompanhado por quinze pessoas desconhecidas e que não tinham nenhuma função no procedimento. Para fazer prevalecer os direitos de paciente, ela procurou antecipadamente um médico que respeitasse a sua orientação antropológica para evitar intervenções e a ajudasse a conter os abusos profissionais, principalmente em relação a intervenção medicamentosa. Mesmo assim, não conseguiu evitar o que considerou “abusos médicos” durante o parto.

Eu procurei uma médica mais experiente, que já havia realizado partos em casa, e que me apoiasse na recusa das intervenções de praxe no parto hospitalar. Na consulta, ela me apoiou na decisão do parto normal, mas não no parto domiciliar. Depois, eu pedi também a pediatra para que não houvesse intervenções, como a prática de pingar um colírio para evitar a cegueira na criança em caso de sífilis e o banho que retira o cerume protetor da criança, e mesmo assim não consegui escapar das intervenções. A hora do parto foi horrível, havia por volta de quinze pessoas desconhecidas acompanhando o parto, eu me revoltei, gritei e questionei a presença de tanta gente olhando. Foi quando a médica alegou que era tudo “em nome da eficiência”. (Magnólia)

A experiência do parto hospitalar é descrita como traumática entre as gestantes da Demétria. Mesmo com alto nível de escolaridade e conhecimento dos seus direitos

sociais, essas mulheres da Demétria são atropeladas pelas normas biomédicas, desconsiderando suas escolhas e práticas alternativas de saúde. Os procedimentos hospitalares, mesmo quando previamente combinados com as gestantes, não são respeitados. Não há uma compreensão mais refinada sobre o que significa a preparação corpórea e espiritual de um parto em outra racionalidade médica. Para as mulheres da Demétria, conforme vai ocorrendo a metamorfose corpórea da gestante, mediante dietas e mudança de hábitos, vai ocorrendo também uma transformação interna espiritual, guiada pela busca da coragem para o parto perfeito.

Essa relação entre a transformação corpórea e a espiritual está expressa nas explicações do *síte* dos medicamentos antroposóficos Weleda, sobre o ponto de vista da medicina antroposófica e o episódio da gestação na vida das mulheres. Os sintomas da gestação, por exemplo, são considerados sinais de uma experiência suprassensível, pois a mulher ao “carregar em seu interior um ser cósmico, se afasta do mundo material, ocasionando eventos como pressão baixa, falta de concentração e sono excessivo” (ZEKHRY, 2014). A orientação para um parto sem anestesia, assim como a preparação do corpo para conceber o que é chamado de “um ser purinho”, faz parte de um contexto maior, em consonância com a cosmologia antroposófica.

As interlocutoras mais idosas, fundadoras da Demétria na década de 1970 contaram sobre os seus partos, inclusive os realizados no passado, na Clínica Tobias. Foi surpreendente ouvir de uma das interlocutoras, as constrangedoras críticas sobre a demora dos obstetras da Clínica Tobias em solucionar os partos mais complicados, estendendo o sofrimento do parto. A princípio, considerei a informação antagônica, mas compreendi no decorrer da pesquisa que não se tratava de desejar a dor e o sofrimento como forma de redenção, mas de enfrentá-los com bravura, construindo uma estética do parto, tornando-o belo, digno de ser experimentado em vez de temido.

A Clínica Tobias, na sua primeira década de funcionamento, realizou vários partos, com rituais distintos dos procedimentos hospitalares. O trabalho de parto se iniciava em um banho para a gestante. Na banheira eram colocados óleos de lavanda ou de arnica com bétula para amenizar as dores e aquecer a mãe, e assim facilitar o desfecho. Água e outros alimentos leves – como chá com torradas, picolé e água de coco – eram ingeridos durante o trabalho de parto, caso esse se estendesse por muitas horas. Sobre a gestante eram sobrepostos vários véus coloridos, que iam

sendo retirados, um após o outro, conforme ia acontecendo o nascimento da criança. Todo ritual acontecia em um clima de intimidade e sem a utilização de medicamentos alopáticos.

Distantes da Clínica Tobias, os moradores da Demétria precisaram estabelecer uma relação amistosa com a maternidade da Unesp de Botucatu, com a intenção de amenizar o impacto do parto realizado no hospital, estabelecendo-se uma relação de cordialidade entre os médicos da comunidade da Demétria e os médicos do hospital da Unesp de Botucatu. Um acordo de cavalheiros, principalmente para que eles não se recusassem em atender as emergências, no caso dos partos domiciliares que não ocorressem como o previsto, ou seja, dentro da normalidade. No entanto, o aumento no número de partos de urgência, fez com que uma parte dos médicos da Unesp se posicionasse contra o atendimento emergencial para partos iniciados no domicílio, pois compreendia a prática como risco de vida.

Imediatamente após o nascimento, a mãe é orientada a cobrir a cabeça da criança com uma touca para não sofrer influências cósmicas em demasia, em um estado ainda frágil para receber essas *vibrações cósmicas*. Quando o parto é realizado em um hospital convencional, as mães encontram algumas dificuldades para cumprir essa orientação. Quando a criança nasce no inverno essa prática é relatada como menos controversa aos olhos das enfermeiras e médicos convencionais, pois é compreendida como um recurso para proteger a criança recém-nascida do frio. Ao retornar ao lar, a mãe ganhará das outras famílias da comunidade, nas primeiras semanas, pequenas lembranças deixadas no portal da casa, felicitando a família pelo novo membro. As visitas ficam restritas apenas aos familiares. Segundo a Antroposofia, essas mães devem acompanhar o crescimento de seus filhos, até os sete anos de idade sem exercer qualquer trabalho fora de casa, dedicando sua total atenção à criança.

5.1.2. A dor do parto

O ato de parir passou a ser investigado no Brasil com mais intensidade na década de 1990, a partir das discussões sobre o parto humanizado. Atualmente, há um campo de pesquisa articulado entre as ciências sociais e a área da saúde para estudar as novas formas de parto na contemporaneidade. De acordo com o levantamento dos recentes estudos publicado no Brasil, as pesquisas apontam para diferentes contornos sobre o parto, segundo Rosamaria Carneiro (2014), havendo estudos que investigam a ideia de parto orgástico (RIBEIRO, 2010); a Rede Nacional pela Humanização do Parto e do Nascimento REHUNA (PORTELLA, 2013) e sua relação com grupos ecológicos (TORNQUIST, 2004); os inventários sobre os modos e as narrativas de nascer na atualidade (MULLER, 2013); as redes de mulheres para o parto (Pimentel, 2013; Carneiro, 2011); e o sofrimento no parto (PULHEZ, 2013). A literatura específica sobre o parto na Antroposofia é bem restrita. O único estudo realizado no Brasil, pela pesquisadora Sônia Hotimsky (2001), aborda os serviços de assistência ao parto de uma ONG antroposófica, a Associação Comunitária Monte Azul - ACOMA e a oferta de atenção ambulatorial ao parto, fora do hospital, a mulheres de outras camadas sociais, sendo na época, o único serviço dessa natureza em São Paulo.

A Antroposofia não se considera no fluxo da Nova Era, contudo, as mulheres entrevistadas estavam profundamente envolvidas com o imaginário da contracultura do “ideário do parto sem dor”, iniciado em 1950 com as ideias de Dick-Read e Lamaze, obstetras de vanguarda preocupados em minimizar as dores do parto e transformá-lo em um evento mais prazeroso, propondo para isso o uso de técnicas comportamentalistas de controle da dor. Em conjunto com o ideário do parto sem dor, surgem também a valorização de procedimentos não invasivos na hora do nascimento com a ressignificação do ato de sofrer a dor dele decorrente (TATAGIBA, 2011).

Na década de 1960, outros obstetras seguem essas preocupações, mas dentro de um conjunto de valores identificados com o espírito libertário da época. Esse imaginário típico dos anos 1960 é visto por Salem (1983) como uma vertente muito específica da ideologia individualista, imprimindo-lhe uma dimensão libertária. Nas palavras da autora Tornquist (2002):

(...) é na segunda geração do parto sem dor que esteve amplamente embebida desse imaginário, trazendo alguns dos valores individualistas/libertários ao campo da parturição e do nascimento, (...) então percebemos também que nesse universo moral destacam-se principalmente a valorização da *natureza*, a crítica à medicalização da saúde como a anestesia para o parto, a inspiração em métodos e de cuidados com o corpo e a saúde. Essas preparações especiais para o parto desenvolverão experiências concretas de que incorporam esses ideais, divulgado principalmente para um público composto, sobretudo por classes médias intelectualizadas, pelo menos no caso do Brasil (TORNQUIST, 2002, p.11).

Para Tornquist (2002), a categoria ‘natureza’ aparece com frequência no ideário, um tipo de *retorno* a uma vida mais natural. Essa categoria também aparece como um ponto que aproxima o ideário da Antroposofia do ideário ecologista, sendo frequentes as associações entre parto e ecologia. O parto e o nascimento são vistos, tanto por grupos alternativos quanto pelos participantes do movimento, como eventos fisiológicos e naturais sobre os quais a medicina altamente tecnologizada teria agido inadvertidamente, transformando aquilo que seria simples e sadio em complexo e patológico. Assim, as críticas à excessiva medicalização do parto são moeda corrente na defesa do parto normal nesses movimentos, e quase sempre se articula a denúncia do abuso de cesáreas e demais intervenções cirúrgicas no parto com proposições de formas mais naturais de dar à luz.

Mas é admissível pensar além, talvez em uma “pedagogia do parto”, como uma socialização consciente, para efetivamente aprender e “treinar técnicas corporais que foram desaprendidas na medida em que o parto deixou de ser assunto de mulheres e passou para o campo médico, tornando-se um saber esotérico”, muitas vezes inacessível à maioria das mulheres. A “pedagogia do parto” se coloca como uma tarefa da mulher moderna, que escolhe dar à luz, e que é dona de seu corpo e de sua sexualidade: há um feminismo em todas essas imagens das mulheres, “um corpo capaz de gestar e parir, é valorizado como um espaço de poder e de saber” (TORNQUIST, 2002, p.15).

O comportamento e as escolhas das mulheres da Demétria parecem não estarem vinculados apenas como oriundas da orientação antroposófica, mas também permeados pelos movimentos ecológicos no Brasil e no mundo, se vê que o

crescimento do movimento trouxe o retorno da “fibra materna” como chave-explicativa para os comportamentos femininos e as mudanças ocorridas no âmbito do próprio movimento feminista. As ideologias desse retorno, são, entretanto, criticadas na segunda parte do livro de Elizabeth Badinter “*Le conflit: la femme et la mère*” (2010). A autora desenvolve sua análise sobre a “Ofensiva Naturalista”, destacando processos ideológicos, que, estando em curso desde os anos 1970/80, têm contribuído para recrudescer a luta pela autonomia/emancipação das mulheres.

Na visão da autora, o discurso ecológico é um dos responsáveis por uma retrógrada postura feminina em relação à maternidade, provocando o rechaçamento de processos envolvendo, por exemplo, à não ingestão da pílula anticoncepcional e o uso da anestesia peridural no momento do parto. Badinter (1980) afirma que houve uma revalorização do instinto de ser mãe alicerçada na biologia que vê a “fêmea” no lugar da mulher, retomando a teoria do vínculo, garantindo, inclusive, melhor desenvolvimento infantil ao longo do primeiro ano de vida, fazendo que a maternidade venha sendo considerada como “a experiência crucial da feminilidade” como uma das principais características da segunda onda feministas, a partir dos anos de 1980.

No entanto, Badinter (2010) acredita que se trata de um ascetismo ecológico. Primeiro porque as múltiplas exigências feitas às mães assumem um caráter repressor, exigindo que a mulher esteja em uma vida digna de ser mãe, ou seja, abandone a vida mundana do tabagismo e das bebidas, similar à de quem adere a uma religião. Em segundo, a dor do parto que em algumas culturas é vista como um ritual de iniciação da mulher e na Antroposofia é vista como um caminho necessário a ser trilhado para se desenvolver a coragem. Mas em ambos é importante atentar para o fato que os movimentos ecológicos podem não ser exatamente libertadores da condição feminina.

Um exemplo contundente está nas experiências vividas pelas mães que, ao transgredir as orientações da Antroposofia de se afastarem do trabalho remunerado para se dedicarem exclusivamente a vida a seus filhos, sofrem em sua rotina, uma forte pressão quando se tornam *mães Waldorf*. Isso porque, ser uma *mãe Waldorf*, compreende várias tarefas em relação a alimentação na confecção diária de refeições, utilizando para isso apenas alimentos orgânicos, além da preparação de lanches não industrializados para a hora da merenda nas escolas Waldorf.

É claro que a educação Waldorf propõem que as tarefas sejam feitas em parceria com o pai da criança, mas nos casos em que mãe está sozinha, por um motivo ou outro, a escola passa a exigir total comprometimento dessa mãe, atribuindo a ela tarefas com aspectos disciplinadores da função materna como, a assiduidade das várias tarefas manuais que acompanham a educação do seu filho, a pontualidade na entrega e no momento de busca na escola, assim como ritmos bem exigentes ritualizados pelas escolas que, controlam e anotam, em um livro chamado de *o livro de ouro*, todos os tropeços desta mulher em sua *Bildung* como mãe, servindo assim como forma de controle não apenas da vida escolar da criança, mas também do desempenho desta *mãe Waldorf*.

Neste cenário, eu assisti várias mulheres bastante cansadas se esforçando, para além dos seus limites, para equilibrar todas as funções. O esforço físico do comprometimento dessas mulheres assumia um caráter religioso onde o sacrifício também espiritual valorizava o seu *Bildungsgrosman*, tornando-a uma heroína em sua jornada cotidiana. Para as mulheres da Demétria, essa experiência, sem fim, da maternidade estaria empoderando a vida espiritual dessas mães.

5.1.3. Do corpo a emoção

Segundo Mauss (1980), é importante refletir sobre as múltiplas dimensões dos fenômenos corporais. O antropólogo identificou o uso que se faz do corpo como fruto da socialização, aliados às possibilidades propriamente físicas, que se articulam e permitem que seres humanos produzam técnicas corporais diferenciadas. Para isso ele enumera uma série de técnicas corporais cotidianas, incluindo as técnicas de parturição, que corresponderiam a diferentes usos e concepções das diferentes culturas. Mauss sugere que as técnicas são incorporadas nos fazeres habituais, tornando-se espontâneas, aparentemente ‘naturais’, embora sempre sendo fruto da socialização inconsciente ou mesmo consciente.

Essas mulheres demetrianas, ao conviverem sob um determinado código de honra, passam a compartilhar uma vida repleta de emoções expressas pelo corpo, que podem ser vistas como elementos de uma linguagem que fala das relações de um sujeito com outros e com o mundo, entendida pela antropologia das emoções como uma “gramática emocional”. Por gramática emocional, refiro-me à noção de que as emoções assumem como linguagem, “signos de expressões compreendidas”, nas palavras de Mauss (1980, p.62), com regras e sentidos predefinidos. Assim, essas mulheres “manifestam seus sentimentos para si próprias ao exprimi-los para os outros e por conta dos outros”.

Toda teoria nativa sobre emoção, segundo Lutz (1988), está atrelada a concepções culturais sobre a pessoa, expressando assim visões sobre como e porque as pessoas se comportam, sentem, pensam e interagem de determinada forma. Neste sentido, implica compreender modelos do que seja uma pessoa, em termos de articulações variadas entre subjetividade e corpo, como também “definições culturais sobre o modo ideal de estar com os outros”. Assim, discursos emotivos sobre a gestação e o parto fazem mais do que revelar estados subjetivos que seriam interiores, mas “afirmam, negociam ou contestam também visões de mundo e valores morais de um grupo social” (REZENDE, 2012, p.25).

Com este conceito, destaco tanto a ideia de que os sentimentos são culturalmente construídos como também a visão de que há um conjunto de normas

de expressão adequadas aos contextos distintos com os quais os indivíduos têm que lidar (REZENDE, 2012) nas experiências da gestação e do parto e também nas experiências da doença e da morte. Neste sentido, o acionamento destas gramáticas nos grupos de mulheres moradoras na Demétria possui uma dimensão moral espiritualizada, que revela uma expectativa sobre os indivíduos ao assumirem emocionalmente sua missão com as aflições espirituais, psicológicas e corporais. Esta tonalidade moral das dinâmicas emotivas encontra-se também articulada ao gênero e às construções de feminilidade – em particular, a uma maternidade vista como desejada em outro nível além do humano.

Segundo a literatura sobre gramática emocional, tais dinâmicas de grupos culturais buscam uma transformação no indivíduo que deve acontecer principalmente por uma via emocional, muitas vezes é expressa pelo corpo. Ficam nítidos os pressupostos subjacentes às teorias nativas que apoiam estes grupos: a subjetividade remete ao que seria de cada indivíduo, que por sua vez “teria nas suas emoções sua essência fundamental” (LUTZ, 1988, p.10). Deste modo, o aperfeiçoamento individual, aspecto central e valor importante na visão ocidental moderna de pessoa, parece se efetivar principalmente pelas emoções (REZENDE, 2012).

Assim, ressalto que as mulheres da Demétria passam por um “aprendizado emocional”, tutorado por uma comadre desta mulher, quase sempre uma senhora mais experiente e que já teve um filho dentro da Antroposofia, que leva a gestante a compreender e assimilar uma “pedagogia dos afetos”, ou seja, como comportar-se antes, na gestação, e na hora do parto, e posteriormente, como mãe. Este “aprendizado emocional” perpassa também os homens quando o assunto é o enfrentamento da morte, onde há uma gramática emocional semelhante, que visa o aperfeiçoamento individual por meio da dor da perda, expressa por sentimentos serenos, ausentes de dramaticidade.

5.1.4. *Bildungsroman* feminino

Durante e depois da gestação há toda uma *Bildung* a ser desenvolvida por essa mulher, que irá, primeiro preparar o corpo para gerar um corpo cósmico, e com a mesma intensidade, buscar uma formação moral para ser tornar uma *mãe Waldorf*⁴². Contudo, a *Bildung* narrada nos *Bildungsroman*, clássico de origem alemã, é considerada um gênero literário tradicionalmente masculino, que descreve a formação de um jovem homem burguês, que aprendera tudo por meio das experiências, do amor, do trabalho, em busca de auto aperfeiçoamento moral ao enfrentar sua jornada pelo mundo. Já para as mulheres, na época, não era possível a liberdade que permite ao herói o contato com múltiplas experiências sociais decisivas no percurso de autoconhecimento (FLORA, 2005). Mesmo assim, em discussão teórica iniciada pelos estudos críticos feministas nos anos 1970, reconheceu-se o surgimento do *Bildungsroman* feminino como um reflexo do movimento feminista contemporâneo.

Segundo Galbiati (2011) os estudos literários sugerem que o *Bildungsroman* feminino seja diferente do masculino, devido à especificidade da *Bildung*, distinguindo a formação cultural destinada ao menino e a menina. Nas narrativas escritas por mulheres são retratadas uma visão de mundo feminino, com os vários conflitos, dilemas e situações na vida cotidiana da mulher, sendo o momento da gestação considerado, dentro de uma concepção conservadora, uma das maiores experiências.

Estabelece-se uma diferença crucial no *Bildungsroman* masculino e feminino: enquanto o jovem homem encontra um final harmônico com o mundo e consequente integração com seu novo meio social no término de sua jornada, a jovem mulher levará uma vida dedicada exclusivamente ao marido, aos filhos e ao lar. Ao final do *Bildungsroman* feminino, essa mulher é levada ao suicídio, a morte, a loucura, a solidão.

⁴² *Mãe Waldorf* é uma expressão corriqueira na Demétria para identificar as mães que tem seus filhos estudando em escolas antroposóficas. Não necessariamente esta mãe precisa ser antropósofa ou morar na Demétria.

5.2. A morte e o morrer como cura

Os rituais, sejam eles em torno da morte, assim como quaisquer outros rituais como os de fertilidade e reprodução, nascimento, entrada na idade adulta, de guerra, de cultivo, entre outros, refletem os valores e as crenças compartilhadas por cada grupo, cultura ou sociedade. Um exemplo claro está no evento da morte de um membro, pois, em todas as sociedades, a família e seu círculo social respondem de maneira estruturada com base nos sentidos compartilhados pelo grupo. As referências culturais determinam os cuidados com o corpo e seu destino, além da configuração e prescrição de normas para o período de luto (MENEZES & GOMES, 2011).

A minha participação no grupo de senhoras da comunidade cristã viabilizou meu primeiro contato com as questões da morte e do morrer na Demétria, mas foi em novembro de 2013, especificamente no dia dos mortos, no feriado de finados, que o tema atingiu seu mais elevado patamar de reflexão entre os membros da comunidade, pois na semana que precedia o dia dos mortos, os habitantes da Demétria foram convidados a participar de uma palestra realizada pela advogada Stella Marques, intitulada “A morte como amiga: aspectos jurídicos”. A intenção da palestra era esclarecer possíveis dúvidas e orientar a comunidade para proceder legalmente, em concordância com as orientações antropológicas, no período terminal do doente hospitalizado bem como para nos rituais funerários e na doação ou não de órgãos.

Para isso foi distribuído uma apostila contendo uma discussão teórica sobre alguns temas pertinentes a situação de doença e morte como, por exemplo, o conceito de morte nos anos 1960⁴³, a Eutanásia, a Distanásia e a Ortotanásia, além de trazer informações e modelos de como elaborar um testamento vital permitindo ao doente expressar o seu desejo para o fim da vida. Esse instrumento jurídico permitiria ao paciente, antecipadamente, recusar tratamento médico para o prolongamento da vida de modo artificial, recusar transfusão de sangue ou mesmo fazer opção pela não

⁴³ Na apostila não havia a referência bibliográfica sobre o conceito de morte utilizado pela advogada. Mas, de acordo com a mesma, o conceito de morte era a parada cardiorrespiratória e atualmente, é a encefálica que caracteriza a morte do indivíduo. No caso de doação de órgãos é fundamental que os mesmos sejam retirados enquanto ainda há circulação sanguínea irrigando-os, ou seja, antes que o coração deixe de bater e os aparelhos não possam mais manter a respiração do paciente.

utilização de morfina nos casos de câncer, pois, segundo os antropósofos, a medicação reduziria a consciência do paciente atrapalhando o desfecho.

Infelizmente ou felizmente eu não tive a oportunidade de participar de nenhum ritual funerário enquanto estava na Demétria. Na Suíça, em 2014, surgiu uma única oportunidade, mas não fui autorizada a participar pois se tratava de um membro do alto escalão da Antroposofia, sendo que o ritual estava aberto só para alguns convidados. Contudo, os diálogos estabelecidos com as viúvas da Demétria possibilitaram compreender algumas das orientações antroposóficas destinadas ao morrer e os rituais funerários, mas principalmente, as conversas permitiram conviver com uma gramática emocional para a experiência da morte, muito distinta da qual eu fui educada, possibilitando realizar um importante exercício de alteridade. Meu pai havia falecido no início da pesquisa, em 2012, favorecendo em mim uma postura mais abertura para os assuntos ligados a morte. E confesso que, no desenrolar das narrativas, senti inveja do controle emocional desenvolvido pelos antroposóficos para enfrentar os infortúnios da vida. Quando eu estava próxima a eles, ouvindo suas histórias, o meu choro incontido, parecia ainda mais desapropriado, um tipo de desvio da etiqueta emocional.

A partir dos diálogos com as interlocutoras da Demétria foi possível vislumbrar uma outra forma de comportamento ao enfrentar as situações difíceis e corriqueiras na vida, como a doença e a morte. Essas *experiências*⁴⁴ dolorosas são compreendidas como uma oportunidade de fortalecimento interno, exatamente como é proposto pela palavra-conceito *Bildung*. É como se todos os esforços destinados a *formação* desses indivíduos pudesse ser resumido na expectativa de se preparar para as próximas situações que a vida irá lhe impor, e aproveitar ao máximo a oportunidade de aprender e se transformar em alguém mais forte e corajoso, preparado para um heroísmo pessoal, dentro da comunidade.

5.2.1. A experiência da morte

⁴⁴ Destaco as palavras *experiência* e *formação* para lembrar o leitor, mais uma vez, que a palavra-conceito *Bildung* não aparece nas falas dos interlocutores da Demétria, sendo utilizado em seu lugar, palavras próximas a tradução brasileira para o conceito.

– Melba, como você deseja que seja seu funeral?

Com certeza de acordo com a Antroposofia. Já conversei com a minha família e com o pastor, eu quero ser cremada e quero que minhas cinzas sejam colocadas no jardim da igreja. Já tem uma pedra lá com outras cinzas, cinzas de outros antropósofos da Demétria. (Melba)

A Dona Melba, ou como todos carinhosamente a chamam – Mel -, foi a primeira participante do grupo de senhoras que se colocou à disposição para ajudar na etnografia. Por volta dos seus setenta anos essa gaúcha possuía um percurso profundo de militância nos movimentos de agricultores camponeses no Brasil e na França. Mais tarde, depois de casada, por influência do marido francês, se envolveu também com a agricultura orgânica e biodinâmica, e, em decorrência dessa aproximação conheceram a Antroposofia. Suas origens familiares, anarquista, foram segundo ela, os responsáveis por seu excelente senso crítico. Em sua presença nada podia ser afirmado sobre a Antroposofia, sem que se iniciasse um debate interminável de ideias. Tanta disposição para o diálogo rendeu várias conversas interessantes, mas as mais intensas foram sobre a doença e a morte do seu marido.

Com uma personalidade extremamente performática, as histórias da Melba mais pareciam uma ópera. Alterando a voz de acordo com o momento da história, ela me conduzia na narrativa, me permitindo compreender o quanto de energia havia sido necessário para enfrentar cada uma das situações que vivenciou. Nos momentos mais triste e de grande intimidade entre nós, ela abaixava o tom da voz ao ponto de apenas sussurrar as palavras. Esses momentos eram sempre seguidos por um movimento lento de retirar e por óculos, que marcava o momento em que deveria haver silêncio entre nós. Mas logo depois vinha um brado, apontando uma virada de situação na história, uma tomada de decisão, um desfecho. Serena e convicta, não derramou uma lágrima sequer durante as histórias que contou. Mas o sofrimento não era inexistente. Seu corpo arcado e suas mãos apertadas demonstrava a sua dor em rememorar situações tão tristes. Mas havia algo a mais que a princípio eu não conseguia compreender, principalmente porque nas normas da “expressão obrigatória

dos sentimentos” em que eu fui educada, chorar é a forma mais habitual para expressar publicamente a dor da perda de alguém. No entanto, lá não havia nenhuma lágrima, nenhum desespero. Havia somente um nobre sofrimento.

O início e o motivo do adoecimento do seu marido eram entendidos a partir de um evento traumático desencadeador de uma intensa sensação de medo e impotência para resolver uma disputa por uma propriedade da família. O sentimento de medo é considerado na Antroposofia um grande ocasionador de doenças no ser humano. Para Melba esse descompasso emocional teria levado seu companheiro a uma doença incurável, que foi tardiamente diagnosticado pela Medicina Antroposófica. Essa constatação de que a Medicina Antroposófica demorou em perceber que se tratava de um câncer, muito aborrecia a minha interlocutora. No entanto, para a Antroposofia, quando a doença leva a morte, ou seja, ao fim da doença, a morte é benéfica para a evolução humana. Sem a doença a humanidade não alcançaria sua meta na evolução. Steiner (1998, p. 17) dizia: “Que o homem adoença enquanto ele se desenvolve”. A doença almejaria, na cura ou mesmo na morte, ir para além de si mesma, e nos elevar a um nível superior na vida, entre a morte e um novo nascimento, sanando a essência humana.

Sem medo da doença, sem medo da morte, a história do marido da Melba era assim, como todas as outras histórias da Melba, uma história de militância por uma morte considerada digna para ela, uma morte honrosa. Morrer lutando, mas não contra a morte.

Para mim o prolongamento da vida também é uma máfia, há interesse dos médicos e dos hospitais. O custo vai de hospital para hospital, esses cuidados paliativos. A morfina, enfraquece o Eu, ao preço de perder a consciência. Então, meu marido escolheu que ele ia suportar a dor, e quem ia decidir o momento da morfina seria ele, somente ele. Se ele conseguisse suportar até a morte, sem morfina, era isso que ele tinha como meta. Mas ele não suportou e pediu morfina para o médico. Ele disse a médica: “agora a senhora já pode me dar morfina, eu sei que tenho apenas três dias de vida. Já disse tudo o que eu

queria dizer para minha esposa, já escrevi cartas pedido perdão, já está tudo preparado. (Melba)

A decisão de tomar morfina e perder a consciência é uma situação complexa para os antropósofos. Manter a consciência na hora da morte é considerado o ideal, o desejado para *transpor o limiar*. Há um esforço entre os membros da Antroposofia em manter a consciência plena durante a vida toda, evitando alterar a consciência com drogas ilícitas ou lícitas, e isso não teria porque ser diferente na hora da morte. O uso constante de analgésicos durante a vida denotaria, por exemplo, um desequilíbrio entre as forças espirituais, onde as forças luciféricas estariam exercendo uma maior influência. As influências demoníacas serão mais amplamente abordadas no final deste capítulo, onde descreverei essas influências em outras circunstâncias. Uma das orientações da Antroposofia para se manter consciente no momento da morte apesar da dor e do sofrimento, é praticar, durante toda a vida, o hábito da meditação, para fazer uso dela em momentos difíceis da vida.

No entanto, não há uma proibição explícita do uso de morfina ou qualquer outro analgésico, apenas algumas ressalvas alertando os membros para uma situação de confusão após morte, causando atrasos na evolução espiritual. O indivíduo se encontraria perdido no mundo espiritual, sem saber exatamente o que teria acontecido. E sem perceber sua *passagem no limiar*, ficaria vagando por tempo indeterminado até ser orientado espiritualmente. Para evitar essa situação indesejada, os membros são orientados a exercerem seus direitos na hora de aderir ou não aos tratamentos médicos durante a doença. Apesar de não haver proibições, as explicações do que poderia acontecer no pós-morte funcionam ainda melhor que uma restrição, afinal ninguém gostaria de ficar à deriva em uma situação desconhecida.

A advogada nos orientou a ser pessoa e não paciente, ou seja, aquele que não aceita passivamente os tratamentos. Para ter seu desejo respeitado a advogada nos orienta ter várias cópias, com várias pessoas que estão acompanhando o tratamento, com o revezamento de pessoas para ter ao lado do doente sempre alguém documentado. Quero isso, isso e isso, se não for cumprido, chama o advogado e

processa o profissional e o hospital. Tem que ser assim se não eles não respeitam. A história da doença do meu marido é uma história de embate para que Antroposofia fosse respeitada. O embate maior foi com o diretor do hospital para permitir que outros dois médicos amigos e antropósofos, acompanhassem. Por vezes chamamos a Antroposofia de Homeopatia para que ela pudesse ser ministrada durante o tratamento. Precisamos usar de influência dos amigos para conseguir utilizar os medicamentos antroposóficos no hospital. (Melba)

O fato descrito ocorreu a aproximadamente dez anos atrás, mas as orientações da advogada são de 2014. Isso pode nos mostrar que, neste período a Medicina Antroposófica, que se submete a uma condição de ampliadora da biomedicina⁴⁵, provavelmente para evitar um confronto direto, progrediu, assim como as demais medicinas alternativas, na sua aceitação pela sociedade. Em 2011 a Medicina Antroposófica foi elevada ao status de ‘Racionalidade Médica’ pela pesquisadora socióloga Therezinha Madel Luz, contratada pela ABMA (Associação Brasileira de Medicina Antroposófica) o que possibilitou sua inclusão da Medicina Antroposófica em instituições públicas de saúde como o SUS (Sistema Único de Saúde). A Medicina Antroposófica é academicamente cada vez mais aceita nas universidades públicas que reservam disciplinas e ambulatórios destinados à sua prática, assim como ocorre na Unifesp de São Paulo.

O tratamento da Medicina Antroposófica nos casos de morte iminente em doenças como o câncer em estado terminal, são então prescritos medicamentos antroposóficos que colaborem com momento de cruzar o *limiar*. Segundo os antropósofos, todo ser humano pode ser considerado saudável no momento da morte,

⁴⁵ Por biomedicina optei em adotar a definição do pesquisador Octávio Bonet (2004, p.28) em sua etnografia realizada sobre o aprendizado da biomedicina. Para o autor a biomedicina pode ser definida como: “Conjunto das representações e práticas que, na cultura ocidental moderna, tem preeminência no tratamento dos processos de saúde - doença com priorização da ordem biológica”. No entanto, no decorrer do texto também usarei os termos “medicina”, “medicina alopática” ou “medicina científica” por serem essas categorias de uso corrente entre os autores investigados e mais reconhecidos socialmente quando se trata de classificar o que comumente é chamado na antropologia da saúde, de “biomedicina”.

e por mais estranho que isso possa parecer na cultura biomédica, onde a vida deve ser preservada a todo custo, a morte na Antroposofia, nestes casos é entendida como cura. Essa cura, entretanto, não está se referindo a resolução física da doença. A doença física é considerada apenas um caminho que leva a uma cura maior, a uma cura no sentido holístico da pessoa, que levará esse aprendizado para a próxima vida.

No XI Congresso Nacional de Medicina Antroposófica, realizado em 2013, na cidade do Rio de Janeiro, as recomendações trazidas do Goethanum, em Dornach pelos convidados palestrantes estrangeiros, eram claras sobre a função da Medicina Antroposófica e o papel da doença na cura da humanidade. Para os palestrantes antropósofos, não se deve separar a Medicina Antroposófica dos seus princípios espiritual: “usar a Medicina Antroposófica sem o seu conteúdo cristão, seria torna-la igual as demais medicinas (...) pois enquanto a medicina convencional extermina o karma, a Medicina Antroposófica ajuda no desenvolvimento da força de vontade do karma. Curar não é apenas dar um remédio, pois tira a doença e pode prejudica o ser humano. A Medicina Antroposófica significa essa batalha pelo humano”.

Esse trecho da palestra demonstra que a cura é claramente compreendida de forma distinta entre a Medicina Antroposófica e a biomedicina. Mas como então, na rotina desses pacientes, a beira da morte ou não, se dá o ajuste de forças no embate entre a biomedicina e a Antroposofia? Para a Melba *depende da esperteza*, de chamar a Antroposofia, por exemplo, de Homeopatia na hora de medicar o paciente hospitalizado. Essa *esperteza* também aparece nas narrativas sobre os velórios, que apontam para uma rede de relações pessoais que procuram colaborar com a situação, seja por simpatia a Antroposofia ou por respeito as pessoas envolvidas, que juntas descobrem brechas no sistema para que a duração de três dias de velório, por exemplo, aconteça o mais próximo do indicado por esta ciência espiritual.

O velório de alguns dias depende da esperteza do sacerdote e da pessoa que cuidar disso, porque, por exemplo, meu marido faleceu de manhã cedo e a *esperteza* funciona assim, no caso do meu marido, eu sabia que se eu falasse que meu marido havia morrido as 8 horas da manhã, com certeza iriam querer enterrá-lo na parte da tarde, no

mesmo dia. E nós, como temos convicção de quanto mais tempo demorar para enterrar, melhor para desligar o corpo etérico, então eu fiz o seguinte no hospital: eu disse, eu quero acompanhar a preparação do corpo, primeiro eu vou acompanhar tudo o que vocês fizerem. Minha vontade é ficar aqui mais um tempo, eu só quero ficar sozinha. Eu sou a responsável, eu decido, não dava explicação. Aí chegou o sacerdote da comunidade, apesar de pressionada eu não estava nem ai pro hospital, eu vou enrolar até o final da tarde. Já sabia que o serviço funcionário fechava as cinco da tarde, então cheguei lá a tempo de não conseguir contratar o serviço. No outro dia de manhã, dei a desculpa que ainda havia alguém para chegar e essa pessoa só iria chegar as cinco da tarde. O sacerdote também ajudou a enrolar tudo o que pode. Infelizmente não consegui três dias, eu consegui no máximo que eles ficassem muito contrariados. Até chegar ao cemitério na vila Alpina, consegui que ele fosse cremado depois de três dias. (Melba)

A prática da não doação de órgãos orientada pela Antroposofia, pode parecer polêmica. Contudo, um olhar mais atento é capaz de perceber uma total coerência com a cosmologia antroposófica. A doença, independente da causa que a motivou, e a morte, são entendidas como a cura de questões maiores e mais complexas. Doar um órgão para restabelecer a saúde perdida de alguém, antes de tudo que possa representar esse ato na contemporaneidade, é entendido com uma intromissão nefasta no processo evolutivo da pessoa que recebe esse órgão. O ato que parece benevolente seria responsável por atrapalhar o karma desta pessoa. E, sobre a pessoa que doa o órgão há ainda uma outra questão mais comum, inclusive é o que norteia também outros grupos, religiosos ou não, a não aderirem a prática da doação de órgãos, que seria a “definição” de morte. O critério utilizado pela biomedicina para definir o momento exato do falecimento, a partir da morte encefálica, tornando irreversível o restabelecimento da vida no corpo do indivíduo, é alvo de muitos questionamentos. A retirada do órgão enquanto o coração ainda bate é visto como um ato de violência, afinal, no senso comum a vida continua enquanto o coração não parar de bater. Unido a esse sentimento há também o receito de se ver envolvido em um comércio ilegal de venda de órgãos.

Primeiro que em princípio você não deveria doar nada, cada um é responsável pela sua saúde e seu corpo, pela conservação do seu corpo, pelos seus órgãos. A Antroposofia vê isso como uma interferência na individualidade, quem recebe os órgãos precisa tomar uma quantidade absurda de medicação para que o corpo não rejeite esses órgãos que está sendo doado, e essa medicação interfere no seu Eu, enfraquece o seu Eu, quer dizer...todo trabalho que a gente faz de fortalecimento do Eu se perde. A doação interfere na evolução daquela pessoa, se o órgão daquela pessoa parou é porque há um motivo maior. Hoje em dia com tanta propaganda, parece cruel, mas cada um lida com o grau de consciência que tem. O outro aspecto é que você tem uma parada cardíaca, que é a morte realmente, você só pode doar a córnea e eu acho que os rins, os outros órgãos precisam retirados enquanto o seu coração ainda bate, o transplante só funciona quando o órgão é retirado ainda com a pessoa viva! A partir do primeiro transplante foi inventada essa história de morte encefálica medida por um aparelho, e que a morte não é mais a parada cardíaca, então, quem pode confiar que realmente aconteceu. É uma coisa completamente manipulada, tem um comércio negro terrível de venda de órgãos. Do meu ponto de vista não deve doar. (Melba)

Assim como o comércio ilegal de venda de órgãos, os antropósofos veem no prolongamento da vida do doente, com a utilização de recursos e equipamentos sofisticados, uma atitude criminosa, orientada para a obtenção de lucro, mantendo o doente vivo a qualquer custo. Para eles a morte não deve ser desejada ou mesmo antecipada, mas também não deve ser temida, isto independente do fato de que a Suíça, sede da Antroposofia, estar na vanguarda da morte assistida entre os países da Europa. Ainda vale a pena ressaltar que na apostila elaborada pela advogada para orientar os membros da Antroposofia na Demétria sobre os seus direitos de paciente e na hora da morte, vinha estampado na primeira página a frase “a morte é minha amiga”, além da obra de arte *Hipnos e Tânato*, de John William Waterhouse, se referindo ao mito que relaciona a morte a um sono profundo.

Figura 21. *Hipnos e Tânato*



Fonte: *Hipnos e Tânato*, de John William Waterhouse. Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Waterhouse-sleep_and_his_half-brother_death-1874.jpg

5.2.2. A estetização da morte

Os membros desta ciência espiritual, principalmente a comunidade de cristão voltados ao estudo da Cristologia⁴⁶, consideram o modelo de morte “*hospice*” aplicável à cosmovisão antroposófica do processo de morrer e da morte, na qual o ser humano se encontra em um caminho evolutivo espiritual, onde a doença pode assumir um papel central em seu destino, como parte de um processo de cura interior. Segundo Floriani (2014), o movimento “*hospice*” é centrado na pessoa, diferentemente do modelo biomédico vigente, que centra suas intervenções na doença, e surge, formalmente, no final da década de sessenta do século XX, com a construção do *St Christopher’s Hospice*, na Inglaterra. “*Hospice*” deriva do latim *hospes*, que inicialmente significava hospedeiro para, posteriormente, com o uso cristão do termo no século IV vir a significar também um estranho, um hóspede, um viajante.

O conceito de “boa morte” que fundamenta o movimento *hospice* está associada a uma disposição peculiar do paciente de enfrentamento durante sua jornada de adoecimento. Esse modelo de morte tem suas origens em sociedades antigas, como as sociedades agrícolas, onde a ritualização social da morte se iniciava e se organizava comunitariamente e em elementos éticos e estéticos da Grécia Antiga, especialmente da sociedade espartana, fundamentada em uma disposição virtuosa de enfrentamento durante uma jornada de luta (FLORIANI, 2014). Na *Ilíada*, por exemplo, tanto Heitor quanto Aquiles são colocados diante da mesma escolha: ou a glória imperecível do guerreiro, mas a vida breve; ou uma longa vida em seu lar, mas a ausência de toda glória. Heitor o expressa: “Não, eu não compreendo morrer sem luta nem sem glória, nem sem qualquer alto feito cuja narrativa chegue aos homens no futuro” (TUCHERMAN, 2004).

⁴⁶ Segundo o site da Livraria Antroposófica, a Cristologia é um de seus temas centrais da cosmovisão antroposófica que é essencialmente cristã. Em inúmeros textos e palestras, Rudolf Steiner desenvolveu conteúdos inéditos e reveladores a respeito do Ser Cósmico considerado fundamental para a evolução do homem e do mundo: o Cristo, que em sua permanência de três anos na Terra, a partir do batismo de Jesus de Nazaré por João Batista, reverteu a curva do destino humano para uma direção ascendente, rumo ao reencontro do Pai. Partindo especialmente do estudo dos evangelhos bíblicos, Steiner teria revelado em cada um deles sua origem esotérica específica, demonstrando como as correntes espirituais da humanidade vieram a confluir com o advento do Cristo e sua atuação redentora do homem.

Segundo Vernant (1989), a razão deste heroísmo, comentada e identificada também por outros helenistas consagrados como Pierre Vidal-Nacquet e Paul Veyne, não tem qualquer caráter utilitário, nem mesmo com nenhum desejo de prestígio social, mas é de natureza transcendental, ou seja, tem a ver com a condição humana que os deuses fizeram como toda criatura aqui de baixo, depois do apogeu da juventude, ao declínio das forças e à decrepitude da idade, e apesar de ambos serem inevitáveis, o ideal seria ultrapassar a morte acolhendo-a em lugar de sofrê-la, pois a verdadeira morte seria o silêncio, o esquecimento, a obscura indignidade, a ausência de reputação.

Um ideário inscrito não somente em um tipo específico de morte, mas em uma forma específica de morrer, inscrito dentro de uma jornada de luta, em um morrer nobremente, “sustentado em uma concepção estética profunda do belo, do nobre, que perpassa esse peculiar modo de lidar com a morte, uma morte bela, uma morte ideal ou exemplar” (FLORIANI, 2014, p.10), encontrar-se reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado por um destino admirado por todos. Glória que ele soube adquirir devotando sua vida ao combate, um herói que inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, “exprimindo-se numa biografia que a morte, porque se realiza, torna inalterável” (VERNANT, 1989, p. 56).

A essa forma específica de luta para não ser vencido pela morte, mesmo sabendo-se que se vai morrer, é chamado de *kalotanásia*. Uma luta, que segundo os antropósofos, é travada em instâncias mais profundas da natureza humana, dando sentido e disposição a quem luta e a enfrenta. Uma luta para não se sucumbir à morte, mas para transcendê-la. Ou seja, a luta não seria contra a morte, mas com a morte. Esse modo de enfrentamento considerado *virtuoso* tirar-lhe-ia toda a enganadora e aparente resignação externa e lhe revestiria de uma disposição interna e extrema de *coragem* em um cenário de luta para além da morte. Isso não significaria desejar a morte imediata e nem desejar a vida custe o que custar, mas compreender a *kalotanásia* como possibilidade de uma terceira via (FLORIANI, 2014).

A cosmovisão antroposófica fica clara nos relatos dos interlocutores que entendem a morte como uma passagem ou como uma transição para uma forma de existência diferente da própria vida sensorial. A doença, principalmente aquela incurável, é compreendida como via de possibilidades de transcendência, de

transformação e de crescimento espiritual, a despeito de sua evolução, sempre vinculada à biografia de quem adoece. Nessa perspectiva, a doença física passa a ser encarada como possibilidade de ajuda ao paciente que, por meio da ritualização social de seu processo de morte e pelo enfrentamento de sua condição existencial, poderá, dentro das circunstâncias de cada caso, ser conduzido e cuidado nesta passagem do umbral, sendo auxiliado, assim, nos processos de transformação interior, uma espécie de *semeadura para o além-morte*. Para o pastor da comunidade de cristãos: “uma vez que o espírito humano (o seu Eu) é uma entidade que independe de sua existência corpórea e por isso tem caráter eterno”.

‘A capacidade humana de adoecer é um problema espiritual. Aquilo que se inicia ali, no espírito, vai se metamorfoseando no decorrer do tempo, até chegar ao plano orgânico. A ocorrência da doença no campo orgânico não é, entretanto, apenas consequência do que ocorreu nos planos superiores; é também um meio de dissolver e vencer, neste plano inferior, algo que não pôde ser criado em plano superior. Sob este aspecto a doença adquire outra dimensão; não é apenas consequência de aberrações da vida anímico-espiritual, mas torna-se, auxiliar no desenvolvimento do espírito (HUSEMANN & WOLFF, 1984 apud FLORIANI, 2014, p. 10)

Em síntese, por detrás das várias características constitutivas da “boa morte” defendida pelo movimento *hospice*, e compartilhada pelas terapias antropológicas, encontra-se uma morte *esteticamente percebida e eticamente desejável*, ou seja, um modelo de morte considerado *belo e digno*. Marie de Hennezel (2005) interpreta esse modelo de morte como um trabalho subjetivo empreendido pelo “morredor”, o “trabalho do falecimento”. Segundo a autora, esse “trabalho do falecimento” seria um último esforço na construção de “entrar vivo em sua morte”, em outras palavras, trata-se da conclusão e elaboração da própria vida e morte.

5.2.3. O funeral como a última obra arte

Durante as narrativas sobre a morte verifiquei que a mesma “gramática emocional” utilizada para as dores do parto, reaparecem nos rituais funerários. Chorar de forma descontrolada definitivamente não descreve um antropósofo, sua imagem é de alguém fortalecido pela sua filosofia e pelos sentimentos nutridos na comunidade, encarando os desafios da vida sem se lamentar. Não que as lágrimas não tenham acontecido, mas o choro como forma de desespero é evitado, afinal, a morte é considerada apenas um novo nascimento. Foi possível perceber até um certo orgulho dos membros da comunidade por conseguirem manter o equilíbrio emocional nas experiências dolorosas na vida, que, quanto mais acontecem, mais fortalecem esse equilíbrio.

Ao pedir que Dona Leonor descrevesse o ritual funerário de seu marido, realizado em sua residência pela impossibilidade de ser realizado na capela da comunidade de cristãos, essa senhora suíça, uma das principais fundadoras da Demétria, narrou com grande suavidade os últimos momentos do seu companheiro compreendidos apenas como um momento de transpor o limiar e não de perda. Suas observações sobre o momento foram descritas com palavras quase poéticas sobre o instante exato em que o seu marido, olhando ao longe deixou de respirar. Ela conta que com a mesma tranquilidade com que enfrentou o momento da morte passou a preparar o funeral.

Eu lembrei de colocar umas fotografias dele em cima de uma mesinha. Nesse dia foram avisadas as pessoas, vieram pessoas de Ribeirão Preto, São Paulo e o pessoal daqui. Veio uma faxineira da minha filha Gloria. Lembro de quando ela entrou, ela já veio com uma cara de que havia chorado, e ela disse: o quê? Aqui ninguém chora? E eu disse: não. Sabe, as pessoas que entravam no velório diziam: ele é um rei, ele morreu no dia dos reis! E isso foi o que falaram do Ítalo. Também enterramos outros dois velhinhos aqui na Demétria, eles pediram para

serem enterrados direto na terra, e aí eu e meu companheiro pensamos, é assim que queremos. (Dona Leonor)

A Antroposofia cultiva o hábito de decorar o local do funeral de seus membros com as fotos da vida do falecido, entre outros objetos para cultivar uma lembrança positiva daquela pessoa. O preparo do ritual demonstra uma preocupação estética, narrando por meio das imagens a trajetória de vida do falecido, valorizando os seus feitos, enaltecendo as suas obras e permitindo que o funeral funcione como uma homenagem, mas principalmente como uma instalação da última obra de arte, inspirada na pessoa falecida. No mais, são colocadas as flores que são escolhidas de acordo com as orientações esotérica de Rudolf Steiner com o objetivo de favorecer o processo de separação dos corpos. Algumas flores são desaconselhadas por promoverem um processo contrário ao desejado.

Na Suíça, o ritual funerário é dividido em duas partes. A primeira parte é chamada de bênção e é realizada no final dos três dias depois da morte, ainda com a cabeceira do caixão aberto. As palavras do culto procuram orientar os participantes para a luz do mundo espiritual, e assim conduzir coletivamente a luz ao falecido. As palavras são sempre lembrando a essência do ser, com Cristo, e sua ligação entre o mundo terreno e o espiritual. Esse procedimento tem o objetivo de abrir os olhos e a mente do falecido para que ele possa ver a luz eterna. Finalmente, o corpo do falecido é aspergido com água benta e isto ajuda a separar as forças ainda que o ligam ao seu ambiente. É utilizado também incenso, pois a fumaça que sobe ajuda a alma a se libertar (HERZOG, 2016).

A segunda parte acontece no cemitério ou na sala de cremação. Esta parte do ritual consiste em estimular o falecido a abrir-se à uma nova realidade. Assim, por meio de orações e meditações, os participantes vão conduzindo o espírito do falecido em uma direção que permita se aproximar do Cristo e do mundo divino. As orações e as meditações são fundamentais para tecer uma ponte entre almas dos vivos e dos mortos. Esse ritual fúnebre da comunidade cristã é destinado a qualquer pessoa que deseje uma cerimônia de acompanhamento para cruzar o limiar da morte, não é

necessário ser um antropósofo para ter seu corpo acompanhado neste tipo de ritual (HERZOG, 2016).

Após o ritual funerário a Antroposofia destaca a importância da família, principalmente, buscar uma relação com as almas dos falecidos. Segundo Steiner, a orientação desse exercício de buscar uma relação com a alma do falecido é consoladora para os amigos e familiares, mas também ajuda o falecido, que acabou de partir da sua existência sensorial e que pode demorar a reencontrar no mundo espiritual sua nova orientação, ter tranquilidade para isso. Para a Antroposofia é possível por meio da força do pensar construir uma ponte em direção à consciência do falecido.

Não se trata, contudo, de estabelecer um contato com o falecido como é feito na doutrina espírita kardecista. Segundo o Pastor da Demétria, a Antroposofia compreende esse contato por meio do pensar capaz de ultrapassar o limiar, aquecido e fortalecido pelo amor que vive nas lembranças, que nos unem àquele que partiu. Durante a grande retrospectiva da própria vida terrena, pela qual passa a alma humano nos primeiros dias da morte, é possível aproximar-se à consciência do falecido com a ferramenta que é o próprio pensamento vivo.

Na Demétria eu pude constatar essa prática ao ouvir a história da morte acidental do filho adolescente de Isabel, uma das interlocutoras, e a bela forma com que a família procurou se aproximar e estabelecer contato com a consciência do falecido, construindo todo ano, uma enorme fogueira de São João para lembrar a data do aniversário deste filho, presenteando-o com aquilo que o rapaz mais gostava de fazer nesta festividade, a própria fogueira junina, a fogueira do João.

A produção antropológica sobre o tema indica que a morte não pode ser entendida apenas como um acontecimento, pois ela é um processo (MENEZES & GOMES, 2011). Uma das principais referências, no que concerne à investigação sistemática dos rituais em torno da morte no Ocidente, é o historiador francês Philippe Ariès (1977), por sua extensa pesquisa sobre as atitudes coletivas ante o processo do morrer e da morte, originada na constatação de mudanças no tempo das cerimônias fúnebres e nas atitudes dos presentes. Ainda em sua infância, Ariès observou precocemente que frequentava um número maior de velórios e enterros com maior

duração e solenidade no interior da França, do que em Paris nas décadas que seguiram a segunda metade do século XX.

Em sua obra *L'homme devant la mort*, Ariès descreveu com riqueza de detalhes as transformações ocorridas nos processos do morrer e da morte, desde a Alta Idade Média até a modernidade. Ariès compreendeu que em cada período histórico a morte foi ritualizada das mais diversas formas. Um exemplo está na “morte domada”, ritualizada na Alta Idade Média, onde o morrer era enfrentado com dignidade e resignação, ou no caso da morte dos cavaleiros que eram avisados da proximidade do término da vida por meio de sinais naturais ou, mais frequentemente, “por uma convicção íntima, mais do que por premonição sobrenatural” (ARIÈS, 1977, p. 6). Então o moribundo, tendo consciência da proximidade do fim, tomava suas providências e a morte ocorria em uma cerimônia pública, organizada e presidida pela própria pessoa que estava morrendo, marcados pela ausência de dramaticidade ou gestos de emoção considerados excessivos. Neste período a familiaridade com o falecimento espelhava a aceitação da ordem da natureza, na qual o homem estava inserido. Com a morte, o indivíduo se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la ou exaltá-la, simplesmente a aceitava.

Por volta dos séculos XI e XII até o século XIV, surge a segunda modalidade de morte – a “morte de si”, marcada principalmente pelo reconhecimento da finitude da própria existência. Para Ariès (1977), nesse período foram lançadas as bases do que viria a ser as origens do individualismo da civilização moderna com um sentimento mais pessoal e mais interiorizado da morte, traduzindo o apego às coisas da vida. Surge, então, uma *Ars moriendi*, dirigida à produção da “morte bela e edificante” (ARIÈS, 1977, p. 23).

A morte do outro se torna dramática e insuportável a partir do século XIX até o século XX, dando início a um processo de afastamento social da mesma, surgindo então, na segunda metade do século XX, novas formas de relação com a morte que passa a ser “invertida, escamoteada, oculta, vergonhosa e suja” (ARIÈS, 1977, p. 309) chamada pelo autor de “morte moderna”. A abordagem histórica de Ariès é fundada na concepção de uma degradação progressiva da relação com a morte, estabelecida pelos indivíduos e pelas sociedades. Segundo Menezes e Gomes (2011) a visão do autor é particularmente crítica quanto ao período moderno, que segundo suas

pesquisas afastou o morrer do cotidiano, transformando este processo em tabu e privando o homem de sua própria morte. Haveria, desta forma, ocorrido uma crescente desritualização, com a secularização da cultura ocidental.

5.3. A cura nos anjos, arcanjos e demônios

No final de 2013, enquanto eu tentava concluir o trabalho de campo na Demétria para partir para a Suíça, sofri vários pequenos acidentes domésticos ficando bastante machucada e um pouco doente. Ao comentar sobre os acidentes aos meus interlocutores, fui alertada da atuação nefastas das forças arimânicas⁴⁷, que arditamente criam distrações para afastar as pessoas de seus objetivos, principalmente naquela época do ano, quando a preparação para o Advento do Natal exigia recolhimento para ampliar a percepção das experiências espirituais, premonitórias, dos próximos doze meses do ano novo, por meio das meditações das “doze noites santas”⁴⁸.

Os interlocutores acreditavam que se esse ritual meditativo das doze noites santas, se bem realizado, podia revelar nos sonhos fatos que ocorreriam no próximo ano, sendo cada noite destinada um mês do ano. Foram relatados experiência vivenciadas por membros da Antroposofia que conseguiram prever um sequestro e assim se fortalecer internamente para o desfecho da situação. Essa intenção de se preparar para o devir revelou uma questão extremamente relevante, quase uma

⁴⁷ Segundo a cosmologia antroposófica, desde o começo da materialização da Terra ocorre a influência de outra categoria de seres espirituais, mais elevada, da hierarquia dos arcanjos, constituída por uma parte deles que se atrasou em sua evolução. Seguindo uma antiquíssima tradição esotérica, que remonta ao grande Zaratustra pré-histórico, esses seres são denominados na Antroposofia de seres arimânicos, e seu líder é Árimã. Para Zaratustra, Árimã era o ser das trevas e ele tentaria prender o ser humano à matéria, desligando-o totalmente do mundo espiritual. (SETZER, 2011).

⁴⁸ Segundo a palestra proferida por Edna Andrade na Clínica Tobias: “as doze noites santas é assim denominado o período que vai da noite de Natal (25) até a noite anterior ao dia dos Reis (05), quando, segundo a antiga tradição cristã, as bênçãos divinas se derramam sobre nós através dos portais das 12 constelações do Zodíaco, o cinturão de estrelas em volta do espaço sideral no qual existimos. As 12 badaladas da meia noite do Natal anunciam a vigília que é um preparo espiritual, como se as Noites Santas fossem uma prévia dos 12 meses do ano que se inicia. As virtudes recebidas das hierarquias espirituais nesta época, através da meditação, injetam suas forças no nosso desenvolvimento espiritual ao longo do novo ano. Uma atenção especial deveria ser dada aos sonhos como mensageiros do espírito”. Observe o cartaz da Antroposofia convidando para a meditação das 12 noites santas, nos anexos da tese.

obsessão entre os membros. Estar preparado para as adversidades que pudessem surgir na vida havia se tornando o maior objetivo da comunidade. Segundo a pedagogia Waldorf, por exemplo, desde crianças é preciso aprender como lidar com a vida para não adoecer, pois, saúde não seria a falta de doença ou de dor, mas sim saber dominar o que vem ao seu encontro no mundo, para nos protegermos da toxidade da vida. As doze noites santas viriam auxiliar no fortalecimento interno de si, e quem em outras palavras, realizaria uma *Bildung* de si.

Essa atmosfera densa de espiritualidade era muito envolvente, conduzindo no comportamento diário, uma atenção redobrada para a observação de situações inusitadas e captá-las como um sinal ou presságio para alguma *mensagem esotérica*. Encontrar uma cascavel na porta do entrevistado, por exemplo, foi traduzido pelos interlocutores como uma marca pessoal da pessoa que seria entrevistada naquele dia, inclusive desqualificando as informações daquela pessoa, associando o perigo daquele animal ao possível veneno das palavras proferidas.

Neste contexto, duas situações de entrevista se destacaram, a primeira com o Ricardo, médico antroposófico da comunidade e a outra com o Fábio, engenheiro agrônomo, marceneiro e músico, acometido de um Parkinson severo. Acrescento ainda mais uma entrevista com a Patrícia, eurytmista, que não ocorreu na mesma época, mas trouxe à tona as questões pertinentes sobre a influência das forças luciféricas e arimônicas nos processos de saúde e cura.

5.3.1. A experiência angelical e demoníaca

“O médico e terapeuta precisam ter coragem, abandonar o mundo da segurança, pois a medicina é intuitiva, iluminada pelo espiritual, pelo pensar Crístico, uma verdadeira ressurreição do pensar. Precisa ter coragem para curar, mas qual a fórmula da cura? A coragem ensina a cura! É preciso ter coragem para cumprir essa tarefa e para isso precisa de segurança interna. Usar a medicina sem o seu conteúdo cristão, seria torna-la igual as demais medicinas. A M.A. interfere no karma do paciente, com isso há uma corresponsabilidade assumida,

principalmente nas doenças mais crônicas que se apresentam como uma batalha (...)". (Trecho da palestra realizada no XI Congresso Nacional de Medicina Antroposófica, em 2013, Rio de Janeiro).

Após os acidentes domésticos achei conveniente, para a pesquisa e para a minha saúde, entrevistar e consultar o médico antroposófico da comunidade. Eu já o conhecia pois já havia, a uns quinze anos atrás, feito minha primeira consulta com a medicina antroposófica, em Botucatu, exatamente com o mesmo médico. Em decorrência do nosso encontro anterior, nossa conversa foi iniciada lembrando nosso primeiro encontro, pois, segundo o Ricardo, todo médico antroposófico possui uma relação cármica com seu paciente e isso representa uma grande responsabilidade por parte do médico, que muitas vezes não suporta a pressão. Para ele, para se fazer uma boa M.A. é necessário ser um antropósofo.

Gostaria de aproveitar para estabelecer algumas comparações entre as consultas médicas realizadas durante esta pesquisa, a primeira com o Ronaldo na Clínica Tobias e a outra com o Ricardo na Demétria. Apesar dos médicos atuarem em especialidade diferentes, ambos concordavam que para se fazer uma boa medicina antroposófica era realmente necessário ser e viver, antes de tudo, como um antropósofo, criticando assim os *médicos que são apenas prescritores da Weleda*. No entanto, considero importante ressaltar que as abordagens terapêuticas eram distintas, pois na Clínica, seja nas consultas médicas ou nos trabalhos terapêuticos, havia uma certa cautela ao abordar aspectos espirituais, não ocorrendo nenhuma conversa sobre isso nos momentos das consultas com o Ronaldo, apesar da minha insistência em abordar questões polêmicas como, por exemplo, a existência de uma relação kármica entre os pacientes e seus terapeutas. Na clínica parecia haver uma combinação em agir com prudência nestas questões perante os pacientes.

O médico da Clínica Tobias, quando indagado sobre falar ou não falar sobre os aspectos espirituais da Antroposofia aos seus pacientes, afirmou que só procedia desta forma quando havia uma abertura ou interesse do paciente, pois a grande maioria chegava até o seu consultório sem qualquer informação prévia sobre a Antroposofia, indicado, na maioria das vezes, por outro paciente que obteve resultados positivos no tratamento. No entanto, mesmo eu me apresentando aberta a

ouvir as possíveis concatenações entre meu estado de saúde e as explicações antropológicas para meus sintomas, não obtive acesso aos conteúdos mais esotéricos do tratamento.

Em parte, isso foi providencial, pois consegui realizar o tratamento destinado à minha asma, sem uma “retórica do empoderamento” que fosse capaz de me persuadir de que a terapia era eficaz, e que eu estivesse experienciando os efeitos espirituais curativos. De forma nebulosa, apenas foi mencionado que havia algo de alterado no meu corpo astral atrapalhando o estabelecido de um ritmo entre o despertar e o adormecer. Isso estava ocorrendo por algum motivo desconhecido, ao menos para mim, mas provavelmente estava associado aos hábitos pessoais maléficos à minha saúde, pois o meu corpo astral não se desligava quando era preciso, para que eu adormecesse e, depois, tinha dificuldades em se reconectar quando era necessário para eu conseguisse acordar.

Ronaldo receitou dois medicamentos diferentes que atuavam na astralidade dos meus rins. Foi receitado também uma pomada de cobre para os momentos de crise da asma com total eficácia comprovada por mim e um medicamento surpreendente chamado Hepabile, direcionado ao fígado, dedicado a estimular a minha força de vontade, para equilibrar minha tendência estática *neurosensorial*, marcada por uma atividade profissional muito reflexiva, cerebral, pobre em atividades práticas e fraca para concretizar meus pensamentos.

Fui orientada a fazer, todas as noites, no inverno e no verão, um escalda pé para ativar a circulação dos pés, atraindo o fluxo sanguíneo do polo *neurosensorial*, ou seja, da cabeça, para diminuir o fluxo de pensamentos e assim favorecer o meu adormecer. Admito que ainda faço uso de alguns destes medicamentos apesar de considerar o custo muito elevado. Escolhi continuar com os que mais me haviam influenciado positivamente. Compreendi que a experiência etnográfica havia afetado o meu corpo, minha percepção e agora estava voltada para sentir resultados que antes não estava predisposta a experimentar.

O remédio Hepabile, por exemplo, tem como característica principal de aumentar, consideravelmente, a minha disposição para a realização de tarefas, saindo da inércia do pensar para a atitude do agir. O medicamento, apesar de destinado a

um órgão específico, tinha o objetivo de me colocar em movimento. Depois da primeira utilização deste medicamento, relatei a um amigo, um jovem médico antroposófico e também pesquisador da Antroposofia, que explicou a atuação desintoxicadora do fígado provocada por esse medicamento, proporcionando grande vitalidade ao usuário. Entretanto os medicamentos destinados a contribuir com uma mudança de ritmo nos hábitos não foram o suficiente para alterar a minha existência notívaga e minhas manhãs de ócio com o sono além do horário.

Voltando para as relações estabelecidas nas consultas médicas, Ricardo, o médico antropósofo da Demétria, diferente de Ronaldo na Clínica Tobias, revelou em nosso encontro que em sua prática médica ele acreditava que as pessoas chegassem ao seu consultório não apenas indicadas por outras pessoas, mas principalmente porque foram levadas por seus anjos da guarda, expondo completamente sua concepção espiritualista. Completou sua revelação enfatizando que, era claro que ele não entrava em detalhes sobre as questões espirituais com seus pacientes, a não ser que houvesse um interesse por parte da pessoa, assim como o Ronaldo na Clínica Tobias.

Dando continuidade à consulta/entrevista o Ricardo passou, então, a contar uma situação que vivenciou em sua prática médica, quando um paciente lhe procurou e antes mesmo do doente dizer a ele o que sentia, ele já sabia o que se passava, isso por que os sintomas já haviam sido *soprados* em seu ouvido pelo mundo espiritual. Ele passou assim, a descrever, então, um caso específico com sintomas exatamente iguais pelos quais eu estava procurando ajuda médica naquele momento.

Confesso que foi um dos instantes mais perturbadores, não tanto por saber da possibilidade da existência de um mundo espiritual capaz de interagir com o médico no momento da consulta, mas principalmente pelos sentimentos que a experiência espiritual suscitou em mim. Não foi possível controlar a sensação de grande satisfação por ter sido levada, em um momento de vulnerabilidade, por anjos até o encontro com um médico, que comprometido em me curar como um karma a ser realizado, já sabia dos meus sintomas antes mesmo de ser preciso falar sobre eles. O momento me possibilitou experimentar a sensação de “empoderamento”, prevista na teoria de Csordas, pois eu me sentia completamente persuadida da eficácia terapêutica daquele instante, afinal, quem não deseja, em mundo incerto e despersonalizado da

biomedicina, ser conduzido angelicamente e acreditar que a resolução dos seus problemas é possível. Apesar de toda racionalidade acadêmica, como não ter a alma reconfortada com essa retórica?

Todavia, a “resolução dos problemas” ou a cura não são nada simples, nem tão fácil quanto ser levado pelos anjos até o médico. Para o Ricardo a doença ocorre quando um dos órgãos do organismo passa a agir de forma egoísta se sobressaindo sobre os outros. O medicamento antroposófico consegue corrigir a influência ou a interferência de um corpo sobre o outro. Quando o altruísmo⁴⁹ entre os órgãos é restabelecido, a saúde volta a acontecer, segundo ele é assim também com as pessoas, se nos comportamos de forma egoísta, quase sempre adoecemos. As pessoas materialistas demais em outras vidas, por exemplo, retornariam com o egoísmo em forma de doença para ser transformado. A cura não é necessariamente o desaparecimento da doença, mas o conhecimento de si mesmo e a procura de uma vida íntegra e integrada ao meio: *o altruísmo entre os órgãos deve ser o mesmo vivido entre os homens (...) estamos no mundo para evoluir de humanos para anjos, e de anjos para arcanjos, querubins, serafim e toda sua hierarquia celeste.*

Pedi então ao Ricardo que descrevesse o método antroposófico que utilizava em suas consultas para diagnosticar os pacientes. Ele relatou então que procura, antes de tudo, formular a imagem da pessoa que o procura, seria o mesmo de fazer uma anamnese só que verificando, primeiro, a trimembração (pensar, sentir e agir) e se estão em harmonia ou se uma delas que se destaca, depois ele procura identificar os temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico ou melancólico) e os órgãos correspondentes. Na sequência ele investiga a quadrimembração (o Eu, o corpo físico, o corpo astral e o corpo etérico), e depois os doze sentidos e sua relação com os sete planetas. Pessoalmente ele costuma associar os sete planetas aos sete

⁴⁹ “A invenção da palavra “altruísmo” é atribuída a Augusto Comte, nos anos 1850. Para ele, o altruísmo era uma forma de amor ao mesmo tempo instintiva e pensada, expressa “atos de afeto” ou em “viver para o outro”. Segundo Comte, como as atitudes altruístas são, por natureza, as únicas desinteressadas, a moralidade poderia se fundamentar nas emoções. Seria um tipo de “religião da gentileza” [...] (p. 18). Para aprofundar a leitura deste tema recomendo o artigo: O manifesto do altruísmo, do autor Neto (2015) que utilizou como fonte para essa citação o Dicionário de ética e filosofia moral, no verbete “Comte”; do Dicionário Stanford de Filosofia, na entrada “Auguste Comte” de Adão Philip e Bárbara Taylor.

pecados capitais, por exemplo, vênus – cobre – luxuria⁵⁰. Por último utiliza as informações levantadas no Panorama Biográfico sobre os setênios. No entanto, o médico deixou claro que isso não significava uma regra a ser seguida por todos os médicos, essa descrição era um sistema pessoal de anamnese que ele desenvolveu.

Na Suíça, outro médico me revelou que constatou em uma pesquisa de cunho particular, que assim como a anamnese, também não há nenhuma prescrição medicamentosa previamente estabelecida entre os médicos antroposóficos, favorecendo uma multiplicidade de formas de proceder no diagnóstico e de, principalmente sanar as queixas. Segundo esse médico, essa variação acontece de país para país, e, é claro, de cultura para cultura, modificando inclusive o tipo de medicamento, não sendo imprescindível o uso de medicamentos antroposóficos. Os princípios antroposóficos são os mesmo que norteiam toda prática da M.A., mas os procedimentos variam tanto quanto o número de médicos que a praticam.

No final do encontro com o Ricardo, ele afirmou de forma confessional, mas não com um tom pejorativo, que muita gente que chegava à Demétria estava na verdade muito doente, procurando alguém que os conduzisse em um caminho de autoconhecimento. Mas que, na Antroposofia, cada uma deve trilhar o seu próprio caminho, nesse caminho não há condutor: *penso que quanto mais alguém necessita se aprofundar na Antroposofia, mais doente ela se encontra*. E quando eu já estava prestes a sair de sua casa, mesmo após todo o “empoderamento” vivenciado, perguntei a ele, dentro de formato automatizada pelas consultas realizadas na biomedicina, que faz acreditar que o medicamento pode resolver quase tudo, se o remédio que ele havia prescrito conseguiria curar minha doença, ele respondeu prontamente, *não é o remédio que cura, é você! Só você pode se curar*.

Essa resposta soterrou a minha débil euforia na perspectiva da cura, na Antroposofia nada vem sem esforço. Refletindo sobre o fim da minha euforia, talvez fosse aceitável pensar que, em certo grau, a responsabilidade pela cura como esforço é algo que não combina muito com a biomedicina. Apesar da aclamada decadência do modelo biomédico, dependendo da intensidade da doença, ainda temos total convicção da resolução ao menos dos sintomas. Ainda se tem fé na ciência e de que

⁵⁰ Lua-preguiça-prata; mercúrio – inveja – mercúrio; vênus – luxuria – cobre; sol – orgulho – ouro; marte – ira – ferro; júpiter – gula – estanho; saturno – avareza – chumbo.

o medicamento alopático irá resolver com eficiência e rapidamente, grande parte das questões, mesmo que temporariamente, sendo que o único esforço real exigido será o de seguir a prescrição médica e aderir ao tratamento. A resposta do médico me fez sentir saudades desta rápida eficácia da medicação alopática, afinal, a contemporaneidade exige pressa na cura, e de preferência, que essa seja desprovida de qualquer esforço ou mudança, ou de uma suposta evolução espiritual mais longa, afinal não há tempo para uma longa reflexão existencial.

Para Steiner (1998, p. 14), toda doença podia ser compreendida como uma transgressão do limiar entre o homem interno e o externo, onde o homem externo significa o próprio corpo e o interno sua alma, seu psiquismo, suas questões existenciais. Desta forma a cura pode ser alcançada se reconstituirmos o homem exterior através de uma atuação externa ou “tornando o homem interior tão forte que reconstitua, ele mesmo, o homem exterior”. Remediar a doença será apenas um dos passos para a cura, mas não será o principal e nem será exato. A responsabilidade para com a própria cura não é uma tarefa que nos foi ensinada. Como filhos da biomedicina, a sociedade ocidental contemporânea está acostumada, na maioria das vezes, em responsabilizar os médicos e os medicamentos pelo insucesso terapêutico. Na Antroposofia não há a quem culpabilizar, a não ser a nós mesmos. E não há insucessos terapêuticos, uma vez que a morte também cura.

Por vezes, durante o percurso etnográfico, abandonei os medicamentos da Weleda indicados para a cura da minha asma, fazendo uso de corticoides, mais por pura exaustão emocional do exercício de ressignificar a doença em um contexto antroposófico, existencial e espiritual, do que por real necessidade física. A alopatia me proporcionava férias da doença, férias de mim mesma. Mergulhada nesta constatação pessoal, indaguei se haveria sucesso terapêutico em alguém assim como eu, criado e educado nas incertezas e certezas da biomedicina? Será que há alguém que consiga aderir a um contrato terapêutico antroposófico, sem utilizar os subterfúgios de considerá-la uma prática complementar ou alternativa a biomedicina? Frente a essas questões, um certo desassossego com o tipo esforço necessário para uma real adesão terapêutica, me acompanhou durante o resto do percurso etnográfico.

5.3.2. A estética da cura

Retomando a cura como evolução espiritual de humanos para anjos, e de anjos para arcanjos, querubins e serafins e afins, apareceu repetida vezes entre os diálogos com os interlocutores da pesquisa na Demétria. Essa hierarquia celeste a ser galgada pelos membros da Antroposofia, parecia vir acompanhada de uma clara conotação moral, que assumiu sua forma mais compreensível na entrevista realizada com o Fábio, um jovem senhor agrônomo, carpinteiro, músico e antropósofo que convive com um severo mal de Parkinson⁵¹ há vários anos.

Na primeira vez em que nos encontramos ao acaso na comunidade, eu já o conhecia, pois, sua fama o precedia. Inúmeros colaboradores o mencionavam como exemplo de coragem e obstinação frente a sua “perturbação”. Destaco o termo “perturbação” porque apesar da doença de Parkinson, e de todo tremor que perpassava o seu corpo, aquele homem deixou bem claro já em nossa primeira conversa, de que ele não era doente, apesar de ter que conviver com as “perturbações” ocasionados pela doença. Para ele “doente é quem não trabalha, esse sim está doente” afirmou, convicto de sua saúde.

Fui então até sua casa para um novo encontro, e antes de eu poder adentrar em sua casa e em sua narrativa, com as questões da pesquisa, fui desafiada a equilibrar um ovo cru sobre a mesa, como condição *sine qua non* para ele se tornar um interlocutor da pesquisa. Não tive como recusar o desafio, e depois de algumas tentativas consegui a façanha. Contudo, a façanha não foi aceita na primeira vez, era como se ele não tivesse acreditado no meu feito, e me desafio uma segunda vez, agora em uma superfície mais lisa que a primeira. Mas eis que novamente eu repeti a proeza, meio sem acreditar que eu havia sido capaz novamente. Então ele, com bom humor comentou: *agora sim eu te dou uma entrevista*.

⁵¹ Segundo a Associação Brasileira de Parkinson (2015), está é uma doença neurológica descrita pela primeira vez em 1817, pelo médico inglês James Parkinson. O Parkinson afeta os movimentos da pessoa, causando tremores, lentidão de movimentos, rigidez muscular, desequilíbrio além de alterações na fala e na escrita.

Os pais e avós do Fábio eram de origem italiana e vieram ainda jovens para o Brasil, mas ele nasceu aqui, em uma cidade praiana do litoral paulista. Quando se mudou com a família para São Paulo, passaram a morar em frente a uma escola Waldorf. Por conta da proximidade, e sem conhecimento algum da Antroposofia, sua mãe matriculou a ele e a seus irmãos. Mais tarde, sua mãe participou do seminário de formação para professores e tornou-se uma professora Waldorf. Fábio conta com orgulho que se formou no colegial, na primeira turma de alunos Waldorf no Brasil. Mais tarde, depois de passar no vestibular para agronomia, foi para a Alemanha, entre outros lugares da Europa, para aprender mais sobre agricultura biodinâmica.

Quando voltou, formou-se e uniu forças com outros membros da Antroposofia para dar início aos primórdios da Demétria. Em 1991 começou a ter os primeiros sintomas da doença de Parkinson e hoje, aos 57 anos, continua ativo em suas atividades apesar das dificuldades geradas pela doença, representando entre os moradores da Demétria, um exemplo de como viver uma doença crônica com dignidade. Com um grande senso de humor que as vezes beirava ao deboche, estava sempre brincando com a sua condição de doente. Nos momentos sérios ele descreveu o Parkinson e sua atitude em relação aos sintomas.

A doença tem dois sintomas básicos, um deles é o tremor e o outro é o congelamento, é quando eu falo que tô travado, e isso para mim é mais forte. Quando eu não estou sob o efeito de medicamentos eu fico mais travado, os movimentos ficam bem comprometidos, mas hoje eu estou bom! Então desconto o tempo perdido (risos). As crises estão ligadas mais ao emocional, se eu estou muito excitado ou ansioso, se tenho um compromisso ou um horário. (...) O Parkinson é super legal porque ele não dá dor, não sinto nada, tanto que não me mexo (risos). No começo eu me tratei com a homeopatia, acupuntura, mas o efeito é bem pequeno. Eu nunca tomei remédio e agora tomo de monte, e olha, eu agradeço a medicina convencional por ter inventado esses remédios (...) hoje eu me trato na Unesp e eu cedo o meu corpo para que sejam feitas algumas pesquisas em parceria com uma universidade americana. (Fábio)

Os itinerários terapêuticos de todos os pacientes/membros da Antroposofia apresentaram semelhanças, principalmente na busca por outras terapias consideradas alternativas. No entanto, a maioria apresentava uma postura de rejeição das práticas biomédicas, principalmente quanto ao aderir a tratamentos com medicamentos controlados para perturbações mentais. O Fábio foi o primeiro a enaltecer os benefícios dos medicamentos alopáticos. Quando indagado sobre o uso das terapias e medicina orientadas pela Antroposofia, se elas haviam ajudado com o tratamento do Parkinson, ele respondeu ironicamente: *elas não atrapalharam*. Mas quando perguntei se a Antroposofia havia colaborado para uma possível compreensão da doença em sua vida, veio à tona aquilo que para o meu interlocutor era, de fato, uma doença.

Olha, eu acho que o nosso objetivo, nossa meta como ser humano e virar anjo um dia, evoluir para virar anjo, e tem várias maneiras de fazer isso, tem coisas que você precisa mudar, melhorar, daí a doença do Parkinson dá essa chance né? Na verdade, é uma sorte, é prá quem pode não é prá quem quer! (risos). A vida, eu tô aproveitando legal, mas mudar...é difícil de mudar. Mudar a teimosia, o orgulho. Muitas atitudes que você não gostaria de ter e depois não consegue sair do rolo, né? Não bebo e não fumo, meu único defeito e a boemia. (...) eu confiava muito no meu taco, eu era muito gostoso, eu era supersimpático, carismático. Eu não tinha problemas. Eu sempre achei que se eu encontrasse com o lobo do chapeuzinho vermelho, ele não ia me comer, eu tinha uma lábia! (risos) E com isso eu fui criando uma forma própria de ver o mundo, nas barreiras eu via sempre um caminho prá passar, isso as vezes é bom e as vezes é ruim. Eu vou agindo conforme eu sinto, eu passo por cima dos outros e desrespeito os outros. A doença me fez pensar. Eu era terrível, podia ter acontecido algum acidente feio comigo, se eu não tivesse sido brechado. E era muito impulsivo. Cada um tem um problema e cada problema tem uma solução. (Fábio)

O filósofo Canguilhem (1990, p.144) nos ajuda a pensar as concepções acerca da doença, da cura e da saúde, lembrando que “em matérias de normas biológicas, é sempre o indivíduo que devemos tomar como ponto de referência”. Segundo o autor, a linha limítrofe entre o normal e o patológico é imprecisa se for considerar a diversidade de indivíduos, e, ao mesmo tempo, é precisa para um único indivíduo, pois o normal e a normatividade dependerá do contexto cultural.

O Fábio demonstrou que apesar da comunidade vê-lo como doente, era ele quem decidia se estava doente ou não, “por que é ele que sofre as consequências” em seu mundo permeado pelas atividades que precisa realizar seu, pois, apesar dos fortes tremores, não houve um segundo sequer, que eu tenha observado no Fábio algum tipo de hesitação na hora de manejar ferramentas pesadas e perigosas, como as serras manuais e furadeiras. E assim as tarefas, grandes ou pequenas, eram desenvolvidas pelo Fábio de forma “normal”, um normal que convive com flutuações e possíveis novos acontecimentos no cotidiano. Canguilhem, define claramente que a doença não pode ser entendida com uma variação da dimensão saúde, mas como uma nova dimensão da vida, sendo ao mesmo tempo permeada pela privação e pela reformulação (CANGUILHEM, 1990, p.145-146).

Para Canguilhem (1990, p.146), a doença não é a ausência de norma e pode ser vista como uma norma de vida, que por vezes pode ser considerada inferior por não poder se transformar em outra norma. O doente será alguém em uma situação de perda da capacidade normativa, apesar de poder ter uma “norma diferente em condições diferentes”. Assim também ocorria com o Fábio, que na Demétria não conseguia fazer prevalecer a sua norma de não estar doente. Além disso, a comunidade possuía dois tipos de normas para definir a doença, sendo uma norma individual e uma norma coletiva para definir os estados patológicos oriundos da vida espiritual ou de outras vidas. Fábio era considerado “o” doente menos doente, mas ainda assim doente. Isso porque em sua individualidade ele não se considerava doente, e ao mesmo tempo, se considerava doente na norma antropológica. A escolha pela norma coletiva antropológica permitia ao Fábio uma construção estética da cura para além do corpo físico. Para ele, a forma de conduzir o enfrentamento da doença, de forma digna, o levaria a uma cura mais significativa do que a resolução da doença física. A cura iria se dar na evolução da alma e do espírito.

Uma atitude que achei muito boa foi me desligar da Associação de Parkinsorianos, porque eu ficava altamente deprimido vendo o meu futuro, tipo, tá vendo aquele cara babando ali, então esse é o meu futuro. Então eu parei de frequentar, não queria mais ter contato com outros parkinsorianos, não vou mais ler bula de remédio. Hoje eu sou artista, quer ficar doente? Vá ao médico, ele vai achar alguma coisa. É lógico que fico bronqueado com Deus, mas a chance é minha, né? Tenho que aproveitar. (Fábio)

5.3.3. O mal que cura

Os antropósofos seguem uma antiga tradição esotérica sobre os seres divinos, isto é, sem corpo físico, que são responsáveis por instalar no ser humano o desejo pela matéria e pelos prazeres. Esses seres divinos são considerados seres atrasados em sua evolução e são denominados seres arimânicos e luciféricos, que são dirigidos pela entidade Arimã e Lúcifer (SETZER, 2011). Para Steiner o mal podia ser entendido como um bem deslocado no tempo e no espaço, não existindo sobre o mal uma conotação pejorativa: ele não devia ser eliminado, mas sim reconhecido e sublimado, transformado em bem por atos de amor altruísta. Para os interlocutores, o mal existe e é uma necessidade que nos ajuda evoluir. Sem o mal não teríamos um corpo físico e nem poderíamos ter autoconsciência e liberdade.

“É preciso identificar as doenças oriundas das forças luciféricas e das forças arimânicas, pois as pessoas com desejos luciféricos precisam se livrar disso para a próxima vida, e ele será socorrido pelas doenças. Por meio das forças espirituais a pessoa trava uma batalha, uma luta física no corpo. A pneumonia por exemplo é uma luta contra as forças luciféricas, por meio da doença a pessoa consegue se livrar do que trouxe da vida anterior, passar pela doença significa libertação,

mesmo morrendo”. (Trecho da palestra proferida no XI Congresso Nacional de Medicina Antroposófica, em 2013, no Rio de Janeiro).

A luta entre as forças do bem e do mal, até então, só haviam sido mencionadas nos episódios dos meus acidentes pessoais, próximos ao natal de 2013, e compreendidos pelos interlocutores como possível influência das forças arimônicas. Mas, no início de 2015, quando eu havia acabado de voltar da Suíça para o Brasil, surgiu, ao acaso, a oportunidade de retomar o contato com uma das primeiras interlocutoras da pesquisa, disposta a colaborar com o estudo desde de 2011, porém, ausente no período em que eu estive na Demétria. Decidida de que aquela seria a última entrevista da pesquisa, fui ao encontro da euritmista Patrícia e me deparei novamente com as forças demoníacas na Antroposofia.

Patrícia era uma bailarina profissional desiludida com o balé em decorrência das rígidas exigências de uma magreza extrema que a levou a um quase estado de coma. Em uma consulta antroposófica, pois não havia médicos homeopatas disponíveis na época em que precisou, fez seu primeiro contato com a Antroposofia. Após esse primeiro encontro, conheceu também a euritmia artística antroposófica, e fez desta prática artística um novo caminho, principalmente porque chegava a uma estética, mas não pelo corpo, como acontece no balé. Envolvida com a Antroposofia uniu-se a um outro euritmista de origem europeia, membro de uma família importante na Demétria que havia convivido intimamente com Rudolf Steiner, na Suíça. Segundo a história desta família, os avós de seu companheiro conheceram Steiner pessoalmente, e que, em um gesto de amizade, sugeriu os nomes dos filhos, sendo um deles a mãe do seu companheiro, a Dona Leonor.

A euritmista não se considerava religiosa apesar de sua família ser espírita. Não frequentava a comunidade de cristãos e também não se considerava uma antropósofa com aprofundamento teórico, utilizando o conhecimento da euritmia mais na prática da vida pessoal. Relatando os próprios processos de procura da cura na Antroposofia ressaltou o episódio da doença de seu marido como sendo a sua maior experiência espiritual.

Eu vivi um processo de cura quando meu marido ficou doente. Ele teve uma crise, quase um surto a partir de um stress e eu para não internar para que depois ele conseguisse se reintegrar, resolvi trata-lo em casa. Nesse um mês que eu fiquei, dia e noite, para cuidar dele, aí eu passei por um processo grande, porque eu vivencie coisas que já havia lido ou só escutado, sobre forças que dominam...eu senti, percebi mesmo, assim como todo o processo dele de como voltar depois para o corpo. (...) Ali eu senti que passei por um processo bem grande. (Patricia)

Steiner, em uma palestra proferida em maio de 1923, descreveu como se davam as influências luciféricas e arimânicas no corpo físico. Para ele os processos corpóreos de endurecimento e amolecimento são vistos como sinais nas influências destas forças. O endurecimento por influência arimânicas, por exemplo, teria suas causas relacionadas a nossa vida emocional. Os antropósofos acreditam que no âmbito da alma pode haver o endurecimento físico das artérias e dos músculos em decorrência de atitudes pedantes, materialista e permeada por uma razão árida. No entanto, Steiner considera a necessidade deste endurecimento, em doses equilibradas, pois uma pessoa cujo nervos são muito moles, não suficientemente “endurecidos”, poderia enlouquecer. O amolecimento estaria associado às influências luciféricas, com ideias repletas de imaginação e de fantasia.

De forma resumida, as forças arimânicas endurecem e calcificam o corpo físico, na alma estimulam o pedantismo, o materialismo e o filistinismo; no espírito irá prevalecer uma razão árida e um comportamento muito desperto. Por sua vez, as forças luciféricas amolecem e rejuvenescem o corpo físico, na alma, inspira a fantasia, o sonho e o misticismo, e no espírito uma atitude adormecida. Assim, conhecendo a teoria sobre como as forças arimânicas e luciféricas agiam no corpo físico, não contive minha curiosidade e perguntei, de forma talvez até incrédula: Patrícia, como você percebia a manifestações dessas forças?

“Eu via, - apontando para os próprios olhos - (risos nervosos) - foi muito forte, eu vi essas coisas que tanto eles falam sobre as forças luciferianas, eu via como transformava a figura do rosto dele na cama. Então para mim foi uma coisa assim, oh! Isso é real! Porque uma coisa é você estudar e outra coisa é você estar ali vivenciando. Ai, o que você faz com isso, como você lida com tudo isso? Ai sim foi o grande processo da minha vida. É claro que na formação de eurytmia você tem toda uma formação, não tem como passar por uma formação sem se transformar, ainda mais porque toca em pontos tão sutis, não tem como não se transformar. Mas na doença do meu marido aí sim foi a minha formação, tudo que eu havia aprendido até aquele momento na minha vida, misturando o espiritismo com a Antroposofia, isso me deu força. Meu marido, é claro, também passou por um processo muito mais intenso do que o meu. A princípio, por conta dos medicamentos alopáticos ele se sentia aprisionado, depois precisou também vencer o preconceito, todo mundo dizia que ele não ia mais ser eurytmista. Depois da doença, quando ele voltou, ele percebeu que não estava realmente encarnado no corpo, fazendo parte desse mundo. Aí ele dizia assim: “agora eu estou encarnado!” (Patrícia)

De acordo com o pensamento antroposófico, há um mistério profundo nesta relação do corpo com as forças maléfica, pois, quando o humano é lançado na matéria por uma ação "maléfica", isso redundará em um bem e assim nos tornarmos autoconscientes e termos livre arbítrio. Para Setzer (2011), Goethe teve uma intuição da possibilidade de transformar o mal em bem. Na cena em que Fausto pergunta a Mefistófeles: quem é este? a aquele que representava Árimã, e recebeu a resposta "*Ich bin ein Teil jener Kraft/die stets das Böse will/und stets das Gute schafft*", ("Eu sou uma parte daquela força que sempre quer o mal, mas sempre cria o bem"⁵²).

Reconhecer que Lúcifer e Árimã atuam em conjunto, apesar de terem tendências opostas, é muito importante para os antropósofos que norteiam sua conduta moral por meio da percepção corpórea. Eles acreditam que entrando em contato com a sabedoria cósmica é possível errar e, portanto, escolher entre fazer o

⁵² Tradução do autor.

bem ou fazer o mal. Tanto Árimã quanto Lúcifer são para eles, contra a liberdade humana, pois querem aprisionar o ser humano um, no espírito, desligando-o da matéria, e outro na matéria, desligando-o do espírito. O egoísmo, ao contrário do amor altruísta, teria características tanto luciféricas como arimânicas. Um exemplo da atuação conjunta desses seres é a utilização da televisão: o aparelho seria arimânico enquanto induz um estado luciférico de semiconsciência.

Segundo Setzer (2011), toda tecnologia é arimânica. Steiner caracterizou as máquinas como formando uma região subnatural, pois, qualquer máquina possui uma história de utilização de um cristal ou seixo, que levou milhões de anos para ser formado em processos físicos de grande complexidade. Hoje em dia os antropósofos, acreditam que Árimã suplanta em muito a influência de Lúcifer. Para os antropósofos a aceleração no aparecimento e no uso de máquinas digitais é uma evidência do desequilíbrio entre as forças. Qualquer adiantamento do futuro é arimânico. A internet é vista pela Antroposofia como um desses adiantamentos: para eles, a humanidade simplesmente não está preparada para tanta liberdade. No entanto, não há posições radicais sobre o assunto, acreditando também que as máquinas podem ser usadas para o bem.

Já a utilização de drogas psicotrópicas ou o uso compulsivo de analgésicos, são influências consideradas luciféricas. Assim também é compreendida como influência luciférica toda volta ao passado, como por exemplo, qualquer fundamentalismo, seja ele religioso ou não. Desta forma, a saúde é vista como um estado de equilíbrio entre os dois extremos. Steiner esculpiu em madeira uma imagem de nove metros⁵³, que seria a sua representação da humanidade, onde mostra Arimã e Lúcifer, em lados opostos, estando Lúcifer na parte de cima e Arimã na parte de baixo, ambos influenciando a natureza da humanidade, tendo suas forças equilibradas pelo Cristo, o elemento mercurial fundamental para a saúde humana. A cosmologia Antroposófica é complexa e para compreendê-la é necessário se concentrar na leitura de vários dos livros de Rudolf Steiner⁵⁴. Mesmo entre os estudantes das obras,

⁵³ A imagem se encontra nos anexos da tese.

⁵⁴ As traduções das obras de Rudolf Steiner do alemão para o português foram realizadas no Brasil por membros oriundos da língua germânica dificultando a interpretação em nossa língua. Fui aconselhada por meus interlocutores a ler apenas as traduções do alemão para o francês, pois estas são consideradas mais fidedignas.

membros dos *Ramos*, não há consenso sobre todos os aspectos da evolução planetária do ser humano, pois muitos das explicações esotéricas não são ainda completamente compreendidas, ou mesmo reveladas, mantendo assim os membros em um constante estudo das obras.

No caso da Patrícia a experiência espiritual vivenciada na doença de seu companheiro, proporcionou a oportunidade da construção de sua formação. Apesar da interlocutora conhecer o significado da palavra *Bildung*, ela preferiu utilizar a palavra *formação* para comentar sobre a sua transformação pessoal. Na sua opinião há um devaneio coletivo nos dias atuais, em que as pessoas desejam a todo custo serem iniciadas em algo esotérico. Na sua opinião, a *Bildung* só faz sentido na prática do dia-a-dia, nas coisas concretas da vida como o trabalho. Apesar de haver um grupo, principalmente em São Paulo e na Suíça, que é capaz de citar a página em que Steiner disse determinada coisa, a Patrícia entende que não há necessidade deste tipo de erudição, para ela a Antroposofia é algo que deve ser vivido sem de forma simples. Para finalizar, a euritmista lamentou a posturas de alguns *antropósofos de carteirinha* que colocam a Antroposofia como a salvadora do mundo. Para ela, a Antroposofia é apenas mais um dos caminhos para a sua formação humanística.

PARTE III. O ESTRANGEIRO



Fonte: Navegando, 1818: Caspar David Friedrich⁵⁵. Disponível em: <http://www.hamburger-kunsthalle.de/19-jahrhundert>

⁵⁵ “Cerre teu olho corporal, para que só assim vejas com o olho espiritual a tua imagem. Traze então à luz aquilo que viste no escuro, para que retroaja em outrem, do exterior para o interior”. (Caspar David Friedrich). O pintor propunha para a arte, o papel de mediadora entre a realidade espiritual e a corporal, em uma realidade perceptível sensorialmente. E, na experiência do belo, o homem estabelecerá uma relação estética e harmoniosa com a natureza, com bases em uma visão suprassensível (SEEBERG, 2005)

CAPÍTULO 6. A ANTROPOSOFIA NA EUROPA

6.1. A *Bildung* como viagem

Viajar é um processo que pode ser compreendido, segundo Suarez (2005), como uma das características da dinamicidade da palavra-conceito *Bildung*. No livro de W.A. Goethe, Os anos de aprendizado de *Wilhelm Meister*, *Bildung* se caracteriza como uma viagem, cuja essência é lançar o "mesmo" num movimento que o torna "outro". Para a autora, a "grande viagem" que caracteriza a *Bildung* não consiste em ir a um lugar qualquer, mas lá onde possamos, por meio da *experiência da alteridade*, nos formar e educar. "Para tornar-se o que é o viajante experimenta aquilo que ele não é. Pois está subentendido que, no final desse processo, ele reencontra a si mesmo" (BERMAN, 1984, p.147).

Essa lei da viagem como lei da alteridade, na compreensão de Schlegel (apud BERMAN, 1984, p.147): "é por isso que, certo de reencontrar-se, o homem sai de si mesmo para se buscar e encontrar o complemento de seu ser no mais íntimo da profundidade do outro". A *Bildung* é essa experiência romântica de estranhar o mundo e estranhar a si mesmo no mundo. Uma busca de si no mundo.

Entre os europeus é um hábito bastante comum, que os jovens abaixo dos dezoito anos, façam uma viagem aos outros países da Europa. Há inclusive um acordo entre os países que para estimularem essa jornada juvenil, oferecem entradas gratuitas aos museus e outros eventos culturais para os que comprovarem a idade. No caso dos jovens suíços, quando atingem a idade de fazer o serviço militar, por exemplo, podem optar por fazer uma experiência de serviço voluntário em um país considerado periférico, como o Brasil. Observei que há um grande fluxo de jovens europeus que cursaram escolas Waldorf na Europa e vieram prestar serviços na

comunidade Monte Azul⁵⁶, localizada na periferia do bairro de Santo Amaro (São Paulo), organizada pelos antropósofos do *Ramo Tobias*.

Esse fluxo também acontece no sentido contrário. Alguns dos jovens oriundos de famílias antroposóficas da Demétria, também são incentivados a fazer esta viagem como parte de sua formação cultural e espiritual. Depois que aprendem a língua do país para o qual pretendem partir, há um exame da fluência antes do jovem ser aceito por uma das várias instituições antroposóficas que cuidam de pessoas *handicap*⁵⁷. Essas instituições estão espalhadas por vários países e são chamadas de *Camphill*. O *Camphill* é uma iniciativa antroposófica após a morte de Steiner. Participar de uma dessas comunidades significava para os meus interlocutores da Demétria, *a oportunidade maior de poder ser útil a outro ser humano*. O ato de realizar esta viagem significava exercitar aquilo que deveria ser sua principal característica, o altruísmo.

Esse fluxo, Demétria – Europa, atraiu também jovens pobres, moradores de Botucatu, que não necessariamente moravam na comunidade, mas que compreendiam a viagem como oportunidade para aprender uma língua estrangeira e trabalhar em um país europeu. Para isso eram exigidas, desses candidatos algumas habilidades consideradas necessárias para a função de cuidador das crianças e adultos *handicap*, como desenvoltura com instrumentos musicais e trabalhos manuais. Nas conversas com alguns desses jovens não antropósofos, eles relataram situações de exploração, com extensas jornadas de trabalho e salários chamados de “pagamento simbólico”, tão reduzidos que impediam a mobilidade e o lazer. Alguns se casaram com membros europeus da Antroposofia e passaram a viver na Europa, e outros foram expulsos das comunidades porque não apresentavam o perfil desejado.

⁵⁶ Na comunidade Monte Azul há ambulatório médico antroposófico que atenda a população mais carente de São Paulo, oferecendo consultas, terapias e medicamentos a preços mais acessíveis.

⁵⁷ O termo *handicap* é comum na Suíça e designa uma desvantagem que torna mais difícil o sucesso.

6.2. O Branch Christian Rose Croix

Em fevereiro de 2014 eu parti para a Suíça para cursar as disciplinas na Universidade de *Lausanne* (Unil) e participar dos estudos realizados no Observatório de Religiões na Suíça, na Faculdade Psicologia da Religião, sob a orientação do professor Doutor Brandt, e conhecer, no período de um ano, as origens suíças da Antroposofia. Para isso eu fui morar na pequena cidade de Vevey, as margens do lago *Leman*, cercada por grandes extensões rurais para o plantio de uvas, situada no Cantão do *Vaud*, na parte ocidental do país, onde a principal língua falada é o francês, e está há alguns minutos de trem da cidade de *Lausanne* que possui um dos Ramos da Antroposofia, o *Branch Christian Rose Croix*.

Com o objetivo de aprofundar a etnografia realizada no Brasil, procurei entre os antropósofos da Demétria uma forma de contato com outros membros da Antroposofia na Suíça, que pudessem receber por algum tempo, a mim e a meu companheiro, em uma acomodação que fosse próxima a *Lausanne* e que estivessem abertos para receber uma pesquisadora sobre a Antroposofia. Foi então, por meio do contato com uma das filhas de uma das interlocutoras da pesquisa na Demétria a Dona Melba, que vive na Suíça em uma comunidade rural antroposófica já há alguns anos, que consegui a oportunidade de habitar a casa de uma antropósofa considerada importante e de grande influência no *Branch Christian Rose Croix*, responsável, entre outras coisas, pela biblioteca do *Ramo*. Na Antroposofia ser responsável pela biblioteca da literatura produzida nesta ciência espiritual é considerado uma grande honra, uma vez que os estudos das obras de Rudolf Steiner são primordiais ao grupo e confere ao membro um status diferenciado dos demais.

Essa antropósofa era a Madame E, uma senhora idosa de 70 anos, esguia, alta, de origem alemã com a pele e os olhos claros, vinha de uma família luterana, e possuía uma única formação, a de professora Waldorf. Mais polida que gentil, possuía em um dos olhos uma contração involuntária, rápida e repetitiva, popularmente conhecida como tique nervoso, caricaturesco em pessoas nervosas. Culta, mas não intelectualizada, dominava o alemão, sua língua de origem, o francês e o inglês britânico, assim como a maioria dos suíços, e era responsável pela tradução dos

boletins do *Goetheanum*, sede da Antroposofia, em *Dornach*, da língua alemã para os suíços antropósofos de língua francesa.

Em sua ampla propriedade situada um bairro nobre próximo ao lago Lemán, estavam começando, por iniciativa da Madame E, a serem realizados cursos de formação de observação botânica goethianística, eventos musicais, grupos de estudo, terapias e os rituais dos preparados biodinâmicos, reunindo periodicamente membros do *Branch* e simpatizantes da Antroposofia. Entre os membros e simpatizantes estava alguns brasileiros, argentinos e portugueses, além dos europeus que formavam a grande maioria. Frequentavam também os filhos da Madame E, todos formados nas escolas Waldorf e atuando profissionalmente segundo a Antroposofia.

Morando efetivamente na casa, eu e meu companheiro éramos os únicos estrangeiros de fato, pois havia no mesmo período de nossa permanência um outro simpático casal, mas de origem suíça, proprietários de uma loja de produtos *bio*, alojados temporariamente em um dos quartos no terceiro andar, e com os quais dividíamos a cozinha e o banheiro da parte térrea da casa. Esse casal havia acabado de comprar uma propriedade rural para produzir o próprio produto orgânico no alto de uma montanha e estavam vendendo o seu comércio na cidade. Não possuíam carro, fazendo quase todo transporte dos produtos de bicicleta, acordavam sempre na primeira hora do dia para trabalhar e aos finais de semana partiam com suas bicicletas para o alto das montanhas.

Esse casal, um exemplo suíço de comportamento, transpirava vitalidade, disciplina para o trabalho e coragem para vencer os principais desafios da vida. Seus belos corpos atléticos e sua alimentação impecavelmente saudável, servia inevitavelmente, de comparação com as nossas práticas cotidianas dentro e fora da casa, e, apesar de possuirmos idades próximas, quando comparados, éramos como água e vinho. Destaco a palavra *belo* para salientar a questão estética sempre muito presente na Antroposofia. Não só os corpos, mas a escolha da alimentação e dos projetos de vida, apontavam para um casal com um gosto estético, considerado bom, adequado e politicamente correto, ao menos nesses grupos culturais que compartilham da Antroposofia.

Do outro lado, havia também um interessante casal de empregados, ambos de imigração portuguesa, que prestavam serviços semanais de limpeza, organização e reparos, realizados na parte externa da casa pelo homem e na parte interna, pela mulher, ambos extremamente servís e agradecidos a Madame E. Em decorrência da língua em comum, houve uma natural aproximação com esse casal, no entanto, percebemos certa confusão e um ligeiro mal-estar, entre os portugueses, sobre o fato de nós brasileiros, morarmos na casa e possuímos um status diferenciado na relação com a proprietária. Afinal o que éramos? O que estávamos fazendo na Suíça? Se éramos imigrantes, estávamos então tentando roubar seus empregos. Se não éramos porquê então nos submetíamos às restritas condições financeiras dos imigrantes?

Não havia uma compreensão muito clara para nenhum dos moradores da casa sobre quem eu era e do que estava fazendo realmente na Suíça. Mesmo explicando detalhadamente não havia um entendimento consistente do que significava exatamente a realização de uma etnografia⁵⁸. Hoje compreendo que havia também uma confusão sobre era ou não membros da Antroposofia brasileira que, em parte, facilitou minha entrada no universo antroposófico na Suíça, pois a Madame nutria, ao menos no início, uma expectativa equivocada sobre minhas habilidades com o manejo da terra, uma vez que estava vindo da Demétria, ou seja, uma fazenda biodinâmica.

Quando era compreendida como imigrantes recebia ajuda, pequenas doações de roupa, sapato, comida e cartões de desconto no supermercado, e quando era compreendida como acadêmica, era questionada, examinada, por vezes diminuída e criticada, principalmente pela antropósofa, ora por meu francês claudicante, ora por minha rotina acadêmica, letárgica demais aos seus olhos. Assim, meus hábitos eram observados com certa curiosidade pelos habitantes da casa, mas principalmente pela Madame E que passou a exercer um papel de mecenas, colaborando diariamente com o nosso processo de formação, corrigindo tudo o que podia escapar da pretendida estética da casa.

⁵⁸ Apesar da Antroposofia prezar pelo estudo da ciência, não encontrei muitos antropósofos acadêmicos, embora existissem. A academia convencional não é considerada relevante para os membros da Antroposofia, pois a mesma acredita que os métodos são limitados e a ciência espiritual já ultrapassou a academia para captar a realidade humana.

A casa da Madame E, seguia rigorosamente as orientações antroposóficas, e por isso não possuía micro-ondas, televisões e apesar de ter computador e celular, não havia wi-fi, limitando a conexão com a internet. As refeições eram confeccionadas apenas com alimentos *bio*, chamados de orgânicos no Brasil, quase todos comprados na parte rural do *Branch*. Neste *Branch* havia um sistema de venda dos produtos em que o interessado pegava o alimento desejado e, depois anotava em uma caderneta. No final do mês, essas anotações eram somadas e enviadas para a residência do comprador, que providenciava o pagamento. Esse mesmo sistema foi instalado no Brasil, na biojoia da Demétria, mais precisou ser cancelado porque as pessoas da comunidade, mas mais provavelmente as crianças da escola, subvertiam a regra não anotando o produto para posterior pagamento da dívida.

Havia na Suíça um limite, por casa, de resíduos sólidos que podiam ser descartados por semana. Evitava então comprar produtos com grande volume para facilitar o descarte, e os restos orgânicos eram armazenados em uma composteira que mais tarde fornecia adubo para as plantas do quintal, assim como na Demétria em Botucatu. Algumas das plantas consideradas ervas daninhas, como o dente de leão, eram utilizadas, quando ainda jovens, para a realização de saladas, reutilizando inclusive o mato do jardim. As bebidas alcoólicas eram consideradas ofensivas dentro da casa, apesar de não haver uma rígida restrição. E, se por um lado reinava a simplicidade nas roupas e nos alimentos, por outro lado, havia o consumo, com valores bem elevados, dos produtos e serviços considerados adequados ao estilo de vida proposto.

A Madame E, estava, por exemplo, sempre realizando pequenas reformas na casa, na tentativa de aproximar a arquitetura convencional do imóvel, com suas linhas retas e convencionais, em uma casa com arquitetura antroposófica, com linhas de origem orgânica. Para isso contratava os mais variados serviços para atingir os seus objetivos. Chegava ao requinte de comprar uma cama construída a partir de uma determinada madeira biodinâmica, sugerida por um senhor simpatizante da Antroposofia, que teria o dom de observar fenomenologicamente qual madeira estava destinada a cada pessoa. E assim, era consumido todo um leque de pequenos e grandes produtos destinados a saúde, a decoração e a alimentação. A estética da casa deveria refletir o propósito de seus moradores. Para isso cheguei inclusive a

presenciar o descarte de um micro-ondas em perfeito estado de uso com a justificativa que assim não haveria a tentação em utilizá-lo enquanto morasse sob sua proteção.

Assim como tudo, havia um preço para permanecer na casa durante todo primeiro semestre do ano. A proprietária estabeleceu que para diminuir o montante de 700 francos suíços necessários ao pagamento do quarto, pode realizar alguns trabalhos domésticos na casa e no quintal, nos dias em que não fosse a universidade. Alugar um outro imóvel na Suíça significava utilizar os 1300.00 euros da bolsa apenas para morar, mas eram necessários pagar ainda os 400,00 francos mensais pelo seguro saúde de ambos para continuarmos tendo o direito de permanecer no país, mais a condução para a universidade além da alimentação. Os quartos destinados aos universitários da Unil, em Lausanne, não aceitavam casais, e então, esgotadas as minhas alternativas, e em comum acordo com a proprietária, passamos a participar da rotina diária da casa, executando todo e qualquer tipo de serviço, mas principalmente limpando, retirando o mato do extenso jardim inglês e cozinhando eventualmente para todos quando havia necessidade. Meu companheiro atuou também como motorista e executou trabalhos pesados, movendo por exemplo, as pesadas pedras do jardim, utilizadas para traçar os caminhos. Ao mesmo tempo servíamos de companhia para a Madame E quando haviam eventos culturais que ela desejasse compartilhar.

Para executar essas tarefas relativamente simples, procureis por várias vezes, junto aos portugueses informações de como proceder, pois, havia a exigência de uma ‘técnica corporal’ para determinadas tarefas distinta das desenvolvidas no Brasil. Para lavar a louça, varrer o chão, aspirar o pó dos tapetes, estender e retirar as roupas no varal e capinar o mato do jardim havia uma postura correta a ser executada. Isso sem mencionar, é claro, o esforço necessário para o ajuste do vocabulário em francês para compreender corretamente as instruções. Sentindo seus empregos ameaçados, os portugueses, principalmente a mulher do casal, Fátima, por vezes sabotavam com a falta de informações, ocultando onde encontrar os produtos de limpeza, os panos para a limpeza do piso.

Essa situação possibilitou que eu observasse uma profunda tristeza por parte desta mulher portuguesa, que nas rápidas conversas que tivemos quando nos encontrávamos nas escadarias entre uma tarefa e outra, timidamente revelava sua

insatisfação em morar na Suíça e, sempre se desculpando de seus sentimentos, afirmava que a Madame era muito boa para eles, para logo depois confessar não suportar trabalhar naquela casa, fingindo muitas vezes não compreender o que a patroa falava em francês para não se aborrecer ainda mais. Eu não sabia ainda o que essa informação significava, mas já pressentia o que viria.

A fama da Madame E a precedia, pois era conhecida no *Branch* por sua personalidade altruísta e hospitaleira, pois, com frequência, recebia estrangeiros em sua casa. Ao mesmo tempo ela era sempre lembrada por possuir também um temperamento, ao mesmo tempo generoso, enérgico e crítico com as pessoas ao seu redor e com as questões institucionais da Antroposofia, visto ter o poder de veto em financiamento de iniciativas antroposóficas. A prática de hospedar estrangeiros era entendida por ela como uma forma de ascese, onde o encontro com o *Outro* poderia transformá-la em uma pessoa melhor.

Nesta fase da pesquisa, eu já havia abandonado o desejo de encontrar um “nativo original”, mas foi quando eu não estava mais procurando por isso, é que encontrei essa senhora, que para mim, representa o comportamento que considero o mais próximo das origens da Antroposofia na Europa. Fui, então, desvelando, aos poucos, mais desse comportamento altruísta e hospitaleiro. Alguns desses traços ficavam mais claros nas histórias sobre as situações positivas e negativas de alteridade com os outros estrangeiros latinos e europeus, que também haviam recebido ajuda da Madame E. Nessas histórias, algumas contadas por ela mesma, o final era quase sempre o mesmo, o estrangeiro latino, desprovido de dinheiro, partia da casa carregando o estigma da incompetência e o estrangeiro europeu, com dinheiro, permanecia por mais tempo, sendo lembrado ao final da estada, por seus aspectos positivos, sendo então considerado amigo.

Traçando um paralelo entre essas histórias sobre os estrangeiros na casa da Madame E. e a prática antroposófica no Brasil, especificamente na Demétria, foi possível identificar semelhanças no tratamento destinados aos aspirantes a membros da Antroposofia, quando estes eram desprovidos, principalmente de dinheiro, mas também de uma nacionalidade mais elitizada, como a europeia. Nas conversas com imigrantes colombianos pobres, professores formados na pedagogia Waldorf em seus países, que tentavam se estabelecer na escola antroposófica da Demétria, encontraram

as mesmas situações, o mesmo tipo de discriminação, justificada quase sempre pela recusa de uma estética mais próxima ao estereótipo do “bicho grilo”, ao ponto de uma das professoras Waldorf recomendar, segundo a fala da imigrante: “de que ela procurasse trabalho em Arembepe”, conhecida comunidade *hippie* na Bahia.

No mesmo período, na Demétria, escutei sérias acusações feitas por vários interlocutores desta pesquisa, que afirmavam que a mesma discriminação estava ocorrendo também com uma família de suíços pobres, considerados inadequados para ocuparem uma área central e valorizada pela especulação do mercado imobiliário na Demétria. No furor das discussões, as famílias antroposóficas eram acusadas de promover uma limpeza estética ao impedir essas famílias de se instalarem. Outros interlocutores, no entanto, negavam a intenção, alegando apenas um descompasso entre os projetos sugeridos por essas famílias e o destino que a Demétria vinha tomando para alinhar o perfil do bairro aos interesses dos novos investidores das iniciativas antroposóficas no Brasil.

Unindo os relatos da Demétria com a minha experiência na Suíça, percebi que é necessário ter mais do que uma origem europeia para ser aceito na Antroposofia, na verdade é mais importante ter dinheiro para seguir uma vida antroposófica, pois o consumo considerado adequado nesta ciência espiritual é de custo elevado. Digo isso não apenas fundamentada na experiência da Suíça, que por si só é um dos países mais caros da Europa, mas por compreender que a Antroposofia aconselha um leque de práticas alimentares, terapêuticas, arquitetônicas entre outros consumos que, juntas, a meu ver, são responsáveis por selecionar de forma elitizada os membros participantes. A próxima parte do texto procura evidenciar a relação entre esse leque de práticas e a necessidade de uma formação do *gosto estético*.

6.2.1. A cura que alimenta

Com os seus 70 anos, a Madame E apresentava uma vitalidade surpreendente para a sua idade, praticando inclusive a modalidade esportiva de esqui de fundo⁵⁹ e a natação no gelado lago *Leman*. Essa vitalidade, segundo a antropósofa, era fruto da sua alimentação orgânica e da vida regrada que vivia. O corpo para ela era uma expressão da moral da pessoa. Contudo, a prática alimentar não a impedia de possuir uma doença reumática que tratava de forma alternativa, ora com terapias antroposóficas, principalmente a quirofonética e a eurtmia curativa, realizadas em sua própria cada, entre duas a três vezes por semana, ora em outros segmentos também alternativos, mas nunca com alopátia. De acordo com a cosmologia antroposófica, a doença da Madame E. era decorrente de uma tendência a sucumbir as forças arimânicas, ou seja, um reumatismo causado pelo excesso de racionalidade considerada árida e um comportamento considerado inflexível.

Para conter as características consideradas desagradáveis de sua personalidade, a Madame E., apesar de gostar muito de doces, os evitava bravamente porque este alimento poderia torná-la egoísta, segundo as orientações sobre a alimentação prescritas por Rudolf Steiner, sucumbindo aos doces somente após as três horas da tarde. Ingerir-los antes deste horário poderia deixar a pessoa indolente para o trabalho e isso era inadmissível. O uso do café também era restrito, segundo a antropósofa, era necessário evitá-lo por já possuir um temperamento colérico e o café funcionar como forte estimulante para quem tem esse temperamento. As batatas também eram evitadas, o consumo delas podia alterar negativamente o funcionamento do cérebro, tornando os pensamentos lentos. Essa “alimentação consciente” com a renúncia ascéticas de determinadas comidas eram consideradas necessárias para a Madame E, pois, havia o objetivo de ser dono de si mesmo, fortalecendo a própria vontade.

Ainda no ritual alimentar antroposófico, os caldos eram privilegiados, quase sempre seguidos de algum chá no final das refeições. O choque entre alimentos frios e quentes era evitado, inclusive no Brasil, onde a orientação de caldos e chás quentes servidos a todo momento destoavam do clima quente do país. Em contrastes com esses hábitos alimentares da Madame E, a minha alimentação na Suíça era limitada

⁵⁹ Esqui de fundo é uma maratona de esqui, com subidas, descidas e trechos planos. Faz parte da família das modalidades de esqui nórdico.

a condição financeira e estava baseada totalmente no consumo de produtos oferecidos nas gôndolas de promoção dos supermercados, obviamente não *bio*. Comia pouquíssima carne em decorrência do elevado preço na Suíça, substituindo este alimento por embutidos e carnes processadas de qualidade duvidosa. A estratégia de sobrevivência exigia que diminuísse o padrão alimentar que tinha no Brasil. Mesmo frequentando as feiras livres em Vevey, comprava as verduras que não eram orgânicas que, assim como no Brasil, possuem um valor mais elevado. Esse tipo de consumo alimentar era motivo de repulsa por parte da antropósofa, que contorcia o rosto ao flagrar minhas refeições.

Minhas escolhas alimentares eram compreendidas como justificativas para a minha pouca força de vontade para executar as tarefas com primazia, sintomas da minha acrasia que me conduzia a escolhas equivocadas nos hábitos alimentares. Para a Madame E. a fraqueza apresentada era resultado de uma alimentação inadequada, e essa alimentação inadequada deixava a força de vontade ainda mais fraca, levando a inconstância e a irresponsabilidade por não conseguir manter o ideal de saúde e não haver a superação dos limites biológicos-corporais, como se uma coisa estivesse diretamente condicionada a outra. Assim, fui considerada inapta e inferior, uma *handicap* da moralidade.

A cozinha na qual eram preparadas as refeições passou a ser considerado ambiente de risco para os hábitos alimentares da Madame E, que em suas visitas diárias, procurava resistir aos pedaços de chocolates oferecidos com as xícaras de café, mas sempre acabava sucumbindo as tentações. Sentia me transgredindo regras morais, e esse comportamento transgressor gerava um constrangimento silencioso entre as partes, transformando as diferenças alimentares em diferenças de valores. Assim, as questões econômicas se diluíam frente a uma cosmologia que destaca a vida espiritual como sendo a única forma relevante de pensar a realidade. Todos os problemas do mundo existiam apenas para nosso aperfeiçoamento, a escolha de evoluir era uma decisão única e exclusiva de cada um e, para tal, cada um deveria assumir seus riscos, ou seja, as questões sociais eram consideradas subalternas.

Este tipo de enfrentamento da realidade apenas por seu aspecto espiritual também foi observado na Demétria. Quando havia algum distúrbio entre os moradores da comunidade, como nos casos de violência entre vizinhos, eram ignoradas as

resoluções mais contundentes para eliminar o problema, pois o comportamento alheio era sempre compreendido como um traço de seu temperamento ou do seu estágio de evolução espiritual. Para alguns interlocutores que viviam um pouco mais à margem da Antroposofia, os antropósofos viveriam em uma espécie de bolha, que os resguardaria dos problemas reais ao remeter tudo ao mundo espiritual, adiando indefinidamente, uma vez que são reencarnacionistas, a resolução das questões mais polêmicas.

Mesmo assim, enquanto convivi com os antropósofos na Suíça, procurei aderir ao máximo possível, pelo menos no início enquanto parecia possível, ao estilo de vida proposto, buscando uma forma de acompanhar os hábitos alimentares e culturais. Obviamente dentro das limitações financeiras que, com o passar do tempo, se tornaram um abismo entre mim e a Antroposofia. Isso em parte porque não conseguia melhorar os hábitos alimentares comprando produtos orgânicos com o orçamento disponível e também porque os esforços em cumprir as tarefas, que aqui no Brasil são considerados relevantes pela maioria da população, na Antroposofia Suíça foram vistos como inabilidade, incompetência e até mesmo falta de caráter pois, a ineficiência é considerada uma quebra do contrato proposto entre as partes.

Neste cenário, a inabilidade foi relacionada aos traços apresentados de acordo com a cosmologia antroposófica. No meu caso em especial, era mal vista por apresentar um dos quatro temperamentos⁶⁰, o melancólico, típico em asmáticos depressivos, com tendências luciféricas, ou seja, eu era vista como triste e sonhadora demais para conviver com alguém que se descrevia como uma colérica com tendências arimânicas. A empregada portuguesa, a Fátima, também era considerada

⁶⁰ Segundo Mutarelli (2006) há uma relação entre os quatro corpos e os quatro temperamentos na Antroposofia, pois, quando o “eu” do homem predomina em relação aos outros membros na natureza humana tetramembrada, surge o temperamento colérico. Quando o corpo astral predomina, atribui-se ao homem um temperamento sangüíneo. Quando o corpo etérico ou vital atua em excesso sobre os demais, surge o temperamento fleumático. E, quando o corpo físico predomina, surge o temperamento melancólico. Para Steiner (1996, p.28), “a essência arquetipicamente eterna do ser humano, a que vai de encarnação em encarnação, é vivida em cada nova encarnação de modo a provocar uma determinada ação recíproca dos quatro membros da natureza humana – eu, corpo astral, corpo etérico e corpo físico; e a partir de como esses quatro membros interagem surge o matiz do homem, que chamamos de temperamento”.

pejorativamente como uma melancólica e para ambas o desprezo da Madame E. era o mesmo, ao ponto de comentar que considerava a empregada uma *handicap* e de me apelidar de *escargot*. Assim, ela constatou que eu não era capaz de cumprir o combinado com primazia. Enquanto na cultura brasileira a importância do contrato verbal proposto entre as partes pode ser alterada constantemente em favor das partes interessadas, na Suíça, o acordo assume uma dimensão muito mais comprometida do que a mera execução das tarefas.

O esforço é algo reconhecido e glorificado no Brasil, mesmo quando a pessoa não assume sua máxima potência. Na Suíça, o esforço é visto como condição sem a qual é inadmissível viver, traço bastante compreensível em uma cultura que o cidadão precisa subir no ponto mais alto da montanha, levando consigo os filhos para que eles aprendam com as dificuldades, a importância do esforço para se manter vivo em uma natureza exigente como a dos Alpes. Penso que os caminhos para cura na Antroposofia brasileira também passem, provavelmente, por um contraste no contrato proposto entre terapeutas e o paciente, se comparar com a dimensão cultural que a ideia de esforço assume no cumprimento do contrato terapêutico, ou não, na Suíça.

O ideal do esforço em sua máxima potência, tem suas raízes no pensamento Liberal muito apreciado por Rudolf Steiner e difundido pela Antroposofia. A evolução pessoal e a espiritual, assim como a cura, dependeriam mais da *coragem* para “evoluir”, do que das condições materiais. Lembro que para o ideal de coragem há um ícone, o Arcanjo Micael, que personifica os objetivos contemporâneo da Antroposofia em relação à salvação da humanidade do medo. Para eles, a coragem para trilhar o caminho do autoconhecimento e da evolução humana está em se auto lapidar, isto porque o seu maior inimigo é você mesmo e esse inimigo deve ser vigiado e disciplinado, assim como vimos na imagem anteriormente colocada nesta tese, o arcanjo domina o dragão com os pés e a espada, porém sem matá-lo. A alteridade com as situações econômicas do Outro, são compreendidas de forma parcial e supostamente alienadas, uma vez que o único aspecto relevante a ser considerado na relação de alteridade, está apoiada em apenas uma das perspectivas, a espiritual.

Nessa perspectiva, de precisar encarar a própria inabilidade, fui levada muitas vezes a tentar compreender o que estava acontecendo, equivocadamente a partir dos meus valores. Então, em meus devaneios eu acreditava que se eu pudesse pagar,

por exemplo, o valor orçado para o quarto, sem que para isso precisasse estabelecer uma relação subalterna de trabalho, provavelmente as diferenças não teriam se apresentado de forma tão gritante, pois teria realizado as refeições com alimentos orgânicos e minhas escolhas teriam sido consideradas adequadas a aquele estilo de vida. Na verdade, as diferenças iam muito além dos hábitos alimentares e das relações econômicas. Tratava-se de uma relação do centro para a periferia do mundo, onde comer alimentos *bio* representava, antes de tudo, se alimentar de uma ideia de evolução, capaz de curar até a mais fraca força de vontade.

Ao participar de inúmeras conversas impessoais entre os membros desta ciência espiritual, compreendi o meu equívoco ao simplificar algo que expressava uma complexa relação na hierarquia humana, fundamentada no ideal evolucionista da Antroposofia. Desta forma, a história de um ato de adoção de uma menina negra americana foi relatada como um feito altruísta, quase heroico⁶¹, de ajuda as populações mais desfavorecidas, que exigiu coragem para interferir na evolução kármica da criança. A imprecisão da informação sobre a origem paterna da criança funcionava com um gatilho para despejar sobre ela todos os tipos de preconceitos, revelando aspectos morais em relação a vida sexual das mulheres, extremamente conservadores entre os antropósofos. Essa criança era considerada uma desfavorecida sob vários aspectos, inclusive em seu aspecto intelectual, vista também como um handicap *que*, segundo a mãe adotiva, conseguiu fazer alguns progressos depois de ter sido resgatada pela pedagogia Waldorf, mas que jamais teria a competência dos filhos naturais. Assim como nós, brasileiros, jamais seríamos vistos, naquele ambiente, como tão competentes quanto os antropósofos suíços.

Essa hierarquização evolucionista é um traço muito comum entre os suíços, que consideram os habitantes de origem alemã superiores aos suíços de língua francesa e de língua italiana. Os planos de saúde dentário são um exemplo explícito sobre essas diferenças alimentadas no país, uma vez que para os suíços que não são de origem alemã os planos são mais caros. A justificativa desta cobrança desigual está, segundo os mesmos, nos cuidados pessoais destinados a higiene e na superioridade física da constituição dentária dos alemães, supostamente superior aos

⁶¹ Segundo a Madame E: *um herói suíço, para ser reconhecido pela comunidade, precisa saber atuar com altruísmo, mas deve sair de cena assim que concluir a sua missão, demonstrando modéstia ao voltar para o anonimato.*

dos franceses e italianos. Ainda neste sentido, nas ruas de Genebra e Lausanne, observei também vários cartazes com as quatro pontas da cruz, símbolo da bandeira da Suíça, sendo uma das pontas apagada, questionando, se a parte francesa da Suíça faria realmente parte daquele país.

6.2.2. A cura como consumo

Se há uma ascese entre os antropósofos, o seu estilo de consumo pode ser entendido como um processo de subjetivação? Os interlocutores não compreendiam seu estilo de vida como ascese, isso tanto no Brasil quanto na Suíça, sendo necessário desconsiderar essa hipótese. Nesse movimento de busca sobre o real significado para os interlocutores para suas práticas, encontrei uma possível relação entre o Romantismo e o consumo de terapias alternativas, fundamentada nas teorias do autor Colin Campbell (2001), em seu livro 'A ética romântica e o espírito do consumismo moderno'.

Antes, no entanto, é necessário abrir um espaço para destacar como a *Bildung* fazia parte da rotina em Vevey, estava intimamente relacionada a ideia de consumo na Europa. Na Suíça assim como em outros países de língua germânica, observei que a *Bildung* é utilizada como uma palavra comum, com uma importância um tanto gasta pelo uso, sem o *glamour* dos tempos de Goethe e principalmente sem o caráter intelectualizado que assume na Antroposofia brasileira. Desta forma, a Madame E., habituada a frequentar óperas, cinemas e teatros, decidiu contribuir o máximo possível para a minha *Bildung*, proporcionando e arcando muitas vezes com as despesas do próprio bolso, aquilo que ela considera uma oportunidade de aprimoramento do "gosto estético"⁶², levando a frequentar óperas, recitais, palestras, teatros e cinemas. Havia nessa postura da Madame E uma grande satisfação em dialogar sobre os mais variados assuntos culturais, apesar de considerar o nosso gosto estético inferior ao dela. A minha bagagem cultural a deixava curiosa e confusa, como se antes da nossa

⁶² Destaco a expressão 'gosto estético' para que o leitor compreenda no decorrer do texto a relevância que a expressão irá possuir no contexto do consumo antroposófico na Europa.

chegada não fosse possível para ela, que brasileiros pobres pudessem colaborar de alguma forma para com a sua cultura.

As oportunidades proporcionadas eram um verdadeiro sonho de consumo para quem ficaria apenas um ano na Europa. Eis que o belo estava acessível desde que houvesse disciplina no trabalho e esforço em evoluir. Trabalho esse que também fazia parte da *Bildung*, fazendo que ao mesmo tempo que transformava as coisas, ocorresse também uma transformação em mim. Assim, as semanas se passaram intercalando momentos de oportunidade cultural e momentos de avaliação dos progressos realizados em nosso gosto estético e consequentemente, em minha *Bildung*. Essas avaliações eram denominadas pela antropósofa de *bilan*⁶³. Nesse *bilan* ouvia o desabafo mensal das frustrações da Madame E., sobre o meu desempenho na língua francesa, na percepção estética e, principalmente, nas tarefas domésticas apesar, segundo ela, de todas os estímulos concedidos a minha *Bildung*. A *Bildung* como trabalho era algo de extrema importância e não era prazeroso como a contemplação do belo. Com o tempo, os aprimoramentos das técnicas corporais passaram a significar uma luta pelo reconhecimento do valor humano.

Mesmo apesar do esforço, o que era novidade exótica passou a condição de estorvo. O trabalho que parecia simples de ser executado, tornou inatingível. Qualquer deslize acarretava em severas repreensões além de palavras humilhantes em relação a capacidade cognitiva. As reuniões para o *bilan* se concluíam sem um desfecho, tudo ficava incerto. O *bilan* tornou-se um ritual extremamente desagradável, despertando grande ansiedade, pois seu resultado condicionava a estada no ambiente das “oportunidades”. O sentimento era o de poder ser banido do “paraíso” a qualquer instante, o fracasso da missão do auto aprimoramento estético seria, ao final de tudo, apenas mais um sinal de inferioridade, já pré-concebida na tarefa de evoluir por meio do trabalho, sendo a “culpa” inexoravelmente atribuída unicamente à falta de força de vontade, torturando o resto dos dias e as horas sob o mesmo teto. O barulho dos passos da Madame E. no andar de cima da casa, marcavam o início do tormento matinal. Era preciso estar pronto antes do *bonjour* cotidiano, que de cordialidade amistosa passou a servir como controle da nossa rotina.

⁶³ A palavra *bilan* pode ser entendida como um balancete, um exame.

Um sentimento antagônico invadiu minha vida, pois, se por um lado eu tinha o desejo de aprender ainda mais com essas experiências, de viver radicalmente a alteridade com a cultura Suíça, e com a Antroposofia, por outro lado havia um forte instinto de sobrevivência atrelado aos limites da etnografia e da busca de si por meio da *Bildung*. Estabelecer que o Outro era difícil, parafraseando o título do texto do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1986), esvaziaria a discussão, impossibilitando que os aspectos mais difíceis da minha pessoa, do meu mundo, da minha cultura brasileira, fossem traduzidos através do Outro. Dolorosamente a Madame E. conseguia em sua crítica mordaz, refletir a minha imagem como em um espelho onde eu podia ver, de forma ampliada, quem eu era.

E é claro que estando em sua casa, o conflito entre as diferenças estenderia o poder de seu domínio, tornando-nas desiguais. Contudo, havia na Madame E. um certo sofrimento, pois ela também se reconhecia e se estranhava em suas atitudes ríspidas, apresentando a ela alguém diferente do que deseja aparentar no convívio com os estrangeiros. Sob a ótica da Madame E, sua função que exercera a vida toda como professora Waldorf não teria fim se ela estendesse a sua prática por todas as suas relações, conduzindo a minha formação com as mãos de uma mãe severa, que deseja o melhor para o seu filho e por isso o repreende. A Madame E. entendia sua intervenção pedagógica sobre mim como uma influência positiva em meu karma.

Era necessário nos civilizar, aperfeiçoar nossa *sensibilidade ética*, nossos valores morais, nossos objetivos de vida. Refinar o nosso *gosto* era um caminho indispensável para a modificação do nosso comportamento. Destaco a palavra gosto porque, historicamente, o gosto como conceito ético e estético, entre os românticos, se estabeleceu para facilitar a escolha e assegurar a geração de novas necessidades para movimentar o consumo da época. A Antroposofia gera essas novas necessidades na contemporaneidade, sendo produtora de ideias consideradas éticas e estéticas, que refletiriam mudanças intelectuais e culturais desejadas por parte dos europeus, como por exemplo, o consumo de valores de cunho ambientalista e humanista, transvestidos em um extenso leque de produtos.

Pensando sobre o consumo na Antroposofia, encontrei nas descrições de Campbell (2001) sobre a revolução do consumidor europeu, uma forma de compreender esse comportamento. Para o autor, o consumo das camadas médias da

sociedade inglesa na segunda metade do século XVIII, passou a ser associado a outras significativas inovações socioculturais, tais como o aparecimento do padrão da moda europeia ocidental, a popularidade do romance e do amor romântico, onde o movimento intelectual e estético do Romantismo, juntamente com o seu aparato, faz do sentimentalismo, a justificativa para os novos padrões de comportamento e consumo. Surgia então, uma ética romântica, que consistia em uma *teodiceia* otimista da benevolência, ligando um componente pietista do pensamento puritano a uma filosofia neoplatônica, servindo para criar uma ética “emocionalista” da sensibilidade cristã.

Seu efeito mais imediato devia criar uma nova forma de religião, aquela que se tornou conhecida como deísmo ou “religião natural”. As verdades dessa religião natural podiam ser descobertas de dois modos: pelo emprego do poder da própria razão, ou pelo exame das crenças e valores, o *consensus gentium*, mas o mais importante era dar completa expressão ao divino que se acha no íntimo, permitindo-se ser afetado pela situação do Outro e, inclinar-se a isso, agindo com o mais genuíno amor e compaixão. No final do século XVII e início do século XVIII, os sentimentos de simpatia, de benevolência e de solidariedade, ajudaram a estimular uma forma de “altruísmo” a partir do hedonismo emotivo (CAMPBELL, 2001, p.175). Assim, a sensibilidade ou a ética da sensibilidade foi uma “palavra significativa, quase sagrada, pois encerrava a ideia de progresso da raça humana” (CAMPBELL, 2001, p.198). A sensibilidade agora não se encontrava entre os antigos, era uma qualidade moderna.

A sensibilidade é, segundo Campbell (2001), capaz de usar a imaginação para criar um ambiente de ilusão que, por sua vez, inspira uma emoção procurada, revelando uma ética da sensibilidade “interiormente orientada”. O dever moral de dar plena expressão a todas as emoções, juntamente com os prazeres que os sentimentos, tendem naturalmente a se apoiar uns aos outros, impelindo a pessoa de sensibilidade para orgias de satisfação emotiva, não havendo nem qualquer inclinação, nem qualquer obrigação de exercer o refreamento. Isso parece ser menos estoico do que calvinístico, na conjugação de uma feroz determinação de não exibir as emoções com um confiante, se não realmente presunçoso, senso de satisfação consigo mesmo.

O “gosto” passa a ser então, um ingrediente obrigatório da ética da sensibilidade. Uma das tendências era usar o termo “gosto” como um cognato para sensibilidade. Expressar julgamentos estéticos “corretos” como prova imediata de uma virtude. Essa concepção tem profundas implicações para os padrões de consumo, desde que esses indivíduos são obrigados a encarar a todos os objetos que apregoam seu gosto como indicando também sua posição moral (CAMPBELL, 2001).

As atitudes para o consumo, desde o século XVII e XVIII, levavam em consideração a preocupação com as questões morais, especialmente em relação à bondade essencial da alma das pessoas, as mudanças na teoria ética significavam que isso foi procurado em diferentes formas de conduta. “O ascetismo era, então, menos significativo do que manifestar sensibilidade, algo que exigia contínuas provas de bom gosto” (CAMPBELL, p.217, 2001) Sua compulsão moral estava em proteger o seu caráter mostrando gosto, isso era algo que agora, podia ser apreciado por meio de uma estética-ética do conceito de gosto. Ao mesmo tempo envolvidos na procura do prazer e na formulação de ideias de caráter, ele serve para articular o comportamento do consumidor com as mudanças de conteúdo intelectual dos sistemas de pensamento estético e ético.

6.3. A transnacionalidade terapêutica do Método Padovan

Por meio dos eventos antropológicos que aconteciam na casa da Madame E., entrei em contato com algumas terapeutas do Método Padovan na Suíça e, a partir desses contatos pude contar com a ajuda de algumas interlocutoras para compreender as diferenças e semelhanças entre essa terapia realizada no Brasil e na Suíça. O Método Padovan é uma terapia antropológica que foi desenvolvida no Brasil, percorrendo um percurso contrário ao habitual das terapias antropológicas, que na sua maioria, foram elaboradas na Suíça e depois levadas até a América Latina. Para compreender esse trânsito terapêutico antropológico entre Brasil-Suíça procurei fundamentar minhas observações nas teorias de transnacionalização religiosa utilizadas no campo da antropologia da religião, adaptando o termo para transnacionalização terapêutica.

Em um breve levantamento sobre a história desta terapia foi possível perceber que não há um consenso sobre a formação profissional da elaboradora Beatriz Padovan, ora sendo mencionada como fonoaudióloga e ora como professora Waldorf e pedagoga, provavelmente ela cursou ambos os cursos, mas de acordo com os interesses de cada país para legitimar essa terapia, são valorizados nas informações mais uma formação do que a outra. No Brasil, por exemplo, apesar do *síte* oficial do Método Padovan (2015) a história desta terapia aparecer vinculada a atividade de professora Waldorf na escola Rudolf Steiner em São Paulo, no ano de 1964, quando teria descoberto que alguns de seus alunos eram portadores de Dislexia, doença ainda desconhecida nessa época, a informação que prevalece nos artigos acadêmicos publicados é a formação de fonoaudióloga.

E apesar da sua passagem pela fonoaudiologia, Beatriz Padovan teria recorrido aos ensinamentos de Rudolf Steiner sobre o "andar, falar e pensar", obtendo mais sucesso para tentar resolver essas questões de aprendizado, onde encontrou um raciocínio que lhe pareceu coerente com as dificuldades que observava em seus alunos. Além das teorias antroposóficas, a elaboradora se fundamentou nas teorias de Temple Fay, criador de uma abordagem de reabilitação do sistema nervoso chamado Reorganização Neurológica, na Filadélfia (Estados Unidos), o qual descrevia as fases do desenvolvimento neuro-psico-motor do homem.

Ao que tudo indica, o Método Padovan de Reorganização Neurofuncional, possui quarenta anos e nasceu da adaptação na forma de aplicar os exercícios corporais na sequência da Reorganização Neurofuncional clássica, ampliada pela visão antroposófica do desenvolvimento humano. Em 1978, quando a terapia já estava consagrada no Brasil, Otto Wolf, médico alemão e antropósofo, assistiu a uma palestra sobre problemas orais na escola Rudolf Steiner, em São Paulo, ministrado pela professora Beatriz Padovan e, convidou-a para apresentar a mesma palestra em Stuttgart, na Alemanha. Neste mesmo ano foram feitas duas palestras e um workshop e, no ano seguinte, foi dado o primeiro curso de formação do Método Padovan na Europa com apoio da Sociedade Antroposófica.

Hoje existem cursos de formação em pelo menos 12 países: Alemanha, Suíça, Áustria, França, Espanha, Itália, Inglaterra, Grécia, Índia, Marrocos, Tunísia e Canadá.

Atualmente existem sete associações espalhadas pelo mundo: ASSIMP (Internacional sediada no Brasil), Sincronicite (França), AQMP (Canadá), ASS (Alemanha), CECAMP (Rio de Janeiro), CEBAMP (Bahia), CANOMP (Rio Grande do Norte). Diversas clínicas ao redor do mundo especializaram-se no atendimento de pacientes utilizando o Método Padovan, com terapeutas das mais diferentes profissões das áreas paramédicas. Aproximadamente 400 profissionais da área de saúde se formam no Método Padovan todo ano pelo mundo (METODO PADOVAN, 2015).

De forma sucinta, o *síte* oficial do Método Padovan (2015), descreve a terapia como uma abordagem que recapitula as fases do neuro-desenvolvimento, usadas como estratégia para habilitar ou reabilitar o Sistema Nervoso. De acordo com a Antroposofia o Método Padovan recapitula o processo de aquisição do Andar, Falar e Pensar de maneira dinâmica, estimulando a maturação do Sistema Nervoso Central, com intuito de tornar o indivíduo apto a cumprir seu potencial genético e à adquirir todas as suas capacidades, tais como locomoção, linguagem e pensamento. É usado como estratégia para reabilitar o Sistema Nervoso depois que perdeu suas funções, como no caso de um acidente; para impulsionar o desenvolvimento, como nos casos de atraso e distúrbios do desenvolvimento; para melhorar a qualidade de funcionamento e integração do Sistema Nervoso; e nos casos de disfunções tais como: transtorno de aprendizagem, hiperatividade, distúrbios e dificuldade de atenção e concentração.

6.3.1. A terapia brasileira na Europa

Durante o ano de 2015, encontrei em meu percurso etnográfico na Europa, na sua grande maioria na Suíça e na França, diversos terapeutas do Método Padovan, oriundos das mais diversas profissões como psicólogos e pedagogos. No Brasil, os profissionais considerado adequado para realizar o trabalho terapêutico do Método Padovan são os fisioterapeutas e os fonoaudiólogos. Na Suíça, eu conheci até administradores de empresas sem nenhuma relação aparente com a área da saúde, atuando como terapeutas da Antroposofia. O tipo de profissional considerado apto para executar o trabalho terapêutico depende da legislação vigente no país. Na Clínica

Tobias, a terapeuta da eurtmia curativa precisou buscar uma formação de fisioterapeuta para continuar a exercer o trabalho terapêutico, para se adaptar as exigências da área da saúde no Brasil.

Entre os terapeutas do Método Padovan que eu conversei na Suíça e na França, alguns estavam fora do circuito antroposófico, e não necessariamente associavam o Método Padovan à Antroposofia e desconheciam por completo a sua origem brasileira. No grupo de terapeutas antroposóficos, o reconhecimento da origem brasileira do Método Padovan era bem maior na Suíça em comparação com os terapeutas da França. Da mesma forma, somente os terapeutas envolvidos com a Antroposofia, reconheciam na terapia aspectos das teorias elaboradas por Steiner, sobre o pensar, o sentir e o agir. Os terapeutas franceses que desconheciam as teorias antroposóficas, consideraram desnecessário dominar completamente as origens da terapia para conseguir a sua eficácia no tratamento.

Na Suíça, no entanto, os terapeutas dominavam as teorias sobre a trimembração do corpo humano, e as teorias elaborada por Steiner sobre o pensar, sentir e o agir, que fundamenta este tipo trabalho terapêutico. Nas sessões do trabalho terapêutico do Método Padovan que acompanhei na Suíça e depois na França, eram na maioria realizadas com crianças *handicap*, não haviam explicações espiritualistas para as crianças, mas também não haviam para os pais, muito menos qualquer símbolo que remetesse a terapia às orientações antroposóficas. O trabalho terapêutico muito se assemelhava uma sessão de fisioterapia. A única diferença entre o trabalho terapêutico observado na Suíça que a distinguia do trabalho realizado na França, por uma terapeuta não antropósofa, era a utilização de poemas que eram recitados para estabelecer um ritmo durante os exercícios. Os conteúdos dos poemas enalteciam o belo e bem na natureza, assim como na Eurtmia Curativa.

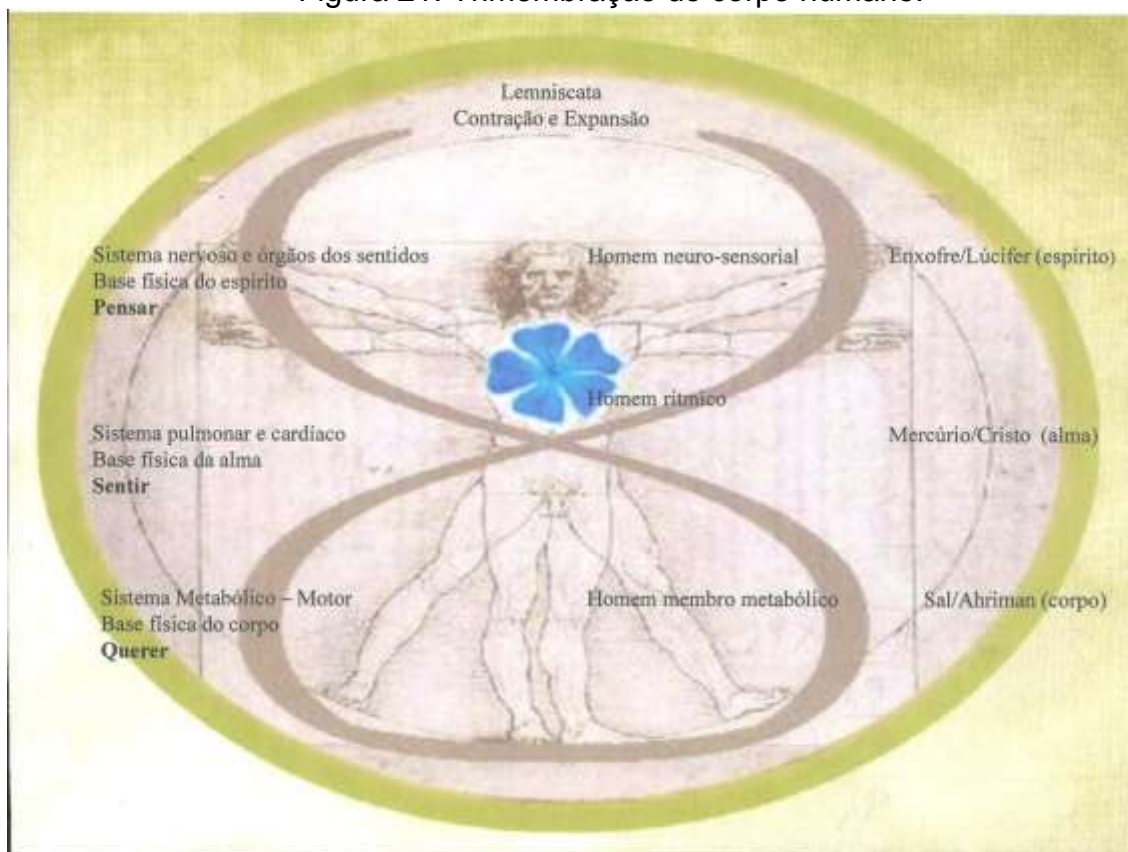
Segundo as conversas com as terapeutas interlocutoras da pesquisa na Europa, Marcia, na Suíça e Beatrix, na França, o trabalho terapêutico, apesar das diferentes formações, era realizado de forma semelhante, sempre dividido em duas partes, sendo primeiro realizada uma abordagem corporal, seguida de um trabalho oral. Para ambas, a abordagem corporal se baseia no fato de que o ser humano passa por um desenvolvimento ontogenético constituído por determinadas etapas (rolar, rastejar e engatinhar), que fazem parte natural do processo natural de maturação do

sistema nervoso central. Esse desenvolvimento cumpre também um importante papel postural: formar as curvaturas fisiológicas. Estas curvaturas vão determinar um espaço intervertebral, permitindo à cabeça uma relação espacial e corporalmente correta, mantendo a musculatura craniofacial em equilíbrio. Inicialmente são retomados os movimentos naturais, determinados pelo programa genético do ser humano, seguindo-se então o trabalho oral com base nas funções reflexo-vegetativas de respiração, sucção, mastigação e deglutição. Essas funções são todas trabalhadas numa mesma sessão, uma vez que são consideradas pré-linguísticas e preparam os mecanismos da linguagem articulada.

Em nenhum dos trabalhos terapêuticos observei um desdobramento teórico sobre a trimembração do corpo. Digo isso porque segundo os antropósofos, a alma não é apenas a mente pensante, mas um ternário: pensamento, afetividade e vontade. A noção trimembrada do *pensar* é vista como um *sentir* elaborado; e do *sentir* como *querer* ainda mais elaborado. O *pensar* seria o *espírito* em sua elaboração consciente, embora não a mais complexa, pois ainda é inacabada. O *querer*, o *desejar*, seria a própria natureza, o que liga o homem à condição bio-corpórea e sensorial. O *sentir* seria então o *mittler* do Romantismo Alemão revivendo o arquétipo do elemento do meio que resolve o conflito, o mediador entre os dois polos. O que de fato ocorre é que Steiner recontextualiza a dinâmica ternária dos alquimistas associada a uma trindade teológica – sal/ahriman (corpo), mercúrio/cristo (alma) ou o *mittler*, e enxofre/lucifer (espírito).

O uso da poesia recitada durante o trabalho terapêutico do Método Padovan, teria assim uma explicação mais complexa, pois, por exemplo, asseguraria, segundo as terapeutas antroposóficas, o restabelecendo do ritmo entre o sistema metabólico-motor e o neurosensorial, além de uma educação estética. O belo na obra de arte, sendo a poesia uma das principais obras de arte no Romantismo Alemão, é também considerada mercurial, capaz de curar os corpos. Procurei expor na Figura abaixo essa complexidade proposta pela Antroposofia entre o pensar, o sentir e o querer, alocadas segundo o sistema nervoso, rítmico e motor, além das co-relações com a trindade teológica e o ternário alquímico. A lemniscata é o dos principais símbolos da Antroposofia, que busca o equilíbrio entre o pensar, o sentir e o querer, por meio da contração e expansão.

Figura 21. Trimembração do corpo humano.



Fonte: quadro elabora pela autora da tese.

Segundo a cosmologia antroposófica, quando a criança nasce, o mundo impõe sobre seu corpo, forças de peso e de forma que, se não houvesse resistência interior por parte da criança, isso a imobilizaria. A força que faz com que a criança reaja ao mundo e consiga ficar de pé e andar, ou seja, ter motricidade, seria a *vontade do Eu* atuando. Essa *vontade do Eu* vai metamorfoseando-se na vida adulta na expressividade, na fala, na aptidão para elaborar pensamentos, mas principalmente na cura das doenças, assumindo uma nova forma de viver, uma reformulação, uma revolução interna aprendida a partir de uma lição ou de um processo iniciático, que juntos comporiam uma *Bildung*.

Em Goethe, a *vontade* aparece como a eterna insatisfação/aspiração do Fausto ou nas aspirações artística do mestre *Wilhelme*. É essa vontade insatisfeita, que anseia por algo indefinido e sempre além, e que mobiliza e possibilita a *Bildung*, uma visão ampla e cósmica que permita vislumbrar caminhos e processos para aperfeiçoar o ser. Assim, o Mephisto é a força sedutora que quer paralisar o homem, saciando-o,

deixando-o satisfeito com banalidades e uma vida prosaica e segura (MORAES, 2007).

Ou seja, apesar de teoricamente o trabalho terapêutico elaborado por Beatriz Padovan abarcar uma teoria mais profunda sobre o falar, o pensar e o agir, na prática das terapeutas isso não é compreendido com clareza, mesmo para a terapeuta antroposófica. Teoricamente, esta terapia possibilitaria que as crianças *handicap* fossem iniciadas em uma *Bildung* capaz de curá-las além do corpo físico. Independente destas questões antroposóficas, a terapia tem demonstrado sua eficácia, satisfazendo pacientes e terapeutas.

6.3.2. A terapia da periferia para o centro

Todas as terapias antroposóficas estudadas nesta pesquisa eram oriundas da Europa, ou seja, concebidas do centro para a periferia, e, apesar de constatar certas adaptações nos trabalhos terapêuticos além de relativa emancipação brasileira dos critérios estabelecidos pelo Goetheanum, na Suíça, principalmente em relação a formação de médicos e terapeutas antroposóficos, é inquietante e pertinente compreender a aceitação do Método Padovan dentro da Antroposofia internacional.

Não se trata, é claro, de diminuir o mérito da pesquisadora Beatriz Padovan, muito menos de questionar a eficácia da terapia. Historicamente as terapias transitam de uma cultura para outra, antes mesmo do fenômeno da Globalização. Contudo, sabemos também que há uma tendência eurocêntrica em exportar tratamentos mais do que importar de países periféricos. Intrigada com esta questão, que pessoalmente acredito ser crucial para compreensão da transnacionalidade terapêutica antroposófica, de forma despretensiosa, procuro nas próximas páginas, algumas possíveis respostas para esse movimento terapêutico da periferia para o centro da Antroposofia europeia.

Um primeiro aspecto relevante para a procura de possíveis respostas está, sem dúvida, na postura aberta que a Antroposofia no Brasil cultiva sobre as pesquisas científicas, que estejam interessadas em indagar, aprofundar e divulgar os resultados

desta ciência espiritual. Em nenhum momento da pesquisa houve resistência ao desenvolvimento deste estudo e não era incomum encontrar, principalmente na Demétria, pesquisadores das mais variadas áreas, percorrendo os caminhos do método goethiano para ampliar os resultados da ciência newtoniana. Para evitar uma perspectiva dogmática sobre os resultados encontrados por esta ciência espiritual, principalmente na área da agricultura biodinâmica, os pesquisadores são incentivados a realizarem os seus próprios experimentos para confirmar ou refutar as teorias antroposóficas. No Brasil, a Sociedade Antroposófica incentiva a investigação de pesquisadores brasileiros em vários campos de atuação, alimentando um banco dados em seu *site* oficial para divulgar as teses e dissertações que estudam algum aspecto da Antroposofia.

Um segundo aspecto, a meu ver mais consistente para a aceitação de uma terapia antroposófica no Brasil, está na formação antroposófica da pesquisadora Beatriz Padovan. Apesar da informação sobre a formação de Beatriz Padovan como professora Waldorf não aparecer como relevante no *site* oficial da terapia, que claramente evita uma relação direta entre a terapia e a Antroposofia, imputando maior importância à formação de fonoaudióloga a responsabilidade pelo desenvolvimento do método, garantindo assim uma reserva de mercado para este profissional no Brasil, o fato de ser uma professora Waldorf pode ser considerado um dado crucial para compreender a relação existente entre educação e a cura dentro desta ciência espiritual e sua possível aceitação na Antroposofia europeia.

O título do livro da médica antroposófica e pesquisadora no Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS), da Unicamp, Elaine Mascara (2009), intitulado, '*Saúde se aprende, educação é que cura*', destaca a extrema importância dada a pedagogia Waldorf, elevando o professor ao status de terapeuta, redimensionando a posição hierárquica que o médico e a medicina assumem no Brasil, colocando-os em uma relação de parceria com o professor antroposófico. Médicos e terapeutas brasileiros que fizeram sua formação na Europa e continuam atuando fora do Brasil, destacam uma formação ainda autoritária recebida pelos médicos em nosso país, dificultando a compreensão de que terapeutas e professores Waldorf possuem o mesmo grau de importância em relação a saúde. Na Europa é comum ter em cada uma das escolas Waldorf um médico

antroposófico que discute em conjunto com o professor a evolução de cada aluno, as necessidades de intervenção terapêutica ou as possíveis adequações pedagógicas nas atividades práticas.

Nas entrevista que realizei com professores Waldorf na Demétria, a formação deste profissional, assim como a formação dos demais terapeutas antroposóficos vai além do necessário conhecimento simplesmente pedagógico, passando por uma formação teosófica e esotérica que estabelece, segundo a Antroposofia, que *toda intervenção pedagógica seja também uma intervenção cármica*, na criança e indiretamente na sua família, responsabilizando e comprometendo de forma profunda, o professor na sua prática profissional. Para isso, o professor Waldorf acompanha o mesmo aluno durante um setênio, utilizando a expressão antroposófica, ou seja, a criança tem o mesmo professor durante sete anos. Esse sistema possibilita, segundo a visão dos mesmos, um aprendizado tanto por parte do aluno, quanto por parte do professor, um *caminho* a ser trilhado para o autoconhecimento. Nas palavras de um professor Waldorf, na Demétria:

Quando você acompanha um aluno da primeira a oitavo ano, essa relação passa por uma transformação, aí você tem que trabalhar a relação com os pais, por exemplo, vai ter que ouvir muito esses pais (...) o professor é o que mais aprende, é uma chance enorme de você se transformar nesse caminho oferecido pela Antroposofia, junto com o aluno e sua família. Eu acompanhei três classes, dos 17 anos aos 27, até agora aos 42 e, em cada uma das vezes eu era uma pessoa muito diferente da anterior. Na verdade, algumas crianças chegam aqui doentes, inclusive tomando remédios, e se recuperam. (Silvio)

No Brasil, as escolas Waldorf são apenas compreendidas como sinônimos de escolas alternativas ao sistema convencional de educação, considerado competitivo e insalubre, enquanto que na Europa há a mesma conotação, pois é considerada até pejorativa e alvo de deboche entre os mais jovens, porque os alunos europeus das escolas Waldorf são considerados *handicap*, ou seja, há uma relação mais marcada e explícita dos objetivos terapêuticos destas práticas pedagógicas, do que há em

nosso país. A expressão *handicap* possui um amplo significado envolvendo um leque situações em que pessoas necessitem de um tipo de cuidados especial. No entanto, não tenho o objetivo de explicar os fundamentos pedagógicos de uma escola Waldorf, até por que já existe uma vasta produção acadêmica sobre o tema, a qual menciono em nota⁶⁴ para os interessados no assunto.

Para Steiner, a educação e a cura estavam intimamente ligadas, e o professor possuía uma tarefa terapêutica, utilizando o método pedagógico Waldorf. Segundo o antropósofo Rudolf Lanz, fundador da escola Waldorf no Brasil, “um bom ensino pode e deve ser uma terapia” (LANZ, apud MARASCA, 2009 p.10). A partir da pedagogia Waldorf, “o Eu do ser humano passa a ser um escultor de seu corpo, um pintor de seu temperamento, um músico de sua alma e um verdadeiro mestre” (BURKHARD, s\l). Nas palavras de Steiner:

Havia um tempo em que vivia intensamente na alma dos iniciados o pensamento de que, por sua própria natureza, toda pessoa é doente. A educação era vista como um processo de cura, que trazia, especialmente para a criança, simultaneamente ao seu amadurecimento, saúde, para que ela se tornasse um verdadeiro ser humano em plenitude. (STEINER, apud MARASCA, 2009, p. 19)

Para a discussão no momento, considero mais importante atentar para a percepção estética de uma *Bildung*, entendida como uma narrativa da experiência pedagógica, tanto na parte teórica da formação, quanto na prática, percorrida por um professor Waldorf. Pensado neste tipo de experiência como formação, procuro pensar no sentido de Michel Fabre (2011) que compreende a *Bildung* não somente como um ideal de educação, mas uma experiência de vida, com inspiração novelesca do século XVIII na Alemanha, pois o *Bildungsroman* oferece uma ilustração narrativa da formação como experiência.

⁶⁴ MUTARELLI, Sandra R. Kuka. *O querer, o sentir e o pensar de Rudolf Steiner na literatura para crianças e jovens: os atos da vontade*. 301 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. BACH, Junior Jonas. *A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner*. Curitiba, 2012.

A aceitação do Método Padovan na Antroposofia, pode ter acontecido em decorrências de vários aspectos. É claro que o fato do Método Padovan se apresentar como uma terapia já aceita cientificamente no Brasil, colaborou com a sua legitimidade, mas é provável também que o outro aspecto, mencionado anteriormente, possa ter facilitado o trânsito terapêutico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é sempre um risco, principalmente quando se tenta descrever vivências por meio da linguagem. Afinal, "cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam"⁶⁵. Sem a pretensão de dizer verdades sobre a Antroposofia, correrei o risco de responder a pergunta que impulsionou esta etnografia: qual é a concepção de cura na Antroposofia e sua relação com a palavra-conceito *Bildung*, mencionada nas teorias e nas práticas antroposóficas.

Para responder essa questão, incursionei pelos dois primeiros *Ramos* da Antroposofia, pioneiros fora da Europa na América Latina, instalados no Estado de São Paulo, estando um na capital, no bairro de Santo Amaro, e o outro no interior, na cidade de Botucatu, no bairro Demétria. Assim, a partir de 2012, frequentei os cursos oferecidos na sede da Sociedade Antroposófica e a participar das terapias do espírito, da alma e do corpo na Clínica Tobias, no *Ramo* Tobias. Em 2013, morei no bairro da Demétria participando da rotina da comunidade antroposófica, no *Ramo* Jatobá. E para finalizar a pesquisa, em 2014, morei na Suíça com o objetivo de buscar a concepção de cura nas origens da Antroposofia na Europa, convivendo com os antropósofos do *Ramo Christian Rose Croix*, na cidade de Lausanne.

Para atingir a clareza necessária para expor a conclusão da tese, organizei os resultados no sentido de ir das questões mais simples até as mais complexas, respeitando o percurso etnográfico realizado. Começarei tecendo minhas considerações, primeiro sobre as terapias na Clínica Tobias, passando depois para a descrição da clientela e itinerário de quem as buscam. Sigo então para as constatações sobre a gramática emocional dos antropósofos nos episódios sobre a vida, a morte e a estética da cura na Demétria. Depois, relatei minhas conclusões a respeito da transnacionalidade terapêutica que ocorre entre o Brasil e a Suíça. Finalizo, então, fazendo uma somatória das partes da tese para definir a concepção de cura na Antroposofia, sua relação com a ascese, e interpretei como a *Bildung* funciona como mote para essas questões, especialmente no Brasil.

Na parte das terapias, constatei que a terapia intitulada Biográfico, situada no início do capítulo quatro, objetiva promover uma mudança de espírito, ou seja, uma

⁶⁵ Leonardo Boff

abertura na percepção do indivíduo ampliando as suas perspectivas de vida, por meio da observação dos principais aspectos que construíram a sua narrativa, promovendo a adesão destas pessoas a um "cuidado de si" por meio de práticas ascéticas como meta transformadora de padrões de comportamento, considerados inadequados ou tóxicos que, segundo a cosmovisão cristã da Antroposofia, expressam uma inadequação no chamado setênio, a faixa etária determinada pelo intervalo de sete anos, que estabelece, de maneira conservadora, formas de proceder, adequando o objetivo de vida. A sua eficácia repousa na força da narrativa que ocorre de forma confessional, aliando aspectos emocionais aos aspectos espirituais. Como terapia romântica articuladora dos domínios da ciência, moral e estética, os aspectos científicos estão presentes nas referências à fenomenologia de Goethe. Os aspectos morais e estéticos da terapia estão presentes na construção ideológica dos setênios e nas práticas ascéticas propostas no decorrer do trabalho terapêutico.

Na Terapia Artística, por sua vez, os aspectos científicos se destacam quando comparados com os aspectos morais e estéticos. Segundo a descrição na segunda parte do capítulo quatro, esta é uma terapia da alma e tem como proposta uma mudança na percepção estética da natureza e do entorno e, por analogia, uma ampliação da percepção estética da vida, levando o indivíduo a compreender que o belo é bom, como influência recebida dos gregos na elaboração do pensamento científico de Goethe, que fundamenta a terapia. A experiência do efeito sensório-moral das cores afeta claramente os corpos dos participantes da terapia, mas esse efeito é reinterpretado acrescentando uma carga de moralidade espiritualizada. No entanto, no trabalho terapêutico não houve, por parte da terapeuta, ênfase neste aspecto, embora tenha ocorrido uma sensibilidade emocional entre os participantes da terapia ao expressarem suas narrativas de vida por meio das pinturas. Por último, destaco o esforço terapêutico em aclimatar a utilização das cores e comportamentos ao contexto brasileiro, que a meu ver, constituiu-se na ponta do *iceberg* sobre o descompasso maior entre as teorias e práticas propostas na Suíça, podendo alterar a concepção de cura em outro continente e em outra cultura.

Finalizando a primeira parte, há a terapia do corpo, nomeada de Eurytmia Curativa. Neste trabalho terapêutico, os aspectos científicos eram muito sutis, dando a impressão de uma fundamentação do goethanismo quase inexistente, ocorrendo

uma ênfase maior na moral e na estética. O corpo, nesta terapia, funciona como base para os processos de subjetivação, onde o treinamento disciplinador dos movimentos corporais leva a uma modificação do comportamento moral. A terapia é marcada pela experiência estética dos movimentos e associa esses movimentos corporais a um valor moral do sujeito, transformando o corpo em um acessório de identidade. Considero a Eutímia Curativa um trabalho disciplinador do corpo, por meio da moral e da estética.

Em relação ao método de análise dos processos de cura em determinadas terapias que envolvem aspectos espirituais ou religiosos, elaborado pelo antropólogo Thomas Csordas, fundamentado nos elementos retóricos de predisposição, empoderamento e transformação, constatei a presença de todos esses elementos em todas as terapias etnografadas na Clínica Tobias, dando destaque para a “retórica da predisposição” travestida das teorias do Romantismo Alemão, que assume a função de legitimar os trabalhos terapêuticos desenvolvidos na Antroposofia. Os aspectos emocionais, associados as sensações corpóreas, positivas ou negativas, são utilizados como parte da “retórica de empoderamento” da pessoa, que acredita estar experimentando o efeito espiritual da terapia. E, por fim, constatei a “retórica da transformação” expressa nas falas das pessoas que participaram das terapias, compreendendo a cura como uma transformação em seus padrões de cognição, afetivos e comportamentais.

Outro resultado relevante está no perfil das pessoas que frequentam as terapias antroposóficas. Ao observar a clientela destas terapias antroposóficas é possível afirmar que esta é composta por uma maioria de mulheres acima dos quarenta anos, que possuem em seu itinerário terapêutico um leque amplo de terapias alternativas à biomedicina, onde a homeopatia, a acupuntura e as massagens orientais são as mais frequentemente citadas. Essas pessoas, fundamentadas nas experiências anteriores dos tratamentos realizados por meio da homeopatia, constroem uma explicação sobre o funcionamento da medicação antroposófica, similar aos princípios homeopáticos, não havendo uma distinção clara de como funcionam os processos de cura na Antroposofia.

Sobre as queixas de saúde dessas pessoas, os resultados levantados sobre a análise das falas apresentadas pelas interlocutoras nos trabalhos terapêuticos do

Biográfico e da Terapia Artística, no capítulo quatro, as principais estavam relacionadas aos sintomas de ansiedade, depressão e transtorno bipolar, revelando um tipo específico de sofrimento físico-moral, que talvez possa ter relação com o universo feminino. Em todos os casos, a escolha pela Antroposofia ocorria como uma forma alternativa de tratamento, relevante principalmente para a não utilização de medicamentos alopáticos, havendo uma restrição quase moral sobre o ato de usar medicamentos controlados, medicamentos popularmente chamados de ‘tarja preta’.

Ainda sobre a clientela, é possível afirmar que há a utilização de uma linguagem que revela as concepções oriundas do fluxo da Nova Era, perceptível primeiro nas apresentações pessoais dos participantes no trabalho terapêutico do Biográfico, onde foi utilizado um vocabulário específico, empregando, por exemplo, a descrição das características oriundas do zodíaco como uma explicação dos traços de personalidade. Para essas pessoas não é perceptível as diferenças entre Nova Era e o esoterismo histórico, não havendo qualquer incômodo sobre as diferentes abordagens, desconsiderando a importância deste aspecto para o tratamento. Desta forma, essa questão da Antroposofia ser ou não ser Nova Era só é relevante para um número pequeno de membros mais antigos na Demétria e para alguns dos terapeutas da Clínica Tobias, que resistem a essa definição por considerar a cura na Nova Era desprovida de esforço pessoal.

Para finalizar as minhas considerações sobre os trabalhos terapêuticos desenvolvidos na Clínica Tobias, destaco que as duas principais portas de entrada para as terapias antroposóficas são as consultas realizadas na Medicina Antroposófica e as escolas Waldorf, pois, a partir do momento em que os pais matriculam seus filhos nessas escolas antroposóficas, eles são levados a partilhar de outros valores e serviços, como a medicina, as terapias e a alimentação orgânica.

Passando aos resultados sobre a saga na Demétria, na segunda parte da tese, no capítulo cinco, onde foram descritos os rituais de gestação, nascimento e morte, verifiquei uma gramática emocional entre os membros da comunidade antroposófica que enaltece o controle de si, principalmente na expressão do sofrimento físico-moral, em situações como o parto, a doença e a morte, onde os membros assumem uma atitude de dignidade e coragem, tornando estético o enfrentamento do desafio. De forma distinta da Clínica Tobias, na Demétria constatei uma atmosfera mais religiosa,

presente nos eventos das festividades cristãs da escola Waldorf, no hábito do ritual da "Consagração" da comunidade de cristãos e na condução dos ritmos diários e nos rituais da vida cotidiana.

Os aspectos científicos da Antroposofia são estimulados aos iniciantes como forma de comprovar a eficácia das teorias, mas na Demétria ficam restritos ao cultivo dos alimentos orgânicos e biodinâmicos, enquanto os aspectos morais e estéticos perpassam todas os rituais de cultivo, sendo o trabalho considerado o espaço privilegiado para o desenvolvimento da *Bildung*, desde que realizada dentro de uma estética.

A gramática emocional observada primeiramente nos relatos sobre os partos, na primeira parte do capítulo cinco, apontou também para uma disputa velada entre as mulheres mais jovens que tiveram os seus filhos na comunidade antroposófica, hierarquizando a “coragem” de cada mulher na hora do parto. Ainda sobre essas mulheres, um outro dado significativo está nos relatos sobre os rituais da preparação do corpo feminino para a gestação e o parto, que revelaram aspectos que podem ser entendidos como conservadores da espiritualidade antroposófica sobre o papel da mulher na reprodução humana, orientando essas gestantes a uma ascese materna, onde estas devem se elevar de forma religiosa, renunciando aos hábitos alimentares e pessoais em busca de um fortalecimento interior para o momento do nascimento. Na hora do parto, as mulheres são incentivadas a sentir as dores do parto sem expressá-las como sofrimento, realizando assim um belo parto, onde a dor é suportada de forma estética para que ocorra um processo de evolução espiritual, aprimorando essa mãe para exercer o papel de mãe e protetora desta criança, assim como o mito da deusa Deméter.

Essa postura da Antroposofia em relação ao papel destinado a essas mulheres se amplia ao nomeá-las de "mãe Waldorf", estabelecendo regras disciplinadoras do comportamento materno, registrando nos documentos escolares da criança, informações pessoais sobre o desempenho dessas mães, examinando-as por meio de tarefas cotidianas estabelecidas pela escola. Mediante essas ponderações, apesar da literatura feminista apontar para a existência de um ascetismo ecológico, as mulheres da Demétria compreendem a moralidade materna proposta pela

Antroposofia com uma oportunidade de expressar a sua liberdade de escolha de novos padrões de conduta contrários aos da sociedade vigentes.

Mas, apesar da apologia dos movimentos ambientais para que os partos sem dor continuassem a ser realizados na residência, essa prática vem diminuindo na comunidade antroposófica da Demétria. Para as gestantes da Demétria, quando buscam acessar serviços de saúde, as expectativas sobre o parto se colocam distantes das práticas e concepções da medicina. O modelo hospitalocêntrico de atendimento ao parto está distante do que move as "mães Waldorf". Os conflitos existentes no hospital sinalizam as dificuldades de compreensão de concepções de saúde e corpo distante das da biomedicina. Como já assinalado nos relatos, os profissionais de saúde, ao violarem os acordos previamente estabelecidos entre os envolvidos, na expectativa de cumprirem os procedimentos "de forma eficaz", preterem as expectativas das mães, desconsiderando suas convicções. No espaço entre o que desejam as "mães Waldorf" e as ações dos profissionais de saúde surge a violência obstétrica.

Nos rituais do morrer e da morte, narrados pelas viúvas da Demétria, pude reafirmar a existência de uma gramática emocional entre os membros da Antroposofia, que reconhecem no sofrimento suportado a virtude da coragem e uma oportunidade de elevação espiritual, assim como o observado nas falas das interlocutoras sobre o parto. O adoecimento com o desfecho na morte é "eticamente desejado e esteticamente percebido" como uma disposição heroica para uma jornada de luta e glória que, fundamentada nos elementos éticos e estéticos da Grécia Antiga, levaria o doente a alcançar uma bela morte, acolhendo-a com nobreza em lugar de sofrê-la. O prolongamento artificial da vida se faz desnecessário e a utilização de medicamentos para o controle da dor, que alterem a consciência na passagem do limiar, é considerada um possível atraso na vida espiritual no pós-morte, sendo evitada inclusive com ajuda judicial para garantir esse direito, contando antecipadamente com a intolerância da biomedicina para com outros sistemas terapêuticos não convencionais.

Confiantes na reencarnação e na doença como um dos aspectos da vida que impulsionam a evolução espiritual das pessoas, após a morte, a prática de doação dos órgãos é recusada para não interferir no karma de quem o receberia, pois, de

acordo com o liberalismo darwinista da Antroposofia, cada um deve evoluir por si mesmo com as condições naturais e sociais que lhes foram dadas. Após a morte, para que ocorram os três dias de rituais funerários, o que conta é a "esperteza" nas relações com pessoas e na atitude para driblar os tramites legais para conseguir estender ao máximo o prazo antes do enterro. O ritual funerário, na Antroposofia, é esteticamente elaborado para favorecer o processo de passagem do limiar, com uma retrospectiva da jornada vivida pelo morto, transformando o evento da exposição das principais lembranças em uma última obra de arte, promovendo o que considero um reencantamento do ritual funerário na contemporaneidade, indo na contramão do comportamento atual, onde a morte é considerada um evento e um sofrimento que deve ser abreviado.

Na última parte do capítulo cinco apresento as descrições da atmosfera religiosa na rotina da Demétria em relação a doença e a cura. Destaco a relação entre o bem e o mal revelando um exercício de equilíbrio das forças entendidas como espirituais, que analiso como uma metáfora para a tarefa do autocontrole dessas forças, que vivem entre o devaneio e a razão, e encontram um meio termo, em uma construção cultural claramente cristã, onde se trava uma batalha em outras esferas, como as angelicais, onde o maior ícone da Antroposofia é o Arcanjo Micael, que ilustram o comportamento corajoso necessário para saber dominar o devenir.

Esses exercícios de equilíbrio entre as forças objetivam um fortalecimento interno, um forjar da própria armadura para uma luta cotidiana, onde o trabalho árduo e os rituais meditativos, alguns premonitórios dos próximos eventos a serem enfrentados, podem ser analisados como uma rotina de prática ascética. Assim, a doença também é compreendida com um desequilíbrio entre os corpos, entre as forças espirituais. A doença é um karma a ser compartilhado com o médico que tiver coragem de exercer uma medicina romântica, intuitiva e cristã, certo que essa coragem irá conduzi-lo ao tratamento correto, que não é capaz de curar sem o esforço de quem o utiliza.

Um esforço, entretanto, mensurado nas medidas de outra cultura. Faço essa afirmação por ter constatado, na Suíça, um comportamento antroposófico dedicado a uma ascese da vontade, descrito na terceira parte da tese, que só é realizável por meio do trabalho árduo, da lapidação do gosto estético voltado para o consumo da

arte, das terapias, das medicinas, das práticas alimentares e principalmente da busca pela cura, renunciando todo comportamento desviante e de qualquer alimento não orgânico. A acrasia passa a representar uma doença a ser combatida, pois concebe uma falta de caráter, um defeito de personalidade nos que não conseguem ter autocontrole, tornando o sofrimento dos mesmos um fruto de sua própria culpa em não serem capazes de controlar o seu destino. Esse discurso funciona, ao mesmo tempo, para enaltecer a vida ascética e para justificar a subalternização dos considerados inferiores, inaptos e incapazes, sob o rótulo de *handicap*.

A partir dessas ponderações, concluo que a ideia de cura na Antroposofia é ampla demais para ser restrita ao significado mais comum destinado a ela: o de solucionar a doença. Isso porque as terapias antroposóficas, em perfeita harmonia com o pensamento da medicina romântica, se traduzem como uma oportunidade do doente de repensar a sua vida e mudar os seus hábitos, colocando-o em movimento para percorrer um caminho de construção e aprendizado, onde poderá utilizar a arte como um antídoto para as dificuldades da vida e, principalmente, para estimular os recursos internos, como a percepção estética renovada por meio do belo da natureza que o levará um desenvolvimento de um *ethos* cristão, voltado para o altruísmo, como a única forma para suportar as adversidades da vida sob uma perspectiva heroica do que é o sofrimento. Para percorrer esse caminho de vida, a pessoa poderá contar com a força das experiências na formação antroposófica, para mudar o que se é, desde que se tenha uma vontade ascética para essa busca.

Estou falando de uma cura para além do corpo doente, de uma cura destinada aos aspectos morais do ser humano, entendido como somente possível através do movimento do autoconhecimento, que só ocorrerá por meio do exercício contínuo da vontade desta pessoa em dominar as forças espirituais ou os desejos do self que o controlam. Assim, o sofrimento, desde que estético, conduzirá essa pessoa na busca do equilíbrio e da tranquilidade necessária para finalmente encontrar a resolução da doença – a cura – realizando o seu karma, no sentido de saga, cumprida com dignidade e honra, mesmo que a cura signifique a possibilidade da morte, valorizando a doença como mote para uma cura maior, onde a morte não será o fim da sua jornada, pois a busca pela cura sempre o fará ter coragem para almejar evoluir para um anjo, galgando depois todas as outras hierarquias celestes nas demais vidas.

Por sua vez, essa busca pela cura e pela saúde física e moral alicerçada nas práticas ascéticas desenvolvidas na Antroposofia, levando os que dela participam a uma subjetivação dos modos de consumo considerados éticos dentro de um "gosto estético", requisito básico para a construção de uma nova subjetividade contemporânea, mais adequada aos novos paradigmas do século XXI, expresso de forma contundente no comportamento europeu, principalmente nos grupos neorromânticos rotulados de "verdes". Envolto no espírito dessa nova contemporaneidade, os antropósofos se consideram livres para consumir uma arquitetura integrada a natureza, uma alimentação *bio*, terapias antroposóficas, os cursos de formação, além de uma gramática emocional que torna dignificante o sofrimento e um estilo de vida mais natural, associando esse consumo a uma saúde superior, principalmente porque é oriunda de uma moralidade humana, esteticamente adequada a aqueles que procuram curar a si mesmos e ao planeta.

Por fim, concluo que, apesar da concepção de cura na Antroposofia se assemelhar a uma ascese helenística, não mais voltada para a Polis como na antiguidade, mas voltada para o *self*, a cura é compreendida entre os antropósofos como um exercício de liberdade para viver as experiências desafiadoras, como nas situações de doença e morte, com altivez, desde que em consonância com um *ethos* privado.

Esse *ethos* privado decidirá até onde aderir aos novos hábitos na busca de uma estética da cura, ou uma cura estética. Dialeticamente também será a relação entre a *Bildung* e cura, onde uma serve de mote para a outra, onde a busca da cura leva a uma *Bildung* e a busca da *Bildung* leva a uma cura, no sentido romântico de se colocar em movimento exigido pelo fluxo da vida, vivendo e aprendendo a viver, curando o corpo quando possível, mas principalmente o espírito e a alma. É possível pensar que há na Antroposofia uma estética da cura e uma cura estética. Mas será a *Bildung*, no sentido de autoformação, que possibilitará o desenvolvimento desta estética que tornará a cura relevante e ativa.

Ainda sobre a *Bildung* é possível afirmar que, ao investigar as terapias na Clínica Tobias e a rotina na Demétria, constatei que há um descompasso entre a teoria e a prática. A palavra-conceito *Bildung* que insistentemente aparece na literatura produzida pela Antroposofia, na Europa e no Brasil, nos trabalhos terapêuticos e na

saga da comunidade, assume importância e intenções distintas ao ser mencionada, e isso ocorrerá conforme a localização do *Ramo*, de acordo com as descrições realizadas nos capítulos quatro e cinco.

Enquanto no *Ramo* Tobias, na capital, falar da *Bildung* e de teorias complexas para explicar questões científicas e filosóficas conferia aos antropósofos um ar arrojado, intelectualizado, no outro *Ramo* instalado na Demétria, no interior do Estado, a *Bildung* apresentou o seu conteúdo simplificado, diluído em expressões mais cotidianas, com uma importância menor para os interlocutores. Destaco a localização dos *Ramos* porque a considero parte da explicação destas diferenças. Em São Paulo, a clientela dos cursos e terapias é formada por pessoas com um nível de exigência e expectativa maior, se comparada com a clientela no interior do Estado. Não que existam mais intelectuais antroposóficos no *Ramo* Tobias do que no *Ramo* Jatobá, mas há uma diferença bastante significativa na forma como os esses dois *Ramos* se relacionam com as teorias.

No *Ramo* Tobias, as teorias de Goethe e a utilização da palavra-conceito *Bildung*, descritas no capítulo quatro, demonstram um esforço dos membros da Antroposofia em construir uma imagem intelectualizada, atraindo um grupo da classe média alta paulistana, avesso às religiões institucionalizadas, que encontra, em sua busca de espiritualidade, uma ciência fundamentada em teorias europeias, de um passado quase aristocrático do Romantismo Alemão, qualidade legitimadora da cosmovisão da Antroposofia. A utilização da palavra-conceito *Bildung* assume uma função de proporcionar, aos seus participantes, a certeza de que não há dogmas nesta filosofia de vida, e que todas as ideias de Rudolf Steiner, mesmo as mais esotéricas, estão fundamentadas pelas experiências científicas românticas, mesmo oriundas de uma empiria espiritual.

No *Ramo* Jatobá, no interior do estado, as teorias assumem um lugar secundário na rotina do antropósofo. Mais importante do que discutir sobre elas, os interlocutores da Demétria estavam preocupados com a aplicação prática da Antroposofia em suas vidas, principalmente nas práticas de cultivo da terra. A *Bildung*, tão enaltecida no *Ramo* da capital, desce do seu pedestal e é simplesmente compreendida como experiência de vida e necessidade de formação. Mais importante que o arrojo e a a sabedoria do *Ramo* da capital, o foco está na tarefa de se “aprender

com a vida”, confiante que o ritmo da natureza, pautado pelo exercício árduo e contínuo do trabalho, dá a essas pessoas a resistência necessária para viver com altivez.

Contudo, os dois *Ramos* compartilham da palavra-conceito *Bildung* independente das expressões utilizadas pelos interlocutores, e ambos mercantilizam a experiência da *Bildung*, oferecendo-a por meio dos vários cursos profissionalizantes, descritos nos capítulos quatro e cinco, funcionando como oportunidade de trabalho entre os membros da Antroposofia. A palavra-conceito *Bildung* atinge o seu ponto máximo de expressão nas falas dos interlocutores, sobre a formação profissional dos terapeutas, sempre compreendida como um momento de maior importância em seu percurso pessoal dentro da Antroposofia, entendida também como um caminho de cura. Assim, a *Bildung* é oferecida enquanto oportunidade tanto de cura, quanto de formação profissional.

Independente da cultura, a *Bildung* contemporânea está distante do glamour da Romantismo Alemão, pois mesmo nos países de língua germânica o valor desta palavra se desgastou pelo uso e pelo tempo, assumindo contornos mais individualizantes, o que não significa a perda da potência e da importância da ideia contida na palavra-conceito *Bildung* na contemporaneidade. Descontextualizada no Brasil, o que há é uma *Bildung* adaptada, assim como ocorreu com os ideais liberais. O esforço brasileiro na busca pela cura não é e nem deseja ser uma transformação da vontade. O *ethos* privado do brasileiro permite estabelecer o grau de comprometimento que irá desempenhar na mudança de hábitos na busca da saúde, em acordo com as suas expectativas culturais atreladas as suas condições financeiras.

Realizar uma *Bildung* é esteticamente desejável, principalmente por uma camada mais intelectualizada da Antroposofia no Brasil, mas penso que o esforço para fazer essa formação talvez não seja completamente compreendido entre os adeptos brasileiros, ao menos em seus aspectos morais, por se tratar dos valores de uma outra cultura. O público observado nesta etnografia sobre as práticas terapêuticas antroposóficas no Brasil parecem mais subjetivados do que ascéticos, pois demonstravam estar mais interessados em consumir um estilo de vida europeu, que conjuga ciência, moral e estética, legitimado por sua origem alemã, do que

transformar sofrimento em dignidade por meio do esforço de si mesmo para construir seu destino, sua *Bildung*. Aqui é feita uma outra coisa, com um outro nome e com outros valores estéticos. A habilidade da "esperteza", mencionada pelos antropósofos na Demétria, talvez possa ser entendido como valor estético no enfrentamento das adversidades. Nem melhores, nem piores, simplesmente diferentes. Ao desconhecer o que é a estética da cura para a outra cultura, inventa-se a própria. Isso não significa que a *Bildung* não se realize entre os pacientes e membros da Antroposofia no Brasil. A *Bildung* como projeto é atemporal.

É necessário aprofundar as investigações sobre como a *Bildung* se desenvolve entre os brasileiros e os formatos culturais que assume nos processos de estetização da cura. Para isso, penso ser necessário para as próximas pesquisas, rever a classificação da Antroposofia inscrita no bojo das terapias da Nova Era, recolocando-a no "esoterismo histórico", ao mesmo tempo que é pertinente considerar o fluxo de sua clientela como oriundo da Nova Era, sendo este um elemento instigante para pensar a modificação da concepção da *Bildung* e da estética da cura antroposófica no Brasil. Acredito também que uma compreensão mais detalhada da cosmologia antroposófica e a evolução dos corpos nas esferas planetárias, vinculadas a concepção de missão da Antroposofia na atualidade, pode revelar, nos estudos que virão, outros aspectos importantes na concepção de corpo e cura.

Por fim, considero relevante expandir os estudos sobre outros dois pilares do tripé que alicerçam o estilo de vida antroposófico, indo para além da medicina e das terapias: a alimentação organânica e a educação Waldorf. Sobre a alimentação, é importante considerar também a estética do cultivo da terra como cura do planeta para complementar a estética da cura alimentar. Na educação, principal porta de acesso a Antroposofia no Brasil, seria interessante verificar o potencial salutogênico⁶⁶ atribuído a educação Waldorf. Em ambos os temas é possível apontar para o potencial destas futuras pesquisas, para traduzir os próximos passos de expansão do movimento antroposófico na América Latina no mercado da saúde, apesar de revestidos de alimentação e educação.

⁶⁶ Salutogênese é o conceito criado pelo pesquisador Aaron Antonovsky em 1979, para designar as forças que geram saúde, e se opõem à patogênese. O termo vem sendo utilizado em larga escala pela Antroposofia.

Para concluir, gostaria de tecer algumas considerações sobre o que foi buscar a cura da asma por meio de uma *Bildung* na Antroposofia e como a pesquisa afetou a minha percepção corpórea sobre a saúde e a doença. Se a cura para a biomedicina é eliminar os sintomas e resolver o problema do órgão afetado, então, para essa norma, eu não fui curada. Mas a asma se transformou, ficou bem pequena perto de todas as outras “doenças” que eu descobri em mim na experiência antroposófica. A percepção da covardia e da acrasia emergiu de forma inegável no percurso etnográfico. A busca, ingênua e inconsequente, por uma *Bildung* solucionadora destas questões deixou marcas indeléveis no corpo, na alma e no espírito.

No corpo, porque esse suportou o quanto pôde as mudanças geográficas, climáticas, laborais e culturais. O corpo fraquejou, adoeceu, sofreu, se transformou e se adaptou. Os cabelos brancos se estabeleceram, a escolha de onde morar e dormir perderam a relevância, mesmo quando eu já havia retornado da etnografia. Na alma, porque aprendi a fazer uma nova tentativa a cada dia, pois a frustração de não atingir a estética da cura na Antroposofia, principalmente na Europa, adoeceu profundamente a minha alma, tornando-a ainda mais melancólica. Mas foi no espírito que a resistência se deu e ainda se dá. Foi no sacode do percurso que o espírito tornou-se mais forte e combativo. Aceitou seu reflexo abatido na estética do Outro, mas não se deixou inferiorizar. Reinventou sua motivação e sua coragem de acordo com a sua cultura e, nesse esforço, percebeu a sua estética, por vezes claudicante, e continuou sua *Bildung*.

Na *Bildung*, a asma tornou-se insignificante assim como a cura. A asma curou-se por substituição. Hoje me preocupo mais com a minha acrasia niilista frente ao futuro da humanidade e menos com o desfecho da morte. Mas percebo, no resultado da minha produção acadêmica, o quanto absorvi da estética alemã, e quase fico feliz por isso.

BIBLIOGRAFIA

ABMA. Associação Brasileira de Medicina Antroposófica. *Terapias Antroposóficas*. Disponível em: <<http://www.abmanacional.com.br/#>>. Acesso em: 12/12/2011.

ABP. Associação Brasil Parkinson. *O que é Parkinson?* Disponível em: <<http://www.parkinson.org.br/firefox/index.html>>. Acesso em: 25/12/2014.

AMA. Associação para a Medicina Antroposófica. *O que é euritmia?* Disponível em: <http://www.a-ama.com.pt/ama/ter_euritmia.php>. Acesso em: 15/02/2015.

ARAUJO, A. F; RIBEIRO, J. A. L. Educação e formação do humano: Bildung e romance de formação. In: I congresso internacional de filosofia da educação de países e comunidades de língua portuguesa, Anais, Porto/Portugal: Universidade Nove de Julho, 2009. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Eventos_parcerias/Alberto%20Filipe%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 07/01/2011.

ARIÈS, P. *L'homme devant la mort: le temps des gisants*. v.1, Paris: Seuil, 1977.

ARIÈS, P. *L'homme devant la mort: le mort ensauvagée*. v.2, Paris: Seuil, 1977.

AURELIANO, W.A. Espiritualidade, saúde e as artes de cura no contemporâneo [tese]: indefinição de margens e busca de fronteiras em um centro terapêutico espírita no sul do Brasil. Florianópolis, SC, 2011. 446 p.

BADINTER, E. *L'amour en plus.*, Paris: Flammarion, 1980.

BADINTER, E. Mèrer, vous leur devez tout! In: *Le conflit: la femme et la mère*. Paris: Flammarion, 2010.

BARROS, N.F.; SIEGEL, P.; SIMONI, C. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: passos para o pluralismo na saúde*. Cad. Saúde Pública, vol.23(12), p.3066-3067; 2007. *Cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERMAN, A. *Bildung et Bildungsroman. Le temps de la réflexion*, v. 4, Paris: Flammarion, 1984.

BERTALOT-BAY, M. M. *Conseqüências ambientais e sociais da atividade agrícola: reflexões epistemológicas sobre a regenerabilidade* [tese]. Campinas, SP, 2008.

BIZERRIL, J. *Estéticas da Existência em Fluxo: corporeidade taoísta e mundo contemporâneo*. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 12, n. 13, p. 77-101, fevereiro de 2011.

BLACKBOURN, D. *History of Germany, 1780-1918: the long nineteenth century*. Oxford, UK: Blackwell, 2003.

BLAVATSKY, H. P. Glossário Teosófico. Tomo II, s/d. Disponível em: <http://www.iglisaw.com/docs/libros_espanol/blavatsky/glosario_letras_i_p.pdf>. Acesso em: 30/06/2016.

BRANDÃO, C. R. *O outro: esse difícil*. In: Identidade e Etnia: A Construção da Pessoa e A Resistência Cultural. São Paulo. Brasiliense, 1986.

BRITTO, F. *Sobre o conceito de educação (Bildung) na filosofia moderna alemã*. Educação On-line, Rio de Janeiro, n. 6, 2010. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0>. Acesso em: 29/05/2014.

BURKHARD, G. *Harmonia e saúde: a biografia humana*. Florianópolis: Associação Sagres, 2009.

CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANGUILHEM, G. "Doença, cura, saúde". In: *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CARNEIRO, R.G. Cenas de parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CARNEIRO, R.G. Em nome de um campo de pesquisa: antropologia (s) do parto no Brasil contemporâneo. *Vivência 44, Rev de Antrop*; n. 44:, p. 11-22, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/7020>>. Acesso em: 2/04/2016.

CARVALHO, J. J. “Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea”. *Série Antropologia*, 114: 1-46, Brasília, Universidade de Brasília, 1991.

CHAMPION, F. “La nébuleuse mystique-ésotérique: orientations psychoreligieuses des courants mystique et ésotérique contemporains”. IN: CHAMPION, F. et HERVIEU-LÉGER, D. (orgs.). *De l'émotion en religion: renouveaux et traditions*. Paris: Editions du Centurion, 1990.

CSORDAS, T.J. *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DALBOSCO, C. A.; EIDAM, H. *Moralidade e educação em Immanuel Kant*. Ijuí: Unijuí, 2009.

DELORY-MOMBERGER, C. *Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas*. Tradução Maria da Conceição Passeggi. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 40, n. 26, p. 31-47, jan/jun. 2011.

DICIONÁRIO CÉPTICO. A crônica do Akasha. (2000). Disponível em <<http://brazil.skeptdic.com/akasha.html>> Acesso em: 27/09/2015.

DUARTE, L. F. “Ethos privado e racionalização religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira”. Comunicação apresentada ao *Seminário Religião e Sexualidade: Convicções e Responsabilidades*. Rio de Janeiro: CLAMIIMS/UERJ, 2003a.

DUARTE, L. F.D. “Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença”. *Ciênc. Saúde Coletiva*, vol.8, n. 1, p. 173-183, 2003b.

DUARTE, L. F.D. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: Maria Luiza Heilborn (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DUARTE, L.F.D. "Investigação Antropológica sobre Doença, Sofrimento e Perturbação: uma Introdução". In: *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. / Org. Luiz Fernando Dias Duarte e Ondina Fachel Leal - Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

DUARTE, L.F.D. A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral? In: Saúde e doença: um olhar antropológico. Org. ALVES, P.C; MINAYO, M.C.S. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

DUARTE, L.F.D. A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente. Rev. bras. Ci. Soc. 19(55): 5-19, 2004.

DUARTE, L.F.D. O Paradoxo de Bergson: diferença e holismo na antropologia do ocidente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

DUMONT, L, *Homo aequaelis*, tomo 2, *L'idéologie allemande*, Paris: Gallimard, 1991.

DUMONT, L. *Homo aequalis, II: L'idéologie allemande France-Allemagne et retour*. Paris: Gallimard, 1991.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, N. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, N. *Sociogênese da diferença entre "kultur" e "zivilisation" no emprego alemão*. In: *O processo civilizador, uma história dos costumes*. v. 1. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FABRE, M. "Fazer de sua vida uma obra". *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.347-368, abr. 2011.

FAIVRE, A. *O esoterismo*. Campinas: Papirus, 1994.

FICHER, M; DUARTE, L.F; DUARTE, J.A.D. A cultura e a análise cultural como sistemas experimentais. In: *Futuros Antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FIGUEIREDO, V. *Kant e Goethe – Uma Aproximação*. IN: WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes. *Arte e Filosofia no Idealismo Alemão*. São Paulo: Barcarolla, p. 25- 52. 2009.

FLORA, L. M. R. *Bildungsroman*. In: CEIA, C. (org) *E-Dicionário de Termos Literários*. 2005. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 01/04/2014.

FLORIANI, C.A. “Kalotanásia, Antroposofia e o moderno movimento hospice: compartilhando um modelo de boa morte”. In: (org) FLORIANI, C.A. *No umbral da morte*. São Paulo, Antroposófica, 2014.

FOUCAULT, M. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. IN: Ditos e Escritos: ética, sexualidade, política. Vol. 5. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Organização: Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Comentários de Frédéric Gros. 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. As técnicas de si (1994). In: COLETIVO SABOTAGEM (org.). *Por uma vida não-fascista*, 2004 p. 73-77. Disponível em: <<http://www.sabotagem.cjb.net>>.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Vol. 3. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9. ed. São Paulo: Edições Graal, 2011.

FRANK, A. "The rhetoric of self-change: illness experience as narrative". *Sociological Quarterly* 34(1): 39 - 52 april, 2005.

FURTADO, R.N. Ascese e Racionalização: Weber, Foucault e o problema do controle da conduta. *Prometeu: filosofia em revista*. Sergipe, ano 6, n.11, janeiro de 2013.

GADAMER, H.G. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petropolis: Vozes, 2005.

GALBIATI, M. A. (Trans)formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo. *Revista de Estudos Linguísticos*, Paulo, 40 (3): p. 1716-1728, set-dez 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1292/838>. Acesso em: 22/01/2012.

GALBIATI, M. A. (Trans)formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (3): p. 1716-1728, set-dez 2011.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIANNOTTI, M. "Apresentação". In: GOETHE, J. W. *Doutrina das Cores*. Tradução de Marco Gianotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GOETHE, J. W. *Doutrina das Cores*. Tradução de Marco Gianotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

GOLDENBERG, M; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu & vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002, p. 19-40.

GOMES, R. F. "Abordagem espiritual antroposófica da morte e do processo de morrer". In: *No umbral da morte*. São Paulo, Antroposófica, 2014.

GROS, F. *À propos de l'herméneutique du sujet*. In: LE BLANC, G. & TERREL, J. Foucault au Collège de France: un itinéraire. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2003, p. 149-163.

GUERRIERO, S. *Esotericism and New Age*. Encyclopedia of Latin American Religions. Disponível em: <http://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-319-08956-0_26-1>. Acesso em: 20/05/2015.

GUR-ZE'EV, I. "A *Bildung* e a teoria crítica na era da educação pós-moderna". *Linhas Críticas*, Brasília, v. 12, n. 22, p. 5-22, jan./jun, 2006.

GUSDORF, G. *Lignes de vie*. Paris: Odile Jacob, (v. 1, Les écritures du moi; v.2,). 1991

HAUSCHKA, M. *Terapia Artística: natureza e tarefa da pintura terapêutica*. Tradução de Astrid Dudeck. São Paulo: Antroposófica, 1987.

HEIDE, P. V. D. *Introdução aos fundamentos da pintura terapêutica*. São Paulo: Antroposófica, 2003.

HELLERN, V; NOTAKER, H; GAARDER, J. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HENNEZEL, M. *Mourir lês yeux ouverts*. Paris: Albin Michel, 2005.

HERMANN, N. Ética e Estética: uma relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, N. Ética: a aprendizagem da arte de viver. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 102, p. 15-32, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n102/a0229102.pdf>. Acesso em: 01/07/2013.

HERVIEU-LÉGER, D. *La religion en mouvement: le pèlerin et le converti*, Paris, Flammarion, 1999.

HERZOG, R. Tisser des ponts entre les âmes. Em: Comment mourrir? Responses et points de vue de l'antroposophie. Disponível em: <<http://www.mourir.ch/Ceremonies-funeraire.145.0.html>>. Acesso em 08/01/2016.

HOTIMSKY, S.N. Parto e Nascimento no Ambulatório e na Casa de Partos da Associação Comunitária Monte Azul: Uma Abordagem Antropológica. São Paulo; 2001. [Dissertação de Mestrado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

HOUAISS. A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2007.

HUSEMANN, F; WOLFF, O. *A imagem do home como base da arte médica: patologia e terapêutica*. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). "Censo Agropecuário 2015". Rio de Janeiro, IBGE, 2015, 142 p.

JAEGER, W. *A Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KALIKS, B. O que é Medicina Antroposófica. Site: <http://www.sab.org.br/portal/medicinaeterapias/213-oqueeamedicinaantroposofica>, 2014 (Artigo publicado na Revista ARS CVRANDI - outubro/90)

KAPFERER, B. "Introduction: Ritual Process and the Transformation of Context", *Social Analysis*, 7:3-19. (1979).

KIRCHENER- BOCKHOLT, M. Elementos Fundamentais da Euitmia Curativa. Editora Antroposófica, São Paulo, 2009.

KLEINMAN, A. 1978. "Concepts and a Model for the Comparison of Medical Systems as Cultural Systems". IN: *Social Science and Medicine*, V. 12: 85-93.

LAGO, C. Experiência Estética e Formação: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

LANGDON, E.J. "Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas". *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(4): 1019 – 1029, 2014.

LANZ, R. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófica, 2000.

LANZ, R. *Noções Básicas de Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 1985.

LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petropolis: Vozes, 2011.

LUKÀCS, G. *Posfácio*. IN: *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. 2ª Edição. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo. Editora 34. 2006.

LUTZ, C. *Unnatural emotions*. Chicago: University of Chicago, 1988.

LUZ, M. T. ; WENCESLAU, L. D. ; SIMONI, C. ; Iracema Benevides ; ANTONINI, C. D. ; VALE, M. C. C. ; BRINA, N. T. A medicina antroposófica como racionalidade médica e prática integral de cuidado a saúde. 1. ed. Juiz de fora: editora da UFJF, 2014. v. 01. 196p

LUZ, M. T. e WENCESLAU, L. D. “Goethe, Steiner e o nascimento da arte de curar antroposófica no início do século xx”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 2012.

MAGNANI, J.G.C. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Nobel, 1999.

MALUF S. W. Mitos coletivos, narrativas pessoais cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “nova era”. *Mana* 11(2):499-528, 2005.

MALUF, W.S. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Estudos Feministas*, 2002.

MALUF, W.S. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. *Revista de Antropologia – Ilha* (2005).

MARASCA, E. *Saúde se aprende, educação é que cura: da pedagogia Waldorf à salutogênese*. São Paulo: Antroposófica, 2009.

MARTINS, D. M.B. *Corporeidade e Cura: o corpo em revolução*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e Desigualdades. Salvador, UFBA, 2011.

MATEUS, G. "A construção do lugar acadêmico dos estudos sobre esoterismo: a saída de uma quarentena. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano X, 2013.

MAUSS, M. "As técnicas corporais". In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1984. p. 211-233.

MAUSS, M. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos", in S. Figueira (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980.

MAUSS, M. "Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MAYOS, G. *Ilustración y Romanticismo: introducción a la polémica entre Kant y Herder*. Barcelona: Editorial Herder, 2004. p. 363-408. (Tradução de Karine Salgado disponível em < <http://www.ub.edu/histofilosofia/gmayos/4presentacio.htm> >)

MAZZARI, M. *Romance de formação em perspectiva histórica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MEDEIROS, M.B. *Aisthesis: estética, educação e comunidade*. Chapecó/Santa Catarina: Argos, 2005.

MENEZES & GOMES. "Seu funeral, sua escolha": rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, SÃO PAULO, USP, 2011, V. 54 Nº 1

MENEZES, R. A. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

MERLEAU-PONTY, M. *Conversas – 1948*. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MÉTODO PADOVAN. *História do Método*. Disponível em <<http://www.metodopadovan.com.br/historia.html>>. Acesso em 01/11/2015.

MICHAEL L.; ROBERT S. *Revolta e melancolia*. Trad. Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

MOLLMANN, A.D.S. *Bildung na contemporaneidade: qual o sentido?* V CINFE. Congresso Internacional de Filosofia da Educação, maio de 2012.

MORAES, W.A. "Elaboração de uma medicina ampliada pela Antroposofia". In: *Medicina Antroposófica: um paradigma para o século XXI*. São Paulo: ABMA, 2007.

MULLER E. A diversificação das narrativas sobre parto e nascimento como possibilidade de politização e incremento das experiências [Internet]. In: Anais da IV REA/XIII ABANNE. Fortaleza. UFC, 2013. Disponível em: <<http://www.reaabanne2013.com.br/anais/edicao-atual/>>. Acesso em: 20/05/2016.

MUTARELLI, S. R. K. "Os quatro temperamentos na Antroposofia de Rudolf Steiner". Dissertação de Mestrado PUC de São Paulo no Programa de História da Ciência. São Paulo, 2006.

NOBREGA, T. P. "Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty". *Estudos de Psicologia* 2008, 13(2), 141-148. p.59-75, 1991.

PAGNI, P. A. "Formação humana e cuidado de si: um encontro explosivo ou a possibilidade de pensar de outro modo a racionalidade e a ética na educação?" *Revista Espaço Pedagógico*, v. 18, n. 2, Passo Fundo, p. 309-323, jul./dez. 2011.

PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

PIMENTEL, C. (Des) hierarquizando os saberes: o protagonismo da mulher no parto. In: Anais da IV REA/XIII ABANNE. Fortaleza. UFC, 2013. Disponível em: <<http://www.reaabanne2013.com.br/anais/edicao-atual/>>. Acesso em: 20/04/2016.

PORTELLA MO. A dor do parto no contexto da assistência obstétrica brasileira [Internet]. In: Anais da IV REA/XIII ABANNE. Fortaleza. UFC, 2013. Disponível em: <<http://www.reaabanne2013.com.br/anais/edicao-atual/>>. Acesso em: 20/05/2016.

POSSEBON, E.L. *A Teoria das Cores de Goethe hoje*. Tese defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. USP, São Paulo. 2009.

PULHEZ, M.M. Parem a violência obstétrica: a construção das noções de 'violência' e 'vítima' nas experiências de parto. *Rev Bras de Socio da Emoção*; v. 12, n. 35, pp. 544-564, 2013. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/PulhezArt%20Copy.pdf>>. Acesso em: 23/12/2014.

QUINTÃO, A. M. P. *O que ela tem na cabeça? um estudo sobre o cabelo como performance identitária*. Dissertação de mestrado. Programa de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2013.

RABELLO, M.C.M. Religião, ritual e cura. In: Saúde e doença: um olhar antropológico. Org. ALVES, P.C; MINAYO, M.C.S. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1994.

RAMOS, D.G. "Alguns modelos e conceitos sobre a doença e o processo de cura". In: *A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença*. São Paulo: Simmus, 2006.

REIS, J. C.; GUERRA, A.; BRAGA, M. *Ciência e arte: relações improváveis? História, Ciências, Saúde* – Manguinhos v. 13, (suplemento), p. 71-87, outubro de 2006.

REZENDE, C. B. "Emoção, corpo e moral em grupos de gestante" *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp.830-849, Dezembro de 2012.

REZENDE, C.B. Emoção e moralidade em grupo de gestantes. In: Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde. Org. TAVARES, F.; BASSI, F. 2012.

REZENDE, C.C. O momento hegeliano da estética: a auto-superação da arte. *Kínesis*, v.I, n.1, p. 12-21, março de 2009.

RIBEIRO FB. Mas elas são de outro planeta?: sentidos do parto em questão. *Anais do fazendo gênero*, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278285893_ARQUIVO_Texto_completoFBR-ST27.pdf>. Acesso em: 23/05/2015.

RODOLPHO, A.L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação. Estudos Teológicos, v.44,n.2,p.138-146,2004.Disponível em <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518>. Acesso em 10/11/2015.

ROSISTOLATO, R. "Aprendendo "no emocional": uma teoria nativa sobre a relação dos adolescentes com a sexualidade". in: Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende (orgs.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contracapa editora. 2011.

RUSSO, J. Tornar-se Terapeuta Corporal: a Trajetória Social como Processo de "Autoconstrução". *PHYSIS Revista de Saúde Coletiva* Vol. I, Número 2, 1991.

SAFRANSKI, R. *Romantismo, uma questão alemã*. Trad. Rita Rios. São Paulo. Editora Estação Liberdade, 2010.

SALEM, T. "O individualismo libertário dos anos 60". *Revista Physis*, IMS/UERJ, v. 1, n. 2,

SALEM, T. *Sobre o casal grávido: incursão em um universo ético*. 1983. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro.

SANCHEZ-GARNICA, D.E. "La biologia romântica de los Naturphilosophen". In: *El taller de las ideas: diez lecciones de história de la ciência*. Org. José Luiz Gonzales Recio. Barcelona, Plaza y Valdés, 2005.

SANTOS, M.C. A Naturphilosophie como concepção de mundo do Romantismo Alemão. *AISTHE*, nº 5, 2010.

SCHILLER,F. Cartas sobre a educação estética da humanidade. São Paulo: EPU, 1991.

SCHWARZ, R. (org.). "As ideias fora do lugar". in: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades,1999. Sequências brasileiras.

SEEBERG, U. Dimensões filosóficas na obra de Caspar David Friedrich. *Ars*, v. 3, n. 5. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2952/3642>. Acesso em: 10/12/2011.

SETZER, V.W. (2011). *O bem e o mal do ponto de vista da Antroposofia*. Disponível em <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/bem-mal.html>>. Acesso em 21\11\2015.

SILVA, M. R. *Experimentando Goethe: O romance “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister” como desencadeador de reflexão e humanização em um cenário de formação humanística na área da saúde* / São Paulo, 2013. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina.

SILVEIRA, E.J.S. *Práticas ecoreligiosas entre católicos carismáticos: um neocatolicismo romântico?* *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 33-64, 2012.

SIMÕES, J. G. A história da colônia alemã em Santo Amaro. Disponível em: <<http://www.sampaonline.com.br/reportagens/santoamaro2007set24coloniaalema.htm>>. 2007. Acesso em: 12/09/2014.

SOARES, L. E. “Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil”. In: *O rigor da indisciplina*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

SOUZA, M.C.S. *A naturphilosophie como concepção de mundo do Romantismo Alemão*. *AISTHE*, nº 5, 2010, p. 35-47.

STEIL, C. A. *Religião e natureza no horizonte de uma antropologia da paisagem*. In: XXVI Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. *Anais da XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*. Brasília: ABA, 2008.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. "O Habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental". in: *Educação e Realidade*, v. 34, p. 81-94, 2009.

STEINER, R. *Doença e cura*. Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, São Paulo, 1998.

STEINER, R. *Festas cristãs: Cristo, Áriman e Lúcifer em relação ao Ser Humano*. Disponível em: <<http://www.festascristas.com.br/micael/micael-textos-rudolf-steiner/120-christo-ahriman-e-lucifer-em-relacao-ao-ser-humano>>. Acesso em 09/01/2016.

STEINER, R. *O Mistério dos Temperamentos*. Trad. Andrea Hahn. 2ª. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural). *Kriterion* [online]. 2005, vol.46, n.112, pp. 191-198. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a05.pdf>. Acesso: 26/11/2012

TAMBIAH, S. "A Performative Approach to Ritual" In: *Proceedings of the British Academy*, LXV: 113-169, 1979.

TATAGIBA, A.P. Projetos profissionais e/ou maternidade. Críticas a um dilema/sofrimento feminino (ainda) contemporâneo. *Cad. Pagu*, no.37, Campinas, July/Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200020>. Acesso em: 12/01/2016.

TAUSSIG, M. "Reification and the Consciousness of the Patient", *Social Science and Medicine*, 14B: 3-13. 1980.

THE GREAT ARTISTS. Documentário, episódio 02, 49 min, (2006). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=71r8MZtCE7c>. Publicado em 23 de set de 2012.

TÖNNIES, F. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

TORNQUIST, C. S. *Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil*. Tese de doutorado em Antropologia Social, na Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

TORNQUIST, C. S. "Armadilhas da Nova Era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto". (2002) *Revista de Estudos Feministas*. Santa Catarina. Ano 10, segundo semestre de 2002.

TORNQUIST, C. S. *Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

TUCHERMAN, I. *A juventude como valor contemporâneo: Forever Young*: 2004, p.7. Ano 11, nº 21, 2º semestre de 2004.

TURNER, V. *A floresta de símbolos*. Ithaca, Cornell University Press, 2005.

VERMEIL, E. *L'Allemagne essai d'explication*. Gallimard, 1944.

VERNANT, J.P. *La belle mort ou le cadavre outragé. In: L'individu, la mort et l'histoire: soi-même et l'autre en Grèce Ancienne*. Paris: Gallimard, 1989.

WASHINGTON, P. *O babuíno de madame Blavatsky: místicos, médiuns e a invenção do guru ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WILSON, C. *Rudolf Steiner: o homem e sua visão*. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1988.

WINCKEMLAMNN, J. J. *Reflexões sobre a Arte Antiga*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1975.

ZEKHRY, N. *Gestação, parto e Antroposofia*. Site Weleda. Disponível em: <<http://www.weleda.com.br/noticias/detalhe%20noticia/default.asp?nt=1009>>. Acesso em: 12/07/2014.



Sete selos planetários

A Clínica Tobias é uma
iniciativa pioneira da prática
Médico Terapêutica
Antroposófica no Brasil,
desde 1969. Colabora na
humanização da área da
saúde ampliando recursos
terapêuticos, a partir de uma
compreensão profunda do
ser humano.

CONTATE-NOS!
11 5524 9054
11 2387 3799
www.clinicatobias.com.br
R. Regina Badra 576
Alto da Boa Vista, São Paulo, SP



CLÍNICA
TOBIAS



ESPECIALIDADES

MEDICINA ANTROPOSÓFICA

Clínica Geral
Pediatría
Ginecologia – Obstetrícia
Psiquiatria
Oncologia / Imunologia
Otorrinolaringologia / Foniatria
Dermatologia
Fisiatria
Oftamologia
Emagrecimento – Desintoxicação
Odontologia

TERAPIAS ANTROPOSÓFICAS

Terapia Artística
Massagem Rítmica
Aplicações Externas
Musicoterapia e Cantoterapia
Euritmia
Terapia Sônica – Cromoterapia
Biográfico
Nutrição
Extra Lesson

TERAPIAS

Psicologia
Terapia de Família e Casal
Fonoaudiologia
Fisioterapia
Pilates – RPG
Hidrocoloterapia
Integração Crânio Sacral



NOSSA EQUIPE

Médicos

Dr. Antonio Carlos de Souza Aranha
Dr. Bernardo Kalks Livtak
Dra. Cátia Cristine Chuba da Silva
Dr. Geraldo Gilberto Valle
Dr. Ivo Pinfilidi Neto
Dr. Luiz Antonio de Arruda Botelho
Dra. Maria Luíza Levy
Dr. Mauro Domingues Fernandes
Dr. Ronaldo Perlatto
Dra. Regina Helena Ribeiro
Dra. Rosana Maura Gentil
Dr. Vitor M. Costa Ferreira da Silva
Dr. Alexandre Rabboni

Terapeutas

Adriana Venuto
Andreia Veiga
Beatriz Rheingantz
Edna Andrade
Livia de Alencar Neves Costa
Lucinda Dias
Márcia Marques
Maria das Graças P. Siracusa
Maria Elizabeth Canelada
Mariângela Motta
Meca Vargas
Mônica S. M. Barros
Simone Ornelas Figueiredo
Tânia Vidigal

GRUPOS DE ESTUDO

Informações - Clínica Tobias
11 5524 9054

GRUPO MÉDICO PEDAGÓGICO

Coord. Drª Rita Rahme
Segundas de 17:30 às 19:00hs

GRUPO DE ESTUDO CIÊNCIA OCULTA

Coord. Dr. Derblay e Drª Elizabete
Segundas de 19:00 às 20:30hs

GRUPO DE ESTUDO DE ANTROPOSOFA

Coord. Dr. Kaliks
Quartas de 7:30 às 9:00hs

GRUPO DE ESTUDO - DE JESUS A CRISTO

Coord. Drª Sônia
Quartas de 18:00 às 19:30hs

MEDICINA ANTROPOSÓFICA

Coord. Dr. Kaliks
Quartas de 20:00 às 21:00hs
Para Médicos

PALESTRAS

SOBRE A BIOGRAFIA

Como a música pode atuar em nossa vida?

Dr. Ronaldo Perlatto e Meca Vargas

Data - 16 de Abril de 19 às 21:30

Haverá vivência musical no evento.

Info: mecavargas@clínicatobias.com.br | 11 972467776

EURITMIA PARA TODOS

HARMONIZANDO MOVIMENTOS

- Elizabete Canelada e Tânia Vidigal

Segundas de 14:30 às 15:30hs

Quarta de 8 às 9:00hs

Informações: elizabetecanelada@clínicatobias.com.br

A Clínica Tobias é uma iniciativa pioneira da prática Médico Terapêutica Antroposófica no Brasil, desde 1969. Colabora na humanização da área da saúde ampliando recursos terapêuticos, a partir de uma compreensão profunda do ser humano.

CONTATE-NOS!

11 5524 9054

11 2387 9054

www.clinicatobias.com.br

R. Regina Badra 576

Alto da Boa Vista, São Paulo, SP



CLÍNICA
TÓBIAS

EVENTOS
1 Semestre 2013



EVENTOS 1 Semestre 2013

GRUPOS DE TERAPIA ARTÍSTICA

- Adriana Venuto - Segundas, de 10 às 11:30hs
Info: adrianavenuto@clenicatobias.com.br
11 99600 0870

- Simone Figueiredo - Quartas, de 17 às 18:30
Info: simonefigueiredo@clenicatobias.com.br
11 99171 6808

CANTO E MÚSICA

- Meca Vargas
Crianças - 7 a 9 anos | Quintas de 15 às 16h00
Jovens - 10 a 14 anos | Quintas de 16h às 17h30
Adultos - Terças, de 11h às 12h ou de 17h às 18h
Info: mecavargas@clenicatobias.com.br | 11 - 97246 7776

- Coral Desvendar da Voz

Meca Vargas
Ensaíolos - Quintas das 20h às 22hs
Info: mecavargas@clenicatobias.com.br | 11 - 97246 7776

TRABALHO BIOGRÁFICO EM GRUPO

Dr. Gilberto Valle, Elizabete Canelada e Simone Figueiredo
Março - Terças de 19h30 às 22hs
Informações - simonefigueiredo@clenicatobias.com.br
11 99171 6808

COMEMORAÇÕES ANUAIS

PÁSCOA - Palestra - Lúcia Lameirão

20 de março às 20h15

SÃO JOÃO - Palestra Dr. Kaliks

26 de junho às 20h15

Informações - Clínica Tobias - 11 5523 8394

OFICINAS DE CULINÁRIA SAUDÁVEL

Nutricionista Andreia Veiga

02 de julho das 14h às 16h

04 de julho das 14h às 16h

05 de julho das 16h às 18h

Informações: veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

CURSOS

O CAMINHO DO CRISTO E O AUTO-CONHECIMENTO

Dr. Gilberto Valle e Tânia Vidigal
Março a Junho | Segundas de 16h30 às 18h
Info: Taniavidigal@clenicatobias.com.br | 11-9838 00838

CONTOS, ENCANTOS E DESCOBERTAS

Um mergulho na Alma Feminina
Lúcia Lameirão e Simone Figueiredo
Quintas de 10 às 12hs
7, 14, 21 de Março; 4, 11, 18 de Abril
Info: simonefigueiredo@clenicatobias.com.br
11 99171 6808

TERAPIAS EXTERNAS

Márcia Marques
23 e 25 de Abril de 8h às 12h00
Informações - marciamarques@clenicatobias.com.br

TRABALHO BIOGRÁFICO EM GRUPO ATRAVÉS DA MÚSICA

Meca Vargas e Ronaldo Perlatto
Maio 17, 18, 19 | Início sexta às 10hs até Domingo às 14hs
Info: mecavargas@clenicatobias.com.br | 11 97246 7776

HISTÓRIA DA ARTE E DESENVOLVIMENTO DA

HUMANIDADE - do Ponto de Vista das Leis Biográficas
Edna Andrade
2, 09, 16 e 23 de Maio - de 20 às 22hs
Info: bioarte@uol.com.br | 11 99119 8937

ALIMENTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA/Uma fase de

Oportunidades

Nutricionista Andreia Veiga

26 de abril das 19h às 21h30

27 de maio das 18h às 20h30

04 de junho das 14h às 16h30

Info: veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

ARTE BOTÂNICA - Uma Visão Fenomenológica

Parecis Morato

Maio - 11, 18 e 25 (aula de campo) de 9 às 13hs

Info: parecismorato@uol.com.br | 11-97607 8011

DOZE PASSOS PARA AMPLIAR A CONSCIÊNCIA

ALIMENTAR Um Caminho de Autoconhecimento

Andreia Veiga

Atendimento individual | Adultos e Adolescentes

Início em Março

Informações - veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

INTRODUÇÃO DE ALIMENTOS PARA O BEBÊ

Gerando Hábitos para toda Vida

Nutricionista Andreia Veiga

30 de maio das 14h às 16h30

26 de junho das 19h às 21h30

Informações - veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

ALIMENTAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA Um Ato

Pedagógico

Nutricionista Andreia Veiga

08 de abril das 19h às 21h30

10 de maio das 18h às 20h30

22 de maio das 8h às 10h30

18 de junho das 14h às 16h30

Informações - veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

MEU FILHO NÃO COME. E AGORA?

Nutricionista Andreia Veiga

Segundas de 7:30 às 10hs

19 de abril das 19h30 às 21h30

20 de maio das 19h30 às 21h30

13 de junho das 14h às 16h30

Info: veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

CURSO PARA MANIPULADORES DE ALIMENTOS

Nutricionista Andreia Veiga

Individual ou em grupo

02 de abril das 14h às 16h30

03 de maio das 16h às 18h30

05 de junho das 8h às 10h30

Informações - veiga.ac@gmail.com | 11 99281 8551

CURSO PARA GESTANTES

- Dra Cátia Chuba e Tarsila de Souza Aranha

Quinzenal - Quartas, às 20hs

Info: showroomantroposofico@yahoo.com.br | 971822261



Cuide-se com excelentes profissionais da Medicina Antroposófica e ajude a manter um tratamento gratuito e de qualidade para quem precisa.



Agora você pode ter um tratamento médico de qualidade ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento de uma comunidade. Na Associação Comunitária Monte Azul, toda quarta-feira ocorre a **Quarta faz Bem**, durante a qual qualquer pessoa interessada pode realizar, além de especialidades tradicionais na Medicina – **Clinica Médica, Pediatría, Ginecologia, Psiquiatria, Odontologia, Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Enfermagem e Medicina de Família e Comunidade** –, diversos tratamentos antroposóficos, além de **Aconselhamento Biográfico, Homeopatia, Acupuntura, Florais de Bach e Medicina Quântica**.

As consultas são realizadas por **reconhecidos profissionais da Medicina Antroposófica**, e todo o valor obtido na **quarta-feira é revertido para a manutenção do ambulatório e para as crianças atendidas pelos programas da Monte Azul**. Ou seja, você se consulta com profissionais excelentes e ainda **ajuda a ampliar a qualidade de vida das pessoas**.

Para mais informações sobre a **Quarta faz Bem** ou sobre a **Associação Comunitária Monte Azul**, entre em contato pelo telefone **(11) 5862-3032**.

Consultas por R\$ 150,00 e terapias diversas a partir de R\$ 40,00 a sessão.

+ Terapia Artística

Seu enfoque está no processo artístico, onde as formas dos elementos – cor, forma, volumes, disposição espacial, luz e sombra – entram em consonância com as forças internas que constituem o ser humano.

+ Massagem Rítmica

No centro da atuação desta terapia está o elemento rítmico, que é levado ao organismo através de toques de sucção executados com leveza.

+ Educação Terapêutica

Esta prática ensina que só a partir do encontro humano é possível engendrar processos de cura, nos quais os valores humanos fundamentais podem ser vivenciados e cultivados.

+ Quiroprática

Em sua aplicação, o caminho dos fluxos aéreos é transmitido para o corpo do paciente, em deslizes manuais, ao mesmo tempo em que o terapeuta atua os fonemas.

+ Terapias Externas

As aplicações externas são um campo da Medicina Antroposófica que engloba técnicas de tratamento que têm em comum a utilização da pele como local de aplicação.

+ Aconselhamento Biográfico

Processo de apoio ao indivíduo em situações de crise (seja de relacionamento, profissional ou de saúde). Envolve uma cuidadosa análise da biografia pessoal do paciente.



XIII Curso de Antroposofia para Profissionais da Área da Saúde

Início: Fevereiro de 2014

Mais informações:
<http://www.abmasp.com.br>

Inscrições: início em novembro de 2013
(as inscrições serão realizadas através do site da ABMA-SP)

Associação Brasileira de Medicina Antroposófica,
Regional de SP
Rua Agisio, 54 - Vila Madalena - São Paulo -
05439-010 - Tel.: (11) 5522-4744
abma.sp@abmanacional.com.br

XIII Curso de Antroposofia para Profissionais da Área da Saúde

A Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, Regional São Paulo, inicia em fevereiro de 2014, o XIII Curso de Antroposofia para Profissionais da Área da Saúde.

Público Alvo: Destinado a médicos e a todos profissionais da área da saúde que buscam aperfeiçoar sua prática e ampliar a arte de cuidar do ser humano.

Estrutura: O XIII Curso de Antroposofia para Profissionais da Área da Saúde acontece em duas fases, sendo a primeira pré requisito para a segunda:

1ª Fase: Curso Básico para Profissionais da Área da Saúde:

Para médicos e outros profissionais da área da saúde (odontólogos, farmacêuticos, enfermeiros, veterinários, fonoaudiólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos) e profissionais ou estudantes das áreas terapêuticas antroposóficas (terapia artística, eumímia curativa, e massagem rítmica), referendados pela instituição responsável;

2ª Fase: Curso de Formação em Medicina Antroposófica:

Dirigido para médicos, mas aberto para participação de odontólogos e farmacêuticos.

Duração: Cada fase tem a duração de 12 meses, constituída por 9 módulos de finais de semana (aos sábados e domingos das 8 às 18 horas) que acontecerão uma vez ao mês, e 2 módulos intensivos, de cinco dias e meio de duração cada (realizados nos meses de janeiro e julho).

Local do curso: Clínica Tobias
Rua Regina Badra, nº 576 - Alto da Boa Vista - São Paulo

Início: Fevereiro / 2014
Inscrições: a partir de Novembro de 2013

Realização:



Editora Antroposófica (LIVROS DE TODAS AS ÁREAS)

A editora dispõe de livreria no mesmo endereço, onde, além das edições próprias, encontra-se uma ampla literatura clássica e humanística (além de Infância-Juvenil), publicada por outras editoras e relacionada com temas de interesse para as várias áreas práticas da Antroposofia. No mesmo local estão à venda objetos e brinquedos artesanais, artefatos musicais e material pedagógico Waldorf. Segue literatura básica.

Antroposofia

Rudolf Steiner	<i>Minha Vida</i> <i>Teosofia</i> <i>O conhecimento dos mundos superiores</i> <i>A criança oculta</i> <i>O conhecimento iniciático</i> <i>Os graus do conhecimento superior</i> <i>Noções básicas de Antroposofia</i>
----------------	---

Educação

Rudolf Steiner	<i>A educação da criança segundo a</i> <i>Ciência Espiritual</i> <i>A arte da educação</i> (3 vols.)
Caroline von Heydenbrand	<i>A natureza anímica da criança</i>
Rudolf Lanz	<i>A pedagogia Waldorf</i>

Saúde

Rudolf Steiner	<i>A fisiologia oculta</i>
Karl König	<i>Os três primeiros anos da criança</i>
W. Goebel / M. Glöckler	<i>Consultório pediátrico</i>
B. C. Lievegode	<i>Desvendando o crescimento</i>

Temas diversos

Rudolf Steiner	<i>Economia viva</i> <i>Fundamentos da agricultura biodinâmica</i>
Inge Ott	<i>El Cid</i>
Otto Wolf	<i>O que comemos, afinal?</i>
Guðrun Burckhard	<i>Homem - Mulher</i> <i>As forças zodiacais</i> <i>Tomar a vida nas próprias mãos</i> <i>Memórias da vida e luz</i> <i>Fases da vida</i>
Jacques Lusseyran	<i>Memórias da vida e luz</i>
B. C. Lievegode	<i>Fases da vida</i>
Sergei O. Prokovieff	<i>O significado oculto do parolão</i>
V. Werbeck-Saradbröm	<i>A Escola do Desvender da Voz</i>
Wolfram von Eschenbach	<i>Parsifal</i>

Loja Virtual: www.antroposofica.com.br

"A Antroposofia procura satisfazer a busca de conhecimento do homem moderno a respeito de si mesmo e de suas relações com todo o Universo, respondendo às antigas e recorrentes perguntas do ser humano: – Quem sou eu? De onde venho? Aonde vou? Qual é o sentido de minha existência?"

Sociedade Antroposófica no Brasil
Rua da Fraternidade, 156/168 - Alto da Boa Vista
04738-020 - São Paulo - SP

Tel. / Fax: (11) 5687-4252 / 5523-0537
www.sab.org.br sab@sab.org.br

Editora Antroposófica Ltda

Rua da Fraternidade, 174/180 - Alto da Boa Vista
04738-020 - São Paulo - SP

Tel. / Fax: (11) 5687-9714 / 5686-4550
www.antroposofica.com.br editora@antroposofica.com.br

Federação das Escolas Waldorf no Brasil

Rua São Benedito, 1365 - Alto da Boa Vista

04735-003 - São Paulo - SP

Tel. / Fax: (11) 5524-0473 / 5548-9069
www.fewb.org.br fewb@fewb.org.br

2010

O que é Antroposofia?

Ilustração: Roberto Mello Design Gráfico: Roberto Szabo

O que é Antroposofia?

Remontando às suas raízes linguísticas, a palavra "Antroposofia" (do grego *anthropos* - "homem" - e *sophia* - "sabedoria") significa "sabedoria a respeito do homem". Elaborada, em seus princípios, pelo filósofo austríaco **Rudolf Steiner** (1861-1925), procura satisfazer a busca de conhecimento do homem moderno a respeito de si mesmo e de suas relações com todo o Universo, respondendo, de forma adequada ao seu nível de consciência, às antigas e recorrentes perguntas do ser humano: "Quem sou eu? De onde venho? Aonde vou? Qual é o sentido de minha existência?"

Insatisfeito com as soluções apontadas até agora para suas questões metafísicas, o homem da atualidade já não se contenta em crer - na verdade, ele deseja saber sobre os enigmas da existência, para os quais não encontra caminhos acessíveis nem na religião nem nas ciências modernas. Se, por um lado, a via do misticismo lhe cobra a renúncia a qualquer cognição racional, por outro lado a ciência lhe oferece um árido intelectualismo que condena a legitimidade de seus anseios espirituais.

Ora, a Antroposofia procura atender a essa busca de conhecimento sem incorrer em tais unilateralidades. Parte do fato de que a capacidade cognitiva do homem pode ser elevada da percepção sensorial e do pensar normal a estados superiores de conhecimento e de consciência, sem que a pessoa tenha de renunciar à plena lucidez de sua mente. Proporciona ao ser humano um conhecimento da essência superior que permeia e transcende sua corporalidade material, fisicamente perceptível. Suas pesquisas atestam que a expressão física da figura humana

Rudolf Steiner
(1861-1925)



"É, portanto, com um pensar consciente que o estudioso da Antroposofia pode ter acesso a realidades cósmicas mais abrangentes, das quais o próprio homem é uma síntese incontestável"

constitui apenas um "núcleo" denso de uma natureza mais ampla e pluri-organizada, cujo conhecimento abre inúmeras perspectivas para uma verdadeira compreensão da existência e de suas relações cósmicas. A esse conhecimento superior revela-se, então, a visão de uma realidade não-física que impregna o Universo e a própria entidade humana, acrescentando uma dimensão espiritual aos valiosos conhecimentos acumulados pela ciência. Esse conhecimento pode e deve ser alcançado com plena lucidez, dispensando estados de êxtase ou uma consciência embotada.

É, portanto, com um pensar consciente - fortalecido pela prática de exercícios apropriados - que o estudioso da Antroposofia pode ter acesso a realidades cósmicas mais abrangentes, das quais o próprio homem é uma síntese incontestável. Para isso dispõe de métodos objetivos e científicos, que igualam a Antroposofia a qualquer ciência dita exata. É nesse sentido que se pode denominá-la também como Ciência do Espírito, aplicável, na prática, a todos os domínios da vida humana. Não é de estranhar, portanto, que há décadas se pratique, com base em seus princípios, uma pedagogia adotada em mais de mil escolas em todo o mundo (a pedagogia Waldorf), uma medicina já bastante conceituada nos meios terapêuticos (a medicina antroposófica), a agricultura biodinâmica, uma pedagogia terapêutica para crianças e adolescentes necessitados de cuidados especiais, uma psicologia espiritual em franco desenvolvimento, uma farmacologia ampliada, uma pedagogia social voltada para o desenvolvimento de pessoas, grupos e organizações. Citem-se ainda, no âmbito das artes, a eurtímia (arte do movimento abrangendo os planos cênico, pedagógico e terapêutico) e a arte da fala (cultivo da linguagem mediante princípios espirituais).

Estas menções demonstram que a Antroposofia não se atém ao plano meramente teórico: ela se liga intimamente à realidade do mundo, contribuindo com suas descobertas para uma vida humana mais íntegra. A imagem do homem em toda a sua complexidade físico-espiritual, quando considerada em todos os âmbitos da vida, colabora para dignificar as realizações da humanidade em direção à sua meta evolutiva.

A instituição congregadora dos conteúdos e ideais que norteiam tais atividades é a **Sociedade Antroposófica no Brasil**, com sede em São Paulo. Dentre suas metas destaca-se a divulgação da Antroposofia por meio de cursos, eventos, palestras e publicações.

- No Brasil, instituições de diversas áreas atuam a partir de conhecimentos antroposóficos, destacando-se:
- Escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.
 - Clínicas e consultórios médico-terapêuticos.
 - Instituições para crianças e jovens necessitados de cuidados especiais.
 - Institutos de pesquisa e desenvolvimento agrícola.
 - Institutos de desenvolvimento organizacional.
 - Escolas de desenvolvimento artístico.
 - Associações de naturezas diversas.
 - Grupos de estudos, etc.



O centro universal do movimento antroposófico situa-se em Dornach, perto de Basileia, na Suíça, num sítio de arquitetura especial denominado: **Goetheanum**, sede da **Sociedade Antroposófica Universal** e da **Escola Superior Livre de Ciência Espiritual**.
Allgemeine Anthroposophische Gesellschaft am Goetheanum - CH 4143 Dornach - Suíça

PROGRAMAÇÃO DO 1º ENCONTRO MICAEL - SÃO PAULO

Sexta-feira, 28 de Setembro

20h00-20h30	Abertura	Diretoria da SAB
20h30-21h00	Apresentação de Eurimila	
21h00-22h30	Palestra - "Os desafios e tarefas da nossa época"	Martino Maria Sam

Sábado, 29 de Setembro

8h30-9h00	Cantoterapia	Francisca Cavalcanti
9h00-10h30	Panel	Convidados
10h30-10h50	Intervalo	
10h50-11h50	Grupo de Discussão	
11h50-12h30	Plenária	
12h30-15h00	Almoço - Oficinas do fazer	
15h00-16h30	Panel	Convidados
16h30-16h50	Intervalo	
16h50-17h50	Grupo de Discussão	
17h50-18h30	Plenária	
18h30-19h00	Encerramento Música	Marcelo Peragija

Domingo, 30 de Setembro

08h30-09h00	Ginástica Böhmer	
09h15-10h15	Abertura do dia	Diretoria da SAB
10h15-10h45	Apresentação do resultado do trabalho do dia anterior Proposta para os grupos de discussão	Líderes dos pequenos grupos
10h45-12h15	Intervalo	
12h15-13h00	Encerramento Plenária com retrospectiva e avaliação	Diretoria da SAB

SAB

Sociedade Antroposófica no Brasil

1º Encontro

Micael

— São Paulo

28, 29 e 30
setembro de 2012

O que significa hoje
estar no mundo a
partir do "Espírito da
Época"?

PALESTRANTE INAUGURAL



Martina Maria Sam - Esteve de 2000 a 2012 na direção da Seção de Ciências Humanas e Belas Artes na Escola Superior Livre de Ciências Espirituais no Goetheanum, Suíça. Estudou Sociologia, Psicopedagogia, Eurytmia, Pedagogia, História da Arte e Germanística.

PARTICIPAÇÕES ARTÍSTICAS

PAIDÉIA

Francisca Cavalcanti
Marcelo Petraglia
ABRE - Associação Brasileira de Eurytmia
Grupo de Ginástica Bothmer

CONVIDADOS PARA OS PAINÉIS

Painel da manhã:



Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho - Foi Deputado federal, Deputado estadual, Secretário de saúde do município de São Paulo em duas gestões, é Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, desde 2005.
É médico sanitário e co-autor da legislação constitucional da área da seguridade social e autor ou co-autor de leis federais, como a de regulamentação do planejamento familiar e da esterilização voluntária; da produção de medicamentos genéricos; da lei orgânica da assistência social; da vinculação de recursos orçamentários para o SUS e da restrição ao uso do amianto.



Ute Craemer - Criou, em 1979, a Associação Comunitária Monte Azul (Acoma), em São Paulo, que atende três comunidades carentes da Zona Sul de São Paulo. É membro do Conselho Federal das Escolas Waldorf no Brasil. Criou o grupo Mami, em 2009, dedicado ao estudo do maniqueísmo.



Elizabeth Cerri - Formação em Pedagogia Waldorf e Pedagogia Social. Fundadora da Escola Waldorf Francisco de Assis. Professora de classe e de matérias. Especialização em Helping Conversation. Formação em Mediação de Conflitos com Rudi Balreich - Munique. Treinamento em CNV com Rudi Balreich. Coordenadora de Seminários da APS. Consultora em Desenvolvimento Humano e Organizacional do Núcleo Maturi - Ecologia Social.



Jorge da Cunha Lima - Advogado, jornalista e escritor, presidente da Aliança Francesa, foi presidente da TV Cultura, Secretário da Cultura e das Comunicações do Estado de São Paulo, Presidente da Fundação Casper Libero (TV, Rádio, jornal e Faculdade de Comunicação); Membro vitalício do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta; Coordenador Técnico do projeto "Viva o Centro", Ex-membro do Conselho da Bienal de São Paulo e da Diretoria do Masp. Recebeu da Unesco o Prix Câmara. Presidente da ABEPEC - Associação Brasileira das Emissoras Públicas Educativas e Culturais e Membro do Conselho Superior de Orientação Política e Social - COPS. Vice-presidente do Instituto Itaú Cultural. Foi diretor do jornal Última Hora (SP), revista Senhor-Vogue (1978). É colaborador de jornais e revistas nacionais e internacionais.
Obras: Ensaio geral; Mão de Obra; Véspera de Aquarius; O Jovem K.

LOCAL: Escola Waldorf Rudolf Steiner
Rua Job Lane 900 - Alto da Boa Vista

SAB

WVELEDA

Linha Estresse e Ansiedade

Em harmonia com o ser humano e a natureza
Desde 1921

ANSIODORON

Avena sativa D1, Passiflora alata D1, Valeriana officinalis D1.

80 comprimidos. Uso oral. Uso adulto e pediátrico.

MS 1.0061.0092.001-7



Indicações Terapêuticas

Ansiodoron é um medicamento antroposófico indicado no tratamento auxiliar da insônia, ansiedade, irritabilidade, espasmos musculares, tensão dolorosa nos músculos e alcoolismo.¹

Posologia

Nos casos de ansiedade, irritabilidade, espasmos musculares e alcoolismo - Crianças maiores de cinco anos: tomar um comprimido

uma a três vezes ao dia, por pelo menos um mês ou conforme orientação médica. Adultos: tomar um a três comprimidos uma a quatro vezes ao dia, por pelo menos um mês ou conforme orientação médica.

Nos casos de insônia - Crianças maiores de cinco anos: tomar um comprimido ao deitar, por pelo menos um mês ou conforme orientação médica. Adultos: tomar um a quatro comprimidos ao deitar, por pelo menos um mês ou conforme orientação médica. Tomar os comprimidos com um copo de água. Os comprimidos podem ser mastigados.

1. Bula

ANSIODORON, BRYOPHYLLUM ARGENTO CULTUM E STRESSODORON SÃO MEDICAMENTOS. SEUS USOS PODEM TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA.

SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.

OS PRODUTOS SÃO CONTRAINDICADOS PARA PESSOAS COM HIPERSENSIBILIDADE AOS COMPONENTES DAS FÓRMULAS.

STRESSDORON

Aurum metallicum D10, Ferrum sulfuratum D3, Kalium phosphoricum D6, Silicea D3.

80 comprimidos. Uso oral. Uso adulto.

MS 1.0061.0024.004-1



Indicações Terapêuticas

Stressdoron é um medicamento antroposófico indicado no tratamento auxiliar do estresse e suas manifestações, contribuindo para a revitalização e recuperação das atividades sensoriais e mentais e para o equilíbrio do estado emocional.¹

Posologia

Tomar de um a três comprimidos, duas a quatro vezes ao dia, durante pelo menos dois meses. A posologia poderá ser alterada a critério médico. Tomar os comprimidos com um copo de água.

1. Bula

ANSIODORON, BRYOPHYLLUM ARGENTO CULTUM E STRESSDORON SÃO MEDICAMENTOS. SEUS USOS PODEM TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA.

SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.

OS PRODUTOS SÃO CONTRAINDICADOS PARA PESSOAS COM HIPERSENSIBILIDADE AOS COMPONENTES DAS FÓRMULAS.

BRYOPHYLLUM ARGENTO CULTUM

Bryophyllum calycinum Argento cultum D2.

Solução oral 50ml. Uso adulto e pediátrico.

MS 1.0061.0085.002-7



Indicações Terapêuticas

Bryophyllum Argento cultum é um medicamento antropsófico indicado no tratamento auxiliar dos distúrbios do sono, fraqueza, esgotamento, ansiedade, irritação, angústia, consequências do choque e distúrbios histeriformes.¹

Posologia

Crianças: tomar cinco a 10 gotas de duas a quatro vezes por dia com intervalos regulares entre as doses; ou conforme orientação médica. **Adultos:** tomar 15 a 20 gotas de duas a quatro vezes por dia com intervalos regulares entre as doses; ou conforme orientação médica. Aplicar as gotas diretamente na boca, ou diluídas em um copo com água.

1. Bula

ANSIODORON, BRYOPHYLLUM ARGENTO CULTUM E STRESSODORON SÃO MEDICAMENTOS. SEUS USOS PODEM TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA.

SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.

OS PRODUTOS SÃO CONTRAINDICADOS PARA PESSOAS COM HIPERSENSIBILIDADE AOS COMPONENTES DAS FÓRMULAS.

INSCRIÇÕES: (ficha de inscrição em anexo)

Custos:

Inscrições (inclui um exemplar da nova edição do livro "Os Doze Portais" de Irene Johanson):

-até o dia 22 de setembro **R\$ 65,00**

-depois desta data **R\$ 85,00**

Confirme, por favor, se for o caso, sua necessidade de alimentação e/ou hospedagem, visto que as instalações no Espaço Comunitário Som em Pé (Demetria – Botucatu) são bem limitadas.

Hospedagem: **R\$50,00** (inclui roupa de cama para o pernoite de sexta-feira para o sábado, 27-28/set. Informem-nos se desejam permanecer até o domingo 28/set - sem custos adicionais de hospedagem)

Alimentação: **R\$ 70,00** (inclui todas as refeições desde a ceia de sexta-feira a noite até o café da manhã do domingo)

O pagamento deve ser feito antes do início do encontro.

Depósitos em nome da *Comunidade de Cristãos*:

Banco Itaú Agência 0223 C/C 42660-2

CNPJ (para o caso de DOC bancário) 04.543.813/0001-89

A Comunidade de Cristãos

Convida para o

1º. Encontro Brasil da Comunidade de Cristãos

"Unidos numa igreja"

"Comunidades cujos membros sentem em si o Cristo podem sentir-se unidas numa igreja, a qual pertencem todos aqueles que percebem a força salvadora do Cristo"

(extraído do Credo da Comunidade de Cristãos)

27 e 28 de setembro de 2013

1º de setembro de 2013

Estimados membros e amigos da Comunidade de Cristãos em todo o Brasil:

Estamos nos aproximando da época de Micael. No Ato de Consagração do Homem ao se anunciar o Evangelho, escutamos a leitura da parábola da "Festa de Bodas do Filho do Rei" (Mateus capítulo 22). O motivo central é o convite! Alguns simplesmente não o atendem pelas preocupações com os assuntos de seu dia-a-dia... Contudo há vários que "ourem" o chamado e o salão de festa se enche de convidados.

Em nossa época as demandas de trabalho e ocupações são enormes. Nossas agendas estão, com frequência, ocupadas pelos mais variados compromissos... mas, e o nosso "compromisso" com o Espiritual?

Cientes desta problemática atual, queremos dedicar um tempo para refletir sobre isto. Queremos organizar um encontro aberto a todos aqueles que desejam construir a Comunidade de Cristãos em nosso país, fortalecendo - aonde já existem igrejas ou mesmo criando as bases para construção de novas.

Igreja é sinônimo de reunião, e todos os que aí se reúnem são Discípulos de Cristo, são aqueles que querem atender ao chamado. Este motivo tão central e recorrente nos Evangelhos gostaríamos de tomar como fio condutor em nosso trabalho.

Somente ampliando a consciência de que queremos tornar-nos discípulos de Cristo no mundo moderno é que

conseguiremos Sua Comunidade, unidos em uma Igreja! Que este primeiro Encontro Brasil consiga reunir muitos de São Paulo, de Botucatu, de todo o país!

Aguardamos a todos!

Com um abraço fraterno,

Helena Otterspeer e Renato Gomes

Sexta-feira, 27 de setembro

19:30 Boas vindas! Eufimíia

Quando, onde e como ouço o meu chamado?

(Helena Otterspeer e Renato Gomes)

21:00 Encerramento cultico do dia

Sábado, 28 de setembro

Minutos de silêncio: quem desejar, pode se dirigir uns minutos antes à igreja para em silêncio se preparar para o culto.

8:30 Ato de Consagração do Homem

9:30 Bloco da manhã

Introdução ao tema conceitual e parte artística

Onde no meu caminho de vida estou lançando, limpando e consertando a rede para poder ser percebido pelo olho de Deus

(Helena Otterspeer, Renato Gomes)

12:30 Almoço

14:30 Cafezinho

15:00 Bloco da tarde -

O caminho individual do discípulo

Dinâmica em grupos menores e posterior intercâmbio sobre as imagens do livro Os Doze Portais (I. Johanson)

17:30 Encerramento cultico na igreja

Trazer o Novo Testamento

Informações:

Helena - tel: 011 - 5524 79 89 ou e-mail: HotDok@t-online.de

Renato - tel 014 - 3814 20 20 ou e-

mail: gcbotucatu@lpgnet.com.br



LEMNIS FARMÁCIA



A lemniscata é uma figura geométrica em forma de hélice que é o sinal matemático do "infinito". Na Antroposofia, a lemniscata representa o equilíbrio dinâmico, perfeito e rítmico entre dois polos opostos, que se refletem no corpo humano como polo metabólico e polo neuro-sensorial, nos ciclos da natureza e no equilíbrio psíquico entre o Pensar e o Querer, dando origem ao Sentir.

A Lemniscata é a base de muitos processos antroposóficos: desde a dinamização de medicamentos até a criação de estruturas arquitetônicas, movimentos da eurytmia e desenhos da terapia artística.

A partir dessa inspiração surgiu a Lemnis – Antroposofia, Homeopatia e Farmácia de Manipulação uma empresa que foi criada com o objetivo de ampliar as possibilidades das medicinas naturais.



Para isto disponibilizamos medicamentos, cosméticos, alimentos funcionais e produtos destinados à melhoria da qualidade de vida, na linha da Antroposofia, Fitoterapia, Homeopatia e Manipulação.

Também prestamos uma assistência farmacêutica apoiada em conhecimentos sólidos e nos valores que balizam nossa atuação.

A Lemnis conta com uma equipe treinada que busca de forma responsável e sustentável o posicionamento no mercado tendo como base suas instalações físicas, seus equipamentos e a tecnologia aplicada.

Assim, nossas expectativas são construídas dentro da experiência de nossos líderes, na constante busca de atualização técnico-científica da equipe, no bom relacionamento, na responsabilidade social empresarial e na qualidade.

Eliane Azevedo
Farmacêutica

Silberto Azevedo
Farmacêutico

Av. Carandai, 58 – Santa Eligênia
Fone (fax): 3245-0560
www.lemnismarmacia.com.br ou lemnism@lemnismarmacia.com.br

Nós somos ...

A medicina é uma das 11 seções na Escola Superior da Ciência Espiritual.

O fórum da euritmia terapêutica é um campo de trabalho da coordenação Internacional da Medicina Antroposófica (IKAM).

O IKAM inclui os coordenadores de todas as profissões terapêuticas, assim como todos os representantes das organizações profissionais abrangidas pela Seção Médica da Escola Superior de Ciência Espiritual do Goetheanum. A tarefa é a formação de uma consciência geral para a situação e necessidades de desenvolvimento a nível mundial, do Movimento Internacional para a Medicina Antroposófica.

Oferece a ajuda a iniciativas no âmbito da medicina antroposófica, com o planeamento, realização/acompanhamento, apoio e controlo de qualidade necessários.

No Fórum Internacional de Euritmistas Terapêuticos encontram-se os euritmistas do mundo inteiro.

O Fórum Internacional de Euritmia Terapêutica contempla todos os euritmistas terapêuticos do mundo. Colaboradores são aqueles que querem "manter esta união" e desenvolver a euritmia terapêutica. Os participantes se unem com o movimento da medicina antroposófica para o desenvolvimento e a ampliação da euritmia terapêutica dentro do sistema de saúde de cada país.

O trabalho de intercâmbio representa para todas as pessoas que trabalham com a euritmia terapêutica de forma responsável.

Ele serve para todas as áreas de trabalho, associações e formações.

Contato? Nos alegramos ...

Coordenadora Internacional da Medicina Antroposófica (IKAM)

Angelika Jaschke
Mühlenstrasse 24
D-58454 Witten / Ruhr
Tel: 0049-2302-941203
Fax: 0049-2302-941205
Mail: info@forumHE-medsektion.net
ajschke@forumHE-medsektion.net

Página na internet:

Internationales Forum Helleurythmie
www.forumHE-medsektion.net

Medizinische Sektion am Goetheanum
www.medsektion-goetheanum.org

Conta bancária para donativos: Medizinische Sektion am Goetheanum

Volksbank Dreiländereck EG
Med. Sektion / Förderstiftung AM
KTO: 970760, BLZ: 683 900 00
IBAN: DE92 6839 0000 0000 9707 60
BIC/Swift: VOLODE66

Anotação: 1258 Forum HE
(É favor indicar sempre esta anotação)



**FORUM INTERNACIONAL
DE COOPERAÇÃO**

SEÇÃO MÉDICA DA ESCOLA SUPERIOR
DE CIÊNCIA ESPIRITUAL
NO GOETHEANUM, DORNACH/SUIÇA



PORTUGUESCH /
PORTUGUÊSE

Nós trabalhamos

Euritmistas terapêuticos do Fórum Internacional da Euritmia Terapêutica cultivam o intercâmbio e o trabalho em grupo com vista ao desenvolvimento da qualidade em formações profissionais, à abordagem de questões de reconhecimento da profissão e ao aperfeiçoamento profissional.

Organização e financiamento

O Fórum Internacional considera-se um organismo em desenvolvimento.

Promove uma vida espiritual na qual o desenvolvimento e as iniciativas individuais são cultivadas.

Podendo assim surgir um intercâmbio referente ao conteúdo, às questões de legalidade e reconhecimento entre os responsáveis de cada iniciativa. Dessa forma cria-se uma consciência comum para as necessidades e possibilidades de cada iniciativa tornando possível a troca de iniciativas em grupo e individuais.

O Fórum existe pela iniciativa, competência e consciência dos seus membros ao redor do mundo.

O **Boletim** anual informa sobre a situação atual da comunidade profissional de cada país. (veja www.forumHE-medsektion.net/de/Newsletter)

A organização e finanças estão disponíveis para todos os grupos na Seção Médica.

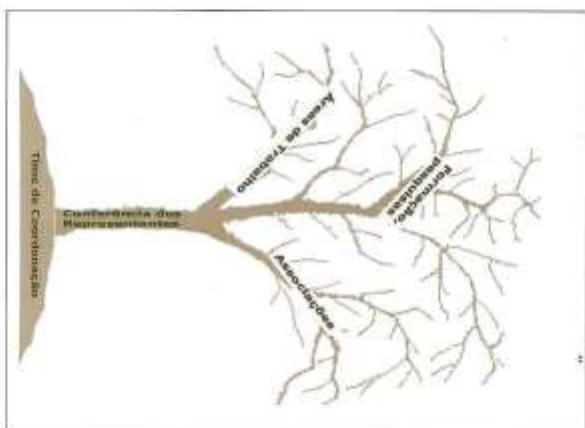
O trabalho do Fórum é financiado somente através das contribuições solidárias dos profissionais de Euritmia Terapêutica e de donativos.

A coordenadora juntamente com os co-coordenadores cuidam do trabalho de interligar e comunicar os resultados de pesquisa mais importantes e publica-os.

Somos organizados ...

Time de Co-Coordenadores

Tarefas: Aconselhamento a curto, médio e longo prazo de metas para transformar e reformular formações/investigações, ajudar grupos, associações e sindicatos, local de trabalho e consultórios em locais públicos e acessíveis aderindo o reconhecimento da euritmia terapêutica em cada país.



Conferência de representantes internacionais

Tarefa: Intercâmbio e desenvolvimento de ideias em conjunto para a formação de uma união profissional internacional.

Grupo internacional de formadores

Tarefa: Elaboração de critérios de qualidade, segurança e desenvolvimento da Euritmia Terapêutica, em todas as formações profissionais.

Associações profissionais internacionais

Dez associações profissionais aprovaram um conceito da profissão. Trabalhado num código ético com diretrizes gerais no método reconhecido internacionalmente no selo da marca **AnthroMed®**. No âmbito nacional é trabalhado no reconhecimento da profissão e de seus direitos de sua prática em cada país.

Na « **International Federation of Anthroposophic Arts and Eurythmy Therapies** » (IFAET) uniram-se as associações da Euritmia terapêutica e da Arte-terapia.

Áreas de Trabalho

Jardins de Infância, Escolas, Pedagogia Curativa, Instituições para pessoas com necessidades especiais, trabalho com idosos, como profissão liberal, em clínicas e hospitais.

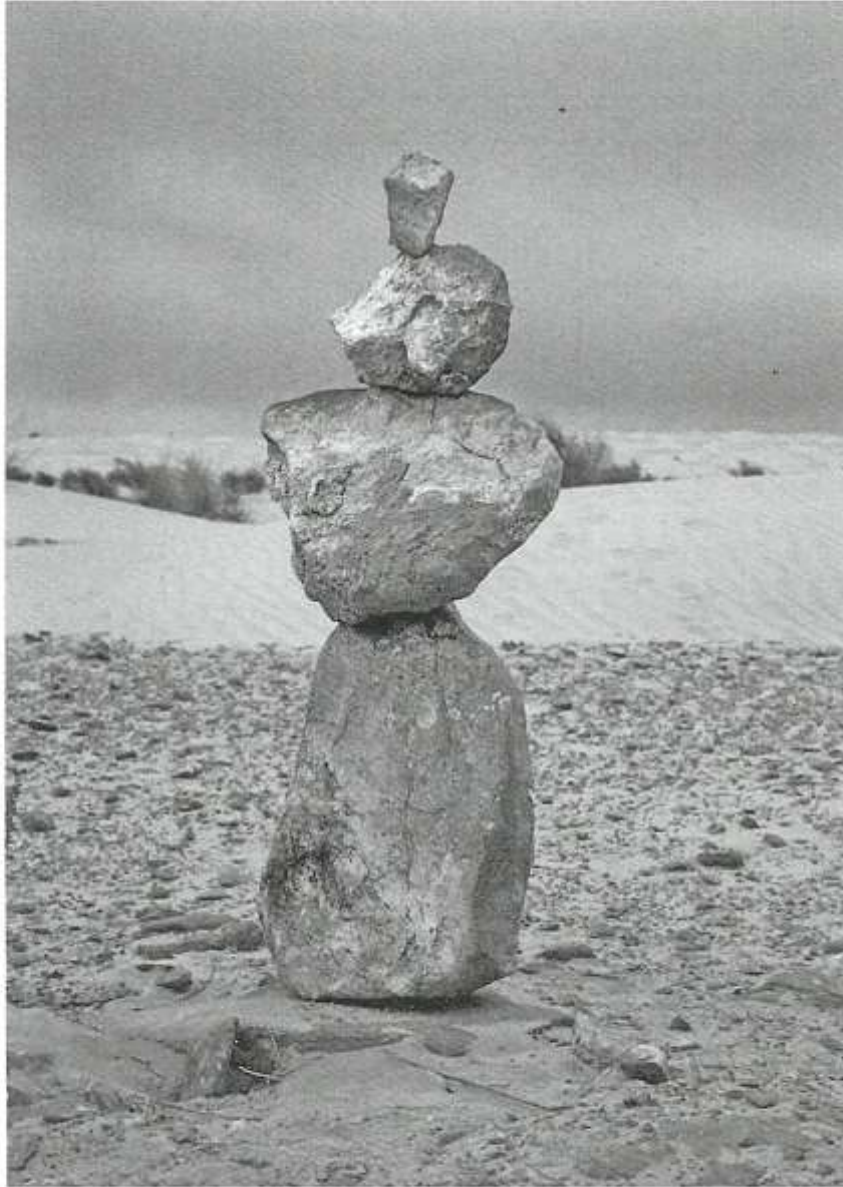
Tarefa: Desenvolvimento de qualidade através de formação interna, conferências, workshops e seminários de especialização.

Demais áreas de trabalho

Documentação e investigação, trabalho da Escola Superior de Ciência Espiritual, Euritmia Oftalmológica, Odontológica, Euritmia Terapêutica Tonal.

LA
COMMUNAUTÉ
DES CHRÉTIENS
EN PAYS DE VAUD

Mouvement de renouveau religieux
PRINTEMPS 2014



Lukas Klinik Aktuell

Newsletter der Lukas Klinik | Spezialklinik für Onkologie | CH-4144 Arlesheim | www.lukasklinik.ch | Frühling 2014 | Ausgabe 13



Liebe Leserin, lieber Leser

Wie Sie sicher bereits erfahren haben, wird die Lukas Klinik zusammen mit der Ita Wegman Klinik eine neue Klinik bilden. Ab dem 1. April 2014 wird es nur noch eine anthroposophische Klinik in Arlesheim geben. Dabei werden alle Angebote der Onkologie unter dem Namen «Lukas Klinik» ohne Unterbruch weitergeführt. Die Angebote der beiden Kliniken ergänzen sich sehr gut. Zudem gibt es seit jeher gemeinsame Nenner, wie zum Beispiel Ita Wegman selbst, die Begründerin der für die Lukas Klinik so essenziellen Mischtherapie. Daher sehe ich in diesem Zusammenschluss eine grosse Chance für uns alle und nicht zuletzt natürlich auch für die Anthroposophische Medizin. Zusammen werden wir das Miteinander von Schulmedizin und

anthroposophischer Erweiterung stetig fortentwickeln und die Verbindung zu anderen regionalen Gesundheitsanbietern vertiefen können. Es ist uns bewusst, dass diese Chance auch einen Wermutstropfen mit sich bringt – leider werden uns nicht alle Mitarbeitenden auf diesem neuen Weg begleiten. Wir bedauern, dass wir in diesem Rahmen einzelnen Mitarbeitenden kündigen mussten. Glücklicherweise konnten wir die Zahl der Abgänge aber viel kleiner halten als befürchtet. Es ist uns bewusst, dass jeder unserer Mitarbeitenden zur Ausstrahlung der Lukas Klinik beigetragen hat. Wir danken Ihnen allen herzlich für ihre Arbeit und wünschen ihnen alles Gute.

Bernd Himstedt-Kämpfer, Chefarzt

In dieser Ausgabe.

Kontinuität und Wandel | Seite 2-4

Stationäre onk. Rehabilitation | Seite 5-6

Patientenbericht | Seiten 6-7

Ita Wegman Klinik und Lukas Klinik – gemeinsam in die Zukunft

Die Lukas Klinik und die Ita Wegman Klinik gehen in Zukunft gemeinsame Wege. Ab April 2014 wird es in Arlesheim nur noch eine Klinik für Anthroposophische Medizin unter dem Namen «Klinik Arlesheim» geben. Unter dem Namen «Lukas Klinik» wird die Onkologie zusammengefasst und weitergeführt.

Die Lukas Klinik steht vor grossen Veränderungen. Zusammen mit der Ita Wegman Klinik wird sie ab April 2014 eine neue und grössere Klinik bilden. Die beiden Marken, «Lukas Klinik» und «Ita Wegman Klinik», bleiben erhalten.

Bisher bot die Ita Wegman Klinik neben dem stationären Angebot mit innerer Medizin (Kardiologie, Pneumologie, Onkologie, Neurologie), Psychiatrie und Psychosomatik einen internistischen 24-Stunden-Notfall und eine breit gefächerte ambulante Versorgung. Die Lukas Klinik hat sich in 50 Jahren als Kompetenzzentrum für stationäre und ambulante Anthroposophische Onkologie profiliert. Die Fähigkeiten beider Kliniken werden nun gebündelt, um gemeinsam die Anthroposophische Medizin am Standort Arlesheim zu stärken.

Kompetenzzentrum für Onkologie
Die Lukas Klinik wird weiterhin für alles stehen, was die onkologische Behand-

lung umfasst. Dazu gehört sowohl der ambulante als auch der stationäre Bereich. Alle Angebote der Lukas Klinik laufen ohne Unterbruch weiter. Neu wird der bisherige Onkologie-Bereich der Ita Wegman Klinik mit der Lukas Klinik zusammengeführt. Gemeinsam soll so ein starkes Kompetenzzentrum für Onkologie etabliert werden.

Mehr Platz dank zwei Standorten
Innerhalb der neu formierten Klinik Arlesheim werden die stationäre und die ambulante Betreuung onkologischer Patienten neu in zwei Häusern untergebracht. Der stationäre Bereich der Lukas Klinik wird in den Räumlichkeiten der bisherigen onkologischen

Fortsetzung auf Seite 2



Info-Nachmittage für Selbsthilfegruppen

Für die Mitglieder von Selbsthilfegruppen und ihre Angehörigen führen wir regelmässig Info-Nachmittage durch, an denen jeweils eine bestimmte Krebsart im Mittelpunkt steht. Wir informieren Sie gerne über die Termine und schicken Ihnen eine Einladung.

Hinweis auf Facebook-Account!

Seit einiger Zeit sind wir auch in den sozialen Netzwerken aktiv. Die aktuellsten Informationen zu den Aktivitäten und kommenden Veranstaltungen der Lukas Klinik finden Sie immer auf unserer Facebook-Seite. Besuchen Sie uns!



So erreichen Sie uns

Tramlinie 10 ab Bahnhof SBB in Basel bis Arlésheim Dorf. Dann 10 Minuten zu Fuss (Wegweiser Lukas Klinik vorne rechts an der Tramhaltestelle).

Zum Abschied

Bei der Verbindung zur Klinik Ariesheim AG wird auch die Klinikleitung der Lukas Klinik teilweise in die neue Klinikleitung inkludiert. An dieser Stelle möchten wir zwei Persönlichkeiten aus der Leitung der Lukas Klinik einen besonderen Dank für ihre Mitarbeit aussprechen.

Pedro Mösch war seit 2007 als stellvertretender Chefarzt in der Klinikleitung engagiert. Mit Wärme und Ruhe hat er seither sorgsam alle Entwicklungen der Lukas Klinik mitgestaltet. Dies neben seiner wichtigen Aufgabe als behandelnder Arzt, welche er auch weiterhin für die Lukas Klinik übernehmen wird.

Benjamin Kohlhasse-Zöllner kam 2011 als administrativer Leiter in die Klinik und wurde 2012 als kaufmännischer Leiter Teil der Klinikleitung. Dabei war es ihm ein starkes Anliegen, dass die beiden Kliniken nach 50 Jahren wieder zueinanderfinden und sich gegenseitig für die Zukunft durch die Inklusion stärken. Durch seinen grossen Einsatz wurde die Inklusion möglich. Er wird sich nach dem erfolgten Zusammenschluss neuen Aufgaben zuwenden.

Bernd Himstedt-Kämpfer (Chefarzt Lukas Klinik), Christoph von Dach (Leiter Pflegedienst Lukas Klinik)



Benjamin Kohlhasse-Zöllner und Pedro Mösch

Kontakt und Auskunft

Lukas Klinik
Zentrum für integrative Tumortherapie
und Supportive Care

Brechmattstrasse 19, CH-4144 Arlésheim

Telefon +41 (0)61 706 71 71 (Zentral)
Telefon +41 (0)61 706 71 72
(Anmeldung Sprechstunde)
Info-Line +41 (0)61 702 09 09 (Mo. Mi. Fr.)
Fax +41 (0)61 706 71 73
E-Mail kontakt@lukasklinik.ch
Internet www.lukasklinik.ch

Spendenkonto

Postkonto 40-1176-7

Impressum

Herausgeber: Lukas Klinik
Redaktion: Christoph von Dach RN MSc
in Zusammenarbeit mit Helene Grütter,
fadeout GmbH
Gestaltung: Milligan Design
Fotos: Jörg Buisson (wenn nicht anders vermerkt)
Druck: Druckerei Bloch AG, Arlésheim
Auflage: 33 000 Ex.



LUKAS KLINIK

Société anthroposophique universelle: thème pour l'année 2014-2015

«Je se reconnaît» - à la lumière de l'approbation michaélque du monde

Le thème de cette année, «Je se reconnaît» à la lumière de l'approbation michaélque du monde" permettra de poursuivre le chemin en passant de la société à l'individualité. L'individu, tout comme la société, est placé devant des défis tels que la contemporanéité, mais doit également trouver un lien avec le monde, comme base de la connaissance de soi.

Durant les deux dernières années, nous avons tenté de cheminer de la question de «l'identité de la Société anthroposophique» à celle de «la pose de la Pierre de fondation du premier Goetheanum», comme événement où le Je, compris dans son évolution, devient un axe central. Au sein l'époque présente, ces deux thèmes définissent deux points de vue qui ne soulignent pas seulement le contexte de la Société anthroposophique, mais sont surtout des questionnements fondamentaux de cette dernière.

Entre abîme et renouveau

Au cœur des enjeux de notre époque, il y a d'abord la question du Je et de son face-à-face avec le monde: les menaces qui planent sur le Je, le défi de vivre en des temps mouvementés, complexes et, pour beaucoup de destinées, d'une lourde gravité; simultanément, les possibilités qui germent pour saisir et réaliser la nature humaine" de manière nouvelle. Notre contemporanéité est plus qu'un simple trait commun à tous les humains: elle est le point de départ d'un abîme sans fond et d'un immense renouveau. Ces thèmes sont par ailleurs traités au sein de la Société anthroposophique, avec le recul du centenaire, dans une perspective tant historique que réflexive d'où pourront jaillir des impulsions nouvelles et novatrices pour faire face aux grandes questions et défis de notre époque.

Notre contemporanéité est questionnée doublement. Où commence la connaissance de soi qui s'opère en lien étroit avec le cours du monde? La devise «Je se reconnaît» est une fenêtre de connaissance pour l'âme de conscience et un point de départ pour se tourner vers l'esprit qui vit en l'homme et dans le monde. Ce retournement vers l'esprit naît d'une imbrication profonde de l'homme et de la matière, d'un penser qui s'est lié et formé dans le contexte des manifestations matérielles.

Compréhension du vivant

Nous sommes encore au commencement de l'ère michaélque entamée à la fin du 19^{ème} siècle. Le chemin vers une connaissance de l'esprit et vers une existence

cosmopolite dans le monde est un chemin parcouru dans des conditions souvent oppressantes, dans lesquelles nous nous sommes placés nous-mêmes, en tant qu'humanité, mais où de nouvelles facultés peuvent devenir expérience concrète. Beaucoup se sentent profondément affectés: nous nous reconnaissons et nous ressentons toujours plus impliqués dans une appartenance commune.

L'être humain possède des capacités pour une connaissance au service de la vie et qui doit être en accord avec elle. Les concepts et les idées, données en tant que lois scientifiques, se révèlent insuffisants pour comprendre le vivant. Cette compréhension n'existe que dans une ouverture active envers l'autre et n'est plus une image du monde, mais un être-dans-le-monde participatif, un penser qui permet d'entrer en relation, de vivre le lien entre les choses. Et ce qui est relié et interdépendant, c'est précisément la nature humaine. Rudolf Steiner décrit comment notre appartenance à la Terre résulte de ce vécu de l'interdépendance avec les autres hommes, comment notre lien à la Terre dépend de notre lien aux hommes (1). L'humanité de l'homme, si souvent remise en question aujourd'hui, se réalise dans son lien avec le monde: «L'homme devient toujours plus humain dans la mesure où il devient une expression du monde; il se trouve, non pas en se cherchant, mais en se reliant volontairement au monde dans l'amour.» (2)

On peut déceler de grandes potentialités, mais de grands seuils se révèlent par cette sensibilité: la volonté de décision, d'action, devient souvent une épreuve. Une timidité peut apparaître face aux décisions à prendre et à mettre en œuvre, à cause d'un pressentiment des conséquences imprévisibles de l'action.

Espérance et attente

Se «relier volontairement au monde dans l'amour» présuppose d'approuver ce monde. Cette approbation n'est pas seulement une condition préalable, mais elle s'accomplit aussi dans une connaissance qui veut se tourner vers la réalité dans toute sa plénitude, y compris dans sa dimensi-

on spirituelle. Rudolf Steiner place le motif michaélque de l'approbation du monde en opposition avec le motif d'Ahriman, qui se replie totalement sur son être propre dans une négation du monde: «Une des imaginations de Michaël est aussi celle-ci: il va, par le cours du temps, portant essentiellement la lumière issue du cosmos comme étant son être; façonnant la chaleur issue du cosmos comme étant la manifestation de son propre être; il va tel un être qui est comme un monde, ne s'approuvant qu'en approuvant le monde, comme s'il faisait descendre sur terre des forces issues de tous les lieux de l'univers.» (3)

Cette approbation du monde peut être vécue de diverses façons. La natalité de l'homme, le fait que l'homme se décide à naître, que la volonté de vie sur la terre soit ainsi décidée, que l'homme se relie à la matière et se crée un corps est sans doute la plus grande expression de notre approbation du monde.

Lors d'une allocution donnée il y a 90 ans devant des jeunes à Wrocław, Rudolf Steiner parle d'une fête de Michaël, où l'avenir résonne à partir d'un sentiment commun d'espérance et d'attente: «Nous devrions vraiment parvenir à ce que cette vie naissante de l'avenir, que nous ressentons encore de façon tout à fait embryonnaire, s'exprime à travers des fêtes de l'espérance, des fêtes de l'attente. [...] Il ne faut pas seulement construire quelque chose de vague sur l'idée de Michaël, mais la conscience qu'un nouveau monde d'âme doit être fondé parmi les hommes. C'est en effet le principe de Michaël qui peut servir de guide. Il faut un vécu commun pour pouvoir développer un temps de fêtes michaéliques au cours duquel l'esprit de l'espérance, l'esprit de l'attente peut vivre.» (4)

La connaissance de l'esprit comme base de l'approbation

L'espérance et l'attente comme expression de cette approbation du monde sont le contexte dans lequel nous souhaiterions placer le thème annuel: le Je, qui se relie au monde dans son acte de connaissance, une vie ésotérique qui peut se mettre au ser-

■ RENCONTRE ANNUELLE ET ASSEMBLÉE GÉNÉRALE 2014

vice de l'approbation de l'homme et du monde.

La connaissance de l'esprit comme base de l'approbation d'un monde qui a oublié l'esprit, mais qui veut être reconnu dans sa spiritualité. Nous vous souhaitons une belle année de travail avec ce thème !

Constanza Kaliks, Goetheanum-Leitung

(1) "[...] Le Christ est descendu pour tous les hommes. Ce n'est cependant que si nous ressentons notre lien avec tous les hommes que nous appartenons à la terre, que nous y appartenons vraiment. La compréhension profonde du Christ vit dans le lien avec les hommes et dans ce que nous entreprenons pour ce lien entre les hommes, pour ce lien complet et entier." (Rudolf Steiner : Karma de la profession (GA 172), éditions Triades 2004, conférence du 27 novembre 1916)

(2) Rudolf Steiner, Les lignes directrices de l'anthroposophie (GA 26), "Les pensées cosmiques dans l'action de Michael et d'Ahriman", 16 novembre 1924, publié aux Éditions Novalis, Traduction différente.

(3) Suite de la citation : "À l'opposé, en voici une d'Ahriman : il voudrait, dans sa marche, à partir du temps conquérir l'espace, il est entouré de ténèbres dans lesquelles il envoie les rayons de sa propre lumière ; il est entouré d'un froid d'autant plus glacé qu'il réalise ses intentions ; il se meut comme un monde qui se contracte en un seul être, le sien, ne s'approuvant que par la négation du monde ; il se meut comme s'il emportait avec lui les forces inquiétantes de sombres cavernes de la terre."

(4) Cherchez le chemin vers l'humain I, (in GA 217a) Triades 2009, Conférence du 9 juin 1924.

Société anthroposophique universelle

Invitation à l'Assemblée générale ordinaire le samedi 12 avril 2014 au Goetheanum

Chers Membres,

Nous vous invitons cordialement à l'Assemblée générale ordinaire de la Société anthroposophique universelle sise à Dornach (CH). La convocation à cette assemblée se fait conformément à l'article 7, § 1 des statuts. Cette invitation s'adresse à tous les membres au moyen de l'organe d'information de la Société, comme stipulé à l'article 14 des statuts.

Cette assemblée se tiendra au Goetheanum à Dornach, le 12 avril 2014 de 9h00 à 18h30. Une pause est prévue de 12h45 à 15h.

L'ordre du jour de l'Assemblée générale ordinaire est fixé comme suit :

Samedi 12 avril 2014

1. Paroles de bienvenue et ouverture de l'Assemblée générale
2. Rapport d'activité du Comité directeur et échanges
3. Consultation et décision concernant la modification des articles 2, 3 et 13 des statuts, selon la proposition du Comité directeur
4. Traitement des motions 1 à 3
5. Présentation des comptes annuels 2013, suivie d'échanges
- rapport des commissaires aux comptes
- approbation des comptes 2013
6. Élection des commissaires aux comptes

7. Quitus et décharge au Comité directeur

8. Clôture de l'Assemblée générale

Admission à l'Assemblée générale uniquement sur présentation de la carte rose de membre.

La traduction simultanée en langues française et anglaise sera assurée.

Dans l'espoir de vous accueillir à cette Assemblée générale ordinaire, nous vous adressons nos chaleureuses salutations. | Le Comité directeur au Goetheanum: Virginia Sease, Paul Mackay, Bodo von Plato, Seija Zimmermann, Justus Wittich et Joan Sleight



Escultura elaborada por Rudolf Steiner, intitulada Humanidade.

agricultura biodinâmica

Curso fundamental

Um curso para a
regenerabilidade ambiental e social
sustentabilidade já não é suficiente!



Mobilização de capacidades para multiplicadores

agricultor, consumidor, nutricionista, agrônomo, educador,
zootecnista, terapeuta, comerciante, veterinário, empreendedor:
faça o seu projeto!

5 módulos presenciais de 7 dias
ao longo de 18 meses:

**TERRA – PLANTA – ANIMAL
HOMEM – PROJETO**

INSCRIÇÕES ABERTAS

Informações:
www.elo.org.br



Realização:



Em parceria com:

FACULDADE
GALILEU

ELO INSTITUTO DE
economia
associativa

Associação
Biodinâmica

Café Soma

Diálogos de Economia Associativa e Agricultura Biodinâmica

Palestras, dinâmicas e estudos de caso construindo pontes entre a Economia Associativa e a Agricultura Biodinâmica rumo à Regenerabilidade Ambiental e Social.

26/05 19h30 - 21h30 **27/05** 8h30 - 18h30 **28/05** 8h30 - 12h30

Rua Dom Alberto Gonçalves, 1015, Casa 2, Bom Retiro - Curitiba/PR

Marco Bertalot

Diretor do Instituto Elo de Economia Associativa.

Lúcia Sigolo

Coordenadora do Fórum de Economia Associativa de SP

Simone Richter

Eng. Agrônoma do Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA)

André Garcia

Representante do CSA Curitiba (Comunidade que Sustenta a Agricultura)

Mais informações e inscrições
www.institutorudolfsteiner.org.br

Realização



Fórum de Economia
Associativa de Curitiba



Apoio



Conheça nossos novos patrocinadores.



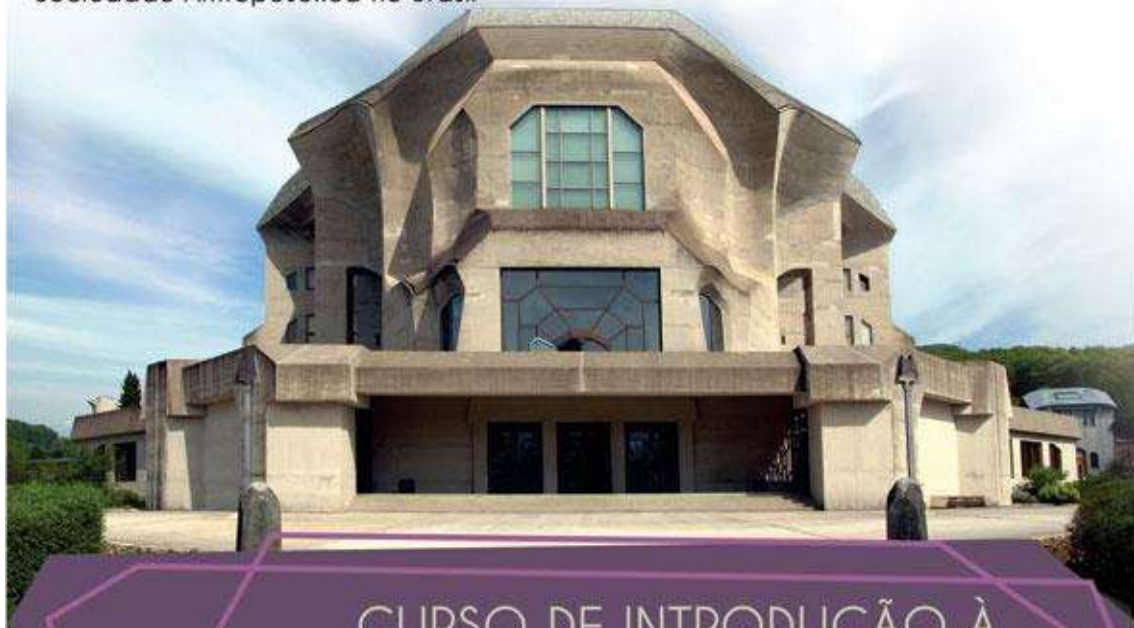
Realização	Patrocínio	Apoio Institucional
 	  Organização 	         

V CMAZMMG V CONGRESSO DE MEDICINA ANTROPOSÓFICA DA ZONA DA MATA MINEIRA

30 de junho a 2 de julho de 2016 | Juiz de Fora-MG | zmatamg.com.br | 

SAB

Sociedade Antroposófica no Brasil



CURSO DE INTRODUÇÃO À ANTROPOSOFIA – 2013

Quintas-feiras das 20h30 às 22h00

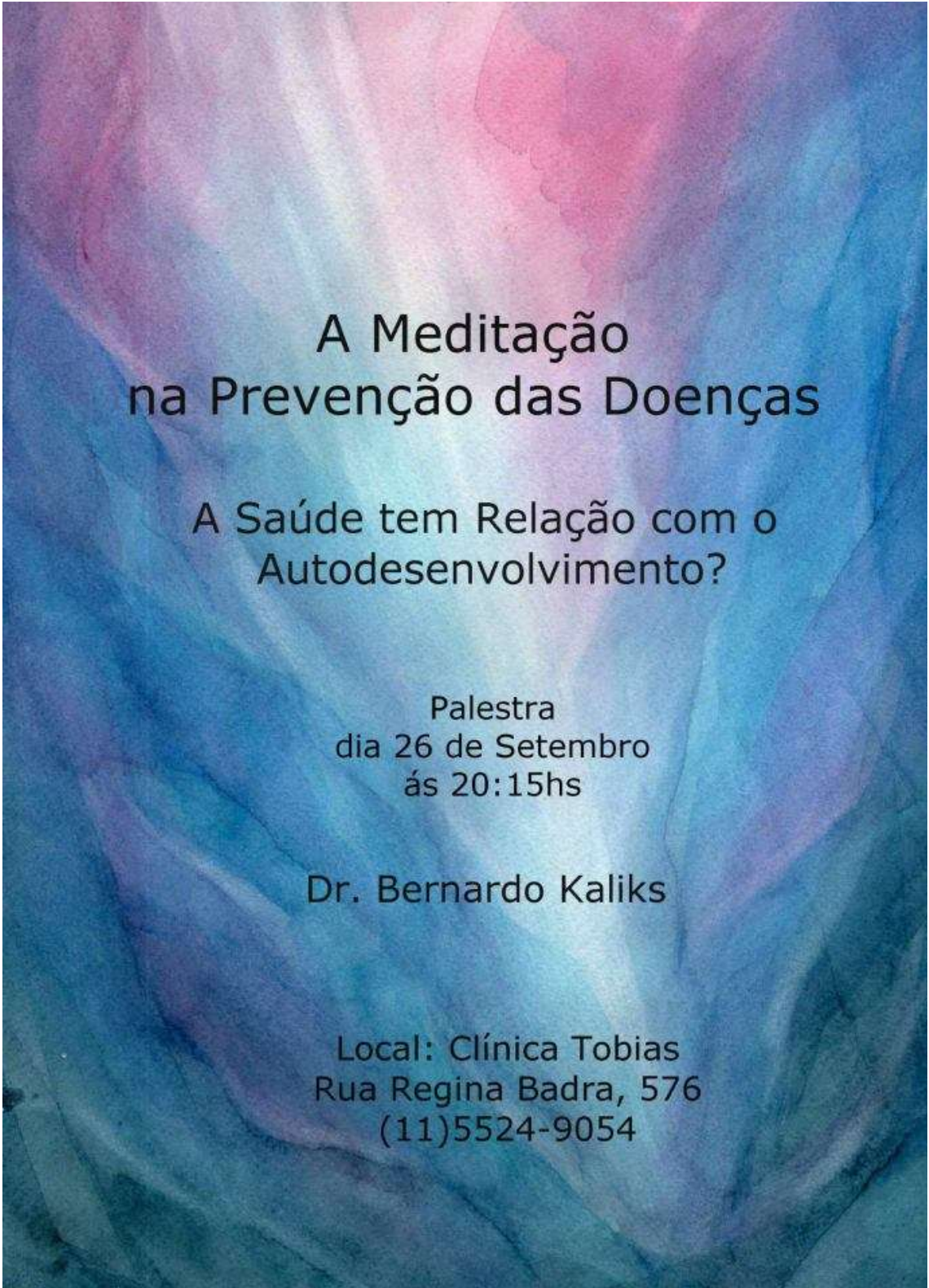
de 28 de Fevereiro a 27 de Junho

No Espaço Cultural Rudolf Steiner

Contribuição: 4x R\$160,00 - à vista R\$580,00

INFORMAÇÕES & INSCRIÇÕES cursos@sab.org.br
11 5546 8866 das 13h às 19h

Espaço Cultural Rudolf Steiner | Rua da Fraternidade 156, Alto da Boa Vista | São Paulo - SP



A Meditação na Prevenção das Doenças

A Saúde tem Relação com o
Autodesenvolvimento?

Palestra
dia 26 de Setembro
às 20:15hs

Dr. Bernardo Kaliks

Local: Clínica Tobias
Rua Regina Badra, 576
(11)5524-9054

Curso para Gestantes na Clínica Tobias

"Flua em ti a luz e possa penetrar-te..." Rudolf Steiner

O encontro entre gestantes permite que elas vivenciem a gestação de maneira mais saudável, compartilhando sentimentos e dúvidas, obtendo informações, e se preparando de maneira plena para gestar e receber seu bebê, acolhendo com alegria e serenidade a missão da maternidade. Consiste em 2 encontros mensais, nos quais serão abordados temas como:

- * gestação e parto
- * alimentação, amamentação
- * técnicas de relaxamento
- * ritmo, puericultura
- * confecção de brinquedos
- * vivências musicais e corporais
- * contos de fadas e outros

Todos abordados através da visão Antroposófica e com o apoio de profissionais das diversas áreas. O curso é aberto a gestantes em qualquer período da gestação, funciona de forma cíclica, sem data para iniciar ou finalizar as atividades.

COORDENAÇÃO DAS ATIVIDADES:

Catia Chuba – ginecologista e obstetra

Tarsila de Souza Aranha – orientadora pré-natal

DATA: 2 quartas-feiras por mês, às 20:00h

LOCAL: Clínica Tobias – Rua Regina Badra, 576

CONTRIBUIÇÃO: R\$ 40,00 por encontro

(Inclui material da maioria das oficinas)

INFORMAÇÕES: 7182-2261 com Tarsila

E-MAIL: showroomantroposofico@yahoo.com.br

SITE: www.showroomantroposofico.com



da tradição esotérica cristã, a vigília espiritual

as 12 Noites Santas

uma jornada meditativa

com **Mirna Grzich**

Idealização e Produção
Gabriel Lehto

Pesquisa e Texto
Edna Andrade

Inspirado nos textos de
Rudolf Steiner,
Sergei O. Prokofieff
e **René Querido**

Venha se conectar
com os Anjos e
receber os
bons fluidos
das Constelações
do Zodíaco!

De 25 de dezembro a 5 de janeiro,
todas as noites, você tem um encontro com
o Sagrado e a expansão da Consciência.
Do Humano ao Divino...

www.mirnagrzych.com.br



FEIRA CULTURAL

BAIRRO DEMÉTRIA



ARTESANATO



CULTURA



GASTRONOMIA

SÁBADO, 12 DE MARÇO
DAS 14H ÀS 18H

PRÇA CULTURAL: ROD. GASTÃO DAL FARO, KM 4
BAIRRO DEMÉTRIA, BOTUCATU, SP
FACEBOOK: FEIRA CULTURAL BAIRRO DEMÉTRIA

APOIO



PREFEITURA DE
BOTUCATU
Cidade Sustentável